

OS 27  
CRUSHES DE  
MOLLY



Becky  
Albertalli:

AUTORA DE  
SIMON VS. A AGENDA HOMO SAPIENS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

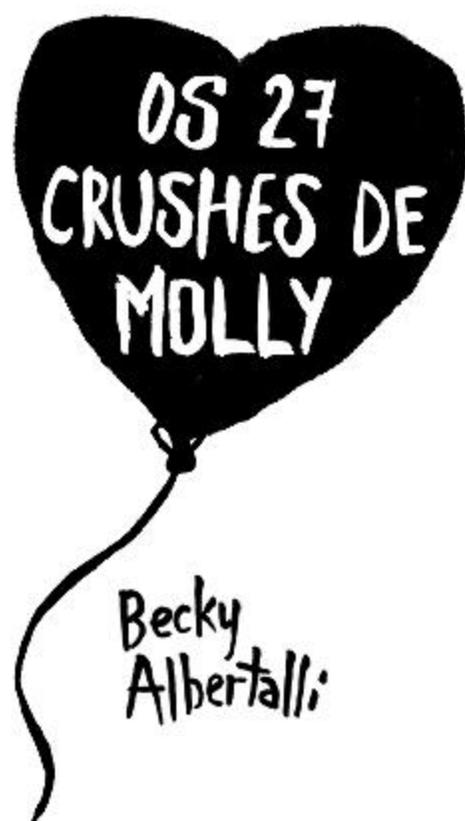
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2017 by Becky Albertalli  
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

TÍTULO ORIGINAL  
The Upside of Unrequited

PREPARAÇÃO  
Cristiane Pacanowski

REVISÃO  
Beatriz D'Oliveira  
Ilana Goldfeld

ARTE E FOTO DE CAPA  
Aline Ribeiro

REVISÃO DE E-BOOK  
Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK  
Intrínseca

E-ISBN  
978-85-510-0237-7

Edição digital: 2017

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

Para as mulheres que me conhecem bem até demais: Caroline Goldstein,  
Eileen Thomas, Adele Thomas, Gini Albertalli e Donna Bray.  
E em memória de Molly Goldstein, com amor e saudade. Este livro é para  
você.



ESTOU NO BANHEIRO do 9:30 Club, imaginando como será que as sereias fazem xixi.

Não é um pensamento aleatório. Tem uma Barbie sereia presa na porta. E acho uma escolha bem esquisita para uma mascote de banheiro. Se é que isso existe. Mascote de banheiro.

Mas a porta se abre, deixando entrar a música da boate. Este definitivamente não é um banheiro em que se consiga entrar sem chamar a atenção.

Uma porta de cabine se fecha quando estou abrindo a minha. Eu saio.

Paro em frente ao espelho. Mordo as bochechas para parecer que as maçãs do meu rosto são pronunciadas. E é uma transformação e tanto. Às vezes, me pergunto se poderia fazer isso para sempre, passar o resto da vida sugando de leve as bochechas por dentro. Se bem que minha boca fica esquisita quando faço isso. Além do mais, morder as bochechas atrapalha na hora de falar, e isso é meio demais até para mim. Mesmo que por maçãs do rosto.

— Merda. — A voz sai da cabine, baixa e meio rouca. — Ei, você pode me passar o papel higiênico?

Ela está falando comigo. Demoro um segundo para perceber.

— Ah! Claro.

Pego um montinho e passo por debaixo da porta. A mão roça na minha quando ela pega o papel.

— Valeu, você salvou minha vida.

Eu salvei uma vida. Bem aqui, no banheiro do 9:30 Club.

Ela dá a descarga e sai da cabine, e a primeira coisa em que reparo é sua blusa: é vermelha, de algodão, com um desenho incrivelmente artístico das letras G e J. Na verdade, acho que a maioria das pessoas nem enxergaria letras ali.

Mas eu enxergo.

— Georgie James.

A garota ergue as sobrancelhas, sorrindo.

— Você conhece?

— Conheço.

Também dou um sorriso.

Georgie James. Era uma banda de Washington que acabou há alguns anos. Não é muito comum encontrar alguém da nossa idade que tenha ouvido falar deles, mas minha irmã era uma fã obcecada.

— Que incrível.

— É mesmo muito incrível — falo, e a garota ri. É uma daquelas gargalhadas baixas que borbulham pela garganta da pessoa.

Nessa hora, olho para ela de verdade. E... nossa.

Ela é linda.

Essa garota.

Ela é baixa, magra e oriental, e o cabelo é de um tom tão escuro de roxo que quase não parece roxo. Usa óculos com armação grossa, e tem alguma coisa no formato dos lábios dela. São muito bem definidos.

Cassie ficaria doida por ela. Principalmente por causa dos óculos, e da blusa da Georgie James.

— Bom, obrigada por salvar minha vida. — Ela balança a cabeça. — Tá, não exatamente a vida.

Dou uma risadinha.

— Tudo bem.

— Obrigada por salvar a minha vulva.

Encolho os ombros e sorrio. Tem alguma coisa em momentos assim, quando esse fiozinho tênue me liga a um total estranho. É o tipo de coisa que faz o universo parecer menor. Adoro isso.

Volto para a pista e me deixo envolver pela música. É um show de uma banda da qual nunca ouvi falar, mas o lugar está lotado. As pessoas parecem gostar da bateria estridente. Estou cercada de corpos dançando e se movendo e de rostos pouco iluminados, cabeças viradas para o palco. De repente, tudo começa a parecer enorme e impossível de novo. Acho que é porque tem tantos casais, pessoas rindo e roçando umas nas outras e se pegando intensamente.

Uma sensação toma conta de mim quando vejo gente se beijando. Assumo uma forma diferente de matéria. Como se eles fossem água e eu fosse um cubo de gelo. Como se eu fosse a pessoa mais solitária do mundo todo.

— Molly! — grita Cassie, balançando as mãos.

Ela e Olivia estão perto das caixas de som, e Olivia está fazendo uma careta. Ela não é bem o tipo de garota que frequenta o 9:30. Também não tenho certeza se eu sou, mas Cassie sabe ser bem persuasiva.

É melhor deixar logo claro: minha irmã gêmea e eu não somos nada parecidas.

Nem fisicamente. Nós duas somos brancas e temos altura mediana. Mas somos os opostos em todos os outros aspectos. Cassie é loira, tem olhos verdes e é longilínea. Eu não sou nada disso. Sou morena, tenho olhos castanhos e não estou nem perto de ser longilínea.

— Eu conheci a garota dos seus sonhos — falo para Cassie na mesma hora.

— O quê?

— Fiz amizade com uma garota no banheiro, e ela é maravilhosa. Acho que vocês deviam se apaixonar, se casar e ter filhos.

Cassie faz seu gesto clássico de erguer e franzir as sobrancelhas. Ela é uma daquelas loiras com sobrancelhas castanhas, e é difícil explicar como essa combinação de tons fica perfeita nela.

— Como é que isso acontece?

— Como o amor acontece?

— Não, como se faz amizade com alguém no banheiro?

— Cass, foco. A garota é demais.

— Espera um minuto. — Cassie me dá um tapinha no braço. — Esse é mais um dos “crushes da Molly”? O vinte e sete?

— O quê? Não. — Eu fico vermelha.

— Ai, meu Deus. A primeira paixonite por uma garota. Estou tão orgulhosa!

— Já estamos no vinte e sete? — pergunta Olivia.

Prefiro acreditar que ela só está impressionada comigo. E daí se toda hora me apaixono por alguém diferente? Não é algo ruim. *Não* que a garota do banheiro seja mais uma das minhas paixonites.

Balanço a cabeça e cubro os olhos com uma das mãos. Eu me sinto meio aérea. Talvez essa seja a sensação de ficar bêbada. Minha prima Abby me disse que parece que a gente está flutuando. Será que é possível ficar bêbada sem beber?

— Ei. — Cassie puxa minha mão. — Sabe que é minha função como irmã implicar com você.

Mas, antes que eu possa responder, Olivia nos mostra o celular.

— São onze e quarenta e cinco. Não devíamos estar indo para o metrô? — pergunta ela.

— Ih! — exclamo.

O metrô fecha à meia-noite. E amanhã começo a trabalhar. Arrumei um emprego de verão, o que significa que eu devia dormir pelo menos um

pouco para não desmaiar no caixa. Ouvi dizer que isso não é nem um pouco profissional.

Seguimos para a saída e sinto um alívio quando ponho os pés do lado de fora. Está fresco para junho, e o ar provoca uma sensação gostosa nas minhas pernas. Estou usando um vestido de algodão que era todo preto quando comprei, mas enfeitei com gola Peter Pan de renda e um pouco de renda também na barra. Ficou muito melhor.

Cassie e Olivia digitam mensagens enquanto andam e conseguem a proeza de não tropeçar. Admiro isso. Fico um pouco para trás, observando as duas. Elas combinam com este lugar, a rua U. Cassie prendeu o cabelo num rabo de cavalo desarrumado perfeito e está vestida como se tivesse pegado a primeira coisa que viu no armário. E deve ter sido isso mesmo, mas fica ótimo nela. Mais do que ótimo. Ela tem um jeito de fazer com que a roupa de todo mundo pareça exagerada. E Olivia é alta, tem uma beleza leve e natural, exceto pelo piercing no nariz e pelas mechas azuis no cabelo que fazem você reparar melhor nela. E acho que ela pode ser considerada gordinha, mas não tanto quanto eu.

Às vezes me pergunto o que os outros pensam quando me veem.

É estranho como podemos sentir vergonha de pessoas que conhecemos a vida toda. Literalmente. Conhecemos Olivia desde que nossas mães foram da La Leche League juntas. E, por dezessete anos, andamos sempre juntas, nós quatro: eu, Cassie, Olivia e minha prima Abby. Só que Abby se mudou para a Geórgia no verão passado e, desde que isso aconteceu, Cassie vive nos arrastando para fazer as coisas que ela fazia com Abby — apresentações de *stand up* e shows e andanças pela rua H.

Um ano atrás, Olivia e eu estaríamos encolhidas no sofá da sala dela, assistindo a *Steven Universe* com Titania, sua cachorrinha, que é uma mistura de schnauzer com beagle. Mas, no momento, estou cercada por pessoas infinitamente mais descoladas do que eu. Todo mundo na rua U está fazendo uma destas três coisas: rindo, fumando ou se beijando.

Já estamos dentro do vagão quando eu me viro e na mesma hora vejo a garota dos sonhos.

— Cass, é ela! — Puxo a blusa da minha irmã. — De vermelho. Olha.

A garota se inclina para a frente enquanto procura algo na bolsa. Tem dois caras brancos, meio hipsters, perto dela, os dois mergulhados no celular: um ruivo de calça jeans skinny e um de cabelo preto com uma franja lateral.

— Mas você ainda não explicou por que ela é a garota dos sonhos da Cassie — comenta Olivia.

A garota ergue os olhos, e Olivia se vira depressa.

Mas ela me vê. A garota dos sonhos acena, e eu dou um tchauzinho encabulado.

— Ah. Ela é gatinha — sussurra Cassie.

— Eu falei.

Abro um sorriso.

— Ela está vindo para cá.

E está mesmo. A garota dos sonhos vem ao nosso encontro, sorrindo. Agora, Cassie abre um sorriso também. Está olhando para o chão, mas suas bochechas a denunciam.

— Oi de novo — diz a garota.

Eu dou um sorriso e falo:

— Olá.

— Minha salvadora.

Essa garota realmente deve odiar ficar com a calcinha molhada de xixi.

— Acho que não me apresentei — diz ela. — Mina.

— Molly.

— Sua blusa é a coisa mais perfeita que já vi na vida — comenta Cassie.

— Estou boba.

Mina ri.

— Obrigada.

— Cassie, prazer. Nunca conheci ninguém que já tivesse ouvido falar da Georgie James.

Que mentira deslavada. E eu não conto?

— O mais engraçado é que... — começa Mina, mas o garoto de franja cutuca o braço dela.

— Ei, menina Mina, vamos. — Ele ergue o rosto e seus olhos encontram os meus. — Oi. Desculpa interromper, gente, mas precisamos pegar esse trem.

— Ah, merda — diz Mina. — Tudo bem. Então...

— A gente também — diz Cassie depressa.

E, de alguma forma, acontece: nossos grupos se transformam em um só. Cassie e Mina saem andando uma ao lado da outra, e Olivia vai logo atrás, no mundo dela, digitando no celular. Eu me apoio no corrimão da escada rolante, tentando não parecer uma ovelha que se perdeu do rebanho. Molly Peskin-Suso: introvertida e desorientada, sozinha na natureza selvagem.

Mas então levanto o rosto e me dou conta: na verdade, não estou sozinha. Os garotos hipsters estão um degrau na minha frente. Sem querer meus olhos cruzam com os do ruivo, que pergunta:

— Por que você me parece familiar?

— Não sei.

— Bom, meu nome é Will.

— Molly.

— Molly, que nem o ecstasy — diz Franja.

Que nem o ecstasy. Como se eu fosse uma pessoa que pudesse ser associada a drogas.

O trem chega assim que saímos da escada rolante, e temos que correr para pegá-lo. Eu me sento e deixo espaço para Cassie, mas ela se instala ao lado de Mina.

Olivia se acomoda ao meu lado. Momentos depois, os amigos hipsters de Mina se aproximam de nós. Franja está lendo alguma coisa no celular, mas o ruivo se segura na barra e sorri.

Eu olho para ele.

— Will, né?

Tá, ele é fofo. Só um pouquinho extremamente fofo.

— Boa memória! — diz ele.

Então Olivia se apresenta, e vem uma pausa estranha e prolongada. Eu queria ser o tipo de pessoa que sabe preencher o silêncio.

Mas não sou. Muito menos Olivia.

— Ah, e este é Max — diz Will depois de um instante.

Franja ergue os olhos do celular com um sorrisinho.

— E aí?

Ai, ele também é fofo. Fofo, não — gato. Ele é um daqueles caras tão bonitos que não chegam nem a ser fofos. Mas devia parar de usar franja.

— Com quem a Molly se parece? — pergunta Will, me encarando. — Desculpa, mas não consigo parar de pensar nisso.

Max me avalia e comprime os lábios.

— Não faço ideia.

— Ela me lembra muito alguém.

Na verdade, eu escuto isso o tempo todo. Acho que devo ter um daqueles rostos ridiculamente genéricos. E o que é esquisito: três pessoas que nem se conhecem já me disseram que pareço uma atriz adolescente dos anos 1970, embora eu seja uma espécie de versão gorda dela. E estranhos sempre me dizem que pareço uma prima ou alguém que eles conheceram no acampamento de verão. Fico um pouco assustada. Tem uma parte de mim que se pergunta se tenho mesmo algum parentesco com todas essas primas e garotas de acampamento.

É neste momento que eu deveria mencionar que Cassie e eu somos bebês de proveta. Isso sempre foi uma questão na minha vida: a ideia

irritante de que todo mundo que conheço pode na verdade ser um meio-irmão.

— Vou ficar encarando você até descobrir — avisa Will.

Do outro lado do corredor, Cassie dá uma risadinha... e de repente percebo que ela e Mina estão nos observando. E parecem estar se divertindo muito.

Um calor incendeia meu rosto.

— Hã, tudo bem — falo, piscando.

O trem desacelera até parar, e Olivia se levanta.

— Bom, chegamos. Chinatown.

— A gente vai saltar aqui também — diz Will.

Nem é tão surpreendente. Metade do mundo desce ali para trocar de trem. As portas se abrem e saímos, Cassie e Mina logo atrás da gente. Minha irmã está digitando alguma coisa no celular.

— Para onde vocês estão indo? — pergunta Will, ainda me esquadrinhando com o olhar.

— Takoma Park. Linha vermelha.

— Ah, tudo bem. Direção oposta. Vamos para Bethesda — diz ele. — Acho que é hora de dar tchau, então.

Nunca sei qual é o protocolo nesse tipo de situação. É como quando você está na fila do mercado e uma velhinha começa a contar sobre os netos ou a artrite dela, e você só sorri e balança a cabeça. Mas aí chega sua vez de pagar, e você solta um *bom, então tá, tchau pra sempre*.

E isso é meio trágico, se você pensar bem.

Tem um painel computadorizado que informa quanto tempo falta até cada trem chegar. O da linha vermelha para Glenmont ainda levará dez minutos. É o nosso. Mas o para Shady Grove já está praticamente na plataforma. Will, Max e Mina correm escada acima para pegá-lo.

Quando chegamos à nossa plataforma, o trem deles já saiu da estação.

Então, foi isso.



SÓ QUE CASSIE pegou o número da Mina. Isso não deveria me surpreender, porque minha irmã é ótima em conseguir números de garotas. Às vezes, ela salva um número no celular e esquece logo em seguida. Ou sai com uma garota uma vez e perde o número de propósito. Cassie sabe ser meio cruel.

Olivia me cutuca.

— Aquele Will gostou de você.

— *Hein?*

— Um monte de gente faz isso. Finge que conhece a pessoa de algum lugar só como desculpa para falar com ela.

— Quem disse isso?

— A internet.

Ela assente, muito séria. Olivia é uma pessoa muito séria de um modo geral. Acho mesmo que existem dois tipos de pessoas tímidas. Tem as do meu tipo, que são secretamente cheias de tempestades e engrenagens girando. E tem as do tipo de Olivia, que são a personificação de um oceano em um dia ensolarado. Não estou dizendo que ela é sem graça ou simplória. Mas tem algo de tranquilo nela. Sempre teve. Ela gosta de dragões e de observar as estrelas e daqueles calendários com ilustrações de

fadas. E namora o mesmo garoto desde que tínhamos treze anos: Evan Schulmeister, que conheceu no acampamento de verão.

— Ei, adivinha. — Cassie se senta no banco à minha frente. — Seu garoto é solteiro.

— Do que você está falando?

— Seu ruivinho. O senhor Bunda de Pêssego na Calça Justa e Hipster. Ele está solteiríssimo e carente. — Ela balança o celular para mim. — Mina confirmou.

— Cassie!

Ela sorri.

— De nada. Mina vai mexer os pauzinhos para você.

Eu fico paralisada.

— O quê?

— Você achou ele bonito, né?

Não respondo. Só a encaro, boquiaberta, e Olivia ri.

— Porque você pareceu bem feliz conversando com ele. — Cassie cutuca meu braço. — Eu conheço muito bem sua cara de crush.

— Eu não tenho cara de crush!

Droga. Eu tenho cara de crush? O mundo todo fica sabendo toda vez que eu acho um cara fofo?

Meu celular vibra no bolso e me dá um susto. É uma mensagem de texto da Abby. **Molly!!! Me conta tudo sobre o ruivo lindo!**

— Sério, Cassie? — Mostro o celular para ela. — Você já contou para a Abby?

— Talvez.

Fico enjoada, com vontade de vomitar. De preferência em cima de Cassie, que está escrevendo *mais uma* mensagem de texto. Provavelmente sobre mim. E sobre minha suposta paixonite gigantesca por um cara com quem falei por cinco minutos. Cassie sempre acha que me conhece melhor do que eu mesma.

Quer dizer, sim. Will é absurdamente fofo.

Olivia abre um sorrisinho.

— Você parece tão apavorada, Molly!

Dou de ombros e não falo nada.

— Achei que você quisesse um namorado — diz ela.

— Exatamente — concorda Cassie, se virando para nós de repente. —

Ah, que saber? Cansei dessas suas paixonites secretas que não dão em nada, Molly.

— Ah, você cansou, é? — Sinto minha garganta se estreitar. — Nossa, desculpa se os garotos não gostam de mim.

— Que baboseira, Molly. Você nem fala com eles.

Lá vamos nós.

O famoso discurso de Cassie: o fato de que eu tive vinte e seis crushes e zero beijos. Aparentemente, é porque preciso ser mais mulher. Se eu gostar de um cara, tenho que dizer isso para ele. Talvez no mundo de Cassie seja possível fazer isso e conseguir dar uns beijos. Mas não sei se funciona assim com garotas gordas.

Sei lá. Eu só gosto de tomar cuidado com essas coisas.

Cassie se inclina por cima do banco na minha direção e sua expressão se suaviza.

— Olha, não vou deixar você constrangida. Você confia em mim, né?

Dou de ombros.

— Então, vamos lá. Vou arrumar um namorado para você.

Eu afasto a franja do rosto.

— Hã, acho que não é tão fácil assim.

Faço minha expressão clássica, que minhas mães chamam de Cara de Molly. Envolve sobranceiras e certo contorcer da boca, e transmite dúvida infinita e eterna.

— Estou dizendo. É, sim.

Mas não é. Cassie não entende. Não foi por acaso que tive vinte e seis crushes e nenhum namorado. Não entra muito na minha cabeça como é possível alguém arrumar um namorado. Ou namorada. Parece a coisa mais improvável do mundo. Você tem que ficar a fim da pessoa certa no momento certo. E a pessoa também tem que gostar de você. Um alinhamento perfeito de sentimentos e circunstâncias. É quase incompreensível que aconteça com tanta frequência.

Não sei por que meu coração está batendo tão rápido.

O trem para na estação Takoma e minha irmã se levanta abruptamente.

— E eu também preciso saber se a Mina é lésbica.

— Aaah, olha quem está com cara de crush agora — falo.

— Por que você não pergunta a ela? — sugere Olivia.

— Aham, claro. — Cassie balança a cabeça. — Vamos ver se ela tem Facebook. — Ela digita enquanto anda. — Como faz para achar alguém?

— Você está brincando? — pergunto.

Essa é uma diferença fundamental entre nós. Eu praticamente nasci sabendo *stalkear* as pessoas nas redes sociais. Mas acho que Cassie é mais o tipo que é *stalkeado*.

— Quer que eu pergunte ao Will, já que, aparentemente, ele é meu futuro namorado?

— Shhh.

Ela ainda está encarando o celular.

Tenho certeza de que é *apenas* uma coincidência que Cassie queira transformar esse garoto específico em meu namorado. Aposto que não tem *nada* a ver com o fato de ele ser amigo da garota dos sonhos.

Minha irmã sai da escada rolante com um pulinho e Olivia e eu vamos atrás. Tem um casal se agarrando encostado em uma máquina de refrigerante. Com certeza não é assim que se usa a máquina. Eu desvio o olhar.

— Você ainda está falando com a Mina? — pergunto.

Ela sorri.

— Não vou responder.

É claro que vai. Sem dúvida. Porque depois que duas pessoas já dividiram um útero não existe essa coisa de segredo.

\* \* \*

Obviamente, não consigo dormir. Fico acordada durante horas, olhando para o teto.

Revivo pequenos momentos da noite. Meu cérebro se recusa a relaxar. Will olhando para o meu rosto, tentando se lembrar dele. O cabelo com mechas azuis de Olivia brilhando sob as luzes fluorescentes do metrô. E o sorrisinho misterioso no rosto de Cassie a cada vez que o celular dela vibrava.

Certas noites têm esse tipo de eletricidade. Levam você para um lugar diferente de onde começou. Acho que ontem foi uma dessas noites especiais... mas não consigo compreender por quê.

E isso é estranho.

Acabo pegando no sono, finalmente... e parece que meros segundos se passaram quando meu celular apita com uma mensagem de texto.

**Está acordada?** Carinha sorridente. É a Cassie.

Estou com um gosto horrível na boca, e meus olhos estão inchados e parecem grudados. Faz sentido. Consegui ficar bêbada na noite passada sem ingerir nenhum álcool. Agora, estou com uma ressaca não alcoólica.

Eu olho para a tela.

Meu celular toca de novo. **MOLLY, ACORDA!!! É SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO!!!!**

Respondo: **Estou indo!**

Acrescento um emoji de carinha com sono.

Ela responde com um emoji assustador de olhos arregalados, superacordado.

Respondo com uma carinha franzida. Tenho a sensação de que minha cabeça está afundada no travesseiro e que peso um milhão de quilos. Mas me obrigo a sair da cama e coloco meu vestido plissado da ModCloth, com uma legging por baixo. E tomo meu remédio. Comecei há quatro anos, porque tinha ataques de pânico no refeitório quando era mais nova.

É uma longa história.

Saio do quarto e sinto o cheiro de manteiga e bacon impregnando o ar. Pois é, nós somos o tipo de judeu que come bacon. Muito bacon.

— É a mais nova profissional do pedaço chegando? — pergunta Patty.

Patty é uma das minhas mães. Ela sai da cozinha usando uma túnica enorme de batik.

— Aqui, leve isto para a mesa. — E me entrega um prato cheio de panquecas.

— Ok...

— Você parece meio desligada. Está tudo bem?

— Aham, só estou... — Olho para as panquecas. — Isso era para ser o quê?

— Corações?

Tem farinha no queixo dela.

— Ahhhh.

— Acho que estão mais para pênis.

— É.

— E sacos escrotais — acrescenta ela.

— Nossa, mãe, que apetitoso.

Bem, não é a primeira vez que Patty usa a palavra *saco escrotal* para se referir a uma comida. Talvez eu esteja um pouco acostumada demais a essas coisas que ela vive falando. Certa vez, ela passou todo o trajeto até o shopping explicando para Cassie e para mim que a expressão “batom de

cachorro” era na verdade o pênis do cachorro saindo para o mundo. Ela parecia entender bastante dos detalhes anatômicos.

Acho que Cassie e eu nunca mais voltaremos a tocar no assunto.

— Depois deixe seu irmão experimentar uma — diz ela.

Eu faço que sim e acrescento:

— Xav adora sacos escrotais.

Patty ergue as sobrancelhas.

Ela pega o prato de volta, e espio a sala de jantar. Claro que todo mundo já acordou. Nadine é professora, então mesmo durante as férias ela acorda “com aquelas galinhas desgraçadas”, como ela diz. E Xavier acorda cedo porque é o tipo de bebê que acorda cedo.

— Cuidado para não derrubar isso aí — diz Nadine, olhando de cara feia para ele.

Xavier me dá um sorriso gigante do cadeirão.

— Momo.

Isso quer dizer “Molly”.

Bem, resumindo, esses somos nós: Patty usou um doador de esperma para me conceber, junto com Cassie. Nadine usou o mesmo doador dois anos atrás para gerar Xavier. As pessoas têm muita dificuldade para entender isso. Tem aquelas que gostam de dizer que Xavier é meu meio-irmão, não meu irmão de verdade. São as mesmas que me dizem que Abby não é minha prima de verdade. Que Nadine não é minha mãe de verdade. Tenho certeza de que ninguém ia questionar nada disso se Nadine, Abby e Xavier fossem brancos.

Desnecessário dizer que odeio essas pessoas.

Xavier joga um pedaço de banana no chão e começa a choramingar.

— Cara, não — diz Nadine. — A banana já era. Deu ruim.

— Você sabe que ele não está entendendo nada, né? — pergunta Cassie do outro lado da mesa.

— Ele entende muito mais do que você imagina. — Nadine sorri. Xavier solta outro balido de bode, e ela se inclina para beijar a cabecinha dele. — Ei, professor X, fica tranquilo.

Professor X, vocês sabem, o professor Xavier, de *X-Men*. Nadine é assim.

Patty entra segurando um prato de bacon em meio a folhas de papel toalha.

— Espero que você esteja pronta — diz ela para Cassie.

O amor de Cassie por bacon é famoso e bem documentado.

Mas ela se recosta na cadeira e sorri.

— Não estou com fome.

— Quem é você e o que fez com a Cassie? — pergunta Nadine, estreitando os olhos.

Cassie ri e encolhe os ombros, e reparo que ela nem tocou na comida. Nem um pedacinho. E isso é meio surpreendente, porque Cassie é daquelas garotas magrelas que comem como se em seguida fossem hibernar por meses.

— Estou falando sério, Kitty Cat. O que está acontecendo?

— Nada. Eu só...

Cassie para de falar, e suas mãos desaparecem sob a mesa. Ela olha para baixo de relance.

Está lendo uma mensagem de texto.

Da Mina. Tenho certeza. Devem estar planejando como fazer Will sair comigo. Meu rosto fica quente só de pensar nisso.

— E aí, Molly, como você está se sentindo? — pergunta Nadine. — Está nervosa? Está surtando?

— Por quê?

— Por causa do seu grande dia. Por estar entrando no mercado de trabalho.

Eu franzo a testa.

— Você sabe que não estou indo fazer residência em neurocirurgia, né?  
Só vou trabalhar em uma loja.

— Momomomo! — interrompe Xavier. — Cacacacaca!

Cassie olha para ele de rabo de olho.

— Ei. Pare de me chamar assim.

— Nunca pare de chamar sua irmã assim — diz Nadine.

Cassie faz uma careta e depois desliza o pé pelo meu, dos dedos até o calcanhar. Nossos pés sempre foram do mesmo tamanho, em medidas quase milimétricas. Acho que crescemos exatamente no mesmo ritmo.

— Ei, quando você vai sair?

Cassie se inclina para a frente, sorrindo.

— Daqui a uns minutinhos... — começo a dizer, mas ela me lança um olhar muito intenso. Eu tento de novo. — Agora?

— Ótimo! Vou com você — declara, se levantando na mesma hora e colocando o celular no bolso de trás. — Vamos.

\* \* \*

— Ontem fiquei umas quatro horas trocando mensagens com a Mina — diz ela assim que saímos.

As palavras irrompem de sua boca como se ela estivesse explodindo para me contar.

— Uau.

— Pois é.

Sinto Cassie me olhando e sei que ela quer que eu diga alguma coisa. Ou que pergunte alguma coisa. Talvez seja nossa telepatia de gêmeas, mas dá para sentir a empolgação dela. Parece que está pulsando dentro de mim também.

E acho que essa animação toda não tem nada a ver com os planos para me arrumar um namorado.

— Sobre o que vocês conversaram? — pergunto.

— Ah, sobre várias coisas... — Ela ri. — Na verdade, não sei muito bem. Música. Fotografia. Ela gosta de fotografia. Nós conversamos sobre tudo, acho.

— Durante quatro horas.

— Aham.

Ela sorri.

— Que incrível. — Faço uma pausa. — Descobriu se ela gosta de meninas?

— Não sei, Molly.

Tem um tom ferino na voz dela que me deixa um pouco desconcertada, não sei por quê.

— Tudo bem — falo baixinho.

Por um instante, ficamos tão quietas que ouço pássaros cantando.

Eu devia mencionar que Takoma Park é lindo. Na maior parte do tempo a gente acaba não reparando, mas de repente você se dá conta. Tipo, quando são oito e quinze de uma manhã de verão e o sol se projeta suavemente em meio aos galhos das árvores. E as casas têm cores fortes, com balanços nas varandas, sinos de vento e degraus com vasos de flores.

Acho que só quero ficar observando as flores. Quero andar até a avenida Tulip e ficar com fome e com sono, e quero que Cassie não se aborreça comigo. Acho que perguntar a ela sobre Mina foi um erro. Se bem que, se ela não está a fim de falar de sua vida amorosa, é meio errado ficar se metendo na minha.

Só que, um minuto depois, ela diz:

— Vamos nos encontrar com a Mina no FroZenYo de tarde para definir estratégias.

— Estratégias?

— Para seduzir o ruivo. Operação Namorado. Operação Beijos da Molly.

Ai, meu Deus. Sério.

Balanço a cabeça.

— Tudo bem, tá, eu tenho que...

— Molly, eu sei que você tem que trabalhar. Mas você sai às três, e vamos nos encontrar com ela às três e meia. Ok?

— Eu não quero ficar de vela.

— Molly. — Cassie ri. — Não dá para ficar de vela em uma sorveteria. Tem zero clima de pegação naquele lugar.

— É verdade.

— E, falando sério — ela me encara —, preciso de você lá.

Ela fala com muita franqueza.

— Tudo bem — concordo.

— Isso aí! — Cassie me dá um *high-five*. — Ai, gente. Vai rolar.



EU DEVO SER muito obcecada e certinha, porque estou meio nervosa com o trabalho novo. Apesar de não ser residência em neurocirurgia. Estou muito feliz por não ser residência em neurocirurgia. Acho que ninguém ia querer que eu operasse seu cérebro, nem agora nem nunca. Até porque minhas mãos estão tremendo, um pouquinho de nada.

A loja continua a mesma, o que significa que parece que a Zooey Deschanel explodiu em cinco mil toalhas de mesa e pratos com pintura artesanal e cartões com impressão tipográfica. O lugar se chama Bissel. É uma palavra em ídiche que quer dizer “um pouquinho”. Algo como “boa sorte se quiser gastar um *bissel* de dinheiro quando entrar na Bissel”. Ou “Cuidado para não gastar todo o salário em um *bissel* de bijuterias artesanais na Bissel”..

Não consigo acreditar que vou ser uma funcionária da Bissel.

*Uma funcionária.*

Deborah e Ari Wertheim, os donos, estão atrás do balcão, e sinto uma onda de timidez tomar conta de mim.

— Oi — falo, e minha voz sai comicamente aguda.

Molly Estridente.

Superprofissional.

Deborah ergue os olhos da caixa registradora.

— Molly, oi! Que bom que você chegou. — Ela apoia as mãos na bancada e sorri. — Estamos tão felizes por você ter se juntado à equipe.

Ela é legal demais. Os dois são. Foi a impressão mais marcante que tive dos Wertheim na entrevista. Eles lembram terapeutas, sabe? Parece que estão dispostos a ouvir seus pensamentos sobre a vida e a humanidade. Estão juntos há séculos e formam um casal perfeito: altos e corpulentos, sempre com seus óculos de aros grossos. Ari é careca e Deborah tem cabelo preto e volumoso que mantém preso em um coque meio desarrumado. Ou às vezes em dois coques menores na lateral, tipo Sailor Moon, apesar de ela ter uns quarenta e poucos anos. Adoro isso. Além do mais, os dois têm tatuagens coloridas e cheias de detalhes espalhadas pelos braços. Eles são os dois adultos mais legais do planeta, ou pelo menos de Maryland.

— Hum, acho que falamos da maioria dessas coisas na entrevista. Você lembra como usar a caixa registradora?

Eu faço que sim, apesar de definitivamente não lembrar.

— Ótimo. Se bem que ela está sendo meio babaca hoje, então acho que vou deixar você na sala dos fundos com o Reid. Aí ele mostra tudo por aqui. Você já conheceu o Reid?

— Acho que não.

— Ah, vou apresentar você a ele. — Deborah aperta meu ombro de leve. — Só um segundo.

Ela anda até os fundos da loja, passando pela seção de bebês, e eu tento agir como se fosse uma garota descontraída. Tem uma música tocando, algo suave e indie. Cassie reconheceria a banda. E, bem ao meu lado, tem uma prateleira com canecas de cerâmica no formato de baleia. Claro que a Bissel vende canecas de cerâmica no formato de baleia. Claro que isso existe. Eu não entendo mesmo como alguém pode entrar aqui e não se apaixonar.

Deborah volta com um cara que já vi na loja antes. Ele é alto e meio grande, daquele jeito que as pessoas descrevem como *robusto*. Sua camiseta tem um mapa da Terra Média, e os tênis são tão brancos e brilham tanto que ou são novinhos, ou ele coloca na máquina de lavar.

— Molly, esse é o Reid. Reid, Molly.

— Oi — diz ele, sorrindo com timidez.

— Oi.

Sorriso também.

Deborah se vira para mim.

— Molly, você vai para o terceiro ano, não é?

Faço que sim.

— Perfeito! Vocês são da mesma idade. Aposto que têm muito em comum.

A clássica lógica adulta. Reid e eu somos quase da mesma idade, então é claro que somos praticamente almas gêmeas. É como o horóscopo. Eu tenho que acreditar que sou parecida com todas as pessoas nascidas no meu aniversário. Ou com todo mundo de sagitário. Não tenho quase nada a ver com Cassie, e nós nascemos com seis minutos de diferença.

Desculpe, mas esse cara é uma propaganda ambulante de *O Senhor dos Anéis*. Não acho que temos tanto em comum assim.

Passamos pela parte infantil, e o tempo inteiro eu tenho a sensação de que ele está tentando pensar em algo para dizer. Lembra muito aquelas situações em que só resta às pessoas murmurar palavras monossilábicas sem sentido, como “ah, é, bom...”. Reid não balbucia sílabas. Ele é a personificação dessas sílabas. Eu queria que existisse um sinal secreto que pudéssemos usar para comunicar: OI, EU FICO À VONTADE COM O SILÊNCIO.

Não que eu fique à vontade com o silêncio, mas isso talvez o ajudasse a relaxar.

Por um instante, ficamos ali, na entrada da sala dos fundos, cercados de caixas de papelão e de móveis rústicos de madeira. Mordo o lábio, constrangida e inquieta.

— Bem-vinda ao seu primeiro dia — diz ele por fim.

— Obrigada — falo, com um sorrisinho.

Reid é tão alto que preciso inclinar a cabeça para trás para encará-lo. Ele não é feio, e seu cabelo é bonito, uma coisa meio desgrenhada, castanha, macia e meio encaracolada. Usa óculos também, e sua boca é bonitinha. Sempre reparo na boca das pessoas.

— Você está trabalhando aqui há um tempão, né? — pergunto. — Já vi você.

Assim que falo isso, fico vermelha. Não quero que ele pense que REPAREI nele. Quer dizer, eu reparei nele. Mas não desse jeito. Reparei porque ele chama atenção, não combina muito com o lugar. Para mim, a Bissel é uma loja para pessoas que se importam com pequenos detalhes, como a textura de um jogo americano trançado ou a pintura no cabo de uma colher.

Eu diria que Reid não tem a menor cara de que repara em pinturas de colheres.

— É, eu estou aqui o tempo todo. É meio inevitável. — Ele dá de ombros. — Meus pais.

— Seus pais?

— Ari e Deborah.

Eu levo a mão à boca, chocada.

— Ari e Deborah são seus pais?

— Você não sabia? — Ele parece estar achando graça.

Balanço a cabeça lentamente.

— Sério, isso é muito louco.

— É mesmo? — Ele ri. — Por quê?

— Porque... sei lá! Deborah e Ari parecem tão... — Punk rock e ousados e nem um pouco fãs de *O Senhor dos Anéis*. — Eles têm tatuagens.

Ele assente.

— Têm mesmo.

Continuo perplexa.

Ele ri de novo.

— Você parece muito surpresa mesmo.

— Não, eu só... — Balanço a cabeça. — Sei lá.

Ficamos em silêncio.

— Hum. Quer desempacotar uns artigos de bebê? — pergunta Reid, encostando em uma caixa de papelão com a ponta do tênis.

Nós nos sentamos no chão, de pernas cruzadas. Ainda bem que estou com uma legging por baixo do vestido.

Reid pega uma pilha de macacões de dentro da caixa.

— Essas peças precisam de etiquetas de preço — diz ele. — Você sabe fazer isso?

— Se sei colar adesivos?

— É bem complicado.

Nós sorrimos um para o outro.

Eu pego um macacão.

— Isso é muito Takoma Park.

É de algodão, sem tingimento, de gênero neutro, com uma estampa de legumes. Sem brincadeira. Os bebês aqui são obrigados a declarar lealdade aos legumes antes mesmo de terem idade de dizer “Que se dane, mãe, quero sorvete”.

— Isso é um segundo pedido. O lote que tínhamos esgotou na semana passada — explica Reid.

— Claro.

— Legumes estão fazendo o maior sucesso agora.

Ele baixa os olhos e sorri.

Trabalhamos em silêncio, colocando adesivos de preço nas etiquetas e dobrando os macacões novamente. Quando terminamos, Reid diz:

— Acho que tem umas mantas também.

Eu pego uma e leio a etiqueta.

— Cãnhamo orgânico.

— É.

— Sério?

Eu olho para ele.

Reid ri.

— Sério.

Acho que tem pais que gostam dos filhos enroladinhos como cigarros de maconha.

É engraçado ver o Reid da Terra Média trabalhando. Tantas coisas delicadas e meiguinhas, e ele, a pessoa com aparência menos delicada que já conheci, ali no meio. Enrolar as mantas está sendo um desafio para ele, talvez porque suas mãos sejam grandes demais.

Deve ter sido por isto que me contrataram: por causa das minhas mãos pequenas e das minhas habilidades para enrolar um.

— Posso fazer uma pergunta? — diz ele, me olhando de repente.

— Claro.

— É só curiosidade, mas por que você ficou tão surpresa com as tatuagens dos meus pais?

*Hum. Porque essas pessoas têm parentesco com você.*

— É porque eles são judeus? — acrescenta ele.

— Ah, não! Não é isso. Eu sabia que eles eram judeus. Afinal, a loja se chama Bissel. O sobrenome deles é Wertheim.

Ele ri.

— O meu também. Reid Wertheim.

Ele se inclina para a frente para me cumprimentar, e seu aperto de mão é surpreendentemente confiante.

— Molly Peskin-Suso — falo.

— Peskin! Você também é judia?

— Sou.

— É mesmo?

Os olhos de Reid se iluminam, e sei muito bem o que está pensando. Não me considero uma judia típica nem nada, e praticamente nunca vou à sinagoga. Mas tem algo que sinto toda vez que conheço outro judeu assim, meio fora de contexto. É como se fizéssemos um cumprimento secreto e invisível.

E tem uma coisa engraçada. Em geral, quando conheço um garoto novo, me dá um branco e não consigo pensar em nada para dizer — é assim que uma pessoa acumula vinte e seis crushes e zero beijos. Mas, com o Reid da Terra Média, fico tão nervosa quanto ficaria diante de qualquer pessoa nova. Nem mais, nem menos.

E isso é meio que maravilhoso.

\* \* \*

Às três da tarde, Reid e eu já tínhamos desempacotado e arrumado seis caixas de artigos para bebês. E havíamos conversado. Conversamos até dizer chega. Até o momento, sei que ele gosta muito de coelhinhos de chocolate. Quando perguntei se eles não estavam meio obsoletos em junho, ele disse que coelhinhos de chocolate nunca seriam obsoletos. Parece que ele compra aos montes na época da Páscoa e estoca.

Achei muito digno.

Saio do trabalho exatamente às três e, como o metrô é pontual, chego cedo em Silver Spring. Ando pela Ellsworth Drive, a rua principal do bairro, e paro perto do FroZenYo. Tem cinquenta bilhões de restaurantes

aqui e, mesmo em uma tarde de um dia de semana, está cheio de gente: pais empurrando carrinhos e garotas que parecem ter a minha idade, mas se vestem como se trabalhassem em um banco. Minhas mães sempre falam que Silver Spring era muito melhor antes de passar pelo processo de gentrificação. Fico triste quando penso nisso. É horrível quando as coisas mudam para pior.

Eu me encosto na lateral do prédio e fico mexendo no celular. As redes sociais estão terríveis hoje. É um daqueles dias em que tanto o Facebook quanto o Instagram estão cheios de selfies, e nem são daquelas arrasadoras. São mais do tipo em que a pessoa está olhando ao longe, tentando parecer blasé. Preciso de um botão de “não curtir”. Não que eu fosse usá-lo, mas mesmo assim.

Começo a me perguntar onde Cassie e Mina estão. Minha irmã não é de se atrasar, mas já se passaram dez minutos do horário combinado. Não sei se fico irritada ou preocupada. Mas, às 15h45, finalmente as vejo, andando juntas, rindo de alguma coisa e carregando bolsas da H&M. Elas não estão nem aí, sem pressa alguma.

*Não curti.* Nada de coraçãozinho para elas.

— Oi — diz Cassie. Ela sorri quando me vê. — Você se lembra da Mina.

— Do banheiro. Da vulva — diz Mina.

Dou uma risadinha.

Eis uma coisa frustrante sobre mim: se todo mundo está feliz, não consigo ficar com raiva. Meu estado de espírito é conformista. Isso é um saco, porque às vezes a gente quer realmente ficar com raiva.

— Ai, meu Deus. Amei seu colar — acrescenta Mina.

Enrubesço.

— Ah. Eu que fiz.

— É sério?

— Aham, é fácil. Olha aqui, é um zíper velho. — Eu me inclino para a frente e mostro a ela. — É só cortar a ponta, abrir e fazer uma curva em forma de coração. Depois, é só costurar a ponta de novo.

— Molly vive fazendo essas coisas — explica Cassie, com certo orgulho.

Elas colocam as bolsas em cima de uma mesa, uma ao lado da outra. Devem ter passado a tarde juntas fazendo compras, o que acho uma atividade horrível para se fazer em grupo, se você quer saber, embora talvez seja diferente para pessoas que usam tamanhos pequenos. Elas devem ter desfilado uma para a outra. Talvez tenham comprado roupas iguais.

Pego um pote de iogurte. Aqui no FroZenYo você mesmo se serve. Pode pegar os sabores que quiser, e depois tem umas cinquenta milhões de coberturas. Tem gente que não aguenta toda essa liberdade. Mas eu aguento e arraso. Basta saber do que você gosta.

Eu pago e me sento, e Mina se senta ao meu lado. Ela espia dentro do meu pote.

— O que você pegou?

— Chocolate com brownie.

Eu falei. Mando muito bem.

Mina vira o pote para mim, e é claro que ela é uma daquelas pessoas confusas que misturam jujuba com chocolate.

— Cassie disse que você estuda na Georgetown Day.

É o máximo que consigo dizer.

— É. Vou para o terceiro ano.

— A gente também. E você gosta de fotografia, né?

— Uau, você sabe tudo! — brinca ela.

Isso me faz corar. Sei lá. Eu me sinto meio psicopata às vezes. Sempre pareço saber mais sobre as pessoas do que elas sabem sobre mim.

Percebo um silêncio constrangedor se instalando. Tenho que acabar logo com isso.

— Nossa amiga Olivia tira fotografias — falo rapidamente.

— Ah, que legal! Eu ainda estou começando. Will, meu amigo que você conheceu, o ruivo, é supertalentoso, mas está me ensinando o básico. Ele tem um programa que muda a luz e a cor das imagens depois que você faz o upload das fotos. E vai me ensinar umas técnicas de iluminação. — Mina faz uma pausa. — Estou falando demais, não estou?

— Não, você...

— Eu falo demais quando estou nervosa.

— Você está nervosa? — pergunto.

Ela dá de ombros e sorri.

— Sei lá. Isso aqui parece tão formal, né? Tipo, não é estranho? Fazer um esforço para ficarmos amigas?

— Acho que é — falo.

— Meus amigos e eu nunca dissemos “Ei, vamos ser amigos”. A coisa é mais para “Ah, tá. Você está aí e é legal”.

— Foi literalmente o que eu disse para Cassie no útero — comento.

Mina ri e coça um ponto qualquer no braço. Isso faz a manga de sua camiseta subir, deixando a ponta de uma tatuagem à mostra. Não consigo identificar que desenho é, mas, sério, a garota tem uma tatuagem. E está no ensino médio. Estou me sentindo um pouco careta.

Cassie se senta na minha frente.

— Você demorou uma eternidade — diz Mina.

— É, mas... *decisões*.

Essa é Cassie. Toda vez que a gente vem aqui, ela leva suas preferências de sabor muito a sério, mas sempre compra exatamente a mesma coisa. Iogurte de baunilha. E algum tipo de jujuba. **UM LEMBRETE PARA CASSIE:** toda as jujubas têm o mesmo gosto. De verdade.

— Tá, eu tenho que terminar de contar minha teoria — diz Cassie. Ela enfia uma colherada de iogurte na boca. — Molly, você perdeu essa parte, mas estávamos falando sobre antepassados.

— Hã, como assim? — pergunto.

— Sobre antepassados. Tipo, de todos os parentes que morreram antes de você nascer.

— Por que vocês estavam falando disso?

A colher de Cassie fica parada no ar.

— Ah. Não lembro.

— Bom, primeiro estávamos falando sobre doação de esperma — diz Mina —, e se os parentes do seu doador de esperma contam ou não como seus parentes.

— Isso — diz Cassie. — Mas minha teoria é a seguinte: você tem seus antepassados e eles estão lá, no céu ou no inferno... o que, só para deixar claro, não é uma doutrina oficial do judaísmo apoiada pelo rabino.

— Percebi isso — falei, com um sorrisinho.

— Certo. Então, eis o que penso. Eles estão sentados tomando ambrosia e tal.

— Definitivamente isso não é apoiado pelo rabino.

Ela me ignora.

— E um dos descendentes tem um bebê. E é você! E, assim que você nasce, por toda a sua vida, seus antepassados ficam observando tudo. E torcem por você, mas não podem intervir. Só ficam olhando. Como em um reality show.

— Um reality show muito, muito chato — comento.

— É, mas não é chato para eles, sabe? Porque você é a descendente deles. — Cassie entrelaça os dedos. — Eles não conseguem tirar os olhos da sua vida.

Mina contrai os lábios em volta da colher e assente.

— E aí, quando você fica velha e morre — continua Cassie —, você aparece no céu, onde é basicamente uma celebridade. E seus antepassados falam “É, eu estava torcendo pra você ficar com aquela outra garota, mas tudo bem”. E “Pena você ter ficado velha e morrido”. E você diz “É, foi um saco, mas sabe como é”. — Cassie dá de ombros. — E aí você acaba

ficando *amiga* dos antepassados, e, quando o próximo bebê nascer, você assiste a tudo. E o ciclo continua.

— Isso é apavorante — diz Mina.

Cassie inclina a cabeça.

— Como assim?

— Hã, um monte de gente morta observando você o tempo todo? Olhando você fazer xixi e transar e se masturbar. E conversando umas com as outras enquanto isso?

— Eca. Não. — Cassie balança a cabeça, indignada. — Eles não são nojentos assim. Não ficam olhando *essas* coisas. E têm milhares de descendentes para acompanhar, então dificilmente vão conseguir acompanhar a vida de alguém em tantos detalhes. É mais como ficar mudando de canal.

— Mas não foi isso que você disse — argumenta Mina, agitando a colher no ar.

E gosto disso. Gosto de ver minha irmã ser desafiada. Acho que Cassie também gosta.

— Bom, ainda estou aprimorando a teoria — diz Cassie, abrindo um sorriso.

— Que bom. Então garanta que nenhuma pessoa morta me veja fazendo xixi — diz Mina. Ela olha para mim e solta um grunhido, cobrindo o rosto. — Meu Deus, Molly, você deve achar que só falo de xixi e vulvas.

— Pior que é verdade — falo.

Ela mostra a língua para mim.

E, naquele momento, percebo que talvez esteja realmente ficando amiga dessa garota. São duas novas amigas só hoje, e não são nem quatro e meia da tarde. Mina da Vulva e Reid da Terra Média. Um bom dia de trabalho. Sinto que estou sorrindo.

Cassie assente.

— Certo, vamos estabelecer que algumas coisas são censuradas. Eles não têm permissão para ver você no banheiro nem fazendo sexo, nem nada do tipo.

— Mas você não pode simplesmente decidir isso e pronto — retruca Mina. — Não é uma votação de reality show. É uma teoria metafísica.

— Mas é a *minha* teoria metafísica — responde Cassie, com tom zombeteiro.

Fico pensando nessa ideia por um instante. É engraçado, acho que gostei dela. Acho estranhamente reconfortante. Deve ser legal ter uma sala cheia de gente se importando com o que acontece na sua vida. Torcendo pela sua felicidade. Elas ficariam com raiva quando alguém fosse babaca com você. Iam querer que seu crush gostasse de você também. Iam querer que todos os seus vinte e seis crushes gostassem de você.

Você teria *importância*. Essa é a questão. Às vezes, pensar nisso me deixa bem nervosa. Nunca contei para ninguém, nem para minhas mães e para Cassie, mas é o que me dá mais medo: não ter importância. Existir em um mundo que não liga para quem eu sou.

É um outro nível de solidão.

E talvez seja uma coisa de gêmeos. Eu nunca fiquei sozinha de verdade no mundo. Acho que é por isso que essa possibilidade me apavora tanto.

— Eles estão nos observando neste momento — diz Cassie. Ela olha para cima. — Oi, antepassados. Vocês deviam experimentar esse iogurte. É uma delícia. — Ela faz sinal de positivo.

Mina esconde o rosto nos braços e só ri.



CLARO QUE MINA é o único assunto sobre o qual minha irmã quer conversar, em qualquer momento em que estejamos sozinhas, em qualquer ocasião em que nossas mães não estejam por perto.

Ela se senta no sofá ao meu lado bem quando estou prestes a começar um episódio de *Teen Mom*.

— Você sabia que a Mina é coreana? — pergunta ela. — Coreano-americana, na verdade.

— É, você comentou.

— Os pais dela nasceram aqui, mas ela tem parentes na Coreia do Sul e vai viajar para lá em agosto. Acho que vai fazer um projeto de fotografia, algo assim.

Olha, não sou dessas pessoas que detestam que falem durante algum programa, mas os comentários deveriam ser *sobre* o programa. Por exemplo: não me incomodo com Nadine tagarelando que esses *pais adolescentes têm cara de rato, por que eles são tão viris, por que você assiste a isso*.

Cassie se inclina para trás, as pernas entrelaçadas como um pretzel.

— E ela gosta muito de pinguins.

*Pinguins*. Ela não está nem aí para os pais adolescentes.

— Que bom que ela gosta de pinguins.

Isso me lembra quando Abby começou a sair com o primeiro namorado. Tínhamos quinze anos, e os dois faziam aula de matemática juntos. Todas as palavras que saíam da boca dela eram *Darrell, Darrell, Darrell*. Darrell odeia molho de tomate. Darrell dança muito bem. Darrell uma vez foi para a Flórida. Parecia que Abby era tomada por uma empolgação especial quando dizia o nome dele.

— Além disso — diz Cassie casualmente, como se não fosse nada de mais —, Mina é pansexual.

Dou pausa no programa e me ajeito no sofá.

— É o quê? — pergunto.

Cassie esconde o rosto em uma almofada.

— Como você sabe? — pergunto.

— Eu perguntei. E ela me falou.

— Cassie! — Eu sufoco um gritinho. — Você está falando sério? Isso é incrível!

— Bem, não quer dizer que ela goste de mim.

Eu me viro para encará-la.

— Não que isso importe — acrescenta ela, com um sorrisinho.

Ela abraça a almofada e suspira.

— Cass.

Acho que nunca vi minha irmã assim. Ela dá em cima de garotas o tempo todo, sempre encantadora, às vezes indiferente, às vezes mais esforçada, mas nunca vulnerável. Eu nunca a vi nervosa por causa de alguém.

— Importa, sim — falo baixinho.

— Ok, ela é demais. E ok, quero dar uns beijos nela.

Cassie solta um gemido.

— Ai, meu deus! Você tem uma crush. Uma crush de verdade.

— Calma, não é pra tanto — rebate ela.

Mas as bochechas dela dizem o contrário, e agora estão basicamente radioativas de tão vermelhas.

Normalmente sou eu quem tem essa reação. Fico vermelha, desmaio e praticamente banco a heroína de um desses livros românticos e melosos, só que sem os beijos. Mas Cassie? Nem pensar.

Até agora. É fascinante observar.

— Por que você está me olhando assim? — pergunta ela.

Contraio os lábios.

— Não estou fazendo nada.

— Odeio você.

Ela está sorrindo, e eu faço o mesmo. Cassie beijou uma quantidade bem razoável de garotas, e, pode acreditar, eu ouvi todos os detalhes sobre todas as moléculas de saliva envolvidas nessas interações. Mas mesmo assim.

Está rolando alguma coisa diferente com Mina.

\* \* \*

Acordo no sábado com uma mensagem de Abby.

Não que isso seja incomum, porque Abby não é só minha prima. Ela e Cassie são minhas melhores amigas. Mais ainda do que Olivia. É engraçado, porque Cassie e Abby são as extrovertidas, e Olivia e eu somos as quietas, mas, quando nos juntamos, normalmente somos Cassie e eu, Abby e Olivia. Ou Abby e eu, Cassie e Olivia. A amizade é assim: nem sempre é determinada pelo que as pessoas têm em comum.

Abby morava a dois quarteirões da gente, mas se mudou para a Geórgia ano passado. É um saco, mas nos falamos toda semana, e trocamos tantas mensagens que é como se estivéssemos numa conversa infinita.

Quando clico na janela de mensagem, tem duas lá. A primeira diz: **Precisamos conversar. Urgente.**

A segunda é um emoji de carinha piscando.

Em certos contextos, uma carinha piscando é obviamente código para sexo.

O que significa que Abby deve ter transado com o namorado pela primeira vez ontem à noite. Explicando melhor: Abby tem um namorado na Geórgia. Ele se chama Nick e é bem bonito. Arranjar namorados não parece ser algo complicado para Abby. Bem, nada parece complicado para Abby. Além de ser minha prima, é uma pessoa incrível, e eu fico feliz por ela, não sinto inveja nem nada. Porque isso faria de mim uma babaca.

E eu não quero ser babaca.

Bocejo e esfrego os olhos, depois digito uma mensagem: **Nossa, oi, carinha piscando. O que foi?**

Segundos depois, um emoji sorrindo e com as bochechas vermelhas.

Definitivamente rolou sexo.

Ligo para ela.

— Parabéns — falo assim que ela atende.

Abby ri.

— Espere aí. Como você sabe o que vou dizer?

— Porque você é muito óbvia. — Rolo para o lado e apoio o celular no ouvido. — Mas quero que você me conte mesmo assim.

— Agora estou com vergonha!

— O quê? Por quê?

— Sei lá! — Ela ri baixinho. — Ai. Tá, só vou ver se meu pai não está no corredor ouvindo tudo.

— Boa ideia.

Tio Albert é bem rígido quando o assunto é namoro. Certa vez, pegou Abby de mãos dadas com um cara, e ela ficou de castigo por uma semana.

— Tudo bem — diz ela depois de um instante.

— Tudo certo?

— Tudo. — Ela respira fundo. — Então...

O mais estranho é que sou tomada por uma espécie de nervosismo, quase um enjoo repentino. Não consigo entender por quê. O namorado de Abby não me desperta interesse algum, eu nem o conheço. Fora que eu já sei o que ela vai me contar, então não tem nenhum mistério mesmo.

Abby vai me contar que transou com Nick.

— Eu transei com o Nick — diz ela, sussurrando.

— Eu sabia!

Ela ri.

— Ai, meu Deus. Me sinto tão estranha falando isso.

Consigo imaginá-la deitada de costas na cama, a mão cobrindo o rosto. Assim como Cassie, Abby nunca fica vermelha, mas sua pele é negra, então é difícil perceber. Só sei que ela está constrangida, sem graça ou orgulhosa porque sua boca dá uma levantadinha nos cantos.

Mas eu ouço. Ouço a levantadinha de boca na voz dela.

— Como foi? — pergunto.

— Foi... você sabe. Foi bom.

Não, eu não sei. Sou péssima para conversar sobre essas coisas. Nunca sei o que perguntar.

— Melhor do que com o Darrell?

Ela faz uma pausa.

— Melhor — responde ela depois de um tempo. — Com certeza.

— Ah, que legal!

— Você não me acha uma piranha, né?

— Hã? Não!

— A gente só está junto há cinco meses. É meio piranhagem.

— Não é, não — falo. — Nem um pouco.

— Eu sei. Mas... ai. Então, tem uma garota no meu colégio, nossa, ela é um saco. Você tem que ouvir quando ela fala do metabolismo dela, que aparentemente é super-rápido, e parece que nós precisamos saber disso, e nem sei por que dou ouvidos a ela. Enfim. Ela comentou outro dia que

namoradinhos de ensino médio só deviam transar depois de um ano juntos. E não consigo tirar isso da cabeça, sabe?

— Que horror.

— Não, tudo bem. Ela não usou a palavra “piranha”, mas senti que a insinuação ficou no ar, e agora só consigo pensar: *que ótimo, sou uma piranha*.

Tem uma hesitação na voz dela, e não sei o que dizer. Não sou especialista no assunto.

O que eu jamais admitiria em voz alta é o seguinte: parte de mim sempre achou que era uma espécie de elogio secreto quando uma garota era chamada de piranha ou algo do tipo. Queria dizer que você estava transando. O que queria dizer que tinha gente querendo transar com você. Ser piranha queria dizer que você era normal.

Mas talvez eu esteja enganada. Bem enganada.

— Abby, você não é piranha — falo com firmeza. — Quem essa garota pensa que é? Que idiota.

— Eu sei, eu sei. Estou sendo ridícula.

— Olivia já transou. Cassie já fez todos os tipos de sexo que existem. Está tudo bem com você. E não é da conta de ninguém o que você faz ou deixa de fazer.

— É verdade, você está certa.

— Me conte o que aconteceu — peço. — Me conte a história toda que levou até essa parte.

— Tudo bem. — Ouço um farfalhar e a imagino se endireitando na cama. — Então, nós fomos a um show. Vimos os Weepies, conta isso para a Cassie. Mas, depois, já na casa do Simon, vendo TV, Nick recebeu uma mensagem da mãe.

— Hã, não estou vendo como essa história pode terminar em sexo, Abby.

— Rá. Ela avisou que ia ter que trabalhar, que foi chamada de última hora pelo hospital.

— Ahhhh.

Consigo ouvir Abby sorrindo.

— Pois é. Aí fomos embora...

— Então você e Nick estavam sozinhos em casa... E?

— E aconteceu!

— Gostei de ver.

— Ah, obrigada. — Ela boceja, satisfeita. — E você?

— Se eu transei ontem à noite?

— Não! A não ser que... quer dizer, você transou?

Se Abby estivesse fisicamente presente agora, sentiria a fúria em meu olhar de desprezo. Sentiria mesmo.

— Mas é claro — falo. — Você me conhece, é só o que eu faço.

— Molly! Quero saber o que anda acontecendo com você. Ei, o que aconteceu com o cara das costeletas?

— Do curso preparatório?

— Esse mesmo!

O crush número vinte e cinco: Quinn do Curso Preparatório. Nunca troquei nenhuma palavra com ele, mas tenho oitenta por cento de certeza de que esse era seu nome. Certa vez, compartilhamos um momento potencialmente significativo de contato visual depois de terminar um simulado de matemática.

— Não faço ideia. Espero que ele tenha ido bem.

— Como assim?

— Nas provas.

— Você é ridícula.

Embora não consiga me ver, ela parece sentir meu dar de ombros pelas ondas eletromagnéticas do celular.

— Por que você não me fala mais nada sobre garotos?

— Porque não tenho literalmente nada para contar.

\* \* \*

Nós desligamos, e eu me recosto nos travesseiros, me sentindo um pouco desnorteada. Então Abby transou com Nick. Isso significa que ela já fez sexo com dois caras. Eu nem beijei dois caras. Na verdade, não beijei nenhum. Sei que não é uma competição, mas não consigo deixar de sentir que estou ficando cada vez mais para trás.

De nós quatro, Cassie, Abby, Olivia e eu, sou a única virgem que restou. Isso não é novidade, mas não sei por que de repente fiquei tão incomodada. Não é a questão do sexo, exatamente.

São as outras coisas. Consigo visualizar Abby e Nick juntos depois do show, sonolentos, animados e cercados de amigos. A mensagem chegando. As brincadeiras que os amigos devem ter feito quando eles foram embora de uma hora para a outra. Aposto que ficaram constrangidos. Aposto que deram as mãos assim que saíram.

Acho que é disso que tenho inveja. Do momento em que o Nick enfiou a chave na fechadura. E não estou usando um eufemismo. Só uma chave na fechadura de uma casa vazia. Só aquele momento doce, cheio de expectativas. Eu me pergunto o que Abby estava pensando e sentindo naquele exato segundo. Se fosse comigo, estaria morrendo de nervosismo.

Eis a verdade: eu quero muito sentir isso também. A ponto de às vezes ser quase fisicamente doloroso.

Quero tudo. Quero as conversas sussurradas de Olivia com Evan Schulmeister, em que ela se afasta um pouco da gente para atender o telefone. Só para ficar sozinha com ele. E quero as ondas palpáveis de energia que irradiam de Cassie. Quero saber como é ter uma paixonite que *talvez um dia possa perfeitamente* se tornar um namorado.

Quero tantas coisas...

Pego o celular. Minha mente dá mil voltas. Preciso me distrair no BuzzFeed ou em algum site do tipo. Sei que isso não faz de mim alguém especial, mas eu amo a internet. Amo. Acho que o que sinto pela internet é o que algumas pessoas sentem pelo mar. É um mundo enorme e desconhecido, mas também totalmente previsível. Você digita uma linha de símbolos, clica em ENTER, e tudo o que quer que aconteça acontece.

Não é como a vida real, em que querer não é garantia de nada. Acho que nem Cassie é capaz de fazer isso se tornar realidade para mim. É bem difícil acreditar nesse conceito chamado Molly-com-um-namorado.

Ainda mais com um namorado hipster e fofo. Ainda mais com Will.

Mas eu quero. E o meu querer é quase grande demais para suportar.



ACHO QUE É mais fácil lidar com as coisas de manhã. Não sei muito bem se é o sol, o remédio ou só o fato de que vou trabalhar hoje, mas me sinto totalmente energizada. Estou até um pouco pilhada.

Assim que chego a Bissel, Deborah me pede para arrumar cestas e outras coisas em volta de uma mesa de centro de cedro. Um fato sobre mim: sou ótima em criar ambientes rústicos e artísticos com um ar vintage. Abby me chama de Rainha do Pinterest, o que é um elogio. Acho. É meu maior talento.

A porta do depósito se abre e Reid sai, carregando uma caixa de papelão. Ele a coloca sobre a bancada e conversa com Ari por um minuto.

Ele olha para mim, sorri e se aproxima.

— Oi, Molly.

— Ah, oi! Eu estava me perguntando onde você estava.

Sério, não sei por que faço isso. Noventa e nove por cento das vezes, fico quieta na minha, mas, de vez em quando, perco o filtro. E não dá para saber quando isso vai acontecer.

*Eu estava me perguntando onde você estava.* Muito bem, Molly. É claro que você tinha que parecer uma psicopata lunática já no segundo dia de trabalho. Mas Reid só sorri de novo e pega uma cesta.

— O que você está fazendo?

— Ah, Deborah queria que eu desse uma renovada na decoração aqui.  
— Legal.

Ele bagunça o próprio cabelo — acho fofo quando garotos fazem isso — e fica ali parado, como se não soubesse o que dizer.

O pobre e desajeitado Reid da Terra Média.

Mas hoje está usando o que parece ser uma camiseta de *Guerra dos Tronos*. Acho que ele é o Reid da Casa Lannister agora.

O silêncio é meio aflitivo. É engraçado, porque você sempre acha que a pior parte é encontrar a pessoa pela primeira vez. Não é. A segunda é muito mais difícil, porque você já usou todos os tópicos óbvios de conversa. E, mesmo que não tenha, é estranho e grosseiro introduzir assuntos aleatórios a essa altura da interação. *Oi, Reid. Vamos conversar sobre alguns tópicos. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM? DE QUE LIVROS GOSTA?*

Bom, acho que sei a resposta para a última pergunta.

— Qual seu item preferido daqui? — pergunto de repente.

Que excelente tópico de conversa, Molly.

— Ah, vou mostrar.

Ele se dirige à seção de papelaria, olhando para trás para ver se estou fazendo o mesmo. Eu o sigo. Reid vai até os cartões e pega um do display.

Um cartão. A Bissel é basicamente a irmã mais descolada e gata da Chanel, e o item de que Reid mais gosta é um cartão.

Ele me entrega o cartão, e tenho que admitir: é bem sofisticado. O papel é grosso e pesado, com uma pintura à mão superelaborada da rainha Elizabeth I — tenho quase certeza de que é ela. Está usando um traje com mangas bufantes exageradas e uma gola que facilmente poderia se passar pelo sol. A mulher está com a melhor expressão de “não-se-meta-comigo” do mundo. Logo abaixo, naquelas letras antigas e requintadas, uma citação: “Eu observo e fico em silêncio”, que eu leio em voz alta.

— É Elizabeth I — diz Reid.

— Ah, foi o que pensei. Foi ela quem disse isso?

Ele assente com seriedade.

— Até onde eu sei.

— É um cartão meio ameaçador.

Ele ri.

— Como assim?

— É tipo: *Estou de olho no que você faz e prefiro não dizer nada... por enquanto*. Vê só a expressão dela.

Eu levanto o cartão.

— Nããããã! — Uma leve covinha aparece na bochecha dele. — Não seja tão crítica com a Elizabeth. Ela é perfeita.

— É, Reid? É mesmo?

Faço a famosa Cara de Molly. Ceticismo eterno.

— Aham. É, sim. Ela é perfeita.

Reid me encara, e verdade seja dita: os olhos dele são de um tom lindo de mel. Não sei se não reparei antes por causa dos óculos, mas agora percebo com clareza.

— Tudo bem — falo, porque preciso dizer alguma coisa. — Então isso é uma coisa romântica ou...?

Ele inclina a cabeça.

— Hein?

Eu levanto o cartão.

— Você e Elizabeth.

— Engraçadinha.

Ele pega o cartão da minha mão, sorrindo.

— Isso é um sim?

É bem estranho. Eu *não* sou assim. Quer dizer, sou assim com a minha família, mas não com garotos. Nunca tive uma conversa desse tipo com algum garoto antes, em que sou eu quem faz as piadas. Acho que gostei.

— A gente devia fingir que está trabalhando — comenta Reid de repente, olhando para trás.

Acompanho o olhar dele e vejo Deborah nos observando.

Ela sorri e acena, e sinto minhas bochechas ficarem quentes.

Droga. Pois é. Emprego. Trabalho.

— Podemos arrumar os produtos da seção de bebês outra vez — sugere Reid.

— Tudo bem.

— É que... — Ele baixa a voz, olhando de relance para Deborah novamente. — Nem sempre tem muita coisa para fazer aqui, sabe? Acho que depende do dia.

— Ah.

Vamos até a seção de bebês, que é basicamente o Pinterest ao vivo e a cores. O teto é coberto de bandeirinhas em tons pastel e de miniaturas de balões (não estão à venda) e bichos de pelúcia supermacios (à venda), e tudo é orgânico. Reid se vira para mim de repente.

— Mas você não vai pedir demissão, né?

— O quê?

— Eu não devia ter dito nada.

— Sobre não ter muita coisa para fazer aqui?

Ele morde o lábio.

— Eu adoro não trabalhar — falo.

E é verdade. Não fazer muita coisa é um dos meus passatempos preferidos, ao lado de estar cercada de potes de conserva estilosos e modernos, dar um toque vintage a mesas de centro e provocar garotos nerds sobre sua predileção por rainhas históricas.

— Ah, que bom.

Eu dou um sorriso.

— Porque eu estava prestes a subornar você com coelhinhos de chocolate — acrescenta ele.

— Ah, jura?

— Juro. Mas agora é tarde demais. Que pena.

Olho de cara feia para ele, e a covinha aparece. Ora, ora, parece que o Reid da Casa Lannister sabe fazer piada, afinal.

\* \* \*

Aí vai a parte engraçada: ao longo de todo o caminho para casa, repasso mentalmente a conversa com Reid, mas só percebo que estou fazendo isso quando passo pela porta.

Admito que é o tipo de coisa que uma pessoa faz quando identifica seu crush número vinte e sete. Hipoteticamente falando, claro.

Mas Reid não é um crush. Não sei como explicar, mas crushes são coisas bem particulares para mim. Como o número oito: Sean dos Cílios. Eu estava no oitavo ano, e era a penúltima noite do acampamento de verão. Estávamos assistindo a *Mais um verão americano* no chalé. Por coincidência (ou destino; pareceu destino), Sean se sentou do meu lado. Eu o achava incrivelmente fofo: meio baixinho, com cabelo escuro e espetado e olhos azuis brilhantes. E os cílios. Pelo menos setenta e cinco por cento do peso corporal de Sean era de cílios. Ele estava sentado em uma daquelas cadeiras de praia e, em determinado ponto, se inclinou para mim do nada e disse: “Esse filme é demais.”

Eu também adorava aquele filme, e, na época, aquilo pareceu ter um significado cósmico para mim.

Mal consegui respirar pelo restante do filme, e meus batimentos deviam estar nas alturas. Toda a minha energia mental foi direcionada para a tentativa de pensar em algo inteligente e despreocupado para dizer a ele — aquele garoto perfeito do qual eu não conseguia tirar os olhos há semanas, que agora estava milagrosamente sentado ao meu lado e que tinha, mais milagrosamente ainda, falado comigo. De repente fiquei paralisada. Minhas coxas pareciam enormes, e eu estava completamente ciente do elástico do meu short afundando nos pneus da minha barriga. Passou pela

minha cabeça que Sean (claro que eu já sabia o nome dele) não estaria falando comigo se soubesse do short, dos pneus e do elástico.

Então, só fiquei olhando para a tela, sem prestar a menor atenção no filme.

Quando a sessão acabou, Sean me cutucou e disse:

— Foi muito legal, né?

Eu sorri e assenti bem rápido.

Nunca mais troquei uma palavra com ele. Havia anos que eu não pensava em Sean, mas, enquanto subo a escada e vou para o meu quarto, seu rosto aparece vívido e bem nítido em minha mente. E essa imagem ainda faz meu coração disparar.

Molly Peskin-Suso: toda caidinha pela lembrança de garotos do oitavo ano. Não sou a pessoa mais bizarra do mundo? (Marque sim ou claro que sim.)

Eu me jogo na cama. Houve Sean. E Julian Portillo, o irmão mais velho da minha amiga Elena. O crush número onze: Julian dos Cafés da Manhã Experimentais. É a primeira coisa que me vem à memória: os cafés da manhã gourmet que ele fazia para mim e para a irmã quando eu dormia na casa deles. Por algum motivo, eu achava isso encantador, apesar de *não* ser o tipo de pessoa que faz experiências gastronômicas no café da manhã.

Julian era do terceiro ano quando Elena e eu estávamos no nono, e os pais deles eram de El Salvador. Os dois irmãos tinham covinhas gigantes nas bochechas, e Julian tinha uma gargalhada alta. Anotei em meu diário cada vez que ele falou comigo, o que era bem raro. Na verdade, eu é que perdia a habilidade de falar quando ele estava por perto, e acho que garotos fofos do terceiro ano não gostam de conversar com paredes de silêncio constrangedor na forma de garotas do nono ano. Julian acabou indo para Georgetown, Elena conseguiu uma bolsa em uma escola particular, e não faço a menor ideia do que os dois andam fazendo.

Acontece que, quando gosto de algum garoto, não consigo falar com ele. Não de verdade. Meu corpo me trai completamente. E é meio diferente com cada menino, então é difícil generalizar, mas, se eu tivesse que descrever a sensação que uma paixãoite provoca, diria o seguinte: você terminou de correr um quilômetro e precisa vomitar e está morrendo de fome, mas nenhuma comida parece apetitosa, e seu cérebro vira uma névoa e você também precisa fazer xixi. É *quase* insuportável. Mas eu gosto.

Mais do que gosto. Eu desejo.

Porque tem o enjoo e a névoa, mas também tem isto: um sentimento inabalável de que uma coisa maravilhosa está prestes a acontecer. Essa é a parte que não consigo explicar. Por mais improvável que seja, sempre tenho um fio de esperança. E, quando se trata de sentimentos, isso é bem perigoso.



CASSIE IRROMPE NO meu quarto às seis da manhã, sem bater.

— Ei, dorminhoca. Onde estão os materiais para os cordões de contas?

Olivia precisa relaxar.

Olho para ela, confusa.

— Agora?

— Ela já está vindo para cá. Evan fez alguma babaquice.

Ah. Vou confessar uma coisa: nunca entendi completamente o que Olivia viu no Evan Schulmeister. Não falo isso por inveja, só porque ela tem um namorado, e eu, não. Acho que Evan é um gosto adquirido que eu nunca consegui adquirir.

— Preciso me vestir?

Cassie ri.

— Para a Olivia?

Então vou ficar de pijama mesmo.

Vinte minutos depois, estamos sentadas de pernas cruzadas na varanda de casa, cercadas de revistas, papéis e tesouras. Minha visão ainda está embaçada de sono, mas sopra uma brisa fresca e agradável. Acho que o bairro todo ainda está dormindo.

— O que aquele imbecil fez desta vez? — pergunta Cassie.

— Ele não é imbecil.

Olivia pega uma conta e enfia no cordão.

Há anos eu e ela nos dedicamos a este projeto: nossos cordões de contas. O meu já está com três metros e talvez milhares de contas. Nós fazemos cada uma a partir de páginas de revista. Basta cortar triângulos de papel e enrolar bem enrolado em um canudo. Depois é só selar com cola e talvez uma camada de esmalte transparente. Então colocamos no cordão e fazemos tudo de novo. O meu tem uma espécie de dégradé com as cores do arco-íris, começando com vermelho, mas já estou no azul-anil, quase chegando ao violeta. Quando acabar, vou colocar ao redor do teto do meu quarto, como se fosse renda.

— Não é nada de mais — diz Olivia. — Foi só uma coisa que ele disse e que anda me incomodando.

— Nada de mais? — pergunta Cassie.

Olivia dá de ombros, passando cola em uma conta.

Cassie abre um sorrisinho sarcástico.

— Você me mandou mensagem às cinco e meia da manhã.

— Ai, desculpa. Sou muito ridícula.

— Olivia, você não é ridícula. — Cassie chega mais perto e dá um abraço nela. — Só não gosto de ver você triste.

— Não estou triste. É que...

Olivia observa a conta na palma da mão.

— Ficou bem bonita — falo.

— Obrigada. Mas enfim... Evan estava meio estranho. Ele me fez um monte de perguntas sobre depilação...

— O quê?

— Tipo, depilação completa.

— Hum. E?

Cassie ergue as sobrancelhas.

— Pois é. Foi meio do nada, e ele ficou dizendo que só tinha curiosidade, que queria saber como era, e depois de um tempo eu

perguntei: “Você está querendo me falar alguma coisa?” — Ela faz uma pausa para colocar a conta no cordão. — Então ele disse: “Não, claro que não, por que você acha isso?”

Cassie suspira.

— Meu Deus.

— Sei lá. — Olivia dá um sorriso tenso. — Acho que ele só estava curioso mesmo.

— Acho que ele quer é controlar sua vagina, isso sim.

— Ele não me pediu, tipo, para fazer depilação.

Cassie ri.

— Olha, eu diria que ele sugeriu com muita ênfase. Mas ele que se dane. Essa decisão não cabe a ele.

De repente me dou conta de que estou há cinco minutos encarando a mesma página de revista. E nem é uma da cor que procuro. Percebo também que estou um pouco irritada.

É que odeio esse tipo de conversa. Não é que depilação total seja um conceito estranho para mim, mas... bom, acho que é. É um desses hábitos femininos tão distantes do meu cotidiano que parece que sou de uma espécie diferente. Garotos exigem vaginas sem pelos? É algo que todo mundo sabe?

Claro que a revista que estou segurando me faz pensar que sim. Não que tenha uma grande vagina sem pelos na minha frente, mas a mulher na foto é uma daquelas modelos perfeitas com decote perfeito, sabe? Como elas conseguem que o espaço entre os seios fique assim? Tenho certeza de que um barco passaria tranquilamente entre meus peitos, de tão distantes que eles são um do outro. Eu tenho essa sensação de que meu corpo é secretamente todo errado, o que significa que qualquer garoto que suponha que sou normal vai surtar se chegarmos a ficar nus. *Opa. Não, nada disso. Propaganda enganosa.*

Por isso eu tenho pavor de nudez. Sou pior do que aquele personagem de *Arrested Development* que usa um short jeans até por baixo da roupa. Nem de short eu gosto.

— ... não concorda, Molly? — pergunta Cassie.

Ergo os olhos, confusa, e me dou conta de que as duas estão me encarando.

— Concordo — falo.

Deve ser a resposta segura. Cassie geralmente está certa.

— Ai, não sei. — Olivia balança a cabeça. — Eu não me importo de fazer nem nada. Só não quero que isso seja um problema. Odeio confrontos.

— É, está na cara.

Olivia dá um sorriso tímido.

— Como assim?

— Bom, você acabou de dizer que preferia que os pelos da sua vagina fossem arrancados a lidar com um confronto.

— Ah — diz ela. — Acho que sim.

— Quer dizer... não. Me dá seu telefone.

Cassie se estica para pegar o aparelho.

— Cassie!

— Você vai mandar uma mensagem para ele? — pergunto.

— Só estou dizendo para ele — ela começa a digitar — que Olivia se depilaria sem problemas se ele estivesse disposto a depilar o pintinho microscópico também...

— O QUÊ? — Furiosa, Olivia tenta pegar o celular. — Nem pense em enviar isso.

Cassie se apoia nos cotovelos, rindo.

— Quem odeia confronto agora, hein?

— Vai à merda — diz Olivia, sorrindo para o celular.

Na mesma hora, meu celular vibra no bolso.

Mensagem de texto de Olivia: **Amo minha vagina peluda!! Viva a vagina!! Vá depilar a bunda, pf, schulmeister.**

Dou uma risadinha e viro o celular para Olivia.

— Ops! Acho que essa mensagem era para o Evan. Devo encaminhar?

— Odeio vocês duas — diz Olivia, entre uma gargalhada e uma cara feia.

\* \* \*

Cansamos das contas depois de uma hora, mais ou menos. E, com isso, quero dizer que Cassie se cansa e começa a guardar as revistas nas bolsas de pano. Mas acho que a terapia das contas realmente ajudou. Quando Olivia vai embora, já voltou a ser aquela pessoa inabalável que todos conhecemos, mesmo que Cassie continue indignada com a situação.

— O que aconteceu? — pergunta Nadine quando entramos na sala. Ela está amamentando Xav no sofá.

Cassie se senta ao lado dela.

— Você nem imagina.

— Olivia está bem? Eu estava falando com a mãe dela. Parece que Olivia está pesquisando algumas faculdades de artes.

— Estávamos falando sobre algo bem diferente disso — retruca Cassie.

— Evan está sendo escroto de novo — falo, e Cassie sorri para mim como uma mãe orgulhosa. Deve ter sido por que falei *escroto*. Cassie adora palavrões.

— Schulmeister? — pergunta Nadine. — O que aquele merdinha fez agora?

Pensando bem, Nadine também adora palavrões.

Cassie conta a história toda, e dá para ver que Nadine ama cada momento. Acho que não tem nada na face da Terra que dê mais alegria a Nadine do que falar mal de Evan Schulmeister. Ela nunca gostou do

garoto, desde que ele perguntou se Cassie era mesmo homossexual ou se estava tentando emular nossas mães. Ele usou mesmo a palavra *emular*. Não quero nem me lembrar daquele momento constrangedor de silêncio.

Na verdade, quero. Foi bem incrível.

Mas minha mente fica voltando para o sentimento que me assolou hoje de manhã na varanda. Tem tanta coisa que não sei. E que todo mundo parece ter nascido sabendo. Coisas como depilação. E métodos contraceptivos. Sei a teoria, obviamente, mas como é na prática? Quem leva a camisinha? Qualquer um pode comprar? Posso comprar pela internet, para evitar qualquer interação humana? Mas, aieDeus, e se chegar um pacote aqui em casa com um *CAMISINHAS* bem grande impresso na caixa?

*CAMISINHAS! A/C MOLLY PERKIN-SUSO! AQUI ESTÁ SUA CAIXA GIGANTE DE CAMISINHAS. VEJA TAMBÉM: NOSSO KIT ECONÔMICO DE CAMISINHAS. Não deixe de nos dizer depois o que achou do produto.*

— Por que você está tão vermelha, Momo? — pergunta Nadine.

Opa. Vai com calma, Molly.

Acho que eu só devia me preocupar com isso depois de ter conseguido, sei lá, beijar um garoto.



NA QUARTA-FEIRA, POR alguma razão, vou parar no banco de trás do carro antigo porém imaculado de Mina.

— Não consigo acreditar que você tem um carro desses — comenta Cassie. — É tão legal.

— Era da minha avó — diz Mina.

— Nossa avó nem pode mais dirigir — retruca Cassie. — Porque atropelou uma pessoa.

Mina ofega, surpresa.

— Sério?

— Muito sério. Eu estava no carro também. Ela estava indo bem devagar, e o cara nem se machucou nem nada. Mas mesmo assim ela o xingou e o mandou ir para aquele lugar.

— Eu tenho que conhecer essa mulher — diz Mina, rindo.

— Ela vem nos visitar semana que vem — falo. — Você devia dar um pulo lá em casa.

— Tá, não — diz Cassie. — Mina não precisa conhecer a vovó. Não mesmo.

Ela sorri, e eu a observo, encolhida no banco do passageiro, o corpo todo virado para Mina. Ela parece uma flor inclinada na direção do sol.

— Molly, posso perguntar uma coisa? — diz Mina depois de um instante, os olhos procurando os meus no retrovisor.

— Claro.

— Cass me disse que você teve vinte e cinco crushes.

— Vinte e seis — corrige Cassie na mesma hora.

— Mas não ficou com nenhum dos caras? — pergunta Mina.

— Não — respondo, sentindo o formigamento habitual de vergonha.

A expressão de Mina é ao mesmo tempo curiosa e doce.

— Mas por quê? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Eu só nunca...

Eu me recosto no banco e estreito bem os olhos.

Tenho uma lembrança repentina do fundamental. Tinha uma mesa de garotos no refeitório, e eles faziam *uoooooooo* quando garotas bonitas passavam. Só que, quando eu passava, eles faziam um som de *fuééén*, como se estivessem decepcionados.

Eu me lembro de ter ficado em estado de choque, paralisada. Cassie começou a gritar com eles, e eu não conseguia respirar direito. Achei que estivesse morrendo.

Foi meu primeiro ataque de pânico.

Isso não entra na minha cabeça. Como as pessoas têm certeza de que seu amor será correspondido? Como isso automaticamente vira uma suposição?

— Bom, a verdade é que ela não dá uma chance para ninguém — explica Cassie. — Nem umazinha. E por isso Molly também nunca levou um fora.

— O que acho ótimo — falo.

Cassie ri.

Olho pela janela. Bethesda é muito diferente de Takoma Park. Tudo é mais tranquilo e sofisticado, e tem menos instalações artísticas nos jardins das pessoas. Mas é legal aqui. Algumas casas são bem grandes.

— De que tipo de caras você gosta? — pergunta Mina, reduzindo a velocidade ao avistar uma placa de PARE. — Tirando o Will.

Meu Deus. O Will Hipster. Eu nunca disse que gostava dele. Nem sei se gosto. Só o vi *uma vez*.

— Ah, ela gosta de todos os tipos de cara. Molly é uma máquina de crushes — diz Cassie. — Vamos ver. Noah Bates. Jacob Schneider. Jorge Gutierrez. Aquele tal Brent, da escola judaica. O cara dos cílios do acampamento. Josh Barker. Julian Portillo. O cara baixinho da aula de pré-cálculo. O estagiário. Vihaan Gupta. E o priminho da Olivia.

— Já falei: eu *não* sabia que ele tinha treze anos.

Minha irmã abre um sorriso.

— Ah, e Lin-Manuel Miranda. Esse é importante.

— Ahhh, é? — diz Mina, sorrindo para o espelho. — Eu também amo ele!

— É, mas, só para você saber, ele é o crush número vinte e seis e o mais recente, então isso pode acabar em briga.

Estico a mão e dou um soquinho em Cassie, talvez com mais força do que o necessário.

— Ou em duelo — acrescenta ela baixinho, e Mina cai na gargalhada.

Fecho os olhos de novo. Mina e Cassie estão murmurando baixinho agora. Sobre alguma coisa que não tem nada a ver com minha vida amorosa árida. Melhor assim. Deixo minha mente vagar, mas ela fica voltando para um único ponto.

*Molly nunca levou um fora.*

Eu nunca tinha pensado por esse ângulo. Mas é verdade. Nunca levei um fora. Não diretamente. Nunca dei a ninguém essa oportunidade.

Também nunca dei um fora em ninguém.

E talvez isso seja ainda mais estranho do que não ter beijado ninguém. No mínimo, tenho certeza de que essas coisas estão relacionadas. De alguma forma.

Cassie me cutuca de repente.

— Ei, chegamos.

Abro os olhos.

\* \* \*

A casa de Mina é daquelas de tijolinhos, com um jardim lindo na frente. Dá para ver que a posição de cada arbusto foi milimetricamente pensada. Mina estaciona, e Cassie e eu a seguimos até a porta. Os pais dela estão no trabalho.

Primeira impressão imediata: tudo na casa de Mina parece ter uma razão para estar lá. As paredes são brancas, com fotos emolduradas da família posicionadas de forma quase simétrica. As janelas são grandes e límpidas, e tudo no lugar parece ensolarado. Além disso, tem obras de arte para todo lado: quadros e esculturas e até lustres inusitados. Há também muitos animais, principalmente tigres, alguns realistas, mas a maioria estilizada. É a mistura perfeita de fofura e ousadia.

Minha vontade é botar essa casa toda em um dos meus painéis do Pinterest.

Um quadro no corredor chama minha atenção; talvez seja meu favorito até agora.

— Seus pais devem amar muito tigres — comento.

— Ah, é uma coisa coreana — diz Mina.

— Ah, caramba, desculpa.

— Pelo quê?

— Isso é muito lindo — interrompe Cassie.

Ela bate na beirada de um quadro de lona com uma foto de Mina em uma fazenda dando um abraço esmagador em um bode.

— Ai, meu Deus — diz Mina.

— Adorei.

Cassie chega um pouco mais perto. Os dedos delas quase se tocam.  
Quase.

Já vi tudo.

Mina pigarreia.

— Hum. Os garotos estão vindo, mas podemos ir para o porão. Vou deixar a porta aberta para eles.

— Os garotos?

Ela me dá um sorriso ao mesmo tempo aflito e sábio.

— Will e Max.

— Ah.

Fico vermelha.

Seguimos Mina escada abaixo. O porão é enorme. Acho que não há porões assim em Takoma Park. Ela nos mostra tudo, é praticamente outro andar da casa. Tem uma suíte, uma minicozinha e uma sauna de verdade. A sala principal tem uma televisão de tela plana gigante e os sofás de brim mais macios em que minha bunda já se sentou. Não quero me levantar nunca mais.

— Querem alguma coisa para beber?

Mina coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e ajeita os óculos, parecendo um pouco nervosa. Talvez ela esteja constrangida por nos receber em sua casa.

Nós duas recusamos, e Mina se senta no braço do sofá de dois lugares, ao lado de Cassie. Então um silêncio prolongado se instala na sala.

Respiro daquele jeito profundo e purificador que Patty adora: inspirar lentamente pelo nariz, expirar controladamente pela boca. Acho que é para ajudar no parto, mas está me ajudando agora.

Objetivo: não ser esquisita e desajeitada.

— E de onde você conhece Will e Max? — pergunta Cassie. — Eles são ex, ou...?

— Nossa, não. Não mesmo. Conheço os dois desde sempre.

— Tipo a gente e a Olivia — falo.

— Ah, é! É a garota alta de cabelo azul, certo? Bonita, cheia de curvas?

— Essa mesmo — confirma Cassie, mas não consigo evitar uma careta.

Sim, Olivia tem curvas, e Mina não falou nada de mais. Sei que não foi um insulto, mas odeio quando as pessoas falam sobre corpos. Porque, se Mina acha que o corpo de Olivia é claramente cheio de curvas, eu gostaria de saber o que acha do meu.

Não. Na verdade, eu não gostaria de saber.

— Ah, por falar nisso, Olivia pediu desculpa por não ter vindo. Ela está trabalhando — diz Cassie

— Onde ela trabalha?

— Em um ateliê, pintando cerâmica. A cara da Olivia — diz Cassie, e Mina assente.

Ao longe, ouço a porta da frente se abrir e alguém gritar:

— Olá?

— Estamos no porão! — grita Mina.

A porta se fecha, e ouço passos na escada. A ideia de ver esses dois garotos de novo me deixa bem nervosa. Não por ter uma paixonite pelo Will, e sim porque eles são tão descolados, e de um jeito tão inacessível. Quando eles entram na sala, isso se confirma imediatamente. Tem alguma coisa neles que parece *certa*, como se eles estivessem nos corpos certos. Max é um pouco musculoso, mas de uma forma sutil, e a franja de personagem de anime está bem bonita hoje. Acho. E Will parece ter nascido dentro de uma loja American Apparel. Ele está usando uma camiseta velha e calça jeans, e ainda assim parece estupidamente perfeito. Acho que é isso que eu quero: parecer estupidamente perfeita de camiseta.

Ah, e ele está segurando uma cerveja.

Tem uma almofada ao meu lado, que eu pego e abraço com força.

— Vocês se lembram uns dos outros, né? Will Haley, Max McCone... e essas são Cassie e Molly Peskin-Suso.

— Como? — pergunta Will.

— Tem hífen — diz Cassie. Ela olha para eles. — Vocês trouxeram cerveja?

— Nós roubamos — diz Will. Acho que devo parecer escandalizada, porque ele se vira para mim e pisca. — Ali de cima. O pai de Mina tem um freezer cheio de cerveja na garagem.

— Não creio que seus pais deixam você pegar cerveja quando quer.

— Também não é assim. Mas meu pai é muito desatento, então...

— Quero pais desatentos com uma geladeira cheia de cerveja. — Cassie suspira. Mina sorri.

— Na verdade, é uma geladeira só para *kimchi* — explica ela.

— E toda a comida normal fica na cozinha — acrescenta Max.

— Ah, é? — pergunta Mina. — Pode me explicar por que *kimchi* não é comida normal?

— Max é o equivalente verbal de um touro em uma loja de porcelana — explica Will, se acomodando ao meu lado.

Não consigo resistir e dou uma espiada nele: o cabelo ruivo desgrenhado, os olhos azuis sonolentos. Ele se recosta no sofá e se espreguiça, e a camiseta sobe, expondo a barriga, pálida e lisa, coberta de pelos claros. Preciso parar de ficar vermelha. Principalmente porque Max e Will agora estão se entreolhando de um jeito bastante significativo.

Se for um olhar que quer dizer algo sobre mim, vou morrer. *Olha que engraçado a garota gorducha e triste encantada com nossa beleza hipster.*

Sério, vou morrer.

Devo estar paranoica, mas agora não consigo parar de pensar nisso. Às vezes fico presa nesse ciclo de delírios, chego até a desenvolver contra-argumentos na cabeça. *Na verdade, cavalheiros, estou intrigada, não encantada. E sofro de ansiedade, não de tristeza. E, se vocês se consideram tão hipsters assim, tenho uma notícia: vocês não são.*

É claro que talvez eles só tenham trocado olhares por causa da cerveja.

Cassie se senta ereta.

— Will, eu soube que você é artista.

— Ah, eu tiro umas fotos.

— Tá valendo. — Cassie sorri. — Molly também é meio artística.

Ai, meu Deus.

— Ah, que legal. O que você faz?

Will escorrega do sofá e se senta no tapete, de pernas cruzadas, sorrindo para mim. Eu me sinto como uma professora de jardim de infância. Se criancinhas do jardim de infância tomassem cerveja.

— Como assim? — pergunto.

— Que tipo de arte?

Balanço a cabeça.

— Ah, não é bem arte. Só artesanato mesmo.

— Ela faz bijuterias — explica Mina.

Tá, elas têm que parar com isso. Está ficando vergonhoso. *EI, WILL, VEJA TODAS ESSAS COISAS QUE MOLLY TEM EM COMUM COM VOCÊ. SÓ QUE ELA NÃO TEM NADA EM COMUM COM VOCÊ. ELA SÓ ACHA VOCÊ LINDO.*

— Isso não é arte — murmuro, escondendo o rosto na almofada.

— No mês passado ela fez uma festa para o nosso irmãozinho que parecia ter saído do Pinterest — diz Cassie. — Ficou tão fofo. Ela também faz toda a decoração das nossas festas de aniversário. E fez os centros de mesa do nosso bnot-mitzvá.

— Isso é tipo um bat-mitzvá? — pergunta Mina.

— É, um bat-mitzvá duplo. Ou, no nosso caso, um blergh-mitzvá.

Mina ri.

— O quê?

— Ah, quero ouvir essa história — diz Will.

Cassie olha para mim, repentinamente constrangida, como se tivesse acabado de perceber que compartilhar os detalhes do meu passado

vomitoso talvez não seja lá muito bom. Alguma coisa me diz que Will não vai achar isso excitante.

Mas é tarde demais. Ele está olhando para ela, intrigado.

— Molly, quer contar?

— Nem pensar.

Abraço os joelhos.

Cassie dá de ombros.

— Então, a gente está na bimá, e o rabino está segurando a Torá. E Molly e eu temos que desenrolá-la e abrir tudo.

— Opa — diz Will, e ele e Max sorriem um para o outro.

— O quê?

— Vocês têm que *abrir tudo*?

— Ai, meu Deus, parem. — Mina balança a cabeça. — Isso é ofensivo.

— Só estou perguntando!

— Então — diz Cassie —, o rabino começa a tirar a placa da frente e outros ornamentos de cima da Torá, e Molly está ali parada, branca que nem cera, parecia o... Como é o nome dele? O vampiro.

— Edward Cullen — falo.

— Isso. Edward. E eu estou sussurrando: “Molly, a gente tem que abrir a Torá.” E ela diz: “Não estou me sentindo bem.”

— Ah, não — diz Mina, a mão no coração.

— Mas eu não dei bola, só pensei: *Tudo bem, é nosso bat-mitzvá, você vai ter que aguentar*. E então eu entrego o ponteiro para ela...

Eu me lembro perfeitamente disso: de como a ponta do yad lembrava uma mão, com um indicador metálico pequenininho. Eu achava o yad uma graça, mas, quando Cassie o esticou na minha direção, pareceu uma acusação. VOCÊ, MOLLY, VOCÊ. Nunca vou esquecer a sensação repentina da bile subindo pela minha garganta, da onda gigante se formando no meu estômago.

— E aí ela faz... — Cassie coloca a mão na barriga e faz sons de ânsia de vômito. — E sai correndo dali. Desce a escada, sai pela porta lateral, todo mundo com cara de *que merda*. Silêncio total. E então, ouvimos uns sons insanos de vômito por uns vinte minutos.

— Tá, não foram vinte minutos.

Isso aí. É assim que Cassie vai convencer Will a sair comigo.

— Foram vinte minutos — repetiu ela. — E, no começo, a gente ficou pensando: *Merda, ela vomitou no saguão da sinagoga*. Porque dava para ouvir tudo.

— Ai, meu Deus — diz Mina.

— Mas aí... — Cassie levanta um dedo. — Eu lembrei. — Ela bate na clavícula. — Nós estávamos com microfones.

— Não. Ah, Molly. — Mina olha para mim. — Nossa. Isso é tão... Desculpa, mas posso abraçar você?

Eu faço que sim, e ela desce do braço do sofá e realmente me dá um abraço.

— Tadinha — diz ela. — Que coisa horrível.

— E aí eu cantei toda a minha porção da Torá sem errar uma única sílaba — anuncia Cassie, cheia de si.

— Parabéns — falo, revirando os olhos.

— Sabe o que eu adoro em vocês, judeus? — diz Max.

Ele fica tão diferente quando sorri. Seu rosto se ilumina todo.

Mina olha para o amigo de rabo de olho.

— O quê?

— Adoro que vocês fazem seu bar-mitzvá na frente dos pais, dos avós, de todo mundo, e, tipo, é a versão judaica de “se tornar mulher”. — Ele se inclina para a frente, sorrindo. — Mas, na *minha* religião...

— Você não é religioso — retruca Mina.

— Na *minha* religião — repete ele, enfaticamente — você se torna mulher ao... — Ele forma um O com a mão esquerda e enfia o indicador

direito várias vezes no buraco.

— Nossa, Max. Já chega. Estou falando sério.

Mina se levanta.

— É, isso é bem problemático — diz Cassie calmamente.

— Sério? — Max parece magoado. — Por que isso é problemático? A coisa judaica?

— Hum, vamos começar pela insinuação de que se tornar mulher tem alguma coisa a ver com você ter feito sexo ou não — diz Cassie.

Tenho que admitir, minha irmã é incrível. Ela não se deixa intimidar pelas pessoas. Queria ser assim.

— Caramba, gente. Tá bom. Só estava brincando.

Max suspira.

— E, quer saber? Estou cansada dessa construção da “virgindade”. — Cassie faz aspas no ar. — E tenho certeza de que você acha que isso só se aplica a sexo hétero e com penetração.

— Você acha que uma pessoa pode perder a virgindade com sexo oral?

— Acho — responde Cassie.

— Max, sério.

Mina o fuzila com o olhar.

— Tá, mas você não acha que depende do casal? — intervém Will. — É uma coisa que depende de cada caso. Tipo, se oral for o ápice para um casal em particular, tudo bem. Mas, se forem um cara e uma garota héteros, a penetração é importante.

— Mas por quê? — Cassie se inclina para a frente. — Por que isso poderia ser considerado mais íntimo do que o sexo oral? Por que você pode decidir o que torna uma coisa íntima?

Eu me recosto no sofá e cruzo as pernas. É ainda pior do que a conversa sobre depilação. Eu me sinto tão perdida. Sei lá. Não é o tipo de conversa sobre sexo com a qual estou acostumada. Esses conceitos não são novos para mim, não é isso. Patty é parteira e é bem específica sobre essas coisas,

mas em geral ela aborda questões informativas estritamente maternas. E quando Abby fala sobre sexo, foca na parte sentimental da coisa, não em orifícios. Mas sinto que hoje estamos obcecados com os orifícios.

Will me cutuca.

— O que você acha?

E a sala fica em silêncio. Pelo menos, é a sensação que tenho.

Mal sabe ele que sou a última pessoa que devia ser consultada sobre esse assunto. Sou praticamente o maior ícone de pureza adolescente a existir fora de um filme do Judd Apatow. Sério, a única penetração na minha vida tem a ver com cordões e contas de papel.

Para ser sincera, sou a rainha Elizabeth I, a Rainha Virgem. E acho que sei como ela lidaria com essa conversa. Ela observaria. E ficaria em silêncio.

É claro que Elizabeth I provavelmente não tinha uma sala cheia de deuses hipsters do sexo olhando para ela.

— Acho que as pessoas têm essa mentalidade de que o sexo só é real se houver um pênis em jogo — diz Cassie por fim.

— Nossa, sim! — Mina suspira. — Obrigada. Era isso que eu estava tentando dizer.

Ela e Cassie sorriem uma para a outra.

— A propósito — anuncia Will em voz alta —, vou pegar outra cerveja.

Ele se levanta do tapete, e Mina murmura alguma coisa baixinho para Cassie, que ri e sussurra algo para Mina. E, por um minuto, fico ali sentada, na frente de Max, que olha para mim por um instante e decide que o celular é mais interessante do que interagir comigo. Talvez ele seja um daqueles caras que só querem fazer amizade com garotas bonitas (ver também: caras que usam chapéu fedora) (ver também: caras que dizem: “NADA DE GORDAS”).

Mas talvez eu seja muito sensível. Cassie me diz isso com frequência.

Eu me sinto um pouco melhor quando Will volta a se sentar ao meu lado no sofá, os lábios no gargalo da garrafa de cerveja, como se a estivesse beijando. Ele toma um gole rápido e se vira para mim.

— E você, já pensou em tirar fotografias?

— Ah. Hã. Na verdade, não.

— Molly, você devia! — exclama Cassie. — Vocês podiam fazer um projeto juntos, sei lá.

Francamente.

Estou enjoada. De verdade. Minha irmã é a pessoa menos sutil do planeta. Isso é muito pior do que a história do blergh-mitzvá. Nem ligo para essa história, mas isso...

Ele vai pensar que quero ficar com ele. Que estou gostando dele. Que estou obcecada por ele.

E lamento, mas tem um motivo para eu ser tão cautelosa. Garotos como Will não gostam de garotas como eu. E, se descobrem que gostamos deles, são sempre cruéis. Sempre.

Preciso respirar. Puxar o ar pelo nariz. Soltar pela boca.

— Gente, vocês têm que ouvir o novo álbum da Florence + The Machine — diz Mina. — Tenho lá em cima, no meu laptop. É muito bom.

Max levanta o rosto de repente e diz para Will:

— Cara, temos que ir. Vamos.

— Ué, por quê? Quero ouvir Florence.

— Tenho certeza de que tem no YouTube — diz Max. — E como você volta de carona comigo...

— Você é um babaca, McCone.

Max balança a chave... e então, para minha surpresa, ele se vira para mim com um daqueles sorrisos que iluminam o rosto.

— Precisa de carona até o metrô, Molly?

Talvez eu estivesse errada sobre o fedora e o “nada de gordas”.

— Hã. Preciso. Obrigada. — Olho para Cassie. — Cass, vamos?

Há uma pausa.

— Hã. Acho que vou ficar e ouvir a Florence. Tudo bem?

Sinto uma pontadinha no peito.

— Claro! Tudo bem. — Hesito. — Você quer que eu fique, ou...?

— Não, não, sem problemas — responde Cassie depressa. — Pode ir.

Mina assente.

— Posso levar Cassie depois.

*Ah.*

Acho que é assim que acontece.

— Ótimo! — falo, tentando parecer casual.

De repente, sinto uma pressão atrás dos olhos, mas deve ser só entusiasmo ou adrenalina, porque não sou babaca. Não mesmo. Se minha irmã quer realmente ficar com essa garota, eu fico feliz que tudo esteja acontecendo como o planejado. E se isso significa que vou ter que ficar em um carro com dois garotos bonitos, tudo bem.

Eu devia estar empolgada com isso, certo? Não um. DOIS. Dois garotos hipsters e gatos.

Max sobe a escada na frente, e já sei como vai ser o trajeto. Eles vão ficar fazendo brincadeirinhas e piadas internas, agindo como os velhos amigos cheios de intimidade que são. E eu vou mergulhar na timidez. Vou ser o cubo de gelo. Will não está exatamente bêbado, mas está meio altinho e alegre. Xinga Max por fazê-lo ir embora, mas dá para ver que não está irritado. E Max só parece achar graça de tudo.

— E para onde é que você tem que ir com essa urgência toda? — pergunta Will, se acomodando no banco do passageiro.

Eu me sento atrás e fecho a porta sem fazer barulho. Parte de mim se pergunta se eles lembram que estou aqui.

— Cinto de segurança — avisa Max. Will coloca o dele. — Se vocês não botarem o cinto, a gente não vai sair do lugar — explica Max, se

virando para mim.

Mostro a ele que estou de cinto. É meio engraçado e fofo, na verdade. Max é a última pessoa que eu esperaria que se preocupasse com essas coisas. Não sei se o entendo. E definitivamente não entendo esses dois juntos. Primeiro, achei que Will fosse o alfa da dupla, porque ele é falante e extrovertido, mas agora não sei. Max é um cara intenso. Ele me deixa meio nervosa.

— Você não respondeu à minha pergunta — diz Will, cutucando o braço de Max.

— Eu não tenho que ir a lugar nenhum. Só estou seguindo ordens.

Ele passa o celular para Will.

— Ah, claro — diz ele.

Max ri. E sinto que estou de fora.

— Elas estão... ficando? — pergunto, hesitante.

— Bom, Mina pediu que a gente fosse embora, então... — diz Max. Ele liga o carro e olha para mim pelo retrovisor. — Na linha vermelha fica bom para você?

— Fica ótimo. Obrigada.

Minha cabeça está girando um pouco.

Então Mina planejou tudo isso. Deve ter mandado mensagem para Max quando estávamos todos juntos na sala. E agora os garotos e eu fomos despachados.

Ela e Cassie devem estar se beijando agora. Agora mesmo.

E, como não sou babaca, estou extremamente animada.



E AGORA CASSIE está cheia de mistérios, o que é bem esquisito.

Sempre que fica com alguém, ela sai contando todos os detalhes. Talvez isso seja horrível, mas é parte do processo de envolvimento para ela. Ela me disse certa vez que um beijo não é beijo enquanto ela não me contar. Especificamente para mim.

Eu adorei ouvir isso.

E acho que sou igual com meus crushes. Falar sobre eles com Cassie os torna reais.

Mas tem algo acontecendo, e juro que não estou imaginando coisas. Desde quarta, parece que tem uma luz emanando dela; ela fica sorrindo do nada e ouve aquele disco da Florence sem parar. Mas não tocou no nome de Mina. Nenhuma vez sequer. E parece errado pedir detalhes. Nunca precisei perguntar nada antes.

Acordo na sexta com o rosto de Cassie me encarando.

— Ai, meu Deus! — falo, me sentando abruptamente.

— Acorda. Vamos preparar o café da manhã.

Esfrego os olhos e tiro a franja do rosto.

— Só um segundo.

Ela conta até um. Se não fosse minha irmã gêmea, eu juraria que estava diante de uma criança de nove anos.

Nunca a vi tão radiante. O cabelo está preso em um coque desleixado, e ela está usando uma calça de pijama rosa. É a cara da Abby ficar nesse estado animado e vibrante, mas é estranho ver Cassie assim.

Eu a sigo até a cozinha, tentando não fazer barulho enquanto desço a escada. Nossa casa deve ter uns cento e dois anos e, quando você está tentando não acordar suas mães, pode ser uma armadilha gigantesca. Portas que rangem, escadas que rangem, tudo range... e um irmãozinho que não gosta de dormir com uma audição sobrenatural.

Cassie cozinha muito mal, então eu assumo o comando. Tenho que admitir: gosto de ser indispensável. Ela liga o celular na nossa caixa de som, e ali está aquele disco da Florence + The Machine de novo.

Ainda nada sobre Mina.

Cassie só fica abrindo e fechando armários, indo da cozinha para a sala de jantar, arrumando pratos e dobrando guardanapos, tudo em um torpor de felicidade. Está cedo demais, eu sei, e talvez ela esteja atordoada por causa disso, mas mesmo assim. Ela não devia esconder isso de mim. É uma violação de todos os códigos de conduta entre gêmeos.

Estou prestes a engolir o orgulho e me tornar, como Abby diz, a “Mademoiselle Xereta”, quando Xavier estraga tudo ao acordar em uma explosão histérica de sons ininteligíveis. O quarto das nossas mães fica bem em cima da sala de jantar, então ouvimos passos, murmúrios e a porta do banheiro batendo. Nadine sempre começa o dia amamentando Xav, então Patty é a primeira a descer.

E é engraçado: Patty está com o mesmo olhar vidrado de Cassie. Por um momento, me pergunto se Cassie conversou com ela primeiro. Mas ela não faria isso. Nunca. Sou a pessoa com quem Cassie fala sobre garotas. Sou a pessoa com quem Cassie fala sobre tudo.

Eu acho.

— Que cheiro maravilhoso — diz Patty, alisando meu cabelo.

Nadine aparece com Xavier logo depois.

— Minha nossa senhora da delícia. O que é isso?

— Prova de que temos as melhores filhas do universo.

Nadine entrega Xavier para Patty, sorrindo.

— Então vocês viram as notícias!

Cassie e eu nos entreolhamos.

— Não... — falo.

— O quê? — grita Nadine. — Vocês são as adolescentes da casa. Vão pesquisar na internet *agora*.

Ela está com um sorriso de orelha a orelha, e é impossível não sorrir também. Tem alguma coisa acontecendo. Cassie já está olhando o celular e dá um grito de surpresa.

Meu celular está carregando na tomada. Eu puxo o fio e desbloqueio a tela.

— Em que site olho?

— Em qualquer um.

Patty sorri.

— Olha no Facebook! — exclama Cassie.

Clico no aplicativo do Facebook e sinto o coração pular. Ao deslizar pela tela, só vejo arcos-íris. Todas as pessoas — todas mesmo — estão falando sobre a mesma coisa.

— Isso é verdade? — pergunto baixinho.

— É! — Nadine sorri para mim do outro lado da mesa. — *Incrível*, né?

Eu sabia que a Suprema Corte votaria sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas por alguma razão essa informação se perdeu em minha mente. Acho que eu não esperava que fosse aprovado.

Mas... acredite se quiser. Foi aprovado.

— Foi legalizado em todo o país. Não estou acreditando.

— Pois é! — diz Patty. Ela olha para Nadine. — Então, na verdade, temos uma novidade.

— Ai, meu Deus — diz Cassie, entrelaçando as mãos.

Patty e Nadine se entreolham de novo e, ao sorrirem uma para a outra, parecem ter a nossa idade. De repente, quase consigo visualizar como elas deviam ser quando se conheceram, anos atrás, quando Patty era mestranda em Maryland e Nadine era universitária. É bizarro pensar nisso. Não tem nada mais estranho do que imaginar seus pais se apaixonando. Mas Patty e Nadine só continuam sorrindo uma para a outra.

— Nós vamos nos casar — anuncia Nadine.

— NÃO ACREDITO!

Cassie dá um pulo, sorrindo tanto que acho que a cara dela vai se partir ao meio.

— Vocês vão se casar? — pergunto, com um nó na garganta.

Olho para Patty, e o rosto dela está quase todo afundado no cabelo de Xavier. Acho que está prestes a chorar.

— E queremos que vocês sejam nossas damas de honra — acrescenta Nadine.

— Uau! — diz Cassie. — Ai, meu Deus, isso é demais. Vai ter festa?

— A festa de casamento mais épica e sensacional de todos os tempos — explica Nadine. — Momo, você é nossa decoradora oficial, certo?

— Já escolheram uma data? — pergunta Cassie. — Onde vai ser?

— No verão. No quintal. Sei lá. Só sei que a gente vai fazer isso. — Nadine bate palmas. — *Finalmente.*

— Finalmente — concordo.

É engraçado. Eu não achava que elas se casariam um dia, talvez porque em Maryland o casamento gay tenha sido legalizado há dois anos. Mas Nadine estava grávida na época, e Patty ia mudar de emprego, então elas nem tocaram no assunto.

— Vocês topam serem as damas? É uma grande responsabilidade — diz Nadine. — Porque estou avisando agora: nós vamos ser as noivas mais incríveis e histéricas que já viram.

— As noivas mais sensacionais e exigentes da face da Terra — completa Patty.

— Ai, estou tão empolgada! — comenta Cassie. — Suas filhas bastardas estão muito felizes por vocês.

— Cassie! Nós não vamos mais ser bastardas — brinco.

— Own, vocês sempre vão ser nossas bastardas.

— Agora eu não quero mais ir trabalhar! — falo. — Temos que comemorar.

— Que nada, vá trabalhar, sim. Você tem que ganhar seu dinheiro. E hoje à noite vamos jantar todos juntos — diz Nadine.

— Eu vou com você — declara Cassie.

Deixo escapar um sorriso. Talvez ela esteja prestes a me contar tudo. Talvez as coisas estejam normais, afinal.

Talvez estejam melhores do que o normal.

\* \* \*

Faz um dia lindo lá fora. O verão ainda não chegou pra valer, só está ensolarado e com algumas nuvens em formato de bola de algodão. Está cedo, mas muita gente já acordou. Vejo nosso vizinho da frente pendurando uma bandeira de arco-íris gigante e, mais à frente, alguém tocando “Uptown Funk”. Parece feriado.

— Você também está muito empolgada? — pergunta Cassie, praticamente dançando na rua. — Porque eu estou.

— Eu também!

— Não achei que fosse ligar muito para isso, porque para mim elas sempre foram um casal. Mas estou feliz, sabe?

Dou uma risadinha e concordo.

— Foi uma semana muito incrível — diz ela, suspirando.

Parece que uma porta se abriu.

— Por falar nisso... — começo.

Sinto minha boca se curvando para cima em um sorriso.

— Humm. — Ela está sorrindo também.

— Só estou falando. Eu adoraria saber mais sobre algumas das outras coisas incríveis que aconteceram esta semana.

Ela ri.

— É...

E não diz mais nada.

Dou uma cutucadinha nela com o cotovelo e finalmente falo:

— Você não vai mesmo me contar o que rolou com a Mina?

— Com a Mina? — pergunta ela, com a maior calma do mundo.

Com a maior calma do mundo, da galáxia, do universo.

E agora estou confusa. Pode ser que eu tenha interpretado tudo errado. Talvez Cassie e Mina não tenham ficado. Talvez eu seja babaca por supor que ficaram. Como se garotas que gostam de garotas não pudessem ser amigas sem se apaixonarem uma pela outra.

Mas é que pareceu que elas estavam se apaixonando.

— Se você estivesse apaixonada, me diria, não é?

— Apaixonada? — Ela ri de novo. — Hã, talvez você esteja indo com muita pressa...?

Olho para ela. Cassie franze o nariz e sorri para mim, e não consigo deixar de sorrir para ela.

— Eu só gosto de viver indiretamente através de você — falo.

— Mas é o começo de uma nova era — retruca ela. — Agora, nós vivemos indiretamente através de Nadine e de Patty.

— Isso é esquisito e triste.

— Mas elas vão *se casar*. — Cassie suspira de novo. — É a coisa mais sensacional que já aconteceu com a gente.

\* \* \*

Quando chego ao trabalho, tem uma energia contagiante no ar, embora a loja ainda esteja fechada. Deborah e Ari estão totalmente pilhados.

— Molly! — chama Deborah mais alto que a música, que está talvez três vezes mais alta que o habitual. — Venha até aqui! Você ouviu a notícia, né?

Ela está encostada ao lado da registradora, os braços apoiados no balcão, sorrindo de orelha a orelha.

Sinto um quentinho na barriga, uma sensação aconchegante e agradável. Amo esse dia e amo esse emprego. E Reid deve chegar a qualquer minuto.

— Ótima notícia, não é? — diz Ari quando me aproximo.

— É! — Dou um sorriso para eles. — Minhas mães ficaram noivas.

— Ah, querida, que maravilha! Eu nem sabia... caramba. Você devia tirar o resto do dia para comemorar.

Deborah aperta minha mão.

— Não, tudo bem. Gosto de ficar aqui!

— Você não existe, menina. Tem certeza?

— Claro — respondo, assentindo.

Deborah sorri.

— Bom, isso seria ótimo. Reid tem consulta no oftalmologista, então vamos precisar de você.

Eu me sinto estranhamente desanimada, mas Deborah e Ari me encarregam da arrumação com as cores do arco-íris na frente da loja, que é a tarefa mais legal que poderiam me passar. Tiro coisas de outros ambientes e coloco em um contexto totalmente diferente: uma chaleira vintage vermelha, uma coruja de cerâmica laranja, uma toalha de mesa amarela, potes de conserva verdes, um porta-retratos azul e (claro) um macacão berinjela da seção de bebês.

— Falando sério, Molly. Você tem um olho e tanto para isso. Suas mães recrutaram você para decorar o casamento?

Eu dou uma risada.

— Recrutaram.

— Mulheres espertas — diz ela. — Me avise se houver alguma coisa na loja que elas possam usar. Ou você pode passar lá em casa e eu posso ajudar você a fazer algumas coisas. Desde que não seja alérgica a gatos.

— Eu adoro gatos!

Deborah ri.

— Bom, nós temos cinco.

O que significa que Reid tem cinco gatos. Por algum motivo, não fico surpresa ao ouvir isso.

Tudo bem, talvez seja aleatório, mas eu já tive uma paixão por um cara por motivos relacionados a gatos. O crush número vinte: Vihaan, o Contrabandista Lindo. Ele era um cara trans do Grupo de Diversidade ao qual eu ia com Cassie e andava para cima e para baixo com um moletom. Nunca pensei no motivo, mas, certo dia, vi uma gatinha no bolso da frente do casaco. Vihaan passava o dia carregando a gatinha ali, e os professores nunca repararam.

Mas, quando me viu olhando, ele tirou a gatinha do bolso e a colocou nos meus braços. Nossas mãos se tocaram, e ele olhou para mim com aqueles olhos castanhos reluzentes, como se fosse uma piada que só nós dois tivéssemos entendido.

Seus olhos eram muito lindos e inesquecíveis.

ENTÃO. Eu falei que amo gatos?

Passo o restante da manhã empilhando e arrumando pratos de cerâmica e velas aromáticas e pensando em casamentos. Tem mesmo uma atmosfera sonhadora no dia de hoje. Até nossos clientes parecem mais românticos. Estão todos de mãos dadas. Parece uma arca de Noé com o filtro Valencia do Instagram.

E isso é lindo.

Só que... às vezes sinto como se fosse a última pessoa sozinha no mundo. Como se talvez não houvesse sete bilhões e meio de pessoas. Talvez haja sete bilhões e meio e uma.

Eu sou essa uma.

Se bem que tenho uma teoria. Uma teoria meio bizarra. Mas está atormentando meu cérebro desde o dia em que Mina e Cassie ficaram. Ou não ficaram.

Vai parecer estranho, mas acho que preciso levar um fora.

Acho que preciso levar um fora do mesmo jeito que preciso tomar a vacina da gripe. Ou como naqueles tratamentos de choque em que os terapeutas fazem com que você segure cobras até não ter mais medo delas.

Nem sei se isso faz sentido.

Mas passo muito tempo pensando em amor e beijos e namorados e todas as outras coisas para as quais as feministas não tinham que dar muita bola. E eu *sou* feminista. Mas não sei. Tenho dezessete anos e só quero saber como é beijar alguém.

Acho que não sou impossível de amar, mas fico me perguntando: *qual é o meu problema?*

Minhas mães vão se casar. Minha irmã talvez esteja ficando secretamente com uma pessoa. Abby se mudou para a Geórgia e em poucos meses arrumou um namorado fofo que toca guitarra. Até Olivia e Evan Schulmeister deram certo. Eles se conheceram na enfermaria do acampamento. Ela estava com conjuntivite e *mesmo assim* conseguiu arranjar um namorado.

E todos esses casais andando pela loja agora... os caras de mãos dadas enquanto folheiam livros de receitas. O casal de avós pedindo a Ari recomendações na seção de bebês. Não são todos beldades com barriga tanquinho. São pessoas normais.

Mas parece que não consigo chegar lá.

Não consigo deixar este pensamento de lado: tive vinte e seis crushes, sendo que vinte e cinco não eram o Lin-Manuel Miranda. Vinte e três eram da minha idade, reais, viáveis. Dezoito eram solteiros e héteros na época em que fiquei a fim deles.

E eu nunca tentei. Nem com os que vieram falar comigo ou me deram uma brecha.

Então talvez eu devesse deixar meu coração se partir, só para provar que ele pode aguentar o tranco. Ou, no mínimo, preciso parar de ser tão cautelosa.



AO LONGO DE todo o caminho para casa, fico sem ar só de pensar no assunto.

*Operação menos cautelosa.*

*Operação parar de me preocupar com levar um fora.*

*Operação é bom para mim.*

Não consigo decidir se devo contar a Cassie sobre minha revelação, embora não ache que isso vá mudar alguma coisa. Ela vai continuar me empurrando para o Will Hipster e, para o meu desespero, não vai ser nada sutil.

Acho que a única diferença é que vou entrar na dança.

Ouçõ Nadine e Cassie mexendo em coisas na cozinha, rindo, murmurando e abrindo gavetas. Acho que Nadine falou sério sobre o jantar de hoje. Normalmente nós jantamos juntos, mas, de tempos em tempos, tem um Jantar de Família, e isso inclui guardanapos de pano e refeições planejadas com antecedência. A maioria das pessoas deve ir a restaurantes nesse tipo de ocasião, mas desde que Xavier nasceu não temos feito isso com frequência.

Desço para ajudar. Nadine está na cozinha borrifando suco em um frango, e Cassie está mexendo alguma coisa em uma tigela. Arrumo a mesa e nós todas nos sentamos. Nadine ergue uma taça de champanhe.

— Muito bem. Um brinde: a nós. Ao nosso casamento. Ao incrível casamento Peskin-Suso que deve acontecer logo, logo.

Brindamos. Com champanhe, porque nossas mães são bem descoladas. Menos Xavier, porque nossas mães não são tão descoladas assim. Ele brinda com leite.

— Estamos pensando entre o meio e o final de julho.

— Deste ano? — pergunto.

— Isso.

Patty sorri para mim. Ela está cortando o frango em pedacinhos para Xav.

— Não dá para planejar um casamento tão depressa.

Elas estão loucas. Lamento, mas é verdade. É preciso experimentar bolos e encomendar o vestido e planejar a decoração. E isso leva tempo. Estou falando sério. E aí, você tem que conversar com o pessoal do bufê, fotógrafos, floristas, costureiras, DJs e um milhão de outras pessoas.

Talvez eu seja um pouco obcecada por esse assunto. Talvez eu esteja mais familiarizada com blogs de casamento do que garotas solteiras de dezessete anos normais.

— Por quê? — pergunta Patty.

— Porque sim. — Balanço a cabeça. — Não dá. Tem muita coisa para aprontar. Vocês precisam de pelo menos um ano.

— Momo, isso aqui não é o casamento real.

— Bem, antes de mais nada, Will e Kate nem ficaram noivos por tanto tempo.

— Que bom. Viu? — diz Nadine. — Will e Kate. Olha só nossa responsabilidade.

Começo a protestar, mas Patty sorri para mim.

— Querida, vamos fazer um casamento no quintal de casa. Só vai ter família.

— Ah.

— Mas vocês podem convidar os amigos, se quiserem.

— E acompanhantes?

— Ahhh! Você tem alguma coisa para nos contar, Kitty Cat?

Nadine sorri e Patty coloca a mão no coração, e as expressões delas são as mesmas da noite do nosso blergh-mitzvá, quando Cassie dançou uma música lenta com Jenna Schencker.

— Parem de fazer essa cara! Vocês são péssimas que nem a Molly.

— Nós criamos a Molly. Ela é assim por nossa causa — diz Nadine, se inclinando para a frente e mexendo na minha franja.

— Conta mais — pede Patty.

Cassie segura um sorriso.

— Qual é o nome dela?

— Mina.

— Como ela é? — pergunta Nadine.

— Incrível.

— Tá, isso eu percebi. Mas, então, se é sua primeira namorada de verdade, Kitty Cat, vai precisar me dar mais detalhes.

Sobrancelhas se arqueando e se franzindo.

— Eu não falei que ela era minha namorada — diz Cassie.

— Ela não é?

— Só estou dizendo que é só uma garota que eu conheci.

Nadine sorri.

— E que ela é incrível.

— E é hilária e legal e bonita e meio hipster, mas não hipster *demais* — falo —, e eu gosto dela.

— Ah, então Molly a conheceu. — Nadine se vira para mim. — Espere aí. Agora eu quero mesmo mais detalhes.

— Bom, Cass não me contou nada — falo, e o comentário sai um pouco mordaz. Não foi a minha intenção, mas é o que acontece.

Eu me sinto meio perdida de repente, como se meus membros não soubessem como agir. Acho que estou um pouquinho irritada. Porque parece que Cassie está nos provocando — ela quer que a gente saiba que aconteceu alguma coisa com Mina, só não quer que a gente saiba o quê. Parece aquelas pessoas que postam status vagos no Facebook só para chamar a atenção.

*Uhuuul, uma coisa FENOMENAL vai acontecer no fds, rs!*

*Não dá para acreditar que vc faria uma coisa assim. Nunca vou perdoar vc, Deus nunca vai perdoar, vc vai arder no inferno, mas tudo bem, sem ressentimentos!!*

Cassie e eu *amamos* esses status. Só nunca achei que ela fosse virar um.

— Vocês iam gostar dela — diz Cassie por fim. — Ela é legal e divertida, e sabe muito de música. E ama peixe. Não para comer, os animais mesmo. Adora aquários também — acrescenta. — E tem uma tatuagem de um peixe-anjo. Vocês sabiam que o peixe-anjo é monogâmico? Ah, e ela gosta de pinguins. Mina gosta de todos os animais monogâmicos.

— Parece que ela é romântica — diz Patty.

— Acho que é.

Quando ergo os olhos, Cassie está me olhando com uma expressão que não consigo interpretar.

\* \* \*

E, agora, não consigo dormir. Não estou com um pingo de sono, apesar de já ser praticamente meia-noite. Cassie está com Mina em uma festa.

Estou tão agitada e estranha, sentindo calor e também frio. Deitada na cama, lendo no celular, tento ignorar essa sensação sufocante, mas não está adiantando nada. Sinto como se estivesse me afogando. Eu me sento de

repente e então me levanto. Porque isso é idiotice. É ridículo. Vou pegar meu laptop e descer.

Procuo ser o mais silenciosa possível ao passar pelo quarto de Xav e a cada passo que dou até a sala. Tem passas cobertas com iogurte na bancada da cozinha, e as levo para o sofá comigo. Mas não estou a fim de ver TV. Não estou a fim de fazer nada. Não faço ideia do que preciso agora. Só quero me sentir normal.

Abro o computador e começo a clicar em blogs de casamento, a maioria cintilante, confusa, sonhadora e rústica. E tenho que admitir, é tranquilizador. É só o efeito do açúcar e de fotos profissionais de estantes de livros com doces e outras gostosuras. Devíamos colocar uma dessas na nossa festa, e também alguma decoração linda e artesanal em uma das paredes, que usaremos para as fotos. Talvez algo simples, com um pedaço de tecido estampado e uns porta-retratos de madeira sem firulas. Acho melhor eu começar a salvar essas imagens no meu mural do Pinterest.

— Momo? Por que você ainda está acordada?

Ergo os olhos e vejo Nadine, usando uma calça de pijama, uma camiseta e um roupão listrado. Ela está desgrenhada e com a cara amassada, e fica esfregando os olhos. Eu devo tê-la acordado.

— Desculpa.

— Querida, o que foi? — Ela faz sinal pedindo que eu abra espaço e se senta ao meu lado. — O que... você está olhando blogs de casamento?

— Talvez.

— Garota, você não brinca em serviço. — Ela tira a franja dos meus olhos. — Ei. Você está bem?

— Hã? Estou.

— Aham.

— Mãe, eu estou bem.

Ela fica quieta por um instante. Mas se levanta de repente.

— Venha. Vamos dar uma volta de carro. Nós duas.

— O quê?

— É. Vamos. Preciso tomar um café.

— Hã, é meia-noite.

— Correto.

— Eu estou de pijama.

— Eu também. — Ela sorri para mim. — Momo, vamos lá. Pare de fazer essa Cara de Molly. Confie em mim.

É muito surreal sair de casa à meia-noite de pijama e tênis. Está quente, mesmo a essa hora da noite, e tem aquele zumbido de insetos que, segundo Patty, é o canto das cigarras. Nadine sai de ré bem devagar, como se houvesse o risco de atropelar algum pedestre, embora as ruas estejam totalmente vazias.

— Para onde a gente vai?

— Você vai ver.

Ela está olhando para a frente, com uma das mãos no volante, a outra na caneca de café, mas está sorrindo. Eu relaxo no banco e absorvo tudo: a luz dos postes, os balanços nas varandas e como as casas dos meus vizinhos parecem maiores na escuridão. O gato dos Applebaum nos observa pela janela da sala, como sempre espiando os outros. Ele corre para outra janela e tenta nos acompanhar. Mas seguimos em frente, entramos na Piney Branch, depois na rua 16. Estamos em silêncio, mas a sensação é agradável. Estamos quase na Adams Morgan quando Nadine finalmente diz alguma coisa.

— E então, como você está, garota?

— Bem — respondo.

Ela balança a cabeça.

— Você finge tão mal.

— O quê?

— É estranho, né? Cassie ter uma namorada.

— Tecnicamente, Mina não é namorada dela.

Nadine sorri.

— Dou uma semana.

Isso me faz rir, mas também provoca uma pontadinha de tristeza no peito.

— É, é estranho — admito.

— Eu sei. Ai, Momo. Isso vai ser difícil. — Ela assente e continua olhando para a rua. — Quando eu era pequena, meu irmão era um babaca, mas sua tia Karen e eu éramos muito próximas. E eu me lembro disso. Lembro quando ela arrumou um namorado e sumiu da face da Terra. Foi horrível.

— Pois é.

— E ninguém avisa a gente sobre isso. Ninguém diz como é difícil, porque, viva, amor! E ficamos tão felizes por elas! Mas sempre rola um sentimento conflitante, né? Porque, claro, você está feliz por elas. Mas também sabe que as perdeu.

Meu coração se retorce. Não consigo falar.

— Mas, Mo, elas voltam para a gente, sabe? A gente segue em frente. É difícil por um tempo. Mas elas se reaproximam. Ela vai voltar para você.

Encolho as pernas e olho pela janela. Estamos quase na Dupont, indo para o centro. E tem tanta gente na rua. Dá para sentir uma energia no ar. É o tipo de noite em que estranhos começam a se abraçar e estão todos bêbados e felizes só de estarem no meio disso tudo. Aposto que as pessoas vão se lembrar do dia de hoje mesmo quando estiverem velhas. Aposto que eu também vou.

— Que agitação — comenta Nadine.

— É.

Eu faço que sim. De repente, sinto vontade de chorar, mas não de um jeito ruim. É mais como a gente se sente quando alguém nos dá um presente perfeito, uma coisa que queria muito, mas achava que não podia

pedir. É aquela sensação de alguém conhecer você de todas as formas pelas quais você precisa ser conhecida.

— Ei — diz ela suavemente. — Olha.

Levanto o rosto, olho para a frente e reconheço na hora, das cinco milhões de postagens no Facebook. É a Casa Branca, iluminada com as cores do arco-íris. E essa visão me deixa sem fôlego. Apesar de estarmos longe, embora fôssemos ter que passar por um milhão de carros para chegar perto da casa de verdade. Acho que não é nem a fachada frontal. Mas mesmo assim.

— Muito legal, hein? — diz Nadine.

Faço que sim, sentindo um nó na garganta.

— Eu só queria ver isso com meus próprios olhos — acrescenta ela.

— Estou tão feliz por isso — falo. De repente, parece muito importante dizer isso. — E estou tão feliz com o casamento.

— Ah, que bom. Porque precisamos de alguém pesquisando blogs de casamento à meia-noite.

— Ah, pode deixar comigo. — Dou um sorriso. — Mas, falando sério, estou mesmo muito feliz de isso estar acontecendo.

— Eu também — diz Nadine, virando à esquerda em uma rua de mão única. — Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Acho que vai ser um verão incrível para a nossa família.

— Também acho — falo, e tento acreditar.



**MAS TEM UMA** coisa que não sai da minha cabeça.

Nadine disse que as pessoas se reaproximam. Que as coisas vão voltar ao normal. Entre mim e Cassie. E entendo isso. Abby voltou ao normal depois de Darrell. E Nick não estragou as coisas entre nós. O amor não acaba com a amizade. E definitivamente não acaba com a família.

Só que, de certa forma, acaba, não é?

Porque nós quase nunca vemos a tia Karen. Ela deixou de ser a pessoa mais importante para Nadine. Mas já foi. Só que agora é Patty.

E não sei quando isso aconteceu. Talvez seja assim que comece.

Parece que Mina vem jantar na quarta, apesar de minha avó chegar de Nova York nesse dia. A mãe de Patty. Também conhecida como a avó que atropela pessoas e as xinga logo depois. Tenho certeza de que vai ser um show de horrores. Um show de horrores épico. Mas, apesar de Cassie ter dito um não estrondoso para essa possibilidade uma semana atrás, agora parece não dar a mínima. É como se estivesse tão concentrada na vinda de Mina que esqueceu que a vovó também vai estar presente.

O problema da vovó é que ela nem sempre tem filtro. Acho que vai ser um evento interessante, e eu fiquei encarregada da sobremesa.

Passo a semana toda pensando nisso, pesquisando receitas e acordando às três da manhã me perguntando se Mina tem diabetes ou alergia a

glúten. Se bem que Cassie não se esqueceria de mencionar isso. Tenho certeza de que não existe nada relacionado a Mina que ela já não tenha nos dito.

Mas, opa... Estou redondamente enganada.

Porque, na segunda, recebo uma mensagem de Abby com cinco milhões de pontos de exclamação. Nada de palavras, nada de emojis: só muita empolgação em forma de pontuação. Minha primeira suposição é que aconteceu algum novo avanço com Nick, o que me deixa meio perdida: se já rolou sexo entre eles, o que pode valer cinco milhões de pontos de exclamação? Acho que não seria assim que ela daria a notícia se estivesse grávida. Espero.

Mas o mistério termina segundos depois, porque Abby escreve:

**Por que vc não me contou da Cass?!?!**

**Do que você está falando?**

**Hum. Dá uma olhada no Facebook. Agora.**

Abro o Facebook e vou direto para o perfil de Cassie. Que ela nunca atualiza. Nunca.

Mas atualizou.

*Em um relacionamento sério. Com Mina Choi.*

Fico encarando o celular, sem reação.

**Fala sério que ela não contou pra você!,** escreve Abby. **O que tá rolando com ela?**

**Não faço ideia,** respondo.

Ela não me contou. Cassie está em um relacionamento sério com Mina na vida real e não me contou. Eu descobri pelo Facebook.

Sou a irmã gêmea de Cassie e descobri pelo Facebook.

**Suas mães sabem??**

**Não faço ideia,** respondo. **Mas a Mina vem jantar aqui em casa na quarta.**

**Caramba! Já apresentando a garota pras mães...**

E pra vovó, acrescento.

**MDDC. Sua avó Betty?**

É. Acrescento aquele emoji com o sorriso grande, cheio de dentes, meio constrangido.

**HAHA. Vai ser uma noite e tanto.**

E isso me faz sorrir um pouquinho.

\* \* \*

Decido fazer massa de biscoito caseira comestível. Quando conto a Reid sobre isso no trabalho, ele parece ao mesmo tempo impressionado e confuso.

— Mas a massa de biscoito comum já não é comestível? — pergunta ele.

Estamos na sala de trás, desencaixotando mercadoria nova.

— Bom, tem ovo cru.

— Ah, tá. — Ele assente. Mas, em seguida, franze a testa. — E não pode comer ovo cru...?

— Reid, não!

— Quer dizer, sei que a gente não pode comer *cru*, mas e se estiver misturado com outras coisas?

Olho para ele de rabo de olho.

— Você sabe que continua cru, né?

— Sei, mas fica neutralizado pelos outros ingredientes.

— Não é assim que funciona. — Seguro um sorriso. — Acho que você precisa experimentar a massa sem ovo. É muito boa. Garanto.

Ele se inclina para trás e apoia a cabeça nas mãos, refletindo sobre o assunto. Depois de um tempo, assente.

— Tudo bem. Eu aprovo.

— Ufa.

Eu me estico e puxo a última caixa. Conseguimos fazer tudo a tempo, e no final do expediente já está tudo desempacotado e em seu devido lugar.

— E quando vai ser o jantar? — pergunta ele.

— Amanhã, provavelmente. Quando sair, vou dar um pulo num mercado aqui perto para comprar o que falta.

— Num mercado aqui perto? — Ele parece escandalizado. — Não, você tem que ir a um que fica em Silver Spring. É o melhor mercado de todos.

— Ah, é?

— É.

Ele assente daquele seu jeito sério, mas a covinha aparece.

— Dá para ir de metrô? — pergunto.

— Ah. Acho que não.

Mordo o lábio.

— Ah, tá. Eu não tenho carro.

Reid fica em silêncio por um instante, e me sinto meio constrangida. É engraçado: eu não ligo para essa coisa de carro. Acho que incomoda mais a Cassie do que a mim. Mas agora me sinto estranhamente envergonhada, e não tenho ideia do motivo.

— Quer uma carona até lá? — pergunta ele.

— Ah, não precisa.

— Não tem problema. Sério, até que seria divertido. Eu gosto de fazer compras.

— Jura?

Faço a Cara de Molly para ele.

Ele dá um sorriso.

— Tá, não. Mas gosto de massa de biscoito. E, se eu levar você ao supermercado, é provável que você tenha que me dar um pouco.

— É provável.

Também estou sorrindo. É inevitável.

\* \* \*

Estou no carro de Reid, e ele está me levando ao supermercado. Um bem específico. Aparentemente, o melhor supermercado, e vou ter que acreditar na palavra dele.

Uma vantagem imediata de pegar carona com Reid: ele colocou um saco de coelhinhos de chocolate entre nós, na frente do câmbio.

— Sabe o que eu gosto nesses coelhinhos de chocolate? — Eu me recosto no banco. — A simplicidade.

— Não é? Ninguém valoriza isso.

— Estou de saco cheio de sobremesas elaboradas. Desculpa, mas qualquer coisa com infusão cítrica e kinkan caramelizado ou amêndoas e Cointreau, ou qualquer coisa desse tipo... alguém gosta dessas coisas?

Ele ri.

— Não.

— As pessoas só fingem gostar porque estão tentando parecer refinadas.

— Tentando e falhando — diz Reid.

— Falhando demais.

Entramos no estacionamento do melhor supermercado, e Reid escolhe uma vaga perto da devolução de carrinhos. Ele desliga o carro e olha para mim com uma expressão solene.

— Está preparada para a experiência de supermercado mais marcante da sua vida?

— Bom, tenho certeza de que já estive aqui antes.

— Mas não comigo — retruca ele com firmeza.

— Não com você — falo, repentinamente tímida.

Enquanto cruzamos o estacionamento, passa pela minha cabeça que as pessoas devem supor que somos um casal. Talvez um casal universitário comprando comida para o jantar. Jovens pombinhos apaixonados. É como

quando alguém acha que um cara aleatório sentado ao seu lado no metrô é seu pai.

Tem uma fila de carrinhos perto da entrada, mas, assim que pego um, Reid o puxa pela frente e me guia até um banco do lado de fora da loja. Ele se senta e me encara com expectativa. Eu me sento ao lado dele.

— Agora, você precisa pegar seu celular.

— Por quê?

— Você vai ver. — E tira o dele do bolso. — Abra seu bloco de notas.

— Tudo bem.

Estou sorrindo. Ele está sendo um pouco mandão, mas, desculpa, é hilário. Sabe quando o professor sai da sala por um segundo e coloca um aluno bem-comportado para tomar conta da turma? Reid é um garoto bem-comportado se sentindo poderoso, e é tão fofo que tenho que fazer o que ele manda.

— Pegou? — Ele espia por cima do meu ombro. — Que bom. Agora, escreva os nomes de três músicas pop do começo dos anos 2000.

— O quê? Por quê?

— Porque essas são as regras.

— É só escrever... qualquer música pop? — pergunto.

— É. Mas escolha com sabedoria.

Hesito por um instante, o dedo pairando acima do teclado. Quero escolher as piores de todas. Quero as que quase estragaram o mundo da música. Elas surgem em minha mente num piscar de olhos.

1. Stacy's Mom

2. Sk8er Boi

3. I'm Not a Girl, Not Yet a Woman

— Excelente — diz Reid.

— Quero ver as suas.

Ele vira o celular para mim, e eu caio na gargalhada. Porque, em outra vida, tenho certeza de que Reid foi o pai brega de alguém. Ele até parece sentir orgulho de suas escolhas.

1. Find me in da club

2. A da garota tocando piano, deslizando pela rua e cantando que andaria mil milhas

3. Justin Timberlake

— E agora? — pergunto.

— Boa pergunta. As regras são as seguintes: se tocar alguma das suas músicas, você ganha vinte pontos.

— Se o supermercado tocar?

— É.

— Então, de todas as músicas do mundo, você acha que esse supermercado vai tocar uma das seis músicas aleatórias que escolhemos por acaso?

— Acho.

— Por quê? — pergunto, com uma gargalhada.

— É magia. E porque todos os supermercados tocam música pop do começo dos anos 2000. Está na Constituição.

Fico descrente até o momento em que entramos na loja e está tocando “Stacy’s Mom”.

— Ih, escuta só. Vinte pontos para mim — falo.

Reid grunhe e se apoia no carrinho.

— Sorte de principiante. — Ele empurra o carrinho pelo corredor de ingredientes para bolos e doces e bastam três passos para ele ser capturado pelos inúmeros potes de cobertura. — Ahhh. Ei. — Ele pega um de chocolate. — Ah, cara. Minha vontade é sentar e comer isso de colher, que nem iogurte. Isso é muito esquisito?

— Isso é uma pergunta séria?

Sério, existe alguém que *não* devoraria um pote de cobertura de chocolate como se fosse iogurte?

De repente, me sinto inspirada.

— Posso acrescentar uma regra ao nosso jogo?

— Claro!

— Tá. — Eu abro um sorriso. — Desafio rápido. Dez pontos para quem encontrar o sabor mais nojento de cobertura em um minuto, começando... agora.

Coloco o cronômetro do celular para rodar, e nós dois ficamos em silêncio. Por algum motivo, estou me sentindo muito competitiva, o que não faz muito o meu gênero. Deve ser assim que Cassie se sente o tempo todo. Ela vence todas as competições no acampamento: comer cachorro-quente, falar latim como porco, cuspir sementes de melancia e um monte de outras coisas para as quais nunca dei bola.

Mas me importo com isso. Quero os dez pontos, os dez pontos nebulosos que não contam para nada. E é empolgante. Checo as prateleiras, e quase tudo é bem comum: chocolate caseiro e confete e cream cheese. Tem alguns concorrentes da pesada, como coco com pecã e limão, mas, no final, acabo escolhendo a edição limitada de bacon com xarope de bordo. Péssima ideia para uma cobertura.

Aos quarenta e cinco segundos, Reid está hesitante e ainda não fez sua escolha.

— Molly, me ajuda! Tudo parece bom.

— Você só pode estar de brincadeira.

— E se eu só decidir que gosto de todas as coberturas?

Balanço a cabeça, decepcionada.

— Não sei nem o que dizer sobre isso.

O cronômetro do meu celular apita, e mostro a ele o bacon com xarope de bordo, que Reid não tinha visto.

— Que bizarro — diz ele.

— Muito! Tenho que tirar uma foto disso e mandar para a minha irmã.  
Ele ri.

— Manda para mim também?

— Mando. É só me dar seu número.

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. Espero que ele não pense que estou Pedindo o Número Dele. *Acho* que não estou Pedindo o Número Dele.

Só estou pedindo o número dele.

— Ah, claro!

Ele dita para mim, e logo depois mando a foto e o acrescento aos meus contatos.

Ele me acrescenta aos dele.

É engraçado, mas fico me perguntando se ele queria que trocássemos telefones. Porque ele mesmo podia ter tirado uma foto, em vez de pedir que eu mandasse a minha.

Por um segundo, fico sem palavras.

Mas sou salva por Avril Lavigne. “Sk8r Boi” começa a tocar, alto e de repente, e eu finalmente solto a respiração.

— Vinte pontos — falo, sorrindo.

— O quê? Como você pode ser tão boa nesse jogo?

Dou de ombros, com as palmas das mãos para cima. Eu me torno o emoji que dá de ombros com as palmas das mãos para cima.

— Sou médium — falo.

Minha nossa, essa coisa de número de celular. Não tem nada de mais. Definitivamente, nada de mais. E não sei por que de repente estou sem ar. Acho que os pulmões são uns grandes traidores. Assim como os estômagos. Assim como os batimentos cardíacos.

Ainda está claro quando vamos embora, e ficamos engarrafados no caminho de volta. Um silêncio se instalou entre nós. No supermercado, foi só piada, provocação e competição (na qual eu arrasei, aliás — cinquenta

pontos a zero), mas, no carro, bate um constrangimento de repente. E acho que Reid se sente da mesma forma.

— Você tem uma irmã?

— Tenho. Gêmea.

— Ah, é?

Ele parece surpreso. Será que nunca falei de Cassie para ele? Mas acho que, quando estamos no trabalho, falamos sobre coisas aleatórias. Falamos sobre as coisas de que gostamos, e não sobre o que somos.

— Somos bivitelinas — acrescento, porque é a primeira coisa que as pessoas perguntam.

— Como ela é?

— Cassie? — Eu reflito. — Sei lá. Ela não tem medo de nada.

— Não acho que exista alguém assim, que não tem medo de nada — comenta Reid.

Ele liga a seta, apesar de ainda faltar um quarteirão para fazermos a curva. Apesar de o tráfego estar muito intenso e mal estarmos andando. A seta fica estalando por um tempo.

— É, pode ser — falo, e dou um sorriso.

Porque me lembro da expressão de Cassie quando ela me contou que Mina era pansexual. Quando se deu conta de que tinha chances, ainda que não soubesse se ia dar certo entre as duas. Talvez ela estivesse com um pouco de medo, sim. Mas acho que não precisava estar.

Em seguida, me lembro da atualização de status do Facebook, que está começando a parecer menos um soco no estômago e mais uma piada. É engraçado. Reid provavelmente acharia engraçado. E eu devia dizer alguma coisa engraçada agora.

— Quer ouvir uma coisa esquisita? — pergunto.

— Sempre.

— Não esquisita no estilo Tolkien.

— Vamos lá. Tolkien? Não é esquisito — retruca ele. — Acho que é o autor de fantasia mais básico que você podia ter citado.

O engraçado é perceber quanto quero contar para ele sobre Cassie. Não só sobre essa coisa do Facebook e as partes engraçadas, mas sobre as outras coisas também. Sobre essa mudança pequena e estranha entre nós. Sinto que ele entenderia, embora eu não saiba explicar por quê. Embora, dois minutos atrás, ele não soubesse que minha irmã existia.

— Se você quiser algo *realmente* esquisito — continua ele —, me avisa, porque...

— Hã, não — falo, e dou um sorrisinho. Sinto algo me apertando por dentro. — Então, Cassie começou a sair sério com uma garota, a primeira namorada de verdade dela. E adivinha como eu descobri.

— Como? — pergunta ele, e adoro o fato de ele nem ter piscado quando ouviu a palavra *namorada*. Não que eu esperasse menos de um garoto de Takoma Park, principalmente sendo filho de Deborah e Ari. Mas mesmo assim.

— Pelo Facebook.

Ele franze as sobrancelhas.

— Ah.

— É.

Ele faz uma pausa.

— Como ela devia ter contado? — pergunta ele.

— Bom, não por uma atualização de status.

E na mesma hora sou tomada por uma sensação horrível, como se tudo ao meu redor estivesse desmoronando. Não sei como queria que Reid reagisse. Não sei nem por que ligo para a reação dele. Mas alguma coisa parece estranha. Não sei por que achei que seria divertido ou fofo. Só é constrangedor e meio triste. Eu viro o rosto para a janela.

— Molly — diz ele, um instante depois.

— Oi.

Estamos parados no sinal agora, e sinto que ele está me olhando, tentando decidir se deve dizer alguma coisa. Olho para os pulsos, para as tiras coloridas de pulseiras da amizade. Ensinei a Abby como fazê-las na primavera antes de ela ir embora, e nós duas ainda as usamos, sempre. Mas pensar em Abby agora me deixa triste.

Porque ela está na Geórgia. E Cassie tem uma namorada. E tudo e todos estão se deslocando a um milhão de quilômetros por hora.

— Você não devia ter descoberto pelo Facebook — diz Reid por fim. Eu dou de ombros. — Eu também ficaria triste se fosse comigo.

E, ah. Sinto um nó na garganta. Essa é outra coisa sobre mim. Se alguém diz que estou triste ou pergunta o que houve ou fala para eu não chorar, parece que meu corpo escuta: CHORE AGORA. Como se fosse uma ordem, mesmo que eu não esteja realmente triste. Mas talvez sempre haja pedacinhos tristes dentro de mim, esperando para serem reconhecidos e citados. Talvez seja assim com todo mundo.

— Enfim, não é nada de mais — retruco, forçando um sorriso. — É claro que estou muito feliz por ela.

— Ah. Tudo bem.

Ele parece confuso. E eu queria não ter dito nada. Agora, ele me acha uma irmã babaca. E uma pessoa babaca. Uma babaca em tempo integral.

Não sei por que não consigo ficar de boca fechada perto desse garoto.



NA QUARTA-FEIRA, ACORDO antes do nascer do sol, nervosa. Minha mente não para, voando de um pensamento para outro.

Penso em Reid. E em seus tênis brancos reluzentes. E em seu gosto surpreendentemente péssimo quando se trata de caldas.

E penso em Cassie. E em Mina. E na atualização de status do Facebook. E na massa de biscoito. E no fato de que Mina e a vovó vão se sentar à mesma mesa. No show de horrores inevitável.

Tento me hipnotizar olhando para o ventilador de teto e, como não dá certo, fico no celular navegando por blogs de casamento. Mas não consigo me concentrar. Finalmente, tomo meu remédio, vou para a cozinha e começo a reunir meus ingredientes. Ninguém nunca se imagina botando colheradas de massa de biscoito sem ovo em potinhos de conserva às cinco da manhã até o dia em que isso acontece.

Estou colocando os potes na geladeira quando ouço Xav balbuciando no andar de cima. Adoro tirar Xavier do berço. Entro no quarto dele e, quando me vê, Xav se segura na grade do berço e começa a dançar e pular. O clássico rebolado de bebê.

— Oi, meu bem.

Eu o pego no colo, e ele bota uma das mãos na minha bochecha e sorri.

— Momomomomomo.

— Isso mesmo!

Que fique claro que Xavier é o bebê mais fofo do universo. Tem olhos castanhos enormes, bochechas grandes e fofas, a pele morena mais macia do mundo e um espacinho entre os dentes da frente. Ele é perfeito. Sempre amei a ideia de termos o mesmo dna, mesmo sendo do lado do doador. Talvez haja um grupo de antepassados em comum bebendo ambrosia e nos observando agora.

— Oi, bebê — sussurro no pescoço dele, e ele se contrai e ri.

Eu o apoio no quadril e o levo para o andar de baixo. Acho que vou colocá-lo no cercadinho e deixar minhas mães dormirem um pouco mais.

Só que Nadine desce alguns minutos depois, bocejando e sorrindo.

— Ah, olha só vocês dois.

— Nós acordamos você?

— Não, Momo. Foram os peitos.

Agora Nadine fala sobre seus peitos como se fossem seres sencientes. Eles sempre a acordam ou vazam nos sutiãs de amamentação ou precisam ser ordenhados, como vacas em uma fazenda. Os peitos dela têm todo um cronograma próprio que precisa ser seguido.

Passo Xavier para ela, que levanta um lado da camiseta do pijama. Xav começa a mamar na mesma hora.

— Ouvi um boato por aí... — diz Nadine, se endireitando no sofá.

— Sobre Cassie?

Ela sorri.

— Como você soube? — pergunto.

— Pela rede de mães.

Também conhecida como mãe da Olivia. Olivia conta tudo para a mãe. E a mãe dela conta tudo para as minhas. Nunca falha.

Eu me acomodo na poltrona com um dos brinquedos de Xavier. É um daqueles interativos com vários botões e que canta músicas sobre animais com uma voz masculina irritantemente alegre.

— Meu Deus, precisamos queimar essa coisa — diz Nadine.

— Só se for agora.

— É, mas você sabe que outro vai surgir no lugar dele. Isso mesmo, professor X — acrescenta ela. Ele tirou a boca do peito e sorriu para ela. — Ei. Ei. Está jorrando. Volte a mamar.

— Eu fiz massa de biscoito — falo.

— De sobremesa para hoje à noite?

Faço que sim.

— Era isso que você estava fazendo aqui embaixo de madrugada?

Assinto novamente.

— Momo, você sabe que precisa dormir de vez em quando.

— Eu não estava conseguindo.

Ela inclina a cabeça.

— Ah, querida.

— Eu estou bem — falo rapidamente.

— Vai trabalhar hoje?

Balanço a cabeça.

— Tudo bem, então... ah, agora estamos vibrando. — Ela chega para a frente e tateia por um minuto embaixo da bunda. — Acho que me sentei no seu celular. — Ela o pega e entrega para mim. — Olha só você, toda popular. Quem está mandando esse monte de mensagens às sete da manhã?

— Deve ser a Abby.

Mas, quando olho para o celular, sinto um aperto no peito.

Recebi duas mensagens de Reid.

**Precisa de ajuda para fazer a massa de biscoito?**

**E quando digo fazer, quero dizer provar.**

Xavier ainda está mamando, mas estica o braço para tentar pegar meu celular.

— Nem pensar — falo para ele.

Nadine ri.

— O moleque quer um iPhone.

Agora me sinto uma babaca, porque quero que Nadine e Xav saiam para eu poder responder as mensagens de Reid. É engraçado, porque Cassie manda mensagens para garotas à mesa, na sala, no carro, em qualquer lugar. Acho que ela coordenaria uma orgia na frente da família toda. Desde que ninguém leia o que está escrevendo, ela não está nem aí.

Mas não posso mandar uma mensagem para um garoto na frente de uma das minhas mães. Eu não consigo. Nem para Reid.

— Então... Mina e sua avó juntas aqui hoje à noite. — Nadine boceja.

— Como foi que isso aconteceu?

Dou uma gargalhada.

— Sei lá. Acho que foi ideia da Mina.

— Não consigo acreditar que a Cassie não se importou.

— Talvez a vovó esteja mais tranquila dessa vez?

— Aaaah, tá. — Nadine sorri. — Mas estou animada para conhecer essa garota.

— Você vai gostar dela. Ela é...

Meu celular vibra de novo, e tento ignorar. Mas perdi o fio do pensamento. Às vezes não olhar para o celular exige toda a minha energia mental.

Talvez seja Reid de novo. Não que isso importe.

Xavier finalmente termina de mamar, e Nadine ajeita a blusa e se levanta.

— Tenho que levar esse rapazinho ao supermercado antes da contação de histórias.

Nadine nunca perde a contação de histórias nas férias. Patty diz que é porque sempre que Nadine fazia coisas de bebê com Cassie e comigo, as pessoas achavam que ela era nossa babá. E imagino que seja péssimo ouvir isso quando se é mãe.

Assim que eles saem, vejo as mensagens, e meu coração dá pulos. Meu corpo ainda não se acalmou nem um pouco.

Tem as duas de Reid.

E uma nova. De um número de Maryland que não está nos meus contatos. Diz apenas: **E aí**. Não tem ponto de interrogação, nada. Só as duas palavras e aquele emoji com as moças vestidas de abelhinha dançando.

Agora estou curiosa. Uma mensagem de uma pessoa misteriosa. Mas só pode ser alguém que conheço. Não dá para mandar moças vestidas de abelhinha dançando para um estranho.

Procuro o número no Google, mas o Google não sabe, e me parece uma idiotice mandar uma mensagem para a pessoa misteriosa perguntando quem ela é. Então, ignoro.

Quer dizer, eu tento.

De qualquer modo, ainda preciso pensar no que vou escrever para Reid. Precisa ser algo engraçado e casual, mas não pode parecer que me esforcei muito.

Digito: **Tarde demais. A massa já está pronta e lacrada.** Emoji com óculos escuros.

**Se bem que posso separar um pouquinho...**

**Por um preço.**

Na mesma hora, três pontinhos aparecem. E, em seguida: **Por um preço, é?**

De repente, morro de vergonha. Sei lá. Me dou conta do que falei e do que ficou parecendo. *Por um preço*. Parece algo sexual. Parece que estou flertando com ele.

Merda.

Preciso neutralizar o constrangimento imediatamente.

**Aceito o pagamento em coelhinhos de chocolate.**

**ESTOU A CAMINHO**, escreve ele. Onde você está?

Sinto um frio na barriga. Sério, esse meu corpo... Não relaxa nunca.

**Em casa**, respondo. E aperto o botão de enviar com todo o cuidado.

Eu realmente não me importaria se ele viesse até minha casa. Não acho estranho nem nada. Ele trabalha comigo. Nós fomos fazer compras juntos. E ele me deixou em casa na segunda, então sabe onde moro.

Reid não responde.

Mas talvez ele esteja vindo para cá. Ele disse que estava a caminho.

Tenho que parar de checar o celular toda hora. E deixar isso pra lá. E parar de imaginar Reid de pé na minha porta com aqueles tênis ridículos e a quase covinha fofa.

Não sei por que minha mente insiste em seguir por esse caminho.

Tento esvaziar a cabeça. Coloco o celular na mesinha ao lado do sofá. Patty fala muito sobre atenção plena e estar totalmente presente no momento, mas isso é muito difícil para mim. Acho que tenho uma mente divagante. Quando consigo controlá-la, é uma sensação bem legal; parece que, por um minuto, paro de querer coisas. Eu nem tinha percebido quanto tempo passo *querendo*. E desejando, sonhando, ansiando. Parece que tenho uma sensação perpétua de que tem alguma coisa faltando.

Mas toda hora olho para a porta.

É meio patético, mas acho que eu gostaria muito que Reid aparecesse.

Não consigo me controlar e acabo abrindo as mensagens que trocamos.

**Espera, você está vindo mesmo?**

Três pontinhos. Ele está digitando.

**Indo aonde?**

Então ele estava brincando. Eu não devia ter dito nada. Estou constrangida e me sentindo uma idiota. Tento fazer uma piada para disfarçar.

Reivindicar a massa de biscoito que guardei para você, mas acabei comendo toda.

Ele responde na mesma hora com uma série de emojis chorando. Estou meio surpresa, não pensei que Reid usasse emojis.

Mas tudo bem, não ligo para isso. Não vou ligar. Vou concentrar toda a minha atenção em me convencer disso.

Eu não ligo.

Eu não quero.

\* \* \*

Horas depois, Cassie está surtando.

— Ai, meu Deus. Cadê elas?

Ela está com o rosto grudado na janela, igual ao gato dos Applebaum. Chove tanto lá fora que a água forma ondas.

— Provavelmente presas no trânsito — diz Nadine. — Tem a hora do rush, o aeroporto e a chuva, Kitty Cat. Mas elas vão chegar.

Cassie bufa e desaba no sofá, e eu me sento ao lado dela.

— Vai ficar tudo bem, Cass.

— Eu queria muito que a vovó chegasse antes da Mina.

— Por quê?

Cassie ergue as sobrancelhas.

— Porque você sabe que ela vai dizer alguma coisa racista, e eu preciso intervir antes que isso aconteça.

Dou uma gargalhada.

— Intervir como?

— Sei lá. Dizendo para ela não falar nada racista.

— Ela vai falar de qualquer modo. É a vovó.

— É. Merda. — Cassie suspira. — O que eu faço?

— A Mina sabe que você não tem como controlar o que as pessoas dizem. É só avisar a ela que a vovó talvez solte essas pérolas.

Cassie se recosta e dá uma gargalhada amarga.

— Claro. *Ei, Mina. Minha avó provavelmente vai agir como se você não falasse inglês ou vai falar sobre a moça chinesa do prédio dela ou alguma coisa incrível do tipo.* — Ela cobre o rosto. — Drogaaaaaa.

— Ei.

Cassie tira uma das mãos do rosto e olha para mim.

Eu a abraço.

— Vai ficar tudo bem.

Ela expira.

— Eu sei.

— Isso é uma coisa boa, não é? Você tem uma namorada. Ela vem jantar aqui em casa. — Eu tento falar com indiferença, mas minha voz sai áspera.

Cassie vira a cabeça para mim.

— Está chateada porque não contei para você.

— Não estou, não!

— Que mentira. — Ela sorri.

— Só fiquei *surpresa* de você não ter me contado.

— E chateada. Olha, eu entendo. — Ela se inclina na minha direção.

— Sei que fui babaca.

— Não foi, não.

— Isso é estranho para mim, sabe? E falar sobre o assunto é estranho. É bizarro. Tipo, é muito fácil tagarelar sobre um caso qualquer, porque quem liga? E a gente sempre ri e faz piada.

— Você sabe que eu nunca faria isso com a Mina, né?

— Não, eu sei. Mas é que... — Ela fecha os olhos. — Não sei dizer isso sem parecer uma idiota, mas talvez seja uma daquelas coisas que você só vai entender quando tiver um namorado.

Por um instante, as palavras ficam no ar.

— Ah.

— Não foi bem isso que eu quis dizer, mas você entendeu.

— É, entendi — falo, me levantando abruptamente.

Ficou bem claro para mim. Cassie está namorando há dois dias e já é a especialista nas maravilhas e nos mistérios do amor verdadeiro. Enquanto eu não entendo nada, claro. Sou só uma garotinha ingênua e inexperiente.

— Molly, para com isso. Me desculpa, tá? Eu falei que não foi bem isso que eu quis dizer. — Ela suspira. — Você pode me dar um desconto? Só dessa vez?

Então o celular dela vibra na mesa. Mensagem. Ela pega o aparelho.

— Ela chegou!

— A vovó ou a Mina?

Mas Cassie já pulou do sofá e disparou porta afora, correndo na chuva. Poucos metros separam a entrada da casa do carro de Mina, mas é distância suficiente para Cassie ficar encharcada. No entanto, ela não parece ligar para isso. Entra no carro e senta no banco do carona, e as duas se inclinam uma na direção da outra.

Fico vermelha e viro as costas.

\* \* \*

Patty e vovó chegam uns trinta minutos depois, e nos acomodamos em torno da mesa de jantar. A primeira coisa que vovó diz é:

— Cassie, você não me contou que sua namorada era oriental!

— Vovó! — murmura Cassie, lançando um olhar desesperado para Patty.

Patty faz uma careta.

— Mãe, você não pode dizer isso.

— Não posso?

Balanço a cabeça.

— Vovó, Mina é coreano-americana — diz Cassie. — Tá? Você não pode dizer oriental.

— A não ser que esteja se referindo a tapetes — acrescento.

— Bom, é que ficam mudando a terminologia toda hora. — Ela ri. — Mina, querida, espero que você não tenha se ofendido. É um prazer conhecê-la.

— É um prazer conhecer a senhora também.

Mina parece um pouco tensa.

Nadine traz um peru gigante, do tipo que se assa no Dia de Ação de Graças. É chamado de *peru jovem*, o que faz a gente imaginar como devem ser os perus velhos. As travessas de comida são passadas de mão em mão, e me sinto estranhamente desconfortável. Acho que é um desconforto em solidariedade a Cassie. Ou talvez a Mina. Meu Deus. Pobre Mina.

— Então você mora em Bethesda? — pergunta Nadine. — É um lugar divertido.

Mina dá um sorrisinho.

— Não sei se eu chamaria de divertido.

— Mãe, a rua H é que é divertida — diz Cassie.

— Nada disso — retruca Nadine. — A diversão existe onde a gente quiser. Não é verdade, professor X?

Xavier está esmagando uma fatia de pêssego no cabelo.

— Ele se parece muito com você — comenta Mina, olhando para Xav e para Nadine.

— Own, obrigada — diz Nadine.

— Eu falei — reforça Cassie. — Xavier é todinho ela.

As pessoas reparam nisso o tempo todo. Xavier é a cara de Nadine e Cassie é uma cópia de Patty quando era jovem. E eu não sou parecida com ninguém. Algo me diz que puxei ao doador, embora nunca tenha visto fotos dele. Claro que vovó sempre diz que eu me pareço com ela. Não vejo onde, mas ela adora falar isso.

— Sabia que Molly é a imagem cuspidada de mim aos dezessete anos? Mas, obviamente, eu era um palito nessa idade.

Ela também adora falar isso.

— Eu trabalhava como modelo, fazia fotos para a Macy's. Dá para acreditar?

— Uau — diz Mina.

— E eu sempre digo para Molly: você é um pouco *voluptuosa*, claro, mas tem um rosto lindo. Ela não é linda?

— Com certeza — concorda Mina, assentindo.

— Mãe, para — diz Patty, em tom de censura.

Então vovó faz um gesto exagerado de fechar a boca e pisca para mim.

Tenho vontade de chorar. Acho que vou chorar de verdade. Não consigo acreditar que estou sentada a essa mesa, fingindo que está tudo bem enquanto minha avó me chama de gorda. Bem na minha cara. Sei o que *voluptuosa* significa. Ela já me chamou disso antes. Mas falar na frente da namorada nova e linda de Cassie torna tudo um milhão de vezes pior.

— Sabe, a neta da minha amiga Sylvia estuda em Columbia — diz vovó, baixinho, se inclinando mais para perto. — É uma menina linda. Ela se chama Esther.

— Que ótimo.

Vovó coloca a mão no meu braço.

— Em Nova York. Columbia fica em Manhattan, querida. E em Nova York tem esse programa de exercícios... Acho que tem em DVD. Esther comprou um e faz tudo no quarto do alojamento.

— Entendi.

— Ela adora.

Eu faço que sim lentamente. Acho que cada célula do meu corpo fica congelada. Percebo que Cassie e Mina estão prestando atenção à conversa.

— Você podia tentar fazer isso também, *mamaleh*. Sabe, vou dizer para você o que eu queria que alguém tivesse me dito — diz ela. — Vai ficando

cada vez mais difícil perder.

Vovó faz isso às vezes. Metade do tempo ela é legal, e metade do tempo me deixa com vontade de sumir.

— Quando se é jovem, é fácil — continua ela. — É só tomar um pouco mais de cuidado. Deixe metade de tudo o que tem no seu prato. Você devia conversar com a Esther! Ela adora esse programa de exercícios. Sabia que ela perdeu dez quilos?

— Legal.

— E agora ela tem até um namorado.

Cassie engole um pedaço de peru e larga o garfo com um tinido.

— Ah, não. Isso não é legal.

Minhas bochechas estão pegando fogo.

— Tudo bem — falo.

— Não está tudo bem. — Ela levanta a voz. — Vovó, para de dizer essas merdas para a Molly. Já chega. Você não pode falar assim com ela.

— Molly não se importa, não é? — diz vovó, dando tapinhas no meu braço.

— Eu não me importo — falo.

— Se importa, sim — diz Cassie, baixinho.

Sim, eu me importo. É uma idiotice, mas eu me importo. Só que toda vez que a vovó diz essas coisas, eu congelo.

Mas agora Nadine e Patty ouviram parte da conversa.

— Mãe, para. Já conversamos sobre isso.

— Eu só quero ajudar.

— Isso não é ajudar.

— Patricia, é uma questão de saúde. Você sabe disso.

— Betty — diz Nadine, colocando o garfo na mesa e olhando para Patty.

Cassie encosta o pé no meu por debaixo da mesa, mas mal me dou conta do que está acontecendo ao meu redor. Sinto calor e frio ao mesmo

tempo. É difícil explicar.

Eu sei que sou gorda. Não é segredo. Kyle Donner cochichava a palavra *gorda* no meu ouvido todos os dias na aula de espanhol do oitavo ano. E, certa vez, Danielle Aldred me perguntou se eu tinha medo de esmagar um cara durante o sexo. No sétimo ano. Ela realmente perguntou isso.

Portanto, eu devia estar acostumada. Mesmo assim, sempre fico meio desconcertada quando as pessoas falam coisas sobre o meu corpo. Acho que quero acreditar que ninguém repara que sou gorda. Ou que sou bonita e gorda ao mesmo tempo, como uma modelo plus size. Sei lá.

Cassie ainda está furiosa, Mina está olhando sem jeito para o prato e agora Patty está com a vovó na sala. Não consigo ouvir o que minha mãe está dizendo, mas escuto trechos das respostas da vovó. *Pequenas porções. Foi só uma sugestão.*

— Vamos fingir que isso não aconteceu — diz Cassie, balançando a cabeça.

— Que tal me ajudar a tirar a mesa, Momo? — pergunta Nadine.

Eu faço que sim e começo a empilhar os pratos. Nadine me abraça assim que entro na cozinha.

— Ei. Você está bem?

— Estou.

— Sua avó só falou merda. Não dê atenção a ela, tá? — Ela balança a cabeça. — Deixe entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Mina chega com alguns pratos e travessas, apesar dos protestos de Nadine, mas ela insiste em ajudar. É aquela dança clássica que as pessoas fazem. Quando eu era pequena e nós íamos a restaurantes com nossos parentes, Nadine e tio Albert sempre brigavam por causa da conta. Abby e eu achávamos engraçadíssimo. Eles ficavam argumentando, cada vez com mais insistência, e *MEU DEUS, SEUS ADULTOS MALUCOS. É SÓ UM JANTAR. RELAXEM.* Mas agora entendo. Talvez eu seja mais adulta do que pensei.

Cassie vem logo atrás, com Xavier no colo.

— Molly fez massa de biscoito — diz ela, e abre a geladeira para mostrar os potes a Mina.

— Ai, meu Deus. Foi você quem fez?

Eu dou um sorriso tímido.

— Não é lindo? — Cassie coloca Xav no chão e dá a mão a ele. — Se fosse eu, teria botado uma bolota em um saco Ziploc e pronto, *toma*.

— Foi superfácil — falo.

— Essa é a sobremesa mais legal que já vi — diz Mina, parecendo maravilhada.

Acabamos levando todos os potes e algumas colheres para a sala, e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas quando lembro que vou ter que comer sobremesa na frente da vovó. Se bem que tem uma parte de mim que quer parar ao lado dela e fazer com que me veja comer. Desafiá-la a dizer alguma coisa.

Mas é legal ver como Mina fica empolgada com a massa de biscoito. Às vezes é tão fácil impressionar as pessoas que quase me sinto mal. Na verdade, o segredo é o seguinte: porções individuais dentro de potinhos fofos. Eu até me lembrei de deixar espaço em cima para o sorvete de baunilha.

Eu me espremo até o braço do sofá para abrir espaço para Cassie e Mina, mas acaba não sendo necessário. Elas se empoleiram ali por cinco minutos, até Cassie dizer que ficou de emprestar um livro para Mina e que precisa ir até o quarto procurá-lo.

O engraçado é que essa tarefa parece exigir a presença das duas.

Mais engraçado ainda é que elas descem meia hora depois sem livro nenhum.

\* \* \*

Vou dormir no quarto de Cassie enquanto vovó estiver aqui. Nós dividíamos o quarto antes, e minha irmã não se desfez do beliche, então, quando temos convidados, fico com a cama de baixo. É como voltar no tempo.

Mas é claro que não consigo dormir. De novo. Minha mente não para. Afofo o travesseiro e fico encarando o estrado da cama de cima. Que ainda está coberta de adesivos de animais que brilham no escuro. E, provavelmente, de melecas com uma década de idade. Eu não era uma criança com muita classe.

Eu rolo para o lado, e a cama estala. Ouço Cassie suspirar.

— Molly, vê se dorme.

— Estou tentando.

— Tenta mais.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Sei que você ainda está acordada — diz ela.

— Você também.

— Mas eu tenho uma desculpa. Estou apaixonada.

Eu me sento.

— Como você sabe que também não estou apaixonada?

— Como é que é?

Ela bota parte do corpo para fora da cama e olha para mim, de cabeça para baixo.

— Estou brincando.

— Não está nada. Ai, meu Deus. Ele mandou mensagem, não mandou?

— De quem estamos falando? — pergunto, tentando parecer indiferente, mas meu coração começa a bater loucamente.

Não sei como ela sabe que Reid me mandou mensagem. A não ser que esteja se referindo à mensagem misteriosa com as abelhas dançarinas.

— A questão é a seguinte... — diz ela.

Está escuro, mas consigo ver um sorriso no rosto de Cassie. Ela volta a se deitar, mas, segundos depois, seus pés aparecem na lateral do beliche. Ela usa os braços para tomar impulso e cai graciosamente no chão, agachada.

Tem uma escada, que ela nunca usa.

Outra diferença fundamental entre nós.

— Mina e eu *talvez* tenhamos dado seu número ao Will Hipster.

— O quê?

— Poxa, eu achei mesmo que ele fosse mandar mensagem. — Ela se senta no pé da minha cama e ajeita o short do pijama. — Ele amarelou, é? Que merdinha.

— Não... estou entendendo.

— Molly, faz parte da missão. Aquela coisa de namorado. Eu falei. Vamos fazer isso acontecer. — Ela balança a cabeça. — Não consigo acreditar que ele não mandou mensagem.

Fico vermelha.

— Hã. Eu acho que mandou.

— O QUÊ?

Tiro a franja do rosto.

— Sei lá. Recebi uma mensagem de um número aleatório. Mas eu não sabia de quem era.

— Merda. Que idiota. Will não disse que era ele?

Balanço a cabeça.

— O que ele escreveu?

— Nem sei se foi ele mesmo. — Procuro meu celular no chão e o solto do carregador. — Olha.

Abro a mensagem e passo o celular para ela.

Ela ri.

— É, é do Will. Ele mandou as moças de abelhinha?

— Pelo visto, sim.

— Ai, meu Deus! Vou ter um treco. Tenho que contar para a Mina. — Ela amassa as bochechas. — Isso é tão maravilhoso. Você tem que responder.

— Dizendo o quê?

— Qualquer coisa. Sério, qualquer coisa. Você só precisa desenvolver a conversa. — Ela se encosta no meu travesseiro e suspira. — Adoro isso. Estou namorando Mina, e agora você vai namorar o melhor amigo dela.

— Hum, acho que isso não vai acontecer.

Eu me sinto quente. Devo estar absurdamente vermelha agora.

— Olha, só estou dizendo que ele é um bom alvo para nossa missão namorado, tá? Ele é perfeito para você. É fofo, legal, artístico e tem ótimo gosto para música. E é bonito, né?

— É — falo, baixinho.

— E é o melhor amigo da Mina.

— Eu sei.

— A gente sempre disse que ia se casar com melhores amigos — comenta Cassie.

— Você e Mina vão se casar? Uau.

— Ai, você entendeu. — Mas ela está vermelha. — Só estou falando. Ele é amigo da Mina. Isso é ótimo para a gente. E acho que ele gosta de você, Molly.

Balanço a cabeça.

— Não gosta, não.

— Sabe o que é pior? — Ela me encara. — Você não consegue nem ao menos considerar isso uma possibilidade.

Bom, eu não considero.

Mas considero.

Sinceramente, não sei.



E AGORA CASSIE não para de falar nisso. É Will para todo lado, o tempo todo. Ela está pegando pesado. Já comentou com Abby, Olivia e Mina; é bem constrangedor. Seria ótimo se eu fosse o tipo de pessoa que não precisa de um batalhão de ajudantes para sair com um garoto. Eu me sinto tão imperfeita em alguns aspectos.

Estou usando uma blusa preta que comprei algumas semanas atrás. É de renda e tem uma faixa logo abaixo do peito. Já usei outras vezes, mas sempre com blusinha por baixo e cardigã por cima. Mas Cassie me proibiu de usar as duas peças. E me puxou para o banheiro para passar e esfumar a sombra, e Olivia também fez babyliiss no meu cabelo, e todo o empenho e a concentração delas foram estranhos. Mas não ruins.

— Você está *tão* bonita — diz Cassie. — Ela não está bonita?

Olivia faz uma pausa antes de concordar:

— Está mesmo.

Sinto um tremor agradável e feliz ao ouvir isso. E, quando me olho na janela do metrô, sou obrigada a concordar. Eu estou bem. Estou melhor do que bem. E, por alguma razão, me sinto uma nova pessoa.

Descemos em Woodley Park e atravessamos a ponte até Adams Morgan, e Mina e os garotos já estão nos esperando na frente do bar. Will está com uma bolsa masculina pendurada no ombro. Nunca o vi tão irritado.

— Sério. Isso é ridículo. Ridículo. — Ele passa a mão no cabelo e bufa.  
— Desde quando tem limite de idade para música?

— É um bar — diz Cassie.

— Mas a gente não veio por causa da bebida — retruca Will. — É por causa da *música*.

— Olha, eu entendo.

— Por que *ele* não entende?

Will aponta para o leão de chácara e, sério, solta um rosnado.

— Deixa esse babaca pra lá. Dá pra ouvir um pouco aqui de fora — comenta Cassie.

— Não é a mesma coisa.

— Toma. Bebe. — Cassie pega uma garrafa térmica na bolsa e passa para ele.

— O que é?

— Limonada — diz ela.

Will toma um gole e se vira para ela, sorrindo.

— Com vodca — completa Cassie.

— Eu quero. — Mina estica a mão para pegar a garrafa. — E um pedaço de pizza — acrescenta ela, dando um sorriso contagiante.

Vinte minutos depois, estou espremida em um banco de madeira com Cassie, Mina e Olivia, segurando uma fatia gigantesca de pizza e uma Coca. Os meninos estão de pé na nossa frente, e Max finge narrar os pensamentos de um casal ali perto que está se olhando intensamente. Cassie e Mina estão tentando fingir que não tem nada de mais em estarem de mãos dadas, mas a expressão delas está radiante. Fico feliz. E me sinto um pouco solitária. Mas elas são fofas e é legal ver as duas juntas. Não sei explicar muito bem por quê. Acho que elas me passam uma sensação de *coisa certa*. De estar dizendo as coisas certas e estar no lugar certo. De ser a pessoa certa.

Será que isso faz algum sentido?

Eu me inclino para cochichar com Olivia, mas alguém dá um empurrãozinho na ponta da minha sapatilha.

— Ei — diz Will. — Você não respondeu a minha mensagem.

— Ah. Eu não...

Ele ri.

— Brincadeira. Tudo bem.

— Eu não sabia que era você.

Cassie ri, e percebo que ela e Mina estão nos observando.

— Bom. Agora você sabe.

Os olhos azuis dele encontram os meus, e sinto meu rosto ficando vermelho.

Eu pigarreio.

— Ainda tem vodca?

No fim das contas, a bolsa de Will está cheia de cinquenta milhões de garrafas de bebida em miniatura. Não tem vodca, mas ele vira uma garrafinha inteira de rum na minha Coca.

— Hã, tudo bem, está...

Cassie rouba meu copo e bebe um pouquinho.

— Uau, está forte.

Para ser sincera, não tenho muito como saber. Acho que nunca tomei mais do que um gole de qualquer bebida alcoólica. Por causa dos remédios, é melhor que eu fique longe de álcool, mas preciso de alguma coisa hoje. Preciso não me sentir como eu mesma por um minuto.

Hoje sou a Molly de cabelo ondulado. A Molly sem cardigã. A Molly da Coca com rum.

— Acho que a rua está se inclinando — diz Cassie. — Estão vendo?

— É porque você não está sóbria — comenta Mina.

— Não.

Ela apoia a cabeça no ombro de Mina.

Minha cabeça está um pouco lerda e meu peito está quente, mas é uma sensação agradável. Gosto dela. Quando levanto o rosto, vejo que Will está nos olhando e sorrindo. Ai, meu Deus. Eu poderia ficar cinco milhões de horas sentada analisando os ângulos do sorriso dele.

— Todas vocês estão bêbadas? — pergunta ele.

— Talvez — respondo.

Mas, com o canto do olho, tenho um vislumbre de Olivia, que de repente parece uma criança arrastada para uma festa de adultos. Ela está passando os pés na beirada do banco e mexendo no guardanapo.

Eu me viro para dizer alguma coisa, mas Cassie passa o braço pelos meus ombros.

— Molly bêbada. Nunca achei que fosse ver isso.

— Eu gosto da Molly bêbada. Ela é legal — diz Will.

— Não é? — ecoa Mina.

— Quer mais? — pergunta Will.

Cassie me lança um olhar, como se quisesse mencionar o remédio, mas eu a ignoro.

— Tá, tudo bem — falo, e Will sorri para mim.

Ele tem um sorriso muito luminoso. E até que gosto do jeito como ele está me encarando. Não consigo acreditar que esse garoto hipster de cabelo desgrenhado e calça jeans skinny está me olhando assim. Sinto uma ondinha de adrenalina, ou de atração ou de álcool, sei lá, que me deixa nervosa.

— Por que você está com essa cara de zumbi? — pergunta ele.

— O quê?

— Relaxa!

— Zumbis são relaxados.

Ele ri.

— Você é tão engraçada.

Sinto que a conversa está evoluindo rápido demais, mas talvez isso seja bom, e, quando olho para Will de novo, o sorriso dele está menor, mas melhor. E estou tão vermelha que acho que meu rosto está pegando fogo.

Talvez Cassie estivesse certa sobre cardigãs e talvez seja assim que aconteça. Talvez esteja mesmo acontecendo. Mas não vejo como é possível. Porque Will é tão bonito e tão descolado, e eu sou só eu. Ele é areia demais para o meu caminhãozinho. Parece que estou experimentando um vestido que não cabe em mim.

— Estou falando, está acontecendo — sussurra Cassie.

Só que não é bem um sussurro. Porque, sério, Cassie bêbada. Ela fala bem alto. Tenho cem por cento de certeza de que Will ouviu, e Max também, e todo mundo na rua, e provavelmente as pessoas na Antártica. Se houver gente na Antártica. Tem gente na Antártica? Talvez uma pequena colônia de exploradores. Acho que Reid saberia. Não entendo por que estou pensando nisso. E não entendo por que estou pensando em Reid. Ainda mais quando estou sendo bombardeada pelo sorrisinho iluminado de Will Haley.

— Gosto tanto dele — acrescenta Cassie, não tão baixo. — Ele é seu melhor crush até agora. Tem minha aprovação. Sou Time Will.

— Cass. Para. — Eu me viro para encará-la. Estou com tanta vergonha. Sinto como se estivesse nua em uma arena enorme sendo observada por uma plateia que vai até o infinito e em todas as direções. É um pouco insuportável. Mais do que um pouco. — Olha, acho que vou embora — anuncio.

— O quê? Não! — reclama Cassie. — Você não pode ir embora. Não quero ir.

— Tudo bem, pode ficar.

— E você vai pegar o metrô para casa sozinha? — pergunta ela. — Molly, você está bêbada.

— Você também.

Ela olha para mim.

— Eu vou com ela — diz Olivia em seguida.

Cassie encara a gente com desconfiança, mas sei que não vai discutir. Quer muito ficar.

— Me manda uma mensagem assim que chegar em casa — diz ela, apertando minha mão.

— Claro — falo, tentando não rir.

Porque essa coisa de irmã protetora é fofa, mas tenho certeza de que Cassie não vai ficar aqui esperando minha mensagem. Deve ser difícil checar o celular quando seus olhos estão grudados em Mina.

— A gente vai daqui a pouco, tá? — avisa ela. — Vejo você em casa.

Outra coisa em que não sei se acredito.

\* \* \*

Quanto mais nos afastamos, mais Olivia relaxa.

— Desculpa. Estou me sentindo meio estranha hoje — explica ela quando nos aproximamos da ponte. — Acho que preciso ir para casa botar meu pijama, ver Netflix e relaxar com Titania.

Titania. A cachorra.

Eu coloco a mão na boca, fingindo espanto.

— Olivia, você não pode ver Netflix e relaxar com Titania. Não é assim que funciona.

— Espera, estou confusa.

— Você sabe que isso é um código para outras coisas, né? — falo, deixando que minhas sobrancelhas expliquem o resto.

— Ah.

— Pois é.

— Só quero ver alguma coisa na Netflix.

Ela parece um pouco traumatizada pela ideia.

— Nossa, eu também.

E é verdade. Só a palavra “Netflix” já consegue me tranquilizar. Netflix quer dizer não ter que encolher a barriga nem pensar em alguma coisa inteligente e engraçadinha para dizer. Significa uma noite inteira sem pensar no que as pessoas acham de você. Nada de álcool e nada de flerte, nada de confusão. Só órgãos calmos e em seus devidos lugares.

Perfeito.

Exatamente o que eu quero.

Só que tem uma parte pequena e perversa de mim que quer voltar correndo para a pizzaria e ouvir Will Haley dizer que sou engraçada. Apesar de essa ser a forma mais rápida de abalar meus órgãos. E de ser o completo oposto da Netflix. Mas essa sou eu. Sempre quero coisas opostas.

— Hã, Molly? — diz Olivia. — Você está andando em zigue-zague.

— Ah. Ops.

— Tem certeza de que está bem?

— Claro que estou superbem.

— Então tá... — Ela morde o lábio. — Ei, você se importa se eu ligar para o Evan rapidinho? Ele já deve estar indo dormir.

Eis os fatos sobre Evan Schulmeister: ele vai para a cama às dez e meia com plugues de ouvido e aparelho móvel nos dentes, acorda às cinco e corre cinco quilômetros. Todos os dias.

— Tudo bem, claro — falo.

Acho que estou dizendo muito *claro*. Claro que estou dizendo muito claro. Deve ser uma característica especial da Molly bêbada. Igual a Molly normal, mas com cento e cinquenta por cento mais *claros*.

Olivia pega o celular e anda alguns passos na minha frente, então pego o meu também. Minha cabeça está estranha: leve, rodopiante e tonta, mas meu cérebro ainda funciona, bem o bastante para mandar uma mensagem.

**Abby, o que você está fazendo agora? Estou com maldade!!!**

**Haha, saudade, não maldade, acrescento.**

E agora estou andando pela ponte, e Olivia ainda está falando com Evan, apesar de ter combinado de se encontrar com ele no domingo. Daqui a dois dias ela vai dirigir até a Pensilvânia para vê-lo, mas ainda está segurando o celular como se cada segundo de conversa fosse precioso.

Tudo isso por causa do Evan Schulmeister.

Assim, só ando atrás dela, pegando o celular em intervalos de segundos para ver se Abby respondeu.

E ela não respondeu. Eu escrevo outra mensagem.

**ABBY, MEU AMOR, CADÊ VOCÊ?**

Quase esbarro em uma pessoa, mas o celular enfim vibra. E é Abby! Só que não é exatamente Abby, porque a mensagem diz: **Oi! Desculpa, aqui é o Simon. Abby dormiu. Quer que eu a acorde?**

Ah, oi, Simon!!! Td bem.

**Aqui é a prima dela, Molly.**

Verifico a ortografia algumas vezes. Não quero ser a Molly bêbada e incoerente na minha primeira conversa com Simon. O Simon. O novo melhor amigo da Abby. Meu substituto. HAHAHAHAHAHAHAHHA.

Ha.

É. Não é engraçado.

**Oi, prima Molly!,** escreve Simon.

**Não acredito que ela já está dormindo,** falo.

**POIS É! Ela pegou no sono vendo Harry Potter.** Emoji com olhar de desdém.

Respondo no mesmo segundo. **O QUÊ? Que péssimo. Ela é péssima.**

**Ela é uma trouxa mesmo,** escreve ele. E isso me faz sorrir pelo restante do caminho.

Olivia só desliga quando chegamos à escada rolante do metrô, e fica quieta por alguns minutos. Isso sempre acontece depois que fala com Evan. Acho que ela precisa de um tempinho para voltar ao mundo normal.

Provavelmente porque ele é um deus do sexo. CONTROLE SUA GOSTOSURA, EVAN SCHULMEISTER. Pelo bem de Olivia. Pelo bem do mundo.

Mas entramos em um vagão quase imediatamente, e até conseguimos sentar juntas. É um milagre. É o cara de *Kimmy Schmidt* dizendo *é um milagre!*. É mesmo um milagre, mas acho que preciso vomitar, e isso não deve ser permitido. Não no metrô. Não em Olivia. Inspiro fundo até o enjoo passar.

Só mais algumas estações.

Fico repassando a noite mentalmente, tentando entender o que aconteceu, e em determinado momento contorno meu colo com os dedos. É muita pele, ou, nas palavras de Patty, “um senhor decote”. É uma coisa meio sexy, apesar de sexy não ser uma palavra que me vem à cabeça quando penso em mim. Mas é assim que me sinto hoje. E acho mesmo que Will Hipster estava flertando. Comigo.

Olivia encolhe as pernas e apoia o queixo nos joelhos. É uma posição bem impressionante de se fazer em um banco de metrô, principalmente quando se tem mais de um metro e oitenta. Ela inclina a cabeça para mim e sorri.

— Então Will mandou mensagem para você?

— Hum. Mais ou menos.

— Como se manda mais ou menos mensagem para alguém?

Fecho os olhos e me recosto no banco.

— Não sei. Isso tudo é obra da Cass e da Mina.

Olivia ri.

— Não, estou falando sério — falo. — Com certeza Cassie fez Mina atazanar o garoto até ele mandar a mensagem.

— Então Cassie obrigou Mina a obrigar Will a mandar uma mensagem para você.

— Exatamente.

Olivia dá um sorrisinho.

— É, talvez você esteja exagerando.

Mas tem uma coisa que Olivia não entende. Eu não estou exagerando. Na verdade, estou tentando ser menos cautelosa. Mas é preciso ser a goleira do seu coração.

E, se eu for levar um fora, quero estar preparada.



ACORDO COM O celular vibrando: quatro mensagens de Abby.

Você estava bêbada quando trocou mensagens com o Simon no meu celular ontem?!

E eu não sou uma trouxa!!!!

(Acho??)

Vc ficou bêbada mesmo?

Ainda não consigo me mexer. Observo o lustre do quarto. Nunca tinha reparado, mas está com uma camada fina de poeira. E uma lâmpada está queimada. Eu devia consertar qualquer hora dessas. Talvez quando estiver um pouco menos catatônica.

Mas o que eu realmente devia fazer é sair da cama. Hoje é Quatro de Julho. É um evento bem importante no nosso bairro. Tem um desfile e tudo, com cabeças de animais feitas com papel machê e palhaços e carros alegóricos inteiros dedicados a compostagem. Isso mesmo: plataformas que se movem decoradas em homenagem a perecíveis em estado de putrefação.

Cassie está se mexendo na cama de cima.

— Ah, oi — diz ela por fim, a voz pesada de sono. — Está acordada?

— Mais ou menos.

Ela ri.

— Eu também. Nossa... Ontem à noite foi... interessante.

Tenho medo de saber o que ela quis dizer com isso. Talvez tenha acontecido alguma coisa depois que Olivia e eu fomos embora. Talvez a Cassie bêbada tenha virado a Cassie muito bêbada, ou até a Cassie caindo de bêbada.

Não quero nem imaginar o que a Cassie caindo de bêbada pode ter dito sobre mim para Will, já que a Cassie caindo de bêbada não é conhecida por ser cautelosa.

Eu me esforço para pensar em alguma coisa neutra. Qualquer coisa. Minha roupa de Quatro de Julho: um vestido de brim clarinho e uma legging azul-marinho com estrelas brancas. E não estou nem aí se alguém me olhar de cara feia por usar legging em pleno verão, porque não quero sentir minhas coxas roçando uma na outra. Além do mais, é uma legging muito patriótica.

Cassie se mexe, a cama range, e fico nervosa de novo. Eu me sinto como as duas pontas negativas de um ímã. Como se houvesse partes de mim que não pudessem se juntar. Se Cassie disse alguma coisa para Will, eu quero saber. Mas também *já* quero saber.

— Convidei a Mina para o desfile e para os fogos, e tudo o mais — comenta Cassie de repente.

— Ah, legal.

— Tudo bem por você?

Eu me sento.

— Por que não estaria?

— Porque... sei lá. — Eu a ouço bocejar. — Sei que é uma coisa que fazemos juntas.

E é verdade: normalmente, Cassie e eu vemos o desfile juntas. E, sim, em circunstâncias normais, a ideia de Mina participar desse momento poderia me incomodar um pouco, mas estou tão preocupada com meu drama masculino agora que mal registro o que ela está falando.

Passa pela minha cabeça que pode ser exatamente por isso que Cassie quer que eu tenha um namorado.

Ela sai da cama e se deita ao meu lado.

— Você e Will estavam tão fofos ontem.

— Aham. Tá.

Eu abraço os joelhos.

— É sério. Ele estava dando em cima de você descaradamente. Mina encheu o saco dele depois que você foi embora.

— O que ela disse? — pergunto na mesma hora.

Cassie só sorri, e sinto uma onda de pânico silencioso.

— Cassie! O que ela disse?

— Ai, meu Deus. Relaxa, Molly! Você se preocupa demais com as coisas.

— Por que você está sorrindo?

— Porque você gosta desse cara de verdade e é tão fofo. Crush número vinte e sete, né?

— Will não é um crush.

Cassie ri.

— Tá.

— Espera. Você disse para ele que era?

— Molly. Não. Para de surtar.

— Tá.

E, por um instante, ela não fala nada.

— Mas, tipo, olha. Falando sério — diz ela por fim. — Essa coisa de namorado. Você quer mesmo que aconteça?

— Não sei. Acho que sim.

Ela revira os olhos.

— Isso é um sim. E isso é ótimo, tá? Não tem o menor problema você querer isso. — Eu mordo o lábio. — Mas, em algum momento, você vai ter que se arriscar. Entendeu?

Sei que ela está certa. Quer dizer, meu cérebro sabe, mas não consigo fazer o restante do meu corpo acompanhar esse pensamento. É como tentar prender a respiração por muito tempo. Tem um instinto protetor dentro de mim que abre minha boca, destapa meu nariz.

— Entendi — respondo.

— Digamos que Will soubesse que você está interessada. Qual é a pior coisa que poderia acontecer? Ele rejeitar você? E daí? Você segue em frente, para o crush vinte e oito.

*Segue em frente. E daí?*

Acontece algo horrível quando um cara acha que você gosta dele. É como se ele estivesse todo vestido e você estivesse nua. É como se seu coração de repente ficasse fora do corpo, e, sempre que ele quisesse, pudesse esticar a mão e espremê-lo.

A não ser que ele goste de você também.

\* \* \*

Não quero segurar vela e atrapalhar Cassie e Mina, então acabo indo para uma festa, para ver o desfile junto a uma companhia de dança com as minhas mães. E Xav. E vovó. Sou uma garota muito ousada mesmo. O evento é organizado por umas pessoas que Nadine conhece do grupo de bebês, então a festa está cheia de crianças.

Tenho dezessete anos, e essa é minha vida social.

Xav começa a subir no carrinho de outro bebê enquanto minhas mães e vovó bebem limonada nos degraus da entrada. Todos os adultos estão muito relaxados. Tem mulheres com os peitos de fora para todo lado amamentando os filhos e bebês usando fraldas de pano e correndo de um lado para o outro com macarrões de espuma. Reconheço alguns dos adultos, que parecem saber que sou uma das irmãs de Xavier, embora não

qual das duas. Acho que não ligam muito para isso, estão mais interessados nas faculdades para as quais vou me candidatar.

Talvez eu devesse começar a carregar folhetos com minha lista de faculdades, organizadas em ordem de preferência. Ou talvez, *talvez*, esses adultos aleatórios devessem refletir sobre o motivo de se importarem tanto com isso.

— Ei — diz Nadine, chamando minha atenção. — Tudo bem?

— O quê?

— Você parece meio... mal-humorada.

— Eu estou meio mal-humorada.

— Mas agora você está sorrindo — diz ela. — Estragou tudo.

Ela está certa: estou mal-humorada e chateada, me sentindo nem um pouco eu mesma. Deve ser por causa da ressaca. Ou por causa de Cassie, que fica falando coisas que fazem meu cérebro doer. Seja como for, não sou boa companhia para humanos agora. Mas olho para o outro lado da rua e vejo Reid na calçada.

Reid Wertheim. Logo aqui, dentre todos os lugares. E, assim como eu, ele parece surpreso ao me ver. Atravesso a rua para cumprimentá-lo.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui. — Ele aponta para uma casinha azul.

— Não acredito. — Abro um sorriso.

Ele também sorri, e, por um minuto, ficamos os dois em silêncio. Mas meu coração está batendo muito depressa, e até que é gostoso.

— E o que você está fazendo aqui? — pergunta ele.

— Eu, hã...

Olho para o outro lado da rua, e é claro que Patty, Nadine e vovó estão observando tudo. URGENTE: MOLLY ESTÁ CONVERSANDO COM UM GAROTO DE CARNE E OSSO. ACOMPANHEM O DESENROLAR DA HISTÓRIA. Pelo menos as minhas mães têm a



Minha casa fica a dois quarteirões de distância. Eu moro a dois quarteirões de Reid.

Tenho que admitir que tem uma coisa silenciosamente emocionante nisso. Vou levar um garoto em casa. Para pegar massa de biscoito. Totalmente platônico. Mas mesmo assim. Um garoto. Na minha casa.

— Sabe, eu não tinha me tocado antes — diz Reid, me seguindo pela porta dos fundos —, mas eu passo pela sua casa às vezes quando passeio com meu gato.

Abro um sorriso.

— Com seu gato? De coleira?

— É, uso uma espécie de coleira. Mas só passeio com o gato cinza. Elefante. — Ele dá de ombros. — Os outros não gostam.

— Não consigo acreditar que nunca reparei em você passeando com um gato na frente da minha casa.

— Talvez eu deva parar de usar minha capa da invisibilidade.

Dou uma gargalhada e sigo para a cozinha.

— A massa de biscoito está na geladeira. Quer sorvete de baunilha em cima?

Ele inclina a cabeça.

— Quero?

— Acho que quer.

Abro a geladeira e pego o pote atrás da enorme coleção de iogurte grego de Patty.

Ele abre um sorriso quando vê.

— Você colocou meu nome?

Coloquei. O que, claro, exigiu uma entrada rápida no Facebook. Não para xeretar. Só para confirmar a ortografia: *Reid* e não *Reed*. Mas, sim, Reid Wertheim tem perfil no Facebook. E, sim, Reid Wertheim está solteiro. Não que isso importe. Reparei por acaso.

— Ah, certo. Você precisa do sorvete — falo.

— Acho que depois de comer isso, todas as outras comidas do mundo vão perder a graça.

Estou prestes a fazer um comentário espartinho sobre coelhinhos de chocolate, mas ouço uma explosão de gargalhadas repentinas vindas do andar de cima. Levo um susto tão grande que quase dou um pulo. Eu tinha certeza de que Reid e eu éramos os únicos em casa.

Mas ouço a voz de Cassie e a gargalhada baixa e rouca de Mina, e, ah. AH.

Só consigo implorar mentalmente: DEUS, POR FAVOR, QUE ELAS NÃO ESTEJAM TRANSANDO. Será que existe isso? Sexo em plena luz do dia no Quatro de Julho? Porque tenho certeza de que não vou sobreviver a barulhos de sexo na presença do Reid da Terra Média.

Eu olho para ele. Ele olha para mim. E ouço o baque e o rangido familiares dos passos de Cassie na escada. Ela e Mina aparecem na porta da cozinha momentos depois.

Totalmente vestidas. De mãos dadas.

— Opa. Eu não sabia que você estava em casa — diz Cassie.

— Acabamos de chegar.

— Molly, você está tão fofa e patriótica — comenta Mina. E então vê Reid. — Ah, oi!

Reid parece assustado.

— Oi, Mina.

— Vocês se conhecem? — pergunto, surpresa.

Reid assente.

— Nós estudamos na mesma escola.

Cassie o examina.

— Mas eu não conheço você.

— Ah. Esse é o Reid — falo, tentando parecer casual, o que não devia ser tão difícil. Devia ser uma situação casual e simples. — Essa é minha irmã, Cassie.

— Ahhhh. Você é o cara do trabalho — retruca Cassie.

E segue-se uma longa pausa, durante a qual Reid assente e eu fico vermelha, Mina olha para Cassie e o freezer começa a apitar. Fecho a porta rapidamente e passo o sorvete para Reid.

Supercasual.

Se bem que agora Reid sabe que falei dele para Cassie. O que é ótimo. Vamos só acrescentá-lo à lista de caras que agora acham que sou obcecada por eles.

— Olivia vai nos encontrar naquela loja de cheesecake — diz Cassie.

— Vamos?

— Agora?

Ela assente.

— Coloque sorvete aí e vamos.

Reid tem que voltar para o trabalho, mas anda com a gente até a avenida Tulip, segurando o pote de massa de biscoito contra o peito. Ele e Mina ficam conversando sobre um professor da escola, e ainda acho meio impressionante que eles se conheçam. Não que eu me importe, mas ocorre uma pequena mudança na minha cabeça.

Só que Reid parece nem notar mais a minha presença, e isso me aborrece. Talvez esse professor de quem os dois estão falando seja alguém muito interessante. Para ser sincera, nenhum dos meus professores é tão interessante.

Mas, quando chegamos à loja de cheesecake, Reid se vira para mim de repente.

— Então tá — diz ele, e sua mão paira perto de mim, como se ele estivesse prestes a apoiá-la em meu ombro. Ou talvez a me abraçar.

Talvez.

Seria bem legal se meu cérebro pudesse continuar funcionando agora.

Mas deve haver um campo de força ao meu redor, porque Reid recua, coloca a mão no potinho, segurando-o como se fosse um taco de beisebol.

— Legal. Bom. Acho que a gente se vê no trabalho — diz ele, acenando brevemente. Em seguida, aperta ainda mais o pote e sai andando em direção à loja dos pais.

\* \* \*

— Não acredito que você trabalha com o Reid — diz Mina, passando pela porta da confeitaria. Ela segura a porta para Cassie e para mim. — A gente se conhece desde o primeiro ano. Ele é tão fofo.

— Assim como outra pessoa que eu conheço — diz Cassie, sorrindo e me cutucando com o cotovelo.

Porque é a palavra que usam comigo também. *Fofa*. Sou bem famosa por isso, na verdade. Todos os anuários que tenho estão cheios de recados dizendo: *Vc é tão fofo. Continue fofo assim*. Às vezes as pessoas escrevem “fofs”.

— Ele é bonitinho — acrescenta Cassie. — Qual é a dele?

— Do Reid? — pergunta Mina.

— É. Ele é solteiro?

Meu corpo todo fica em alerta.

O perfil dele no Facebook dizia Solteiro. Com S maiúsculo. Mas talvez ele seja uma daquelas pessoas que não fazem questão de atualizar essas coisas. Não que isso importe.

— Ai, meu Deus, que lugar incrível! — exclama Mina, diante da escadaria na frente da confeitaria.

— Não é? — diz Cassie, subindo dois degraus de cada vez. Mina e eu vamos atrás.

— Então esse lugar é uma confeitaria só de cheesecake — conclui Mina, rindo. — Como eu nunca reparei nela?

— Acho que você tem que vir aqui mais vezes — comenta Cassie.

— Acho que você está certa.

Mina sorri. E Cassie entrelaça os dedos com os dela, só por um minuto. Ninguém deve nem reparar, só eu.

Afasto o olhar rapidamente e me concentro nas vitrines. E AÍ, CHEESECAKES? VOU FICAR AQUI OLHANDO PRA VOCÊS PRA SEMPRE. Porque quando acontece um momento de carinho entre duas pessoas, eu viro um garotinho de onze anos. É um grande talento meu.

Acho que nunca fiquei tão feliz ao ver Olivia.

Pedimos cheesecakes e nos sentamos.

— Então, espere. Voltando ao Reid — diz Cassie para Mina. — Ainda precisamos de informações sobre ele.

Quero dar um abraço nela.

Não que eu me importe com essas informações. Só estou curiosa. Normal.

— Certo — começa Mina. — Com certeza ele é solteiro. Ai, meu Deus. Como descrever o Reid... — Ela inclina a cabeça. — Ele parece um daqueles caras que vão a essas feiras medievais, sabe? Não perdem um dia, sempre vão de fantasia completa.

Olivia sorri.

— Ah. Eu adoro caras de feiras medievais.

— É... não sei. Eu diria que ele é o tipo de cara para casar, mas não é muito para namorar. Ou para transar. — Mina franze o nariz.

Isso me irrita. Existe mesmo gente que não serve para transar? Claro que existem pessoas assexuadas, mas é diferente.

O que estou querendo dizer é: uma pessoa pode ser repulsiva no quesito sexo? Talvez Reid não seja interessante ou viril o bastante. E se eu gostar dele mesmo assim, o que isso diz sobre mim? É porque tenho medo de gente mais bonita?

Não estou dizendo que gosto dele. Mas se eu gostasse. Hipoteticamente.

Abby sai com nerds, mas alguém bonita daquele jeito pode namorar qualquer um, e as pessoas sabem que escolheu o nerd de propósito.

Poderia ser o cara gostoso, mas ela não quis. Mas, quando se é uma nerd gorda que gosta de outro nerd gordo, todo mundo acha que você só arrumou alguém do seu nível.

Fico meio enjoada. Não consigo explicar.

— Então, Will estava mesmo flertando com você ontem à noite — diz Mina.

— Hum. Tá.

Sinto meu rosto ficar quente. Não sei. Não consigo enfiar na cabeça que uma pessoa como Will estava mesmo flertando comigo.

— E isso é perfeito, porque, mesmo que a coisa de namorado não dê certo, vocês podem continuar ficando. Ele é ótimo com essas coisas. Juro que nem ficaria um clima esquisito no dia seguinte.

Eu olho para ela, me perguntando como Mina sabe disso.

— Bom, Molly ficaria bem esquisita — observa Cassie. E, por baixo da mesa, pressiona o pé no meu.

— *Claro que não.*

— Claro que sim — diz Olivia.

Elas estão certas. Seria bem esquisito. Eu ficaria toda tímida e constrangida e provavelmente passaria o resto da vida pensando no que Will achou da qualidade do meu beijo. Ou da falta dela.

Fico nervosa de repente e preciso fazer algo com as mãos. Pego o celular, e tem duas mensagens de Reid. Como um pedaço de cheesecake de chocolate e clico nelas.

**Bem, minha avaliação oficial da massa de biscoito é:**

Emoji de gato com olhos de coração. Emoji de positivo. Emoji de troféu. Emoji de braço musculoso. Emoji de carinha sorridente com olhos fechados de alegria.

E sinto aquele mesmo formigar suave no abdome.

Ele é bom com emojis.

\* \* \*

Olivia sai para se encontrar com a mãe, mas Cassie, Mina e eu passamos a tarde andando pelas ruas adjacentes. Só nós três. Eu fico meio sem jeito, porque tenho a impressão de que estou sempre atrapalhando, mas a cada vez que tento me afastar e deixá-las sozinhas, elas me seguem.

Tenho que admitir que até que é legal. Acho que elas querem mesmo passar o dia comigo, ainda que isso signifique menos oportunidades de se pegarem. Talvez minha companhia seja melhor do que dar uns beijos, o que é meu objetivo neste planeta, para ser sincera.

Comemos alguma coisa e depois vamos até a escola de ensino fundamental para ver os fogos. O campo logo atrás já está lotado de gente: em cadeiras dobráveis, sentadas em mantas, comendo chips orgânicos de couve e ninando bebês. Abrimos o cobertor grande das nossas mães e, depois que nos acomodamos, Mina tira uma selfie. Eu me deito com os braços cruzados atrás da cabeça e fecho os olhos, só ouvindo a confusão de sons: gente rindo, crianças gritando e meu coração batendo junto à banda marcial. Eu me sinto quase elétrica.

— Ei. — Sinto uma batidinha no ombro. Abro os olhos. — Dá uma olhada nisso. — Mina estica o braço por cima de Cassie para me passar o celular.

— O que eu tenho que olhar?

— Só leia — diz ela, sorrindo.

É uma mensagem de Will. Acho que Mina mandou a selfie para ele, que respondeu: **Só vou ali no canto dar uma choradinha e já volto.**

— Por que ele está chateado? — pergunto, o calor subindo pelas bochechas.

— Hã, porque tem uma garota bonita aqui e ele está preso em casa cuidando dos irmãos.

Não consigo enfiar isso na cabeça. A ideia de que não estar comigo deixaria o Will Hipster chateado. E, se for verdade, não consigo decidir se é empolgante ou apavorante.

É engraçado. Algumas horas atrás, eu estava obcecada com Reid.

Talvez *obcecada* não seja a palavra certa. Mas encontrá-lo por acaso fez alguma coisa com meus batimentos cardíacos. Quando achei que ele fosse me abraçar, quase surtei. Acho que ele não é só um colega de trabalho, foi promovido a crush.

Mas, então, tem o Will.

É difícil saber como interpretar essa situação. Eu sempre fui monogâmica com meus crushes, mas agora estou bem confusa. Quando fecho os olhos, é fácil imaginar Will ao meu lado. Os olhos azuis intensos e o cabelo ruivo desganhado, ambos brilhando ao pôr do sol. Namorar Will seria como um cinto de segurança fazendo um clique ao ser fechado. Tudo em seu devido lugar. Mina e Cassie. Will e eu.

Mas o estranho é que minha mente fica voltando para olhos castanhos e tênis brancos idiotas. Cassie me cutuca de repente.

— Ei, vai começar.

Abro os olhos.

E a primeira coisa em que reparo não é o estalo e a luz da primeira leva de fogos de artifício.

É na perna de Mina em cima da de Cassie. As mãos delas entrelaçadas, apoiadas suavemente na barriga de Mina.



MEUS OLHOS SE abrem ao amanhecer, e me sinto um pouco perdida. Ainda me espanta acordar na cama de baixo do beliche. Logo acima, Cassie respira suavemente. Não está roncando, só fazendo um daqueles sons que faz dormindo desde que éramos pequenas.

É engraçado como algumas coisas mudam e outras, não.

Desço e encontro Nadine na cozinha, tomando café.

— Xav ainda está dormindo? — pergunto.

— Nunca. — Ela ri. — Está na sala com sua avó.

— Ela vai embora hoje?

— Amanhã de manhã — diz Nadine. — Como foram os fogos de artifício?

— Maravilhosos.

Ela ri.

Dou um sorrisinho desanimado.

— O quê? — pergunto.

— Nada nunca é só bom. Tem que ser *maravilhoso*.

Um choro alto e repentino irrompe na sala.

— Ops, lá vamos nós — diz Nadine, colocando a caneca na mesa.

Eu a sigo até a sala, onde Xavier se joga para trás nos braços da vovó, aos berros.

— O que está acontecendo, bebê? — pergunta ela. — Pra que essa gritaria toda?

— É esse pombo medonho — diz vovó, mostrando um livro ilustrado.

— Ei — diz Nadine, levantando um dos dedos. — Não fale mal do Pombo.

Vovó ri, e eu me sento no sofá ao lado dela.

— Como você está, *mamaleh*? — pergunta, acariciando meu cabelo.

— Bem.

— Você não vai trabalhar hoje, vai?

Faço que não.

— Que bom. Vocês trabalham demais, têm que tirar um dia para relaxar.

— Bom, preciso começar a fazer os arranjos de centro de mesa para o casamento.

— Você vai fazer os arranjos de mesa? — pergunta vovó.

Eu faço que sim.

— É um plano ambicioso. Como posso ajudar?

E ela realmente parece disposta a ajudar, então deixo que cubra a mesa de jantar com jornais enquanto pego potes de conserva e tinta no porão. Passo um pincel para ela.

— Vi um tutorial no YouTube.

— A banda? — pergunta ela.

— Hein?

Nadine aparece na porta, sorrindo.

— Ela está falando do U2.

— Ahhh. Não. É diferente. O YouTube é...

Paro de falar. Como se explica o YouTube para sua avó de setenta anos?

Desisto e começo a organizar minhas tintas. Tenho umas incríveis em tons pastel, e dá para usá-las em qualquer material, até em tecido. Às vezes, pinto flores pequenininhas na gola dos meus cardigãs. Creio que seja

impossível planejar um casamento sem essas tintas específicas, e é bem provável que existam estudos comprovando isso.

— São lindas — diz vovó.

Mostro a ela onde pintar, a grossura da camada de tinta, e começamos em um ritmo silencioso.

— Você é tão boa nisso, com esses projetos artísticos.

Demoro um minuto para perceber por que estou vermelha. Mas então eu lembro: já tive essa conversa antes.

Com Will. E com Cassie e sua inegável sutileza, como sempre.

— Minha mãe também levava muito jeito para isso, sabia? Sua *bubbe*. Ela era uma costureira maravilhosa. — Vovó se inclina para a frente. — Ela tinha uma máquina de costura Singer 201 e fazia todas as nossas roupas. Eram peças lindas. As garotas da escola me perguntavam onde eu comprava meus vestidos.

Sinto que devia dizer alguma coisa, mas só consigo assentir.

— Ela ficaria tão orgulhosa de você, *mamaleh*.

Tenho uma visão repentina da minha bisavó fazendo *high-five* com meus outros antepassados no reality show divino criado por Cassie.

— Agora, me diga, você tem máquina de costura?

Faço que não com a cabeça.

— Só uso linha e agulha mesmo.

— Ah, isso não pode continuar assim. Molly, a máquina vai mudar sua vida.

— Tudo bem — falo, sorrindo.

De repente, ouço os passos de Cassie na escada.

— Tchau, gente, estou saindo! — grita ela.

— Ei, ei. — Nadine vai até a sala, equilibrando Xav no quadril. — Aonde você vai?

— Para a casa da Mina.

— Tá, mas quero você em casa antes do jantar. É a última noite da sua avó aqui.

— Hum. Tá. Mas é que a gente ia...

— “Mas” coisa nenhuma. Você vai estar bem aqui com a bunda nessa cadeira às seis horas. Entendeu?

Cassie começa a digitar no celular e não responde.

Nadine balança a cabeça.

— Ei. Guarda o celular. Estou falando com você.

— Estou mandando uma mensagem para a Mina...

— É, eu sei.

Os olhos de Cassie faíscam de raiva.

— Só mandei uma mensagem avisando que tenho que estar em casa às seis. Se você não ficasse me interrompendo a cada segundo, saberia disso...

— Opa, opa, opa — diz Nadine. — Que grosseria é essa? Quer saber? Você não vai mais a lugar nenhum.

— O quê?

— Você acabou de ganhar um dia em casa com a sua família.

Nadine dá de ombros.

— Você está brincando, né? Só porque eu mandei uma mensagem? Isso é muito escroto.

— Seu jeito de falar também não está nada legal.

Cassie ergue as mãos, indignada.

— Desde quando você se importa com essas coisas?

— Então... — começa Nadine, mas Cassie a interrompe.

— Isso é ridículo. Cadê a Patty?

— Está fazendo um parto — respondo.

Cassie bufa e afunda em uma cadeira.

— Quer ajudar a gente a pintar alguns potes? — pergunto depois de um instante.

Cassie dá uma gargalhada petulante.

— Hã, não.

— Nossa, então tá — falo.

— Meu Deus, Molly, dá um tempo.

— Não estou fazendo nada.

— Você está me olhando como... não. Sem querer ofender, mas sério que você está me perguntando se quero pintar uns potes idiotas com você e com a vovó? Em vez de sair com a minha namorada?

E se instala entre nós um silêncio horrível e pulsante. Sinto um aperto no peito e um nó na garganta, mas não vou chorar. Agora, não. Só que meus olhos começam a arder, e eu olho para o chão para disfarçar.

— Como eu adoro esses celulares da Apple — intervém vovó. — Sabe quem eu amo? A Siri. Você já tentou perguntar a ela quanto é zero dividido por zero? É hilário!

Não tenho a menor ideia de como minha avó sabe disso, mas entendi o que ela está fazendo, e está funcionando. Acho que o ar na sala ficou cinquenta por cento mais respirável.

— Desde quando você tem um iPhone? — pergunta Cassie, estreitando os olhos.

— Ué, há muito tempo — responde. — E um iPod, e um iMac, e um AirMac...

— AirMac? — repito, e ela me dá uma piscadela exagerada.

— Betty, você não presta — comenta Nadine, o que me faz rir, apesar de não querer. Apesar de tudo.

— Não presto mesmo — diz ela.

— Inacreditável — solta Cassie.

Ela massageia as têmporas, como se fosse o ser humano mais sofrido e profundamente injustiçado do planeta. Em seguida, dá meia-volta e sobe a escada.



É CLARO QUE na hora do jantar Cassie já está agindo do jeito mais normal do mundo, como se a briga com Nadine não tivesse acontecido. Como se ela não tivesse dado um chilique porque desperdiçaria um domingo comigo. Minha vontade é dar um gelo nela, mas Cassie é imune a essa estratégia. Ela se vinga com um ataque duplo de gelo e cara emburrada e, de alguma forma, sou eu quem acaba pedindo desculpas. Pois é, eu devia deixar isso pra lá.

Eu queria ser melhor nisso de deixar algumas coisas pra lá.

Nós nos sentamos para comer e Cassie prende Xav no cadeirão, mas vovó e minhas mães estão tão concentradas na conversa que mal reparam na gente.

— Não sei — diz Nadine, dando de ombros com certa tensão. — Ela só disse que não vai conseguir vir.

Ela enche a taça de vinho como se fosse limonada.

Caramba, Nadine. Uau.

— Bom, talvez seja problema de dinheiro... — diz Patty.

— Ou talvez ela seja uma babaca homofóbica.

— Quem é a babaca homofóbica? — pergunto.

As duas levam um susto e me encaram.

— Ah, querida. Desculpe — diz Patty, olhando rapidamente para Nadine. — A gente não devia estar falando sobre isso no jantar.

— Quer que eu dê uma surra em alguém? — ofereço.

Cassie faz uma careta.

— É a tia Karen, né?

— É. — Nadine assente.

Cassie revira os olhos.

— Típico.

— Ela não vem ao casamento? — pergunto.

Patty contrai os lábios.

— É, ela está um pouco... você sabe. É a Karen.

É engraçado. Nadine e tia Karen eram bem próximas desde crianças. Bem mais próximas do que Nadine e o pai de Abby, o tio Albert. Karen não se casou e não tem filhos humanos, embora viva com os quatro cães que resgatou. Mas, apesar de Nadine e Karen conversarem toda semana e de ela não morar longe daqui, Cassie e eu só a vimos pouquíssimas vezes. Ela vem nos visitar apenas quando Patty está no trabalho. E meio que finge que Patty não existe.

Em outras palavras: é uma babaca homofóbica.

— Minha nossa. Isso é tão triste — diz vovó. Ela pega o garfo e o balança no ar. — Amor é amor!

Cassie ri.

— É isso aí, vovó.

— Estou dizendo: a vida é curta demais para essa merda.

— Um brinde a isso — diz Nadine, e bebe o vinho em um só gole.

\* \* \*

Horas depois do jantar, ainda estou inquieta. Espero todos irem se deitar e tento sair da cama sem fazer barulho.

— O que você está fazendo? — pergunta Cassie.

— Vou fazer xixi.

— Não vai nada — retruca ela.

Não tenho ideia de como ela sabe disso. Às vezes, Cassie sabe exatamente o que estou pensando, e não consigo imaginar nenhuma outra explicação além de telepatia de gêmeas.

— Vou xeretar — confesso.

— Vou com você.

Ela estica as pernas e cai no chão ao meu lado com um baque.

Nós nos esgueiramos pelo corredor até o banheiro e fechamos a porta bem devagar. Anos atrás, Cassie e eu descobrimos que o duto de ventilação do banheiro do andar de cima é um portal direto para o quarto das nossas mães. Nós levávamos um lanchinho e enchíamos a banheira de travesseiros para xeretar com conforto. Um dia nos demos conta de que corríamos sério risco de ouvir nossas mães fazendo sexo.

Com isso, a operação xereta logo chegou ao fim.

Mas hoje Cassie se senta na tampa da privada, e eu me acomodo com um travesseiro na banheira, e tudo volta a ser exatamente como era antes. Nós as ouvimos quase na mesma hora.

— ... não vou ligar para ela — diz Nadine.

— Ela é sua irmã.

— Ela é uma babaca.

— Só estou dizendo que devíamos ouvir o lado dela.

— Ela não tem lado. — A voz de Nadine falha. — Ela vai perder o nosso *casamento*.

Patty suspira.

— Eu sei.

Nadine diz alguma coisa, mas sua voz sai baixa demais para entendermos.

— Dine, eu sei — diz Patty novamente. — Eu sei.

— É tão bizarro — retruca Nadine.

— Mas Albert, Wanda e as crianças vêm.

— É, eles vêm. — Nadine suspira. — Só nunca achei que isso fosse ser uma questão logo para a Karen, sabe? E o Al não está nem aí. Em que merda de universo estamos vivendo?

— Nadine parece tão chateada — sussurro.

— Parece. Até a vovó acha isso bizarro. — Cassie dá de ombros. — Para você ver como o negócio é sério.

— É.

E então me dou conta de que este é um daqueles momentos em que eu poderia tanto rir quanto chorar. Qualquer uma das duas opções.

Mas, no final das contas, acho que temos que parabenizar a vovó. Ela fica vigiando o peso dos outros e talvez seja meio racista, mas nunca se importou com a bissexualidade de Patty. Quando minha mãe saiu do armário, a primeira coisa que ela fez foi tentar juntá-la com a filha do cantor da sinagoga. Que é hétero. Mas vovó fica confusa quando mulheres têm cabelo curto.

Enfim, a vovó tenta. E ela nunca perderia o casamento da filha. Tio Albert também não. Realmente não entendo como alguém pode deixar de ir ao casamento da própria irmã. Se Cassie se casasse, teriam que me matar para me impedir de ir. E, mesmo assim, meu eu zumbi daria um jeito de aparecer lá. Eu seria a Zumbi de Honra. Andaria até o altar com o rosto se desfazendo e meus olhos escorrendo para o buquê. Mas nunca, nunca deixaria de ir. Então, não engulo essa história da tia Karen.

Cassie deve estar pensando a mesma coisa, porque sussurra:

— Você jamais faria isso.

— Não mesmo.

— Porque eu mataria você — diz ela, sorrindo.

— Com toda a razão.

*E mesmo assim eu não deixaria de ir!*

— E eu prometo não ignorar seu casamento heterest.

— Heterest? — pergunto.

— É, mistura de hétero com Pinterest.

Abro um sorriso.

— Gente, como eu nunca pensei nisso antes? É a minha cara!

— É, eu sei. Você é muito previsível. Vamos. — Ela se levanta. —

Chega dessa história de ficarmos enfurnadas em banheiros.

— Se eu não me enfurnasse em banheiros, você não teria arranjado uma namorada.

— *Touché.*

Sinto uma bolha de felicidade. Não é nada, na verdade. Só um momento. Mas é o momento mais normal que Cassie e eu compartilhamos o dia todo. Do nada. No banheiro. Só nós duas sendo nós duas.

Então talvez a gente fique bem.



ACORDO ANTES DE Cassie e, como ainda tenho muito tempo livre antes de ir para o trabalho, levo um monte de tecidos para a sala. Vou fazer uma guirlanda. Vi um monte delas no Pinterest, feitas com pedaços de diferentes tecidos amarrados em um laço de tiras coloridas.

Não estou conseguindo me concentrar direito. Minha mente fica voltando ao que Cassie disse ontem. *Sério que você está me perguntando se quero pintar uns potes idiotas com você e com a vovó? Em vez de sair com a minha namorada?*

Sei que foi só uma coisa idiota que ela soltou na hora da raiva, e está tudo bem entre a gente agora. Eu realmente devia deixar isso pra lá.

Mas me incomodou ser jogada no mesmo grupo que vovó, o de pessoas indesejáveis. Como se eu fosse uma irmãzinha irritante que veio atrapalhar a vida de Cassie. Não é assim que as coisas funcionam entre gêmeos.

Tento saborear o ruído satisfatório da tesoura cortando o tecido. Tento mergulhar completamente no que estou fazendo, mas o redemoinho em meu cérebro gira com tanta intensidade que mal consigo prestar atenção no mundo ao meu redor. Só reparo em Patty quando ela para na minha frente.

— Uau! O que é tudo isso?

Quase dou um pulo de susto.

— Ah, oi.

Ela empurra uma almofada para o lado e se senta na beirada do sofá.

— Posso ver?

— Claro. É para o casamento.

Mostro uma foto no meu celular.

— Ai, que lindo.

— É muito fácil de fazer. Vou terminar esta semana.

— Perfeito. — Ela faz um som que é algo entre uma gargalhada e um suspiro. — Faltam menos de três semanas, né? Nem acredito.

— Você está nervosa?

— Por me casar? Não. É mais por toda essa coisa do casamento. Olha, não é fácil.

Eu me acomodo ao lado dela no sofá.

— E ainda tem o drama com a tia Karen.

— Pois é, isso também. Eu não devia ter falado disso na frente de vocês.

— A gente teria descoberto de qualquer jeito.

— Como?

— Xeretando — falo.

— Ah, é? — Ela ri. Em seguida, alisa as coxas e se inclina para a frente, suspirando. — Pois é. É que... você sabe. É assim mesmo. Sua mãe está bem triste com isso.

— Ela chegou a falar com a Karen?

— Acho que não.

— Eu nunca me casaria sem a Cassie por perto — falo.

— Ah, querida. — Ela afasta meu cabelo para o lado e faz carinho na minha nuca. — É, é uma droga. Mas são coisas da vida. E, quando a gente vai ficando mais velho, não é tão... — Ela para de falar e pensa por um segundo.

— Não é uma bosta?

Ela dá um sorrisinho.

— É uma grande bosta. De verdade. É difícil pra caramba. — Ela inclina a cabeça. — Mas não é tão *intenso*. Sabe, quando a gente tem dezessete anos, tudo parece o fim do mundo. Ou o começo do mundo. E é uma coisa incrível.

Eu faço que sim.

— Mas você sabe como é. Dine e Karen têm uma relação complicada há muito tempo. Ela nunca aceitou o fato de Nadine ser lésbica, e elas não são mais tão próximas.

— Ah.

— E às vezes isso acontece. As pessoas se afastam.

As palavras dela pairam no ar e reviram minhas entranhas. Me sinto oca por dentro.

*Não são mais tão próximas.*

*As pessoas se afastam.*

Logo penso em Cassie.

Se bem que ela e eu jamais faríamos o que tia Karen está fazendo. Nós nunca nos afastaríamos tanto uma da outra. Mas vamos seguir nosso caminho. Irmãos sempre seguem. Casam-se com outras pessoas e formam famílias e esquecem que costumavam sussurrar em beliches. É tão inevitável quanto o pouso de um avião.

A diferença é que tem uma ultrassonografia nossa em que estamos pressionando a placenta, tentando ficar o mais perto possível uma da outra. Dizem que nos recusávamos a dormir em berços separados. Ficávamos de mãos dadas no carro, cada uma em sua cadeirinha. Começamos a andar no mesmo dia. Cassie primeiro, depois eu.

Agora, a sensação que tenho é a de que aos poucos damos pequenos passos em direções opostas, cada vez mais distantes uma da outra.

Na direção de crushes.

Na direção de namoradas.

Não estou dizendo que quero morar com Cassie até o fim dos meus dias. Sempre nos imaginei casadas, cada uma em sua casa e com sua família, com nossos filhos incríveis correndo por aí. Só nunca pensei no período entre uma coisa e outra. Na parte em que deixaríamos de sermos *nós* para nos tornarmos *ela e eu*.

Cassie é tão ridícula com aquele plano de *vamos namorar melhores amigos*. Mas talvez esteja certa. Porque ela já se foi. O trem dela já partiu da estação. E só posso tentar pegar o próximo seguindo na mesma direção.

Ou não. E então nos afastamos de vez.

— Crescer é uma droga — falo.

Patty ri.

— O que você tem contra crescer?

— Só odeio.

— Eu sei.

Ela me abraça e suspira.

\* \* \*

Quando chego ao trabalho, Reid está na frente da loja, desmontando a vitrine de Quatro de Julho. Ou pelo menos tornando-a menos obviamente vermelha, branca e azul. Ele deixa a toalha de mesa de anigem e as caixas vintage de Coca, mas empilha os potes de conserva pintados em uma caixa de papelão. É interessante ver Reid trabalhando. Ele fica superconcentrado e metódico, como se não houvesse mais nada ao redor. Só repara em mim quando estou bem ao lado dele.

— Ei, você chegou! — Ele coloca o último pote em um ninho de plástico-bolha e empurra a caixa para o lado com o pé. — Olha, eu tenho que dizer uma coisa: sua massa de biscoito foi a melhor coisa que já comi na vida.

— Jura?

— Só consigo pensar nisso.

Eu dou uma risada.

— Uau.

— Molly, estou falando sério. Não sei como pode existir uma coisa tão maravilhosa neste planeta.

— Você sabe que sobrou um pouquinho, né?

— O quê? — Ele bota a mão no coração.

— Você devia passar lá em casa depois do trabalho.

E me arrependo na mesma hora.

Não é porque estou agindo sem cautela alguma. Isso é bom. Não ter cautela é exatamente o que desejo.

Só que o objeto de meu descuido devia ser Will. Porque ele me leva um passo para mais perto de Cassie. Reid me leva para mais longe.

Ainda assim, meu coração está batendo tão rápido que abro a boca para falar de novo, mas as palavras somem. Meu cérebro se esvazia completamente. É como dirigir por um túnel no meio de uma tempestade.

Sei que tenho que dizer alguma coisa, mas isso envolveria palavras, e O QUE SÃO PALAVRAS, e ele está olhando para mim com os olhos mais castanhos e a boca mais macia e sorridente.

Eu não consigo.

Mas sou salva. Por Deborah, que nos encontra e sorri. Meu Deus, ela até se parece um pouco com Reid. Acho que a boca dos dois são iguais. Não sei como não reparei nisso antes.

— Ei. Desculpe interromper — diz ela —, mas preciso de gente forte. Compraram a penteadeira. Acham que conseguem carregar até aqui?

Não sei por que estou tão nervosa.

— Claro. A branca? — pergunta Reid.

— É. A moça foi pegar o carro.

Reid e eu vamos para os fundos da loja, onde tem uma penteadeira de madeira pintada de branco envelhecido e com um espelho grande e

retangular. É uma das minhas peças favoritas na Bissel.

— Pronta? — pergunta Reid, segurando um lado e se preparando para sustentar o peso.

— Pronta.

Nós contamos até três, levantamos a penteadeira, andamos um pouquinho e depois a colocamos no chão devagar. Levantamos de novo, andamos e paramos. Levantamos, andamos e paramos. Até que Reid e eu somos bons em carregar coisas pesadas juntos, apesar de ele ser uns quinze centímetros mais alto e eu ser a pessoa menos atlética do planeta. Acho que o fato de irmos devagar ajuda.

Colocamos a penteadeira no chão de novo, e ele olha para mim.

— Sua irmã está namorando Mina Choi?

— Está. Elas não se desgrudam mais.

— Ah, que legal.

Nós pegamos a penteadeira de novo e damos mais alguns passos.

— E como ela é? — pergunto, quando paramos novamente para descansar.

— Mina?

— É. Uma irmã superprotetora devia se preocupar com ela?

— Ah, acho que não. Ela é bem legal. Gosta de arte, essas coisas. Mas não a conheço muito bem. — Ele dá de ombros.

Nós levantamos a penteadeira de novo e, desta vez, quase alcançamos a porta. Precisamos levantar e andar mais duas vezes para finalmente chegar ao carro da mulher. Ela tem um utilitário grande e abaixou os bancos de trás, e assim nós três conseguimos enfiar a penteadeira lá dentro.

A mulher vai embora e Reid limpa as mãos na calça jeans.

— Olha, isso foi bem impressionante — falo. — Não foi? Tipo uma proeza de força?

— Foi uma proeza de força — concorda Reid, sorrindo, e acho que ele gosta do jeito que eu falei. Ele faz uma pausa. — Tá, uma pergunta.

— O quê?

Ele inclina a cabeça.

— Você falou sério sobre essa questão da massa de biscoito?

— Você quer dizer a questão da massa de biscoito que sobrou e habita minha casa?

A covinha dele surge.

— É.

— Ah, eu falei sério. Muito sério.

— É muito bom saber.

— E talvez role um sorvete de baunilha também — acrescento —, se você estiver disposto a me ajudar com os arranjos de centro de mesa do casamento das minhas mães.

— Entendi. — Ele sorri. — Tudo bem, mas não levo muito jeito para essas coisas.

— Posso ir dando as instruções — falo, e sinto uma pontadinha silenciosa abaixo da barriga.

Quando termina o expediente, vamos pelas ruas secundárias até a minha casa, e Reid me conta que no Quatro de Julho foi a uma festa no apartamento de um amigo dos pais. Uma cobertura. Porque é claro que Deborah e Ari vão a festas em coberturas.

— Foi interessante — diz ele —, mas era basicamente um grupo de adultos bebendo cerveja artesanal e me perguntando para quais faculdades vou me candidatar.

— Ai, meu Deus. Por que os adultos são tão obcecados com isso?

— Pois é. — Ele dá de ombros. — Mas meu amigo Douglas mora ali perto, então meu irmão e eu fugimos para a casa dele para jogar *World of Warcraft*.

— Você perdeu os fogos?

Ele parece envergonhado.

— Perdi...

— Isso não foi muito patriótico, Reid.

— É, eu sei.

— Mas, olha só, você está usando vermelho, branco e azul hoje.

— Estou? — Ele olha para baixo. Não se lembra do que está vestindo. Adoro isso. — Ah, estou. — Ele faz uma pausa. — Mas onde está o branco?

— Como assim?

— Na minha roupa. Estou de camisa vermelha, calça jeans azul...

Abro um sorriso.

— Seus tênis.

— Ahhhh.

Nós chegamos à faixa de pedestres.

— São muito brancos — falo.

— É, e isso é engraçado — diz Reid —, porque uma das únicas conversas de verdade que tive com Mina Choi foi sobre isso.

— Sobre seus tênis?

— É.

— É mesmo? O que ela disse?

— Ah, você sabe... — Ele fica vermelho. — Não foi nada de mais.

Agora estou curiosa. O que Mina tinha a dizer sobre os tênis de Reid?

— Essa é sua casa, não é? — pergunta ele.

— É! Está pronto para pintar arranjos de mesa?

Ele parece um pouco nervoso.

— Acho que sim — responde, assentindo com seriedade. Em seguida, empurra os óculos para cima. — Estou.

— Tudo bem. Vou pegar uns jornais. Você pode forrar a varanda enquanto corro lá dentro para pegar o material?

— Pode deixar.

— Vou pegar sua massa de biscoito também — acrescento.

Ele sorri.

— Legal.

Entrego o cesto de reciclagem para Reid e, quando volto com os potes e a tinta, a varanda já está toda coberta de jornal.

— Ficou ótimo — falo.

Coloco o primeiro grupo de potes em cima do jornal.

— E você vai pintar isso? — pergunta ele, com a testa franzida.

— Vou. Depois, vou encher de flores. Vai ficar fofo e simples.

— Olha, não quero desanimar você nem nada, mas percebeu que eles já estão pintados, né?

— Percebi. — Faço uma careta para ele. — Vou passar uma segunda camada.

Ele se senta de pernas cruzadas com a massa de biscoito enquanto arrumo os materiais. De alguma forma, é um momento perfeito. Está nublado e meio fresco. Enfileiro os pincéis e começo a pôr tintas de cores variadas em uma caixa de ovos. E o engraçado é que Reid não está olhando para mim, mas eu o sinto olhando para mim. Não faz o menor sentido.

Eu devia dizer alguma coisa, antes que o silêncio ganhe vida própria. Isso acontece às vezes.

— Então você não vai mesmo me contar o que Mina disse?

— O que Mina disse...?

— Sobre seus tênis.

Ele ri.

— Não foi nada mesmo.

— Conta!

Ele dá de ombros.

— Tudo bem. Sei lá. Foi durante o baile, então talvez ela estivesse um pouco bêbada, mas nós dois acabamos do lado de fora. Ela se aproximou e se sentou do meu lado, o que foi um pouco surpreendente, só porque, sabe, a gente mal se falava na escola. Ela passou o braço pelos meus ombros, fez uma expressão bem séria e disse: “Reid, vou dar um conselho

muito, muito importante pra você, tá?” E eu disse: “Tá.” E ela disse: “Esses tênis são prejudiciais.”

— Prejudiciais? — pergunto.

Ele assente e come um pouco de massa.

— É. Com as garotas. — Reid fica vermelho. — Tipo, meus tênis afastam as garotas.

— Ai, meu Deus. — Eu coloco a mão na boca. — Mina, Mina...

— É, foi meio estranho.

Mas, é... tem uma parte pequena e secreta de mim que sabe: Mina tem razão. Mais ou menos. É difícil explicar, mas os tênis são horríveis. São tão brancos e reluzentes. Tão extravagantes e bregas.

Não que isso importe. Não estou nem aí.

Mas, caramba: ele foi de tênis para o baile?

— Mas você continuou usando — falo, cutucando o pé dele com a pontinha da minha sapatilha.

— É. — Ele sorri. — Sei lá. Não ligo muito, sabe?

— Para isso de impressionar garotas?

Ele fica vermelho de novo.

— Não sei. Não. É que... eu sou quem eu sou, entende? Nunca vou ser descolado. — Ele dá de ombros. — Mas isso não me incomoda.

— Eu acho você descolado.

Ele ri.

— Obrigado.

— É verdade.

Eu pego um pote de conserva e tento não sorrir, porque tenho que admitir: é uma coisa bem incrível não se importar de verdade com o que as pessoas pensam de você. Muita gente diz que não se importa. Ou age como se não se importasse. Mas acho que a maioria se importa muito. Eu sei que eu me importo.

Se alguém me dissesse que uma peça de roupa minha era ridícula? Sendo bem sincera, eu provavelmente botaria fogo nela. Mas Reid usa esses tênis todo santo dia.

E tem algo de interessante nisso. Incômodo, mas de um jeito bom, como quando um estranho olha nos seus olhos.

Sinto um nervosismo repentino.

— Preciso colocar isso no forno — falo, me levantando num pulo. — A tinta precisa grudar.

Sinto meu coração disparar.

Quando volto, Reid sugere uma caminhada. Se eu estiver a fim.

E sim, eu estou.

Então saímos. Encontramos um ritmo juntos, nossas passadas se ajustando automaticamente. Está ficando mais nublado, com nuvens pesadas como fraldas cheias de xixi. É assim que Nadine as descreve.

— E você vai fazer mais alguma coisa para o casamento? — pergunta Reid quando chegamos à avenida Laurel.

Ele aperta o botão do sinal de pedestres.

— Estou fazendo uma guirlanda de tecido para enfeitar o local em que vão fazer a cerimônia.

— Uma guirlanda de tecido. — A covinha dele surge. — Temos certeza de que isso existe?

— Ah, temos.

— Preciso de comprovação visual — diz ele.

Eu pego o celular e mando para ele o link de um site não muito conhecido chamado Google.

Reid para e lê minha mensagem. Acho que não consegue andar e ver o celular ao mesmo tempo.

— Ha-ha, muito engraçado.

Ele sorri. E me abraça. É um abraço meio de lado, com um braço só, apertado. Acaba antes que eu consiga me dar conta do que está

acontecendo, mas agora minhas entranhas parecem uma garrafa Coca que foi agitada à exaustão.

— Então, eu... — ele começa a dizer, mas o céu escurece tão repentinamente que parece que alguém apertou um interruptor. As primeiras gotas de chuva são discretas e lentas. Mas então começa a cair o mundo.

— Hum... — falo.

— Talvez seja melhor a gente sair correndo...

— Acho que não tem jeito. — Eu olho para ele, o cabelo grudado na testa, a chuva escorrendo pelo nariz, pelas bochechas e pelas lentes dos óculos. — Você está conseguindo enxergar?

Ele ri.

— E você?

E, com cuidado, ele empurra minha franja molhada para o lado. Prendo a respiração.

— Tá, vamos correr — falo.

Ele segura minha mão, e sinto um aperto latejante no peito. Corremos de volta até minha varanda, nossas roupas encharcadas, as mãos ainda entrelaçadas. A chuva ainda está caindo com força, as gotas parecem ricochetear no asfalto. Tem um cheiro de terra molhada no ar e parece que um chuveiro está ligado. Reid ri.

— Isso foi...

*Não seja cautelosa.*

Mas a porta se abre. E largamos a mão um do outro.

É Cassie, com as sobrancelhas erguidas numa altura nunca antes vista.

— O que é isso? Concurso da camiseta molhada?

— É.

Eu dou um sorriso. Meu coração ainda está disparado.

— Vocês não passaram para a próxima fase, então — diz ela, olhando para mim com curiosidade.

Consigno ler seus pensamentos com tanta clareza que é como se ela tivesse falado em voz alta.



E AGORA NÃO consigo parar de pensar nisso. Na tempestade. Em tudo. Meu cérebro transformou a cena toda em um filme com pouca iluminação, filtro Valencia e trilha sonora do Bon Iver. Fico me lembrando de nossas mãos entrelaçadas. Meus braços completamente arrepiados. A ponta dos dedos de Reid na minha testa, empurrando minha franja para o lado.

Isso é loucura, mas acho que mais um pouquinho e ele teria me beijado. Ou talvez eu é que teria tomado a iniciativa, e ele teria correspondido.

Então é assim que é não ser cautelosa.

Eu me sinto meio nauseada, como se estivesse com um norovírus estranhamente agradável, no ponto intermediário entre vomitar e me tornar um emoji com olhos de coração.

O que significa que chegou a hora de declarar oficialmente o crush número vinte e sete: Reid dos Tênis. Reid da Obsessão por Massa de Biscoito. Reid dos Coelhoinhos de Chocolate o Ano Todo. Eu nem sei como descrevê-lo.

É cedo demais. Estou obcecada demais com essa história.

Quero que ele me mande uma mensagem, apesar de saber que está trabalhando, mais precisamente desembrulhando porta-retratos. Mas não

consigo parar de checar o celular.

Nada. Absolutamente nada.

Tento me concentrar na guirlanda para o casamento, cortando inúmeras tiras de tecido. O legal do algodão é que você não precisa cortar uma tira inteira. Se cortar na direção certa, ele se rasga em linha reta. Preciso de umas cinquenta bilhões de tiras de tecido para essa guirlanda — o que é bom, porque minhas mãos precisam de cinquenta bilhões de distrações. Se estou rasgando pano, não estou enviando mensagens constrangedoramente sinceras para Reid.

**Reid, não acho que seus tênis sejam prejudiciais com as garotas.**

**Reid, você devia ter me beijado na chuva.**

**Talvez eu devesse ter beijado você.**

O mais estranho é essa vontade insana que sinto de anunciar isso em voz alta. Quero berrar nos túneis do metrô e botar no meu status do Facebook. Quero olhar bem para ele e dizer: *Reid, eu gosto de você, tá?*

E acho que talvez ele goste de mim também.

Só que posso estar interpretando tudo errado. Ou talvez ele goste de mim, mas o que acontece depois? Nós nos beijamos. Certo. Nós transamos. Não sei. Mesmo que ele goste de mim, não sei se gostaria de me ver nua.

Odeio estar pensando nisso. Odeio odiar meu corpo. Na verdade, nem odeio meu corpo. Só fico com medo de todo mundo odiar. Porque garotas gordinhas não têm namorados e claro que não fazem sexo. Não nos filmes, não de verdade, a não ser que seja piada. E eu não quero ser piada.

\* \* \*

Não estou escalada para trabalhar na quarta, então acabo indo com Cassie para a casa de Mina. É meio estranho, porque os pais dela vão estar. Não que eles sejam estranhos, na verdade são até bem legais. A mãe é psiquiatra

e o pai é psicólogo, mas são daqueles que não querem ser chamados de “doutor”, ainda mais o pai, que é meio hippie — eu realmente não esperava isso de um cara que mora em um bairro chique e se chama Eugene.

Ficamos na cozinha jogando conversa fiada. A mãe dela prepara alguma coisa no fogão enquanto o pai mexe em uma pilha de correspondências na bancada.

— Ei, soube que vocês moram em Takoma Park — diz ele. — Fiz meu pós-doutorado lá perto.

— E agora eles trabalham juntos em um consultório particular — explica Mina. — Não é fofo? — Ela revira os olhos.

Cassie assente arduamente.

— É, sim!

Ai, meu Deus. Ela está puxando o saco dos pais da namorada, e muito.

— Vocês têm alguma especialidade? — pergunta Cassie.

— Mais ou menos — responde a mãe de Mina. — A maior parte dos pacientes vem através do plano de saúde, então acabamos tendo uma boa variedade, mas trabalhamos muito com pacientes que sofrem de ansiedade.

— Legal — diz Cassie, sorrindo para mim como quem diz EI, MOLLY, VOCÊ TEM ISSO. Que coincidência legal e nem um pouco constrangedora.

— Os meninos já estão lá embaixo — diz a mãe de Mina —, mas vocês querem comer alguma coisa? Tem ovo com lámen quase pronto aqui.

— Não, obrigada — responde Mina na mesma hora.

— Ou vocês preferem levar logo as bebidas lá para baixo?

Por um instante, penso que a mãe de Mina está se referindo a bebidas alcoólicas. Talvez eles sejam mesmo hippies. Mas ela abre a geladeira e entrega algumas garrafas de água à filha.

— Foi um prazer conhecer você, Molly — diz ela. — Estou tão feliz por Mina ter feito novas amigas.

Ah. Então tá. Não sei, mas acho que com “amiga” a mãe de Mina não quis dizer “garota que dá uns amassos na minha filha”. A não ser que pense que Mina está ficando com nós duas. Será que os pais dela sabem que Cassie é mais do que uma amiga? Eu supus que ela já tivesse saído do armário, mas agora não tenho certeza. E tenho vergonha de perguntar.

— O que sua mãe estava preparando? — pergunta Cassie, enquanto descemos a escada.

— Ovo com lámen? Você nunca comeu?

— Hã, não, mas parece ótimo.

— É mesmo. — Mina para e sorri para ela. — Um dia desses preparo para você.

No porão, os garotos estão concentrados em um jogo meio antigo de Nintendo. Will está sentado no sofá de dois lugares apertando freneticamente um controle.

— Isso é Mario? — pergunto.

— É — responde ele, sem desgrudar os olhos da tela.

*Não seja cautelosa. E não pense em Reid.*

Afundo nas almofadas ao lado dele.

— Ele manda muito bem — diz Mina para mim.

Na tela, o Mario de Will come uma folha e se transforma em um guaxinim. Há momentos na vida em que temos que parar e nos perguntar o que os criadores desses jogos antigos fumavam.

Eu me permito divagar, observando Mario pular por penhascos e entrar em canos. Divagar é bom. Só preciso sair de dentro de mim mesma por um minuto. Minha cabeça está sempre tão abarrotada de pensamentos que às vezes parece impossível me desligar um pouquinho dessa tensão perpétua chamada “ser Molly”.

E às vezes sou uma pessoa confusa.

Meu celular vibra com uma mensagem. Abby.

Compramos as passagens de avião para o casamento!, diz ela. E terei companhia.

Nick vem?, pergunto.

Sim!! E VAI USAR TERNO.

Uau! Mas não precisa. Ele vai ser o único, aviso.

Não ligo, quero ver ele de terno. Vc vai levar alguém? Emoji piscando. Emoji de beijo.

Ah, vou, escrevo. Se por "alguém" você quer dizer oitenta e quatro potes de conserva e um zilhão de cupcakes.

E uma guirlanda de tecido feita à mão, acrescento.

Molly, vc é mt Pinterest, escreve ela.

Sorriso para a tela do celular. Ah, obrigada.

Mas vc devia levar alguém. Podia convidar o Will Hipster.

Meu Deus. Não sei por que ela cismou tanto com Will. Principalmente agora que só consigo pensar em Reid.

Os óculos molhados de chuva de Reid. Reid tirando a franja dos meus olhos.

— Com quem você está falando? — pergunta Cassie.

Ela está deitada com a cabeça no braço do sofá e os pés no colo de Mina, que tenta sem muito empenho jogar com Luigi.

— Droga, Mina — diz Will. — Você perdeu a vida extra.

Cassie se senta de repente.

— Você está mandando mensagem para o Reid?

— Reid? É o Reid que eu conheço? — interrompe Max, erguendo os olhos do celular. — O Reid da calça larga?

Sinto o corpo todo pegando fogo.

— Estou falando com a Abby!

Ela estreita os olhos.

— Por que você está vermelha?

— Cala a boca.

Meu celular vibra de novo.

Reparei que vc ficou toda cheia de mistério. Tb reparei que não há objeções ao Will, diz Abby.

**EU TENHO OBJEÇÕES**, digito rapidamente.

Tarde demais. Emoji sorridente.

Levanto o rosto, e a expressão de Cassie está indecifrável.

*Indecifrável.* Até para mim.



REID ME MANDA uma mensagem na sexta-feira.

Ei, meu amigo Douglas e eu vamos ao Farra Medieval.

Eu respondo: **Que legal.**

**Quer ir?** Emoji sorridente.

Ah.

Meu coração dispara. **Desculpa. Não posso!**

**Ah, tudo bem,** escreve ele.

**Vou a uma festa com Cassie e Mina.**

Três pontinhos.

**Ah, certo,** escreve ele.

**Sinto muito.**

**Por que você sente muito?**

**Não sei!**/p>

Mas sinto. E é burrice, porque só Deus sabe o que acontece em um evento chamado Farra Medieval. Um lugar onde se bebe em jarras de barro, provavelmente. E se usa túnica. Uma coisa tão Reid. Eu não devia estar nem aí.

Mas estou. Não paro de pensar nisso a noite toda.

Vamos de metrô até Bethesda depois do jantar, e Mina nos busca na estação. Ela e Cassie se beijam quando entramos no carro. É um beijo

rápido, do tipo que pais costumam dar.

— Os pais de Max não estão em casa? — pergunta Cassie.

— Pois é, eles viajam muito.

— Não vai ter nenhum adulto? — pergunto de repente, me sentindo com a idade de Xavier.

— Bom, a irmã dele tem dezoito anos — diz Mina, olhando para mim pelo retrovisor. — Então, aos olhos da lei...

Cassie se vira para mim e sorri.

— Para de fazer a Cara de Molly.

— Não estou fazendo — falo, mas minhas bochechas estão quentes.

Eu não devia estar tão preocupada. A festa não vai ser uma orgia, nem nada. Espero.

Mina estaciona na rua, no final de uma grande fila de carros. Estou impressionada. Eu nem sabia que festas em casa eram tão populares assim. Cruzo os braços e tento agir com indiferença.

Mas tem alguma coisa rolando esta noite. Tudo parece meio surreal. Para começar, está surpreendentemente frio. Eu estou de casaco em pleno verão.

— Molly, você está tão fofa — comenta Mina, passando o braço pelos meus ombros.

Isso me faz ficar vermelha.

— Eu também estou fofa — diz Cassie.

Mina sorri para ela.

— Você só parece estar com frio.

— O que quer dizer: você é uma fresca. — Cassie sorri.

Ela está de regata e short amarelo curto. Porque minha irmã é dessas que colocam qualquer coisa e ficam lindas. Eu, por outro lado, me camufla com cuidado em camadas densas de roupa: além do casaco e das botas, estou usando um vestido verde com estampa de passarinhos, cinto e uma segunda pele por baixo.

Planejamos nossa chegada com cuidado: é tarde o bastante para não sermos as primeiras a chegar, mas não tanto a ponto de todo mundo já estar caindo de bêbado.

— Será que mando uma mensagem para o Will? — pergunta Mina.

Cassie dá de ombros.

— Ele está aqui?

— Deveria.

A entrada do porão de Max é pelo quintal, que ainda tem uma daquelas estruturas grandes de casinha de brinquedo, com balanços e um muro de escalada, tudo em perfeito estado. Só que Max não tem irmãos pequenos. Pais têm dessas coisas.

Lá dentro não é bem o que eu esperava. Não que eu tivesse noção do que esperar. Imaginei que seria uma coisa meio filme, mesa de pingue-pongue, um barril de cerveja no canto e uns garotos usando bonés velhos. E, sim, tem vários caras de boné velho, mas, fora isso, é uma festa normal. Tem dois futons que parecem ter sido comprados na Ikea e um monte de cadeiras, uma mesa de totó e uma bateria gigante. As luzes estão fracas, e tem um monte de gente com copos vermelhos de plástico na mão.

— Mina! — grita alguém. É uma garota que nunca vi, e ela é absurdamente linda: alta, com pele morena e quadris largos. Está usando um vestidinho azul estampado. Ela empurra um moletom caído no chão com o pé e vem em nossa direção. — Ah! Você deve ser a Cassie.

Ela está falando comigo.

— Ah, eu...

— Eu sou a Cassie — diz minha irmã.

— Essa é a Samar — explica Mina.

— Ah, *you* é a Samar — fala Cassie.

Eu me pergunto em que planeta estou vivendo, porque tenho certeza de que nunca ouvi falar de nenhuma Samar, embora Cassie a

cumprimente como se ela fosse famosa. Odeio isso. Odeio me sentir tão por fora de tudo.

— Ah, bom, oi! Eu não conheço você, acho — diz Samar para mim.

— Essa é Molly — apresenta Cassie, sem dar nenhuma referência. Só Molly. Como se eu fosse uma garota qualquer.

— Os garotos já chegaram? — pergunta Mina.

Samar assente.

— Já. Max está com alguém, e Will... ele estava aqui agora mesmo...

— Ela estica o pescoço. — Ah, ali do lado da mesa de bebidas. Típico.

No fundo do cômodo há uma mesa coberta de garrafas de vidro e de Coca e de suco de laranja pela metade. E ali está Will, colocando Sprite em um copo vermelho, o cabelo perfeitamente desganhado. Seus olhos se iluminam quando ele nos vê.

— Vocês chegaram! — Ele segura minha mão. — Molly, quer beber o quê?

— Hummm.

— Tem vodca, uísque, rum e gim, acho.

Eu hesito.

— Rum, talvez.

Ele mistura rum e Coca em um copo e me entrega, e quando me dou conta Mina e Cassie já sumiram. As duas se misturaram à multidão. Tem uma pessoa logo atrás da gente esperando para pegar bebida, então Will e eu chegamos para o lado, parando na frente de um futon. Minhas pernas estão pesadas de nervosismo, e meio que quero sentar, mas não tem ninguém sentado. Acho melhor ficar em pé mesmo.

É, ficar sozinha com Will não está me ajudando muito a ficar mais calma. Talvez sejam só as palavras de Abby na minha cabeça, mas uma sensação formigante de possibilidade toma conta de mim. Parece que alguma coisa realmente poderia acontecer entre a gente, algo que não

envolve ficar vermelha e beber rum com Coca com tanta lerdeza a ponto de bater um recorde.

— Não suporto essa música — diz Will.

— Quem é?

— Sei lá. Maroon 5. Adam alguma coisa.

— Ah, sim. Adam alguma coisa.

Will sorri para mim. Essa é mais uma das qualidades dele: faz você se sentir a única pessoa que importa. Como se todo mundo fosse ruído de fundo, um borrão. E acho que não tem a ver comigo. Toda garota que entra na órbita dele deve se sentir assim, pelo menos por um instante. Dá para ver como as pessoas ficam hipnotizadas por ele.

É muito difícil acreditar que essa é minha realidade agora. Estou em uma festa em um bairro meio chique, minha irmã sumiu e agora estou sozinha com um garoto muito gato. Bom, não sozinha, mas praticamente sozinha. Acho que a panturrilha dele está roçando na minha. Será que as pessoas aqui acham que Will e eu estamos juntos? Isso é bem emocionante, embora eu não consiga parar de pensar no que deve estar acontecendo no Farra Medieval agora, no que Reid deve estar fazendo. Como se houvesse uma Molly em uma realidade alternativa bebendo em uma jarra de barro nesse segundo. E, sim, tenho muita vontade de mandar uma mensagem para Reid e dizer que jarra rima com farra e perguntar como estão as coisas por lá, mas não é muito legal fazer isso ao lado de Will.

— Você deve estar pegando fogo — diz Will, me tirando do transe.

Ele está se referindo ao meu casaco, mas fico vermelha mesmo assim.

— Não sei onde deixar — falo.

— Eu seguro.

Ele coloca a bebida em uma mesinha de centro.

— Não precisa.

— Não, tranquilo. Vou arrumar um lugar para guardar.

Eu desabotoo o casaco e tenho essa sensação estranha de estar em um filme. Tirando a roupa.

— Gostei do seu vestido — diz ele. — É demais.

— Obrigada — falo, mal conseguindo olhar para ele.

— Já volto.

Assim que Will se afasta, me sinto cem vezes mais constrangida. Tomo minha bebida mais rápido, meu outro braço envolvendo meu corpo. Imagino Will olhando a etiqueta do casaco e notando o tamanho. Isso faz meu coração pular tão alto na garganta que quase saio correndo atrás dele.

De repente, um garoto qualquer para ao meu lado.

— Ei, quer ouvir uma coisa maluca? — diz ele, como se nos conhecêssemos há anos.

Eu nunca o vi na vida. Ele é bonitinho, meio fortinho e com cabelo castanho supercurto.

— Tudo bem — falo.

— A gente está em uma cidadezinha. Tipo, na Inglaterra. E tem um muro de pedra bem alto. Um muro enorme. E a gente está caindo de bêbado, e meu amigo Jones precisa mijar.

Não sei quem é Jones e nem por que eu devia me importar com suas necessidades fisiológicas, mas talvez festas sejam assim mesmo. Talvez haja um código de conduta específico que não conheço.

— Ele mijar no muro, mas... — O garoto dá um gole na bebida e diz: — Merda.

— O que foi?

— Preciso pegar mais. Quer alguma coisa?

Não sei muito bem como essas coisas funcionam, mas tenho certeza de que não é aconselhável deixar estranhos me servirem bebidas.

— Estou bem — falo, e parece mais uma pergunta do que uma afirmação. Odeio quando isso acontece.

— Tá — diz ele. — Ok, eu tenho que contar essa parte. Tinha umas merdas gigantescas...

— Ei.

Eu ergo os olhos. Will voltou.

— Oi, cara — diz o garoto. Will estreita os olhos. — Ah, vocês estão juntos?

— Estamos — responde Will na mesma hora.

Meu coração quase para.

— Ah, tá, tudo bem. Tudo bem. Bom, boa noite pra vocês, então. — Ele vira o restante da bebida e começa a se afastar, mas volta de repente. — Olha, tenho que dizer uma coisa. — O garoto toca no meu braço. — Você é bem bonita para uma gordinha.

Não consigo me mexer.

— É um elogio! — diz ele.

Eu o encaro.

— Vai se foder.

Nunca falei isso antes. Pelo menos, não em voz alta. É meio incrível. Meu coração bate loucamente.

— Opa. Tudo bem. Eu não queria... sei lá. — Ele ergue as mãos na defensiva. E, quando segue para o meio da multidão, eu o ouço murmurar: — Gorda escrota.

Will olha para mim.

— Olha, esse foi o melhor *vai se foder* que já testemunhei.

— Hum. Obrigada.

— Você conhece aquele cara?

— Não.

— Ah. Só um babaca aleatório.

— É o que parece.

Não consigo pensar direito. Não consigo pensar em nada que não seja o Will ter dito que estávamos *juntos*. E sei que ele só estava tentando se livrar

do cara aleatório. Mas mesmo assim.

Ele se senta no futon e dá um tapinha na almofada ao lado. Eu me sento e puxo um pouco a saia para perto dos joelhos.

Meu coração continua acelerado. Tomo um golinho de bebida.

Will joga o corpo para trás e me encara, os olhos brilhando. Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas eu o interrompo. Quase não percebo o que estou fazendo até que a pergunta sai da minha boca.

— Por que você disse para ele que estávamos juntos?

— Ah. Merda. — Ele levanta as sobrancelhas. — Desculpa. Vocês estavam...

— Não! Não mesmo. Ele era péssimo.

— Pois é, você não parecia nada à vontade.

— É mesmo?

Will ri.

— É, sua linguagem corporal estava... — Ele se senta empertigado com os braços cruzados e uma expressão de terror no rosto.

— Eu *não* estava assim!

— Eu achei que você fosse vomitar. Isso acontece bastante com você, né? Vomitar em público? — Ele sorri.

— Sempre. — Sorrio também.

Meu Deus. Ele é mesmo lindo. Os olhos são azuis de um tom sobrenatural. E ele é engraçado e legal e inteligente e todas as outras coisas que um garoto devia ser. Sem mencionar que é o melhor amigo da namorada da minha irmã. Faria todo sentido eu me apaixonar por ele.

Bem mais sentido do que por Reid, por exemplo.

Eu me recosto nas almofadas e fecho bem os olhos. Quando abro novamente, tenho um vislumbre de um short amarelo e pernas entrelaçadas em uma poltrona do outro lado do salão.

São Cassie e Mina.

O engraçado é que Cassie sempre descreveu seus casos em detalhes gloriosos, mas eu nunca vi nada acontecer. Nunca tinha visto minha irmã ficar com ninguém.

É estranho.

E meio fofo.

Só que mais estranho.

O que mais chama minha atenção não é elas se beijarem sem parar, mas a forma como estão completamente entrelaçadas. Não tem um espaçozinho entre os corpos. Observo Cassie prendendo uma mecha do cabelo de Mina atrás da orelha, e os lábios de Mina se curvando em um sorriso. Cassie diz alguma coisa e Mina ri, e elas se beijam de novo, e a mão de Cassie aninha a bochecha dela.

Eu não devia ficar olhando. Se bem que acho que não sou a única. Tem pelo menos três caras vidrados nas duas, como se elas fossem a final do Super Bowl.

O futon range, e de repente lembro que Will está sentado ao meu lado. Ele dobrou uma das pernas e está puxando o cadarço do sapato, olhando fixamente para longe da poltrona.

— Você também fica meio constrangido? — pergunto, e minha voz sai baixa.

Ele olha para mim, um pouco confuso.

— Com Mina e Cassie?

— É. — Dou um sorriso fraco. — Talvez?

Ele se recosta e olha para o teto.

— Acho que elas ficam bem juntas.

— Ah, sim. Eu quis dizer com o fato de elas ficarem se pegando na nossa frente. É como assistir a seus pais se beijarem, sabe?

Ele ri.

— Mais ou menos.

Lanço outro olhar para elas. As duas parecem tão distantes daqui. Como se estivessem em um pedaço de madeira, flutuando na água. E de repente me sinto muito solitária.

Talvez eu devesse pegar a mão de Will ou chegar mais perto e dizer alguma coisa sem cautela. Eu poderia fazer isso, acho.

Mas meu celular vibra.

Eu não devia olhar. Não agora. É só uma mensagem. Provavelmente de Abby. Ou de Olivia, que ainda está na Pensilvânia com Evan Schulmeister.

Não vou deixar Evan Schulmeister atrapalhar minha noite.

O celular vibra de novo, e perco a linha de raciocínio.

— Acho que vou procurar o Max — diz Will, dando um tapinha rápido no meu braço antes de se levantar. — Você está bem, né?

— Estou, sim.

É engraçado. Fico menos decepcionada do que achei que ficaria.

Assim que Will se afasta, espio o celular.

É Reid.

Acho que tive um pressentimento.

\* \* \*

Estou sentado aqui com Douglas do lado de fora do Farra Medieval.

E esse lugar é uma orgia.

Espera, Douglas quer que eu esclareça que o Farra Medieval não é uma orgia. A rua King é que é uma orgia.

Eu me encosto nas almofadas e rio baixinho.

Isso é hilário, escrevo, porque eu também estou em uma orgia.

Ele responde imediatamente.

Ah, é?

Mas é uma orgia cheia de classe. Só tem gente se beijando e passando a mão uns nos outros.

**E mandando mensagem...**, escreve ele.

E isso me faz corar. Não sei bem por quê. **E mandando mensagem.**

**Eu adoro mandar mensagem**, escreve ele.

**Eu também.**

Três pontinhos. Ele digita alguma coisa. Eu ergo os olhos, e é engraçado; me sinto meio invisível. Tem uma festa acontecendo ao meu redor, e estou totalmente desconectada dela. Sou um cubo de gelo. Mas de um jeito bom.

**Sabe por que seria horrível viver na Idade Média?**, escreve ele.

**Por causa da peste bubônica?**, respondo.

**É. Mas tem outra coisa. Não teria mensagens.**

Três pontinhos. Ele está escrevendo outra coisa.

**Mas imagina se TIVESSE mensagem de texto na Idade Média.**

Eu sorrio.

**Ah, você está pensando mesmo nisso**, respondo.

**Estou.**

**O que as pessoas medievais mandariam?**

Três pontinhos.

**Citações de Chaucer. Selfies usando ceroula.**

**É. Esse garoto sabe mandar mensagens engraçadas.**

**Já tô visualizando você mandando uma selfie de ceroula para a rainha Elizabeth**, escrevo.

**Período errado, mas sim. Com ctz, claro.**

**Que fofo.**

**Vamos lá, Molly.**

**"Elizabeth, vc é virgem? Com amor, Reid"**, digito.

Ele responde na mesma hora. **Não.** Emoji piscando.

**Hã, ela não era a rainha virgem?**

**Não se eu estivesse vivo**, escreve ele.

Sério, quem é esse garoto? Porque tenho certeza de que ele está flertando comigo. E eu não tinha me dado conta de que Reid Wertheim sabia flertar.

Seguro um sorriso.

E estou prestes a responder uma coisa *muito* sem cautela quando Cassie desaba ao meu lado no sofá.

— Ah, achei você! Adivinha só. — Ela apoia a cabeça no meu ombro e sorri para mim. — Você, Molly Adele, vai ficar com o carro hoje!

Eu a encaro.

— Por que você está fazendo a Cara de Molly? — Ela ri.

— Quanto você bebeu?

— Só um pouco — responde ela, e suspira. — Molly. Você sempre tem cheiro de flor.

Eu dou uma risada.

— É o nosso xampu. O mesmo que você usa. Do mesmo frasco.

— É, mas não sinto o cheiro em mim. Então. — Ela cutuca meu braço. — Você não está animada? Vai dirigir o carro da Mina.

— Eu não vou dirigir o carro da Mina.

— Tá, olha... — diz ela, e eu começo a retrucar, mas ela cobre minha boca. — Não, me escuta. Eu sei que Mina não ia beber, mas a gente acabou entrando numa brincadeira, e ela não está bêbada, só um *pouquinho* alta, então é melhor não arriscarmos, por isso vamos dormir aqui. Se você quiser ir dirigindo para casa, pode ir. Só precisamos que você nos pegue aqui amanhã de manhã.

— Olha, isso não...

— E pare na rua, para Nadine e Patty não surtarem, tá?

Olho para ela.

— Cass, eu não posso dirigir. Eu bebi.

— Certo. — Ela inclina a cabeça. — Foi só uma dose?

— Cassie, eu não vou dirigir.

— Só estou perguntando.

— Você está mesmo me perguntando isso? — Eu me empertigo e me afasto dela. — Está me perguntando se vou arriscar minha vida indo de carro para casa depois de tomar bebida alcoólica pela segunda vez na vida, coisa que eu nem devia misturar com o remédio, aliás...

— Tudo bem. — Ela dá uma gargalhada meio seca. — Então por que você bebeu?

— Por que eu bebi?

— Se você não deve beber com seu remédio, porque fica bebendo, Molly?

— Você está de brincadeira? — Sinto um aperto no peito e uma dor na bochecha, e percebo que estava trincando o maxilar. — Vai se foder.

É a frase da noite.

Cassie ergue as sobrancelhas.

— Eiii.

— Agora você vai me criticar por beber? É sério? Eu estava de carona com vocês. Seu grande plano é me largar para passar a noite se agarrando com sua namorada, e eu tenho que ser sua motorista?

Alguma coisa na expressão dela parece mudar, e fico com um nó na garganta.

— E você nem liga se estou bem para dirigir. Desde que você tenha sua noite incrível com a Mina.

— Sério que você vai pegar no meu pé por causa disso?

— Deixa pra lá — falo.

Eu queria não ter dito nada. Não quero ter essa conversa. Não aqui. Nem nunca.

— Quer conversar sobre isso? — pergunta Cassie, se aproximando, receosa.

— A gente pode não conversar?

Aperto o copo com força.

— Molly.

Eu olho para ela, e seus olhos estão cheios de lágrimas. Isso me desconcerta. Cassie não chora. Nunca chega nem perto de chorar.

— Você acha que estou trocando você pela Mina?

— O que você acha?

Eu jamais diria isso em circunstâncias normais, mas acho que é assim que o álcool funciona.

— Você sabe que ela é minha namorada, né?

Baixo os olhos e fico encarando os joelhos, imaginando os lábios de Cassie na orelha de Mina. Isso não sai da minha cabeça.

— Molly, por que você está fazendo isso?

— Agora eu sou a culpada?

Meu maxilar se contrai de raiva, porque é isso que Cassie faz. Ela distorce tudo e age como se eu a estivesse atacando do nada. Como se ela não tivesse passado as últimas semanas totalmente absorta no país das maravilhas de Mina.

— Ai, meu Deus. Pode parar — diz ela. — Você é tão...

— Sensível, eu sei.

Ela levanta as mãos.

E sinto uma onda de calma. Sei que é estranho. Mas apesar de eu odiar quando ela me chama de sensível, gosto de saber que isso era exatamente o que ela ia dizer. Entendo Cassie melhor do que entendo a mim mesma. E acho que Mina nunca vai conhecê-la como eu a conheço.

— Acho que vou embora — falo.

Ela se recosta no futon e ri, com as mãos sobre os olhos.

— O que vai fazer? Vai andar até o metrô agora?

Percebo de repente que as pessoas estão nos observando. Não abertamente, mas percebo vários olhares sutis em nossa direção. As pessoas adoram um showzinho.

Dou de ombros.

— Molly, para com isso.

— O que você estava pensando? — Estou tentando segurar as lágrimas.

— Você decidiu ficar bêbada e supôs que eu poderia ir dirigindo sozinha para casa?

Não vou chorar.

Não posso chorar.

— Tá, quer que eu seja sincera? Achei que você fosse pegar carona com o Will hoje, então...

— É, ele também bebeu.

Ela suspira.

— Ou que ia passar a noite aqui com o Will. Molly, para de fingir que não está entendendo.

— Não estou fingindo. — Eu respiro fundo e massajeio a testa. — Eu não fiquei com o Will.

— É, eu reparei. E foi por isso que achei que você fosse querer a droga do carro. Olha, não quer usar o carro? Ótimo. Isso nos poupa a confusão amanhã de manhã. Só achei que talvez você não quisesse ir de metrô para casa. Achei que eu estivesse sendo legal. Mas tudo bem.

Há uma pausa. Eu ergo os olhos, e a luz parece mais fraca, e todo mundo está meio desfocado. Tenho um vislumbre de Max do outro lado da sala, falando com uma garota que não reconheço, e ele está rindo, e a franja está presa com uma fivela de plástico.

— E qual é o lance com o Reid? — diz Cassie, e eu quase me encolho.

— Com o Reid?

Ela revira os olhos.

— Ai, sei lá. Só senti uma energia naquele dia na varanda.

— Nós somos amigos.

— Escuta, eu só quero que você seja feliz, tá? — Ela pega minha bebida e toma um gole. — E achei que você quisesse... Nossa, isso está

quente e nojento. — Ela toma outro gole. — Quer dizer, parecia que as coisas estavam indo bem com o Will, mas aí eu olho para cá e ele sumiu, e tudo bem. Não sei o que está rolando. Mas aí, parece que tem alguma coisa acontecendo entre você e o Reid, o que é ótimo, excelente, tudo bem...

Eu engulo em seco.

— É, não dá para namorar um cara como ele, né? Ou até transar.

— Do que você está falando?

— Mina disse isso. Que Reid é o tipo de cara para casar...

Ela ri.

— Meu Deus, Molly. Você não devia ligar para o que Mina pensa. Olha como o gosto dela é ruim. — Ela bate no peito e sorri. — Para com isso. É tudo tão subjetivo. Tipo, olha aquela garota. De vestido roxo. — Ela indica com o queixo. — Você sente atração sexual por ela?

Eu faço que não.

— Bom, adivinha: eu a acho linda e é *claro* que transaria com ela.

— Mina com certeza adoraria ouvir isso.

— Só quero ilustrar o que estou dizendo, Molly. A gente gosta de quem gosta. E daí se os outros não entendem? É uma coisa boa. É menos concorrência.

— Não sei se eu...

— Se você se convencer a não gostar do Reid por causa da sua porcaria de ego, vou dar um soco na sua cara.

Meu ego. Eu não tenho *ego*. Se eu tivesse um ego tão gigante, por que teria tanta dificuldade em acreditar que Reid gosta mesmo de mim?

Só que, sendo bem sincera, eu acredito. Reid gosta de mim. E eu gosto do fato de ele gostar de mim. Mas não estou acostumada com esse jogo. É um jeito totalmente novo de me ver. Como se eu fosse uma garota desses filmes com pouca iluminação e filtro de Instagram. Eu nunca fui essa garota.

Gosto muito de ser essa garota. Talvez eu seja meio egomaniáca.

Mas tem algo de apavorante em admitir que você gosta de alguém. De certa forma, é mais fácil quando não há chances de acontecer nada. Só que há esse momento decisivo em que as coisas de repente se tornam possíveis e as cartas são colocadas na mesa. E ali está você, *querendo*, e muito.

São tantas coisas. É o fato de todo mundo saber que você se sente atraída por um cara que usa tênis branquíssimos. É aquela pontada de vergonha que a gente sente quando alguém acha que ele não é bonito. Apesar de ele ser bonito. Ele é simplesmente lindo. Na verdade, eu gosto muito dele, e nada mais devia importar.



QUERO VOLTAR A ser normal.

Eu me sinto tão perdida. É como fazer um fio de contas e perceber que esqueceu de dar um nó na ponta. Eu não me sinto eu mesma. Não sou o tipo de pessoa que xinga um garoto, finge estar namorando outro e não consegue parar de pensar em um terceiro.

E eu nunca briguei tanto com Cassie na vida.

Desde a festa estamos cheias de dedos uma com a outra. Ela acabou dormindo com Mina no quarto de hóspedes de Max, e a amiga de Mina, Samar, me levou de carro até o metrô. Mas não tocamos mais nesse assunto desde aquele dia. Também não falamos sobre Reid, sobre meu ego gigantesco, muito menos sobre a outra coisa. A de ela me trocar por Mina.

— Ei. — Cassie aparece na porta do meu quarto quando estou guardando a guirlanda de tecido. — Mina está aqui e Olivia está trabalhando, então pensamos em dar uma passada lá e pintar umas cerâmicas.

— Legal.

— Achei que você podia querer vir.

— Tudo bem. — Enrolo a guirlanda com cuidado, passando pelo polegar e pelo cotovelo. — Mas não quero atrapalhar seu encontro.

Ela dá uma risada seca.

— Meu Deus, Molly. Não é um encontro. Olivia vai estar lá, se você não lembra.

Não respondo.

— Tá, eu sei que você está morrendo de pena de si mesma, mas acho que talvez queira ir. Você tem falado com a Olivia?

— Não...

— Então não sabe o que está acontecendo com o Evan?

Ergo os olhos.

— O que está acontecendo com o Evan?

— Bom, minha esperança era que você soubesse. Abby também não sabe, mas tem alguma coisa acontecendo. Ela acabou de voltar da Filadélfia. — Cassie dá de ombros. — De qualquer modo, a gente vai agora, então, se você quiser ir, essa é a hora.

Eu hesito.

— Tudo bem. Não precisa ir, não tem problema. Mas não quero mais ouvir você falando essa merda de que estou trocando você pela Mina.

— Eu vou — falo.

Parece que Cassie e eu somos parceiras na dança mais complicada do mundo. Tudo parece muito frágil. Se eu der um passo em falso, a gente pode acabar estragando tudo.

Cassie se senta no banco da frente e eu, no de trás. Passamos o caminho todo sem trocar uma palavra, o que faz Mina ter uma espécie de surto de tagarelice. Eu me lembro de ela ter dito que fala demais quando está nervosa.

— Vocês já fizeram isso? Parece que eles têm pratos, canecas e tudo já pronto, seco e preparado para a pintura. É muito divertido. Eu sou péssima nessas coisas, mas mesmo assim. Molly, acho que você ia gostar.

— É. Bom, a Olivia trabalha lá, então...

— Ah, é. Dã.

Ela reduz a velocidade ao passar por uma placa de “pare”.

— Mas já faz tempo — acrescento.

Ela prende uma mecha do cabelo roxo atrás da orelha.

— Sabe, estou pensando em fazer algo com pinguins. Tipo, pinguins apaixonados. Quero tentar fazer alguma coisa para dar de presente de casamento para as mães de vocês. Mas só se ficar bom.

— Você sabe que elas vão adorar de qualquer jeito — diz Cassie. — Elas amam você.

— Ahhh... é mesmo?

— É, acho que só estão gratas por você não ter me dado um pé na bunda depois daquela noite com a vovó.

Mina ri, e Cassie se vira para ela e sorri. É constrangedor ficar olhando do banco de trás. Elas nem estão sendo melosas nem obscenas, mas a sensação que tenho é de que elas são adultas e eu, uma criancinha. Eu devia estar no bebê-conforto segurando uma mamadeira.

Acabamos estacionando na rua a uns dois quarteirões da loja e no caminho até lá me mantenho sempre meio passo atrás de Mina e de Cassie. Não estou muito a fim de conversar. Acho que me sinto um pouco sem jeito, e por isso, claro, o ato de falar começa a parecer uma tarefa exaustiva e impossível. Eu fico assim às vezes. Passo uns períodos sem dizer uma palavra. Parece que toda vez que penso em alguma coisa ótima para falar, eu ensaio tanto mentalmente que esqueço se já falei em voz alta. E acho que nem preciso dizer que essas observações tão perspicazes ficam decididamente menos perspicazes quando você as repete sem querer. Melhor não arriscar.

— Eu realmente não sei no que a gente está se metendo — diz Cassie, andando de costas, como se fosse nossa guia turística.

— Por causa do Evan?

— É. Não sei de nenhum detalhe. Nenhum. Abby só disse que tinha alguma coisa acontecendo. — Ela dá de ombros e entra na loja de cerâmica.

O lugar está tranquilo para um sábado, e vejo Olivia na mesma hora. Ela está sentada a uma das mesas, pintando um prato. Tem duas garotinhas trabalhando em cofrinhos de porco de cerâmica com a mãe, mas, fora isso, a loja é toda nossa.

— Ah, oi — diz Olivia sem se levantar.

Não parece haver nada de errado com ela. Está usando uma blusa roxa linda com um gnomo desenhado e não está com cara de quem passou os últimos dias chorando.

— O que você está fazendo? — pergunta Mina, espiando o trabalho em desenvolvimento de Olivia.

— Ah, bobeira. Só uma peça para botar na vitrine.

Mas não é. Não é bobeira. Olho para o prato de Olivia e sinto uma inveja idiota. Nossa, eu sempre esqueço como ela é talentosa. De tempos em tempos, eu engano a mim mesma e penso que também sou, mas não sou. Não como ela.

O prato de Olivia é lindíssimo. No fundo ela passou uma tinta verde bem clara e tem uma linha dourada fina na extremidade. No meio, tem um dragão pela metade, cheio de detalhes e com escamas cuidadosamente definidas.

Reid ia ficar louco se visse.

— Posso tirar uma foto? — pergunto.

Olivia parece confusa.

— Do dragão — acrescento. — Está tão lindo.

— Ah, obrigada.

— Estou falando sério.

— Não está pronto ainda, mas pode.

Tiro uma foto com o celular. Em seguida, nos sentamos à mesa de Olivia, e ela pega pratos, tinta e pincéis. Primeiro, temos que passar água no prato com uma esponja. Em seguida, Olivia nos lembra de passar três camadas da tinta que usaremos como cor de fundo.

— Olha como ela é perfeccionista — comenta Cassie. — Nem pensem em pular uma das camadas. Ela vai surtar.

Olivia assente.

— Vou surtar mesmo.

Se eu não soubesse que tem alguma coisa acontecendo com Evan, eu até poderia dizer que Olivia está agindo normalmente. Agora, não consigo deixar de ver tristeza e dor em cada pincelada. Tenho muita vontade de perguntar. Não acredito que Cassie não tenha perguntado.

Continuamos trabalhando em silêncio. Cubro toda a superfície do meu prato com três camadas de tinta branca, o que parece meio ridículo. Quando seca, desenho flores coloridas nas beiradas. Mina está na minha frente, trabalhando nos pinguins, e Cassie parece estar tentando copiar o dragão de Olivia. Não está ficando bom.

— Parece que foi pintado por um feto — resmunga ela.

Mina apoia o queixo no ombro de Cassie.

— Eu gostei — diz ela.

Cassie sorri.

— Ah, claro.

— Vocês foram a uma festa ontem? — pergunta Olivia.

— Fomos, foi legal. E você acabou de voltar da Filadélfia, né? — indaga Mina.

Faço um *high-five* mental com ela. É impressionante como conseguiu mudar tão rapidamente o rumo da conversa. Ela é mesmo filha de psicólogos.

— É, eu cheguei ontem à noite — diz Olivia, e suspira.

Cassie se intromete.

— Você está bem? O que aconteceu?

— Ah. — Olivia dá de ombros. — Bom. É que o Evan terminou comigo.

— Ah, Livy.

— Pois é.

Ela abre um sorriso fraco para mim.

— Ai, meu Deus. O que aconteceu?

Olivia balança a cabeça calmamente.

— Eu não sei mesmo.

E dá de ombros de novo.

E começa a chorar.

— Aquele *merda* — resmungo Cassie.

Então Olivia nos conta tudo.

— Eu ia ficar até quarta. Mas aí, sei lá. — Ela funga. — Tudo estava normal na maior parte do tempo. Acho que ele estava meio distante, mas não percebi na hora, sabe? Só agora, quando penso no assunto.

— Foi na casa dos pais dele? — pergunta Cassie.

— Foi. — Ela assente. E respira fundo. — Foi, sim. Os pais dele estavam lá, a irmã também, então não teve drama nem nada.

Os pais de Evan Schulmeister. Queria saber como eles são. Além disso, pode ser meio enxerido da minha parte, mas fico um pouco curiosa para saber como funciona. Como é visitar o namorado que mora longe, na casa dos pais dele? Vocês não transam? Ou arriscam e torcem para os pais dele não entrarem no quarto? Porque alguma coisa me diz que a família de Evan Schulmeister se envolve bastante na vida do filho. Embora seja mera especulação minha. E também não vem ao caso.

Se bem que:

— Vocês transaram? — pergunta Cassie, na lata.

Olivia fica vermelha.

— Transamos.

— Então ele transou com você e depois deu um pé na sua bunda.

— Acho que foi isso mesmo.

— Vou acabar com a vida dele — retruca Cassie, e Mina assente solenemente.

— Eu não consigo entender — falo.

Olivia mexe no pincel.

— Nem eu. Tudo estava bem, sabe? Ele perguntou se eu podia ficar até sexta, e eu até reorganizei meu horário no trabalho...

Cassie está quase cuspiendo fogo.

— Isso é tão errado.

— E acho que foi porque ele estava planejando terminar comigo, mas ainda não tinha reunido coragem, sabe? Tipo, ele precisava de mais tempo.

— TÁ DE SACANAGEM!

Do outro lado da loja, as duas garotinhas e a mãe erguem os olhos dos cofrinhos de porquinho.

— Merda. Desculpa — diz Cassie, baixinho.

— Tudo bem — retruca Olivia. — Pois é, não estou de sacanagem. Ontem de manhã, ele entrou no quarto de hóspedes levando chá, pão e essas coisas, e eu achei fofo. Ele nunca tinha me servido café da manhã na cama, sabe? Mas aí ele espera eu ficar com a boca cheia e diz: “Eu queria conversar com você.” E eu falo: “Tudo bem.” E ele diz: “Acho que ainda não estou pronto para ser monogâmico.”

— Meu Deus — diz Cassie. — Vocês só estão namorando desde a droga do oitavo ano.

— Pois é. — Olivia dá de ombros.

— E aí?

— Eu que não ia discutir com ele.

— Não consigo acreditar nessa merda.

— Ah, tem mais — diz Olivia. — Eu fiquei quieta o tempo todo, e ele não para de dizer que está muito preocupado porque não estou reagindo.

— Que palhaçada — interrompe Mina.

— Não é? Aí ele finalmente diz que vai me deixar sozinha para *assimilar* o que aconteceu.

— Ai. — Cassie faz um som de desdém.

— Só que, logo antes de sair, ele se vira e diz, sério: “Eu só queria que você soubesse que a gente ainda pode ficar.”

Isso me faz engasgar.

— NÃO acredito que ele falou isso.

— Pode acreditar.

— Que garoto babaca — diz Cassie. — Eu vou socar a cara dele. Que babaca escroto.

Nossa, tinha me esquecido de como Cassie é apavorante quando está com raiva de verdade. Acho que não a vejo assim desde o fundamental. Desde os caras que fizeram *fuééén* quando eu passei. E acho que isso é o que acontece com Cassie. Ela tem tolerância zero para esse tipo de crueldade. Ela vai para cima com tudo, sem hesitar.

É meio heroico. E eu amo isso nela.

E agora, ela olha para mim, talvez sem querer, e sinto meus lábios se curvarem para cima. Não consigo evitar.

Ela sorri para mim. Só um pouco.

E sinto uma pontada de alívio.

\* \* \*

Quando acordo no domingo, Cassie já saiu, mas minhas mães me convencem a ir à feira, então caminho até lá sozinha. É um daqueles dias em que tem tanta gente que é sufocante. Eu me sento em um banco e fico mexendo nas pulseiras da amizade.

Tem criancinhas para todo lado, andando entre as barracas de legumes e verduras e as de flores recém-colhidas. É o tipo de coisa que normalmente me deixa nostálgica.

Hoje, estou mais para cansada.

Agora sou oficialmente aquela pessoa que, num dia lindo e cheio de gente em volta, só tem olhos para o celular.

Mando uma mensagem para Abby. **Ficou sabendo do Schulmeister?** Emoji zangado.

Abro a foto que tirei do prato de Olivia e mando para Reid antes que eu me convença a não fazer isso. **Minha amiga Olivia pintou isso. Você amou, né?**

Olha, tem algo de apavorante em digitar a palavra *amou* em uma mensagem para um garoto. Mesmo nesse contexto totalmente neutro e relacionado a dragões. Agora, não consigo parar de olhar. É como se estivesse digitado em negrito e cheio de corações.

**Ah, amei muito**, responde ele na hora.

E, em seguida: **Como está a feira?**

Espera aí.

Ele manda outra mensagem: **Psst: olha para cima!**

E é ele. Ele está bem ali.

— Oi! O que você está fazendo aqui?

— Comprando legumes e verduras? — diz Reid, sarcástico. Ele levanta uma ecobag para me mostrar.

— Certo. — Eu abro um sorriso.

Nossa, ele está tão *Reid*. Está usando um short marrom e uma camiseta de *Guerra dos Tronos*, mas uma totalmente diferente, o que quer dizer que ele tem uma coleção. E os tênis. Os tênis são tão, tão brancos. Sinto como se houvesse algo se remexendo na minha barriga.

— Ei, adivinha — falo.

Claro que ele realmente tenta adivinhar.

— Você encontrou um bebê de coelho de chocolate dentro de um coelhinho de chocolate.

Dou uma gargalhada.

— Hã, não.

— Que pena. — Ele se senta ao meu lado no banco. — O que foi, então?

— O que foi o quê?

— O que tenho que adivinhar?

— Ah! Agora acho que é meio nada a ver. É que percebi uma coisa outro dia que me fez pensar em você.

— O quê?

— Você já reparou que jarra rima com farra?

— Hã. Já — diz ele, sorrindo.

— Acho que pareceu mais engraçado na sexta. Eu falei que era meio nada a ver.

— Eu acho que tem tudo a ver!

*Tudo a ver.* Ah, essa expressão. Minha nossa, não é possível que eu fique ainda mais vermelha. Não posso ficar agindo assim perto dele.

— Ei, tenho uma pergunta — diz ele de repente. Ele pigarreja. — Você está com vontade de trabalhar hoje?

— Ah. Claro. Quer trocar de turno?

Prendo o cabelo atrás da orelha.

— Não, só quero companhia.

— Sério?

— Sério. E vou pagar em coelhinhos de chocolate.

— Você deve achar que eu faria qualquer coisa por coelhinhos de chocolate.

— Acho.

Dou um sorriso. Não sei nem como explicar como me sinto. É um misto de pavor e satisfação ao mesmo tempo. Isso não faz sentido, eu sei.

— Vou mandar uma mensagem para as minhas mães avisando.

— Você é muito responsável.

Andamos pela avenida Carroll, e Reid me conta sobre uma nova remessa que a Bissel recebeu, mas está um pouco difícil prestar atenção.

Para ser sincera, estou meio obcecada com a minha mão. E a dele. E o espaço entre as duas. Não sei se devia juntar as mãos, ou balançar o braço, ou deixá-lo ao lado do corpo. Cada movimento parece estranhamente deliberado. É meio ridículo. Se você me transformasse em um gráfico pizza, a parte “obcecada pelas mãos” seria uma espécie de Pac-Man.

— Então, ficamos com a maior quantidade de plástico-bolha do mundo em um aposento só — conclui ele.

— E a fábrica de plástico-bolha?

— Nós ultrapassamos até a fábrica de plástico-bolha.

Eu estouro uma bolha invisível. *Pop*.

— Pop — diz Reid. Eu olho para ele, que está sorrindo.

Passamos direto por Cassie; eu só reparo quando ela me chama. Está sentada em um banco com Mina e Olivia, e as três seguram copos de sorvete com pazinhas de plástico.

— Ei! Aonde vocês estão indo?

— Eu manipulei Molly para que ela me fosse me ajudar no trabalho — diz Reid.

— Não, eu o manipulei para que ele *pensasse* que me enganou.

Mina ri e Cassie revira os olhos, mas não com maldade.

— Vocês já se conhecem? — pergunto. — Olivia, Reid.

— Oi.

Reid sorri para Olivia, que retribui o sorriso. Fico quase apreensiva. Talvez seja o jeito como ele está sorrindo, ou a forma como as bochechas dela ficaram rosadas.

— Uau. Adorei sua camiseta — comenta Olivia.

Reid parece feliz da vida.

— Espera, você gosta de *Guerra dos Tronos*?

— Se eu gosto de *Guerra dos Tronos*? — pergunta ela com incredulidade. — É o mesmo que me perguntar se eu sou um ser humano com um coração que bate.

— Isso! — Reid faz um gesto de vitória.

E minha pontada de medo vira uma gigantesca onda de pânico. Porque eu já vi esse tipo exato de comentário acontecer. No 9:30 Club. Com Cassie e Mina e a camiseta da Georgie James.

E, pela primeira vez em quatro anos, Olivia está solteira.

Não. Não. Não.

Nunca fui do tipo que tem vontade de bater nas pessoas. Não estou me imaginando dando um tapa no meio da cara da Olivia agora mesmo.

Minha amiga Olivia, doce, que adora fadas e é calma e serena como o oceano. Que acabou de ter o coração partido. Por Evan Schulmeister. Só posso estar ficando maluca.

Porque ela é a *Olivia*.

Não posso ser tão babaca assim.

— É melhor a gente ir logo — falo rapidamente, e Reid assente.

— Então... — diz Cassie. — A gente estava pensando em fazer uma festa do pijama amanhã à noite. A gente, Will e Max. Vocês querem ir?

Nem preciso olhar para minha irmã para saber que seus olhos estão brilhando, me torturando. Percebo pela voz dela.

Eu olho para Reid, que dá de ombros.

— Tudo bem. Tá.

Ele sorri.

E Olivia também.

Não consigo identificar se o nó na minha barriga é empolgação ou medo.



PATTY E NADINE adoraram a ideia da festa do pijama. Acho que elas ficariam sem jeito se apenas Mina viesse, então deve ter sido um tremendo alívio quando perceberam que haveria mais gente segurando vela.

Elas nem se preocupam se vou dormir ao lado de outros garotos, o que é meio triste.

Nadine tira uns sacos de dormir velhos do armário, o que é basicamente uma aprovação oficial da festa.

— Suas mães são tão legais — diz Mina.

— Seus pais também! — diz Cassie.

— Os meus são legais de uma forma sutil. Não assim. Suas mães deixam vocês beberem?

Cassie e eu nos entreolhamos.

— Não exatamente — responde ela.

Mina morde o lábio.

— Será que é melhor eu dizer para os garotos não trazerem a vodca?

— Vamos ser discretos.

Cassie sorri, e meu coração bate mais rápido. Nunca me senti tanto com dezessete anos.

Cobrimos o chão do quarto de Cassie com os sacos de dormir. Todo o segundo andar da nossa casa era um sótão, então os quartos não são muito

grandes. O de Cassie não é o maior, mas parece, porque é o único em que o teto é alto o bastante para que caiba o beliche.

Mina fica para jantar, e Nadine comprou gigantescas asinhas de frango coreanas duplamente fritas para impressioná-la. Para ser sincera, não consigo decidir se é um esforço fofo ou se estamos entrando no território preconceituoso da vovó Betty. Mas Mina ri.

— Que incrível — diz ela.

— Ah, nós é que achamos você incrível — responde Nadine.

Todo mundo está agindo de um jeito meio estranho. Menos Xavier, que está fazendo solos de bateria na bandeja do cadeirão com uma colher de plástico. Mas o restante de nós... Não sei explicar.

— E quem vem hoje? — pergunta Patty. — Olivia...?

— E mais Will, Max e Reid — responde Cassie.

— São muitos garotos — diz Nadine.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Pois é — concorda Cassie por fim.

— E aí, tudo pronto para o casamento? — pergunta Mina.

— Acho que sim. — Nadine dá de ombros. — Vai ser algo bem casual. Devem vir umas trinta e cinco pessoas, então só precisamos ter certeza de que vai ter comida para todo mundo.

— E vamos ter comida kosher, sem glúten, vegana, de tudo um pouco — acrescenta Patty.

Outro momento aleatório de silêncio. Não sei por quê. Talvez a gente ainda não tenha encontrado o ritmo certo com Mina.

— E nosso sobrinho vai cuidar do aluguel das mesas e cadeiras — explica Patty.

— Isaac? — pergunto.

É o irmão de Abby, e é difícil imaginá-lo ao telefone resolvendo esse tipo de coisa. Ele é absurdamente inteligente e conseguiu uma bolsa

integral em uma universidade superconceituada, mas adora uma farra, e não do tipo que envolva cadeiras alugadas e parentes.

— Por incrível que pareça, ele está se saindo muito bem — diz Nadine.

— Talvez a gente devesse ter um plano B.

— É, qual é o plano se chover? — pergunta Mina.

Ela morde um pedaço de asinha de frango, coloca no prato e pega o guardanapo.

— Nosso plano é negar a possibilidade de chuva — responde Nadine.

Xavier bate com a colher na bandeja, como se para acrescentar um ponto de exclamação.

\* \* \*

Todo mundo chega depois do jantar, e minha mente não consegue descansar por um minuto. Passar a noite no quarto de Cassie com todo mundo. Com Reid. Não sei bem como lidar com a situação. Sou de um jeito quando estou perto de Reid, e de outro quando estou com os amigos de Mina. Quando esses mundos colidem, fico nervosa e tensa.

— Que bairro maneiro — diz Will. — E dá para ir andando até o metrô. Que inveja.

— É bem conveniente — responde Cassie.

Ela se senta no chão ao lado de Mina, as costas apoiadas na cama. Todo mundo está encostado em alguma coisa: Will e Max nas gavetas da escrivaninha, Olivia na porta, Reid e eu na parede.

Will abre sua famosa bolsa e tira uma garrafa de vodca; é uma meio chique, com vidro fosco e tampa azul. Não faço ideia de como ele consegue toda essa bebida. Talvez tenha uma identidade falsa. Talvez todo mundo tenha, menos eu. Me sinto em um filme adolescente.

Cassie comprou uma caixa de suco de laranja, e a primeira coisa que faz é colocar um pouco em um copo grande de plástico. É o truque

clássico dela. Depois de abrir espaço, dá para jogar a vodca na caixa de suco.

— Deixa que eu bebo — falo. — Pode me dar o copo.

— A gente pode dividir? — pergunta Reid, e eu dou um sorriso. Algo me dizia que ele não ia ligar muito para a vodca.

Mas todo mundo liga, até Olivia. E é engraçado. Nunca me imaginei em uma festa do pijama com bebida alcoólica. Ou em uma festa normal com bebida alcoólica. E definitivamente não as duas coisas na mesma semana. Mas acho que essa é a grande questão de ter dezessete anos. Você nunca sabe o que vai fazer até que faz.

— Adivinhem o que eu li hoje — diz Cassie. — Vocês sabiam que o orgasmo fortalece a região abdominal?

— Ótimo.

Max dá um soco no ar, se sentindo vitorioso.

Olivia morde o lábio.

— Eu nunca tive um orgasmo.

E o engraçado é o seguinte: quando ela fala, sinto uma pontadinha de inveja. Não porque ela nunca teve um orgasmo (ver também: Evan Schulmeister), até porque deve ser meio óbvio que eu também nunca tive, e falta de orgasmos não é algo a se invejar. Mas eu queria ser o tipo de pessoa que consegue admitir isso em voz alta.

— Olivia — diz Cassie —, você não sabe o que está perdendo.

Isso não é meio óbvio? É um orgasmo.

— Mas me disseram que parece um espirro — acrescenta Olivia.

— Ter um orgasmo? — Cassie ri. — Quem disse isso?

— A internet.

— Era por isso que você cheirava cominho em pó o tempo todo? — pergunta Cassie.

— Pesquisa científica.

Mina ri.

— Olivia, você é tão fofa.

— Quer saber como é? — pergunta Cassie. Ela se inclina, o braço apoiado na cama. — É igual a Super Mario Bros, quando o Mario come a folha, depois corre e corre até voar. — Ela levanta a mão no ar.

Will e Max riem tanto que acho que vão engasgar, mas Olivia está pensativa.

— Isso tem certa beleza — comenta ela.

— Olivia, não é assim. Um orgasmo não é um jogo de videogame — retruca Max.

— Ah, tudo bem, especialista. Tenho certeza de que você é a única pessoa no mundo que já teve um.

Cassie revira os olhos.

Estou um pouco desnorteada. Essa conversa está me deixando nervosa. Às vezes, acho que sou a última virgem que sobrou no universo. Todas as outras pessoas fazem sexo sem parar. Todo mundo fica nu, se toca e se beija. Menos eu. Eu sei que não é verdade, mas essa é a sensação.

Will dá goles generosos na bebida e logo enche o copo mais uma vez.

— Nada de encher a cara e ficar caindo pelos cantos — avisa Cassie.

— Eu não estou enchendo a cara. — Ela estreita os olhos, incrédula. — Olha — diz ele, ficando de pé. — Quer que eu ande em linha reta?

Will anda em linha reta bem na minha direção.

— Está vendo? Perfeitamente sóbrio.

Ele escorrega pela parede e se senta ao meu lado, com uma parte do corpo toda colada ao meu. E Reid está do outro lado. Para dizer a verdade, é meio empolgante ficar imprensada entre dois garotos. Apesar de eu não gostar de Will. Não como gosto de Reid.

Will pergunta se Cassie pode botar alguma música, depois me pergunta o que quero ouvir. Parece um teste.

— Florence + the Machine — respondo, hesitante.

— Ah.

Ele assente, e é impossível interpretar sua expressão. Isso é um pouco sufocante.

Cassie bota a música, e todo mundo começa a falar de sexo de novo.

— Tá. Eu tenho uma teoria — diz Reid, se inclinando na minha direção.

— Uma teoria.

— É. — Ele faz uma pausa e sussurra: — Acho que eles são um bando de virgens. E estão todos mentindo.

Eu sorrio.

— Ah, é?

Ele assente enfaticamente.

— É uma grande conspiração. Acho que todo mundo só diz que faz sexo, mas na verdade está em casa enfiado na internet.

— Postando que está fazendo um monte de sexo — falo.

— Exatamente — diz ele, sorrindo.

— Tá, mas como as pessoas engravidam?

— Concepção imaculada.

— Ei. — Will me cutuca. — O que vocês estão cochichando aí?

Ele segura meu punho com delicadeza e o aninha na palma da mão. Parece estranhamente intrigado pela textura das minhas pulseiras da amizade e passa a ponta dos dedos pelos nós e sulcos. Fico sem ar de repente.

— De quem são? — pergunta Will.

— Minha prima. — Engulo em seco. — Abby. Ela é minha melhor amiga.

— Vou tentar adivinhar. Ela tem pulseiras iguais às suas.

— Talvez. Com certeza.

Sinto Reid me observando, observando Will, e quase acho que pode estar com ciúmes. Vai ver estou imaginando coisas, mas minha intuição diz que não. E gosto disso. Eu sou mesmo uma babaca.

Mais tarde, quando nos acomodamos nos sacos de dormir, fico entre Reid e Will de novo. Will está bem perto, tão perto que não sei como vou me levantar para ir ao banheiro sem encostar nele. Esse pensamento é o suficiente para me dar uma vontade desesperada de fazer xixi, mas não quero me mexer.

Estou deitada ao lado do Will Hipster.

E de Reid.

Meu coração acelerado se recusa a ficar no peito.

\* \* \*

Acordo com o farfalhar de tecido — é Will rolando para o lado. Mas ele ainda está dormindo e roncando baixinho, os lábios um pouco abertos, e Max está encolhido em uma bola ao lado dele. Cassie e Mina estão enroladas em cobertores na cama de cima.

Mas a cama de baixo está perfeitamente arrumada. Acho que Olivia já deve ter acordado. O saco de dormir de Reid também está vazio.

De repente, sinto uma pontada de medo, mas tento ignorar.

Eu me levanto e vou para o banheiro. Depois passo silenciosamente pelo quarto de Xavier e desço a escada. A luz da sala está acesa e, quando olho pela porta, vejo duas cabeças com cabelo desgrenhado no encosto do sofá. Bem próximas.

— Oi — falo.

Meu cérebro está zumbindo.

— Ah, oi! — diz Reid.

Talvez eu esteja exagerando, mas juro que ele parece ter levado um susto. Arrisco dizer que aparenta um pouco de culpa.

Olivia sorri para mim. Ela está praticamente aconchegada nele.

Eu me sinto meio entorpecida.

— Vocês estão acordados há muito tempo? — pergunto, me acomodando no braço do sofá.

— Há uma hora, talvez? — diz Reid. — A gente só estava conversando.

Estou tentando não olhar fixamente para eles, juro, mas tenho que avaliar a situação. Olivia está embaixo de um cobertor, e não consigo ver as mãos dela. Nem as dele.

Entorpecida. Ou talvez o oposto de entorpecida.

Eles estão de mãos dadas embaixo do cobertor. Tenho quase certeza disso. O que é ridículo e nem um pouco legal. Não que eu me importe com isso. Eu não devia me importar. E não me importo. Eu não estou nem aí.

Só que, quando Olivia se espreguiça, vejo que suas mãos estão unidas e quase solto um suspiro de alívio.

Eles não estão de mãos dadas.

Que bom.

Preciso recuperar o fôlego.

— Eu estava explicando para o Reid os diferentes tipos de lentes que existem — diz Olivia.

— Pois é. Ao que parece, existem lentes. E dá para tirá-las da câmera.

— Ao que parece, existem câmeras fora dos celulares.

Olivia sorri. A covinha de Reid aparece.

— É você quem está dizendo.

Não posso ficar aqui. Não posso ficar olhando isso.

— Tenho que me vestir — falo.

Levo umas cinco horas me vestindo, porque é o tempo que passo trancada em meu quarto. Se eu pudesse ficar aqui dentro para sempre, eu ficaria.

\* \* \*

Mas Patty acaba aparecendo na porta.

— Você tem um minuto?

Estou na cama. E não tenho um minuto. A programação do dia está totalmente dedicada ao Facebook — *Reid Wertheim agora é amigo de Olivia Lambert* — e a verificar mensagens perdidas no celular. Nada. Nossa, que novidade.

Eu só dou de ombros. Patty escancara a porta, e vejo que Nadine e Cassie estão atrás dela.

— Reunião de família — anuncia Nadine. — Se importa se a gente sentar?

Balanço a cabeça.

— Cadê o Xav?

— Mina está cuidando dele.

Ela se senta no pé da cama, e Patty na cadeira. Cassie se acomoda ao meu lado e abraça meu travesseiro.

— Então, pois é — diz Nadine. — Vou ser direta e perguntar de uma vez: rolou álcool ontem à noite?

Sinto Cassie ficar rígida ao meu lado. Não dou um pio.

Nadine contrai a boca.

— Vamos começar com o seguinte: vocês podem me explicar por que o Will estava vomitando no banheiro às quatro da manhã?

— Ele vomitou? — pergunta Cassie.

— Ah, vomitou.

Cassie me lança um olhar. *Você sabia?*

*Não.*

Uma conversa telepática perfeita.

— Eu não fazia ideia — diz Cassie.

— Não estou perguntando se você sabia, e sim se você sabe por quê.

Cassie abraça o travesseiro com mais força e assente. Eu devia dizer a verdade. Devia dizer que só tomei suco de laranja. Pelo menos dessa vez.

— Acho que nem precisamos dizer que isso é inaceitável. — Patty balança a cabeça. — Nós damos bastante liberdade a vocês.

— Nós confiamos em vocês — acrescenta Nadine.

— Desculpa — diz Cassie baixinho. — É culpa minha.

E talvez eu esteja sendo injusta, mas não me pronuncio. Porque, na verdade, a culpa é dela. Foi ela quem convidou todo mundo. É por causa dela que vamos receber um castigo eterno. É por causa dela que Olivia e Reid estão trocando mensagens românticas nesse minuto. Provavelmente. Sem dúvida.

Não vou chorar.

— Molly, queremos que você fale também — diz Patty.

— O que vocês querem que eu diga? — Sinto meus olhos ardendo e balanço a cabeça. — Se vocês vão botar a gente de castigo, botem logo de uma vez.

— Como é que é? — retruca Nadine.

— Me digam o que fazer e eu faço. Querem meu celular? Tomem. — Minha voz falha. — Eu não estou nem aí.

— Quer saber? Não. Não é assim que vamos resolver isso. Vocês querem beber como adultas? Tudo bem. Então vão ficar aqui e discutir como adultas.

— É, eu estou bem aqui — falo, e cruzo os braços.

— Molly... — sussurra Cassie.

Eu me viro abruptamente.

Patty chega a cadeira para mais perto da cama.

— Molly, o que está acontecendo? Pode se abrir com a gente.

Sou assolada por um turbilhão de pensamentos. Não consigo contê-los.

— Só não entendo por que vocês estão fazendo essa merda desse estardalhaço. — Hesito um pouco no palavrão. — Daqui a um ano a gente vai para a faculdade. Em cinco meses fazemos dezoito anos.

— O que quer dizer que vão poder sair bebendo por aí? — Nadine está falando baixo, mas sua voz troveja. — Não mesmo.

— E qual é o problema? — retruco. — Por que vocês se importam tanto com isso?

Parece que uma bigorna cai bem no meio do quarto. Todo mundo para. Todo mundo olha para mim.

— Ei! O que deu em você? — Nadine se levanta.

Mas já fui longe demais para parar.

— Em mim? Literalmente nada. Nada deu em mim. Nada acontece comigo. Talvez vocês deversem conversar com a Cassie. Talvez vocês deversem perguntar a ela como é ter um orgasmo.

Cassie olha para mim, chocada.

— Sério, Molly?

— Molly, isso não é legal. — Nadine começa a falar, mas eu a interrompo.

— Não tô nem aí. Cansei.

Eu me levanto, passo por ela, saio do quarto e desço a escada.

Mina sai da cozinha segurando as mãos de Xavier.

— Ah, oi — diz ela.

Eu mal emito algum som em resposta. Não paro nem para abraçar Xav, e vou direto lá para fora. Embora esteja chovendo, embora eu esteja de pijama. Eu me encolho nos degraus da varanda e pego o celular. Ligo para Abby.

Ela atende no primeiro toque.

— Que engraçado, eu estava falando de você!

Meu coração afunda no peito. Se Abby estava falando de mim, ela não está sozinha. O que quer dizer que vou desmoronar na frente de Nick ou de Simon ou de um dos milhões de outros melhores amigos dela. Perfeito.

— Molly — diz ela.

— Oi. — Minha voz sai engasgada.

— Está tudo bem? Molly, o que foi? Espera um pouco. Vou só... — Eu a imagino gesticulando para Nick, talvez sorrindo com um pedido de desculpas. — Tudo bem, estou indo para o meu quarto. O que está acontecendo?

Quero muito contar a ela sobre Reid gostar de Olivia, mas não consigo. E isso é ridículo. Afinal, é a Abby. Ela não vai rir da minha cara. Só que talvez ria. Não sei. Talvez Cassie tenha contado a ela sobre Reid. Talvez tenha contado o que Mina disse. Que sexo com Reid é algo inimaginável. O que quer dizer que sexo comigo também deve ser inimaginável. Porque sexo entre nerds é piada. Gordo com gordo. Otário com otário. *Fuéeén*. E ninguém parece perceber como Reid é fofo, só eu.

E aquela idiota da Olivia.

Reid trepando com Olivia.

Quero gritar.

— Molly, fala comigo. Você está bem? — pergunta ela de novo.

— Estou.

— Não está, não. O que aconteceu?

Preciso respirar. Preciso que meus pulmões se controlem.

— Eu só... — Respiro fundo. — Cassie está com raiva de mim. E minhas mães também.

— Certo. — Percebo um sorriso na voz dela. — Só isso?

— Não é engraçado.

— Não... ah, Molly. Não estou rindo de você. Eu só... você sabe quantas vezes Isaac se irrita comigo? E meus pais? Sério, meu pai se irrita comigo literalmente todos os dias. É assim que os pais são.

— Não as minhas mães.

— É porque você nunca faz besteira.

— Está de brincadeira, né?

Ela ri.

— Bom, o que aconteceu?

Eu conto. E, sinceramente, falar sobre o assunto me deixa mais calma. Acho que a situação é um pouquinho engraçada mesmo. Eu saí correndo e deixei Cassie sozinha tendo explicar como é ter um orgasmo. Para nossas mães.

— Então o Will Hipster fez merda e entregou vocês, é?

— Pois é.

Abby ri.

— Nada de beijinhos da Molly para ele agora.

— Jamais.

Como se beijinhos meus fossem um grande benefício. Como se houvesse garotos fazendo fila na minha porta. Odeio essa expressão, por sinal. A vovó diz às vezes. Como se este devesse ser o objetivo da vida de uma mulher: ter uma fila de caras desesperados para namorar você ou transar com você ou fazer qualquer coisa com você. Como se eu devesse querer colecionar garotos como se fossem Pokémons.

Eu não quero isso. Não quero partir corações. Só quero Reid.

É assustador pensar nisso.

Eu quero Reid. E talvez seja loucura, mas eu tinha certeza de que ele também estava a fim de mim. O jeito como ele me encarou naquela tempestade. O jeito como se sentou perto de mim. O jeito como olhou para mim quando eu estava falando com Will.

Eu tinha tanta certeza.

Não fui cautelosa.

E agora sei como é levar um fora. É um turbilhão de merda.



— EI! VOCÊ NÃO está de castigo — diz Reid quando chego ao trabalho.  
— Ainda não. Não sei. — Eu me sento ao lado dele no chão da seção de bebês. Tem sapatinhos para todo lado. — O que aconteceu aqui?  
— Fomos atacados por crianças furiosas.  
— Eita.  
— Este lugar é o melhor controle de natalidade que existe.  
Dou um sorrisinho e começo a empilhar caixas ao lado dele.  
— Mas sério — começou Reid depois de um instante. — Está tudo bem? Mina disse para Olivia que você parecia chateada.  
— Você falou com a Olivia?  
— Ela me mandou uma mensagem.  
Sinto um frio na barriga.  
— Certo.  
Tem cerca de cinquenta bilhões de coisas que quero perguntar a ele agora, tipo: *quando você e Olivia trocaram números de celular? Você gosta dela? E principalmente: você gosta dela mais do que de mim?*  
— Ei, pessoal. — Ergo os olhos e vejo Deborah. — Minha equipe forte está disponível? Acabamos de vender a estante de madeira de demolição.  
Ela comemora com um soco no ar.  
— Pode contar com a gente.

Reid se levanta e estende a mão para mim.

Nossas mãos se unem. Ele a aperta de leve antes de soltar. E neste momento Olivia não existe.

Até que eu a vejo junto ao caixa, o cabelo com mechas azuis perfeitamente desgrenhado. Ela está de camiseta e calça jeans, segurando o que parece ser um estojo de câmera.

— Você que comprou a estante? — pergunto.

Ela ri.

— Hã, não. Estou procurando um porta-retratos. E aproveitei para vir dar um oi.

— Oi — diz Reid, sorrindo.

— A cliente está levando o carro para os fundos — diz Deborah, com uma das mãos no ombro de Reid.

Carregamos a estante em silêncio, e sinto Reid me observando, confuso. Mas não quero me explicar, não confio em minha voz agora. Não consigo acreditar que Olivia está aqui. Ela está aqui. E acho que não é por minha causa.

— Encontrou seu porta-retratos? — pergunta Reid quando voltamos.

— Encontrei! O que você acha?

Óbvio que ela pegou meu porta-retratos favorito da loja toda. É de madeira, azul-claro, com florezinhas pintadas à mão.

— É para as suas mães. Você soube que vou tirar as fotos do casamento? Na verdade, estou indo para lá agora mesmo fazer uns testes. Trouxe minha Canon. — Ela bate no estojo, apoiado no quadril.

— Sua o quê? — pergunta Reid.

— Minha câmera.

— Ah, certo — diz ele. — Ei, eu estava aqui pensando. Meu amigo Douglas é ligado em tecnologia e está começando a se interessar por câmeras e fotografia. Eu estava pensando que talvez você pudesse conversar com ele.

## POR ACASO TODO MUNDO GOSTA DE FOTOGRAFIA AGORA?

— Claro — diz Olivia.

— Na verdade, Will também tira fotos, e Mina está aprendendo. — Dou um sorriso tenso. — Então Douglas tem muitas opções.

— Ah, legal — diz Reid. — Mas, se você estiver a fim, Olivia, de repente nós quatro podemos sair um dia desses. — Ele olha para mim. — Acho que a Molly desconfia que Douglas não existe.

— É verdade. — Não consigo deixar de dar um sorrisinho.

— Bom, eu definitivamente topo.

— Legal! Vou mandar uma mensagem para ele. Meu expediente termina em um minuto. Quer que eu acompanhe você até a casa da Molly?

— Ah, seria ótimo.

Merda. Está mesmo acontecendo. Bem diante dos meus olhos.

Então vai ser desse jeito. É fácil assim para Olivia. Talvez a vida seja assim para a maioria das garotas. Eu devia sorrir. Devia agir com naturalidade. Devia derreter no chão e desaparecer.

Pego o celular assim que os dois saem. Nunca respondi à mensagem com as moças dançarinas de Will. Nunca nem considerei fazer isso, mas vou literalmente-não-literalmente-mas-quase explodir se tiver que ficar sentada hoje à noite imaginando Reid com Olivia.

Os dois se beijando. Dando as mãos. Se agarrando. Descobrimo orgasmos.

**O que vc está fazendo?**, escrevo, mas na mesma hora apago. Não sei fazer isso. Não sei como deixar claro que isso não é um convite para uma ficada.

Juro que não é um convite para uma ficada.

**Oi, Will. É a Molly.**

Clico no botão de enviar.

Só sei o seguinte: eu não devia ficar esperando pela resposta. Devia jogar o celular na bolsa e deixá-lo lá para sempre. Para mim, mensagens de garotos são como o Papai Noel ou o Buzz Lightyear. Só aparecem quando você não está olhando. Mas é impossível não olhar. Minha visão de raio laser é tão potente que eu não me surpreenderia se a tela rachasse.

Um instante depois, uma nova mensagem aparece. Um pequeno milagre. Tudo porque eu fiquei olhando fixamente para a caixa de entrada.

**Ah, oi. E aí?**

Um milhão de pensamentos conflitantes me ocorrem: Will respondeu. Imediatamente. E perguntou “e aí?”. Como se estivesse querendo saber o que estou fazendo, e não respondendo a um convite para uma ficada. Ou talvez isso seja um convite para uma ficada. Talvez seja assim que as ficadas aconteçam, a partir de um convite casual.

**Estou no trabalho, mas — respiro fundo — fiquei pensando: o que você vai fazer mais tarde?**

Três pontinhos.

Mas os pontinhos desaparecem.

Acho que ele ignorou minha pergunta.

Ai, meu Deus.

Tudo bem... Sem problemas. É humilhante. Mas tudo bem. Estou respirando. Estou bem.

Nossa, ele deve estar com Max agora. Sem dúvida. E Max deve estar espiando por cima do ombro de Will e rindo e pegando no pé do garoto por eu ser obcecada por ele. Tenho certeza absoluta de que Will acha que sou obcecada por ele. E agora deve estar tão atordoado que não sabe o que responder.

Só que...

Três pontinhos.

**Nada de mais. Quer se encontrar comigo? Que horas você sai?**

Ai.

Ai, merda.

Meu cérebro fica confuso. **Claro! Saio às 16h30.**

**Ótimo**, escreve ele. **Quer me encontrar na estação de Takoma?**

**Tenho uma ideia...** E manda o emoji com o grande sorriso sem graça.

Opa.

**Que ideia?**, pergunto.

**Mais tarde você vai descobrir, até mais!**, responde ele.

\* \* \*

Will está de gravata-borboleta. Sei que isso é absurdo. Mais absurdo ainda é como ele fica lindo de gravata-borboleta.

— Você tem um timing ótimo — diz ele, me envolvendo em um abraço. — Eu estava em casa entediado, e Mina não responde mais minhas mensagens...

Então Mina não está disponível, e é por isso que ele está saindo comigo. Não sei como me sentir quanto a isso.

— Ela deve estar com a Cass.

Will sorri e dá de ombros.

Entramos na estação do metrô e, pela segunda vez na vida, estou em uma escada rolante com Will Haley. Um trem chega assim que pisamos na plataforma.

— Está vendo? Você tem o melhor timing do mundo — diz ele.

Está lotado. Acho que é quase hora do rush. Acabo espremida entre um enorme carrinho de gêmeos e uma mulher lendo no celular. Os dedos de Will estão dois centímetros acima dos meus na barra do metrô. Eu devia estar surtando.

Um menino muito bonito. A dois centímetros de segurar minha mão.

Eu não devia estar pensando em tênis brancos neste momento.

Descemos em Silver Spring e saímos, e não sei como não reparei como está quente hoje. Não preciso do meu cardigã, mas o uso como armadura. Will anda com determinação pela avenida Georgia, sorrindo para mim, e para na frente de uma loja.

— Joe's Record Paradise — leio em voz alta.

— É. Um paraíso — diz Will. Ele abre a porta, e um sino toca quando passamos. — Isso — diz ele. Ele se vira para mim. — Dá só uma olhada.

Tem discos de vinil para todo lado, organizados em estantes e prateleiras em corredores longos e estreitos. No fundo, as paredes são surpreendentemente rosa-chiclete. Estão cobertas de pôsteres de banda emoldurados e capas de discos.

— Que incrível. — Mexo em uma fileira de discos sem prestar atenção em nenhum. — Você tem uma vitrola?

— Claro que eu tenho.

Will chega mais perto. Não estamos trocando olhares nem nada do tipo, mas estamos bem próximos. Tento respirar normalmente. Tenho que admitir que ele tem a capacidade de mexer comigo e, o mais importante, tem a habilidade de me fazer esquecer Reid por quase cinco minutos. Eu contei. Se bem que não pensar em alguém de propósito talvez seja o oposto de esquecê-la.

— Uau — falo, pegando um álbum da frente da fileira.

Tem um casal na capa, os dois completamente nus. Com pelos pubianos e tudo aparecendo.

— São John e Yoko — diz Will. Ele pega o disco e me mostra a parte de trás, com a bunda deles. — Bem ousado, né?

O disco se chama *Unfinished Music No. 1: Two Virgins*. Olha, eles não parecem nem um pouco virgens. E mais: creio que John Lennon seja oficialmente o primeiro cara que já vi nu. Tento não olhar para o pênis dele, me perguntando se todos os pênis são assim.

— Você está vermelha! — diz Will, abrindo um sorriso.

— Não estou!

— Ah, está.

Minha cabeça está girando, acho que vou vomitar. Não consigo evitar. Estou pensando em sexo. Sexo com Will Haley. Sexo em geral. A questão é que não consigo fazer meu cérebro transformar esses pensamentos em uma coisa sexy.

Não é ridículo? É *sexo*. É inerentemente sexy.

Mas não para mim. Porque, nos filmes com pouca iluminação, quando a garota tira a camiseta, ela para de ser eu. A garota mal iluminada dos filmes nunca sou eu. Ela tem barriga chapada e peitos lindos, e dá para ver o garoto se apaixonando por ela. Dá para perceber isso no rosto dele.

Debaixo da minha blusa, não tem barriga chapada nem peitos lindos, e não tem iluminação fraca. Só tem um monte de mim. Eu em excesso.

\* \* \*

Mas a melhor coisa de Will é que não importa quanto você esteja surtando por dentro, ele nem repara. Na volta, ele continua falante e brincalhão, se oferecendo para me acompanhar até em casa. E ele nem mora em Takoma Park. Mora bem longe de lá, na verdade. Ele vai ter que voltar andando até o metrô e pegar outro trem até Bethesda.

Não consigo interpretar essa atitude. Abby diria que ele gosta de mim, mas talvez só esteja sendo gentil. Talvez só goste de caminhar.

Eu falo que não tem problema, que posso voltar sozinha.

— Sério, Molly, eu faço questão — diz ele. — Está ficando escuro.

Então, eu deixo. Andamos pela avenida Carroll, passamos pelo parque, e meus pensamentos estão a mil por hora. *Will está me levando em casa. Ele insistiu. E talvez isso seja uma coisa boa. Talvez seja assim que acontece. Talvez a gente se beije. Pode ser exatamente assim que vou parar de gostar do Reid. Talvez eu só devesse... sei lá. Ser menos cautelosa.*

Eu paro de repente, e Will faz o mesmo.

— Você está bem? — pergunta ele.

Eu faço que sim, atordoada. Respiro fundo. Estamos ao lado de um gazebo. Deve ser um sinal.

— Ei. Então.

Estreito bem os olhos e os abro novamente. Ele está me olhando com a testa franzida.

— Molly — diz Will. Ele se aproxima. — O que foi?

— Quer entrar ali?

— Onde? No gazebo?

Eu faço que sim.

Ele dá de ombros.

— Claro.

Meu Deus. Eu consigo *ouvir* meu coração.

Vamos até lá, e quando me viro para encará-lo, ele está mordendo o lábio. Não diz nada. Não sei se é uma coisa boa, mas eu chego mais perto. Não sei como isso funciona. Não sei se devo inclinar a cabeça ou projetar os lábios ou fazer alguma coisa com as mãos. Onde eu coloco as mãos?

Mas.

*Não pense demais nisso.*

*Não seja cautelosa. Não seja cautelosa. Não...*

Dou um passo à frente.

— Eu queria mesmo falar com você — diz ele. Meio alto. Alto demais. Ele dá um passo para trás.

E, ah.

Aí está. Como um chute na barriga.

A primeira coisa que sinto é pânico. Não decepção. Nem mesmo humilhação. Só um enjoo, os batimentos acelerados e uma incapacidade absurda de recuperar o fôlego.

Eu nem quero fugir. Só quero evaporar.

— Você está bem? — pergunta ele baixinho.

*Respire.*

— Estou bem. — *Pareça feliz. Pareça normal.* — Ótima.

— Quer que eu vá embora?

— Não! — Ai, meu Deus. — Não, não. Tá tudo ótimo!

Ele mexe os pés, sem jeito.

— Me desculpe.

— Por que você está pedindo desculpas? Não peça desculpas. Eu só...

— Balanço a cabeça, exasperada. — Quer dizer, eu não estava tentando...

— Ah. Tá. — Ele assente. — Tudo bem.

E, então, parece que ficamos horas em silêncio.

— O que você ia dizer? — pergunto depois de um tempo.

*Antes de eu tentar beijar você. Antes de você me rejeitar. Completa, total e definitivamente.*

— Como assim?

— Você disse que queria falar comigo sobre alguma coisa.

— Ah. — Ele coça a cabeça. — Hã. Não é nada de mais. Podemos conversar outra hora.

— Não, me conta — falo, talvez um pouco intimidadora.

*Vamos apagar os últimos cinco minutos. Vamos voltar no tempo.*

Ele contrai bem os lábios.

— Tá. Hum... — diz ele. — É sobre a Mina.

— Certo.

— A questão é... — Ele respira fundo. — Eu conheço a Mina desde o jardim de infância. Eu amo muito aquela garota.

— Ah. — Fico meio atordoada. — Então você... e a Mina...

— Não — retruca ele depressa. — Não, nós nunca... Nunquinha...

Você sabe.

— Mas você gosta dela. — Sai como uma lufada de ar.

Ele dá de ombros.

— Não importa. — As bochechas dele ficam vermelhas. — É que... ela gosta *mesmo* da sua irmã. Então a Cassie tem que tomar cuidado, tá? Para não magoá-la.

— Bom, a Mina também não pode magoar a Cassie.

— Estou falando sério — diz Will, dando um passo para trás. Ele se senta no banco do gazebo. — Só estou dizendo. Ela tem um coração muito sensível. — Ele baixa a voz. — E a questão é a seguinte: Mina nunca namorou ninguém, nunca beijou ninguém antes. Não sei se a Cassie sabe disso. Só... diga a ela para ser gentil.

— O quê?

Olho para ele boquiaberta.

— Você não pode contar para ninguém que eu falei isso.

Faço que sim.

— Tudo bem.

— Falando sério, vou trancar você em um quarto e colocar Maroon 5 para tocar durante vinte e quatro horas.

Dou uma gargalhada.

— Acho que eu não odeio tanto o Maroon 5 quanto você.

Falo devagar, mas minha mente ainda está girando. Mal consigo acreditar no que acabei de ouvir.

Então Will gosta de Mina.

Claro que gosta.

Mas Mina nunca beijou ninguém antes de Cassie? Mina, que parece ter sido feita para se apaixonar. Eu já a vi falar sobre sexo um milhão de vezes sem surtar. Mas talvez, em pensamento, ela estivesse surtando junto comigo.

Ou não. Talvez isso não seja uma questão para ela.

É que esse tempo todo eu achei que fosse a última virgem do mundo.

— Acho que não temos com que nos preocupar. Você se lembra delas na poltrona? — falo.

— Lembro.

Ele fica vermelho.

— Ah. Caramba. Desculpa.

— Não, tudo bem. — Ele dá um sorrisinho. — Eu só quero que ela seja feliz.

— É.

Ele faz uma pausa e olha para mim.

— Molly, me desculpe. Eu me sinto um babaca. Entendo bem por que você pensou...

— Ai, meu Deus. Não se preocupe. Tudo bem.

— Estou me sentindo mal. Sei que eu fico meio que... flertando, acho, e deve ser bem fácil interpretar isso do jeito errado.

Baixo os olhos.

— Me desculpe mesmo. Eu gosto muito de você, Molly. Quero muito ser seu amigo.

— É. Com certeza.

Meu celular vibra no bolso. Mensagem. Mas eu a ignoro.

— Posso dar um abraço em você? Seria estranho?

Engulo em seco.

— Tudo bem.

Ele sorri, se levanta e depois me abraça. Ficamos assim por tanto tempo que eu quase poderia pensar que significa alguma coisa. Exceto pela parte em que sei que não significa nada.

— Você devia ir para casa — falo. — Falando sério. Eu estou bem.

— Tem certeza?

Ele me abraça de novo antes de ir embora. E, por um minuto, fico ali parada no meio do gazebo.

Isso conta. Sem dúvida. Fui oficialmente rejeitada. Levei um fora.

E, para minha surpresa... estou bem. Foi constrangedor, mas não foi o fim do mundo. Eu até queria poder contar para Cassie.

Tiro o celular do bolso e me lembro da mensagem perdida.

Pergunto-me se foi Reid.

Mas foi Abby, me mandando aleatoriamente um emoji de lente de aumento apontado para a esquerda. É uma coisa que fazemos. Mandamos uma para a outra os emojis que são pouco usados. Só para ajudá-los a encontrar um propósito.

Respondo na mesma hora enquanto ando para casa: emoji de teleférico.

Emoji de disquete.

Emoji de folha voando ao vento.

Acho que estou bem.

\* \* \*

Só que, quando passo pela porta de casa, a primeira coisa que escuto é a voz de Cassie. E a de Mina. E a de Olivia. Estão todas à mesa de jantar, que está coberta de jornais. Xavier ainda está acordado, no colo de Olivia, segurando um pincel.

Cassie vira a cara assim que entro. Claro. Está me evitando desde ontem.

— Ah, oi — diz Mina. — Eu soube que você estava com o Will. Como foi?

— Foi legal.

Meu Deus, Will deve ter contado tudo para ela. Sobre o gazebo, sobre a tentativa de beijo, sobre o fora.

— Ah, que bom. — Ela sorri. — E aí, quer ver uma coisa incrível?

Ela pega algo na mesa e me mostra.

— Um elefante? — pergunto.

Ah, olha. A droga do elefante branco na sala.

Mina assente com alegria.

— Estamos pintando animais para os centros de mesa. Olivia achou um blog só sobre isso.

— Ah.

— É, vamos fazer todos brancos, mas depois vamos decorar com estampas — explica Olivia. — Fiquei inspirada pelo prato que você pintou! E Xav está ajudando... não está, amigão?

Eu apenas a encaro. Meu coração dispara.

— Achei que você odiasse artesanato — falo para Cassie.

— Ah, certo — diz ela. — Esqueci que você sabe tudo sobre mim.

— Cassie.

— Devemos chamar Nadine e Patty aqui para você poder dizer a elas minha opinião sobre artesanato?

Mina e Olivia trocam olhares. Sinto as bochechas queimando.

— Cass, me desculpa, tá?

— Vocês querem que a gente saia um minuto? — pergunta Mina baixinho.

Cassie dá um sorriso tenso.

— Ah, a gente não tem nada para conversar.

Engulo em seco.

— Vou subir. Quer que eu leve o Xavier?

— Não se preocupe! Pode deixar com a gente. — Olivia sorri. — Professor X.

O sorriso de Olivia. De repente, meu peito infla de raiva. E parte de mim sabe que é injusto botar a culpa nela. Porque estou com raiva de Cassie também, por pegar no meu pé agora. E de Will, por me fazer pensar que ele gostava de mim. E de Reid, nem sei por quê.

Por fazer com que eu me apaixonasse perdidamente por ele. Por não ter se apaixonado por mim.

Mas concentro todo o meu ódio em Olivia. Na audácia dela ao chamar Xav pelo apelido da família. Segurá-lo no colo e pintar com ele. Isso é

coisa minha. E o fato de ela estar sentada aqui fazendo centros de mesa para o casamento das *minhas* mães. Sem nem perguntar se eu me importava, ignorando totalmente que eu já tinha um projeto de decoração em mente para esse casamento.

A parte mais absurda é que adoro pinturas de animais, e vão ficar perfeitas junto aos potes de conserva. Mesmo assim. Eu adoraria jogar um elefantinho pintado na cara idiota da Olivia. E nem ligo se ela acabou de sair de um relacionamento. Não ligo se isso faz de mim uma babaca.

Mando uma mensagem para Reid assim que subo.

**Como foi sua caminhada com Olivia?**

Foi boa!

**Que ótimo.** Com ponto final. Embora eu esteja perfeitamente ciente de que um ponto final nesse contexto é o mesmo que dizer MORRA.

Três pontinhos. Ele está hesitante.

**Está tudo bem?**, pergunta ele.

Tá.

**Ah, tá, que bom.**

Parece que tem um nó na minha garganta. Fico encarando a tela.

Três pontinhos. Depois, nenhum pontinho. Três pontinhos de novo, como se ele estivesse decidindo se diz ou não mais alguma coisa.

E outra mensagem de texto: **Como foi sua tarde?**

**Incrível.** E como a babaca que sou, acrescento: **Eu saí com o Will.**

**É, Olivia comentou.**

Meu coração afunda. Parece que eles andam trocando várias mensagens.

**Parece que as coisas estão indo muito bem entre você e Olivia.** Fico olhando para a mensagem por um segundo antes de apertar o botão de enviar.

Por um instante, o tempo para.

De repente, ele me liga.

— Oi.

Eu me sento na beirada da cama, nervosa. Nem tiro os sapatos.

— Molly.

— É.

— A gente precisa conversar? — pergunta ele, baixinho.

Eu engulo em seco.

— Tudo bem.

Sinto um aperto no peito. Não sei por que essa sensação é tão parecida com medo.

— Você está com raiva porque eu acompanhei Olivia até sua casa?

— Não — respondo mais do que depressa. — Por que eu ficaria com raiva?

— Não sei.

Nós dois ficamos em silêncio.

— É que parece que você está — diz ele.

— Bom, eu não estou. — Estreito bem os olhos. — Vocês ficaram, por acaso? — Tento parecer casual.

— Hum. Não. Ela foi para a sua casa. Eu fui para a minha e joguei *World of Warcraft*.

— Mas você gosta dela.

— Você gosta do Will?

— Então você gosta mesmo dela.

Meu coração se congela.

— Eu não falei isso.

— Mas não negou.

Ele faz uma pausa.

— Nem você.

Nós dois ficamos em silêncio. E tem um nó cada vez maior na minha garganta. Estou enjoada. Acho que vou mesmo vomitar.

— Isso é muito injusto — retruca ele.

Eu só preciso respirar.

— O que é injusto?

— Você sai com o Will, mas fica com raiva de mim porque eu saí com a Olivia? Não entendo. — Tem um tremor na voz dele.

— Eu não estou com raiva.

— Tá, então por que a gente está tendo essa conversa?

Antes que eu consiga me conter, começo a chorar. Em silêncio. Não me dou nem ao trabalho de limpar as lágrimas das bochechas. Só deixo que escorram. Estou arrasada.

— Molly.

Respiro fundo.

— Não sei de onde isso veio. Você a conheceu esta semana.

Ele faz uma pausa.

— Você está chorando? — A voz de Reid falha.

— Não.

Ele dá uma fungada baixa, e parece que meu coração vai explodir.

— Eu não estou ficando com ela. Não tem nada acontecendo. — Eu o ouço engolir em seco. — E não entendo por que você se importa.

— Eu não me importo.

— Tudo bem.

Ele fica quieto.

— Quer dizer, eu me importo.

— Tudo bem.

— Eu só...

— Vou desligar.

— Reid.

Ele desliga. E parece que uma represa arrebenta dentro de mim. Eu me deito na cama e choro até mal conseguir respirar.



ACORDO E VEJO várias mensagens. De Olivia. E são tão perfeitamente normais e simpáticas e sinceras. Quase me sinto culpada.

Tá, uma perguntinha rápida.

Cass acha que devíamos fazer alguns animais em dourado, mas eu queria falar com você primeiro, antes de comprar a tinta.

Tanto faz, respondo.

Meu Deus. Isso é tão indelicado e horrível. As coisas nunca foram complicadas com Olivia, mas talvez isso fosse resultado da presença neutralizante de Evan Schulmeister usando aparelho.

Eu odeio Evan Schulmeister.

**Legal! Vou comprar um pouco para a gente experimentar. Eba!**, escreve Olivia.

Estou com tanto medo de ir trabalhar que quase não consigo sair da cama. Meu turno de hoje vai coincidir com o de Reid. Não sei o que vou dizer para ele. Talvez haja um protocolo para isso. É o tipo de coisa que as outras garotas sempre parecem saber. O que se diz para um cara depois que você briga com ele por gostar de outra garota em um momento constrangedor e lacrimoso?

Eu não devia ligar se ele gosta de alguém.

O sino retine quando entro, e Ari acena para mim de trás da registradora. Está cedo, mas já tem algumas mães circulando por ali com os bebês em slings. Não vejo Reid em lugar algum, e fico tão feliz que quase choro.

Mas a porta do depósito se abre o bastante para passar uma mesa de centro gigante feita de pedaços de árvores da região. É Reid quem a está empurrando.

— Oi — falo.

— Oi.

Por um minuto, ficamos parados, sem nos olharmos. Tem um tufo de cabelo balançando acima da orelha dele. Preciso fechar os olhos. Meu coração e meu cérebro estão aos pulos.

— Nós podemos...

— Molly, tudo bem.

— Tudo bem. Tá.

— Desculpa. — Eu o vejo engolir em seco, o pomo de adão se projetando. Cruzo os braços sobre o peito. Ele finalmente olha para mim e diz: — Não quero falar sobre isso aqui.

— Tudo bem — repito.

Não consigo respirar.

Ari o chama, e não nos falamos mais pelo resto do expediente.

\* \* \*

Não vamos embora juntos. Nossos turnos terminam na mesma hora, mas, no último instante, ele desaparece pela porta dos fundos.

Vou caminhando por ruas secundárias até em casa, me sentindo pesada e atordoada. Meu celular vibra no bolso, e demoro um segundo para me dar conta disso. É quase como se eu estivesse flutuando. Mal estou ciente do tempo e do meu corpo e dos meus pés no chão.

É uma mensagem de Abby. **Está aí? Podemos falar pelo Skype?**

**15 min, digito. Quase em casa.**

Assim que chego, vou direto para o quarto e me acomodo na cama com o laptop. Entro no Skype e ligo para Abby.

— Oi! — diz ela, o rosto muito perto da webcam. E, quando ela se inclina para trás, vejo que não está sozinha. — Molly, esse é o Simon!

O famoso Simon. Ele é igual às fotos: cabelo louro desgrenhado e olhos brilhantes por trás dos óculos de hipster.

— Oi. — Ele sorri.

— Oi — falo, tímida.

— Olha, não tenho ideia do que isso quer dizer — diz Abby, revirando os olhos —, mas ele tem uma coisa muito importante para perguntar para você. Crucial.

— Isso é mesmo importante — diz ele, assentindo solenemente. — Preciso de uma segunda opinião. Se você estivesse selecionando Abby para uma das casas de Hogwarts, para qual ela iria?

— Grifinória, é óbvio.

— SIM. Ai, meu Deus. Obrigado.

Abby balança a cabeça.

— É, esse aqui e o namorado dele passaram duas horas discutindo se eu era da Grifinória ou da Lupa-Lupa.

— *Lupa-Lupa?* — Simon cobre o rosto. — Sério, não dá. Abby, você está passando vergonha. Pois é — diz ele, afastando as mãos e fazendo sinal de positivo. — Molly, você é incrível.

— É. Ela é demais. Você é demais. Vai se gabar com seu namorado, vai — diz Abby.

Assim que ele sai, a expressão dela muda.

— Ei. Você está bem? — Ela franze a testa.

Eu faço que sim. Não sei como Abby faz isso. Ou ela é muito perceptiva ou eu sou um livro bem mais aberto do que imaginei. Nunca consegui

chegar a uma conclusão.

— Olha, eu nunca vi um “sim” mais falso do que esse. — Ela estreita os olhos. — O que foi? Você conversou com suas mães?

— Sobre...

— Sobre a bebida.

— Ah. Não. Isso é... — Faço uma pausa, e o silêncio paira no ar.

A questão do Skype é que você pode ver o silêncio constrangedor de uma pessoa acontecer em tempo real. Ali está o rosto de Abby, as sobrancelhas unidas, os lábios ligeiramente comprimidos. E, em um pequeno retângulo no canto, meus olhos baixos, provavelmente porque estou olhando para mim, e não para a webcam. Tenho certeza de que tem alguma metáfora enterrada nisso.

— Molly.

— Hum?

— Você está viajando.

Eu pisco.

— Estou? Estou. Me desculpe. — Eu massajeio a ponte do nariz.

— É a Cassie?

— O quê?

— Ela ainda está com raiva por causa daquela história do orgasmo? — Abby se espreguiça e se inclina para trás, e tenho um vislumbre das paredes do quarto dela, rosa-claras, cheias de colagens da Taylor Swift, *A culpa é das estrelas* e outras coisas dela. É parecido com seu quarto em Takoma Park, mas maior, o mundo de Abby expandido. — Porque isso é burrice. Quer que eu grite com ela por você?

Eu dou uma risada fraca.

— Obrigada.

— Falando sério, vocês conversaram sobre isso?

— Não. — Eu chego para trás e me encosto na parede.

— Vocês precisam conversar.

— Eu sei, mas o casamento é em dez dias, e você sabe... Não quero que o clima fique estranho.

— Você não quer que o clima fique estranho? Acho que já está bem estranho. — Ela ergue as sobrancelhas. — Sério, conversa com ela. Você vai se sentir melhor.

— Eu sei.

— Que bom.

Nós duas ficamos em silêncio. Ela respira fundo, nervosa.

— Certo, escuta — diz ela por fim. — Não quero pressionar você nem nada, mas, hum... — Ela me encara. — A gente pode conversar sobre esse tal de Reid?

O ar sai do meu corpo em um jorro.

— O que tem ele?

— Bom, a Olivia me ligou.

Sinto uma onda de pânico. Boto as mãos nas bochechas, e estão pegando fogo.

— O quê?

— Pois é. — Ela levanta os ombros. — Quem é ele? O que está acontecendo entre vocês?

— Ela disse que tinha alguma coisa acontecendo?

— Só estou especulando.

— Entre ela e Reid?

— Molly. — Abby esfrega os olhos. — Não. Tá. Não foi isso que a Olivia disse.

Meu coração dispara.

— O que ela disse?

— Vamos começar com o seguinte. Você gosta dele? — Ela entorta a boca. É a versão de Abby da Cara de Molly. É a expressão patenteada de Abby Suso de *não me venha com essa babaquice*.

— Acho que estamos falando muito sobre mim. E você? Como estão as coisas com o Nick?

— Ah, estão ótimas. Nosso relacionamento é ótimo. Sabe o que ajudou muito? — Ela me encara. — Eu admitir que gostava dele.

Ela sabe, e eu sei que ela sabe, e ela sabe que eu sei que ela sabe, e assim até o infinito. Mas não consigo me obrigar a dizer. Vinte e sete crushes e, na primeira vez que importa de verdade, não consigo admitir. Sinceramente, deve haver alguma coisa errada comigo. Porque meninas deviam contar tudo umas para as outras. É a lei fundamental da amizade.

*Eu gosto do Reid. Ele é meu crush. Quero beijar o Reid. Estou meio apaixonada pelo Reid. Mais do que meio. Bem mais.*

— Está vendo, você me enganou — diz Abby, balançando o dedo. — Eu achei que você gostasse do Will Hipster.

— Não gosto.

— Mas saiu com ele.

— Olivia contou isso?

Ela assente.

— Mas você não está interessada no Will.

Eu mordo o lábio.

— Não.

*Nem ele está interessado em mim.*

— Então por que você saiu com ele?

— Não sei.

— Você sabe. — Ela dá um sorrisinho. — Vamos lá. Acho que você precisa dizer. Vai, admite. Não tem problema.

— É. — Eu faço que sim. — Eu...

Hesito.

Ela me olha.

— Uau. Você não consegue. Não consegue admitir.

Eu cubro o rosto.

— Isso é tão triste e tão fofo.

— Tenho doze anos. Eu sei.

— Tem mesmo. — Ela ri. — E tudo bem! Mas vai ter que fazer treze anos.

Dou de ombros.

— Tudo bem. Vou ajudar você com isso. Primeira pergunta. Se você não está a fim do Will, por que saiu com ele?

— Olha, eu não...

— Responda à pergunta.

Respiro fundo.

— Porque Reid estava saindo com a Olivia.

— Olha, eu *acho* que você entendeu errado. — Ela sorri. — Mas vamos em frente. Reid estava saindo com a Olivia, então você ligou para o Will...

— Não, eu mandei uma mensagem.

— Não importa. Você entrou em contato com o Will porque queria...

— Ela para de falar.

— Eu queria deixar o Reid com ciúmes.

— Porque você gosta dele.

— Eu gosto dele.

— Pronto.

— É.

Estou tão vermelha que chega a ser patético, porque não sou uma criancinha. Não tenho doze anos. Não sou uma pessoa tão confusa assim.

— Você gosta dele! — diz Abby.

— Mas não é nada. A gente nem se beijou.

— Ainda. — Ela está sorrindo.

— Para de bobear.

— Você ainda não sabe de nada. Espere até beijar o Reid. Me procure depois disso.

— Eu não vou procurar você.

Ela cai na gargalhada.

— Tá, tudo bem. Sabe o que você acabou de não dizer?

Meu corpo todo está vermelho. Porque eu sei que ela sabe, e provavelmente todo mundo no universo sabe.

Eu não falei que não ia beijá-lo.

Talvez eu beije mesmo.



Oi. Sei que eu não devia estar mandando mensagem para você tão tarde.

Mas preciso dizer umas coisas. E não quero acabar desistindo de falar. Então, vou começar.

Primeiro de tudo, me desculpe.

Reid, mil desculpas. Fui babaca com você. Você não deve nem querer falar comigo agora.

Eu entendo.

Não é justo eu ter agido como uma idiota porque você saiu com a Olivia.

Principalmente porque eu estava com o Will.

Isso foi ridículo.

Me desculpe.

Mas a questão é a seguinte.

Na verdade, são muitas questões.

Tem umas coisas sobre as quais nunca conversamos e acho que chegou a hora.

Como o fato de eu não estar interessada no Will. Nem ele em mim.

E que tudo está meio esquisito agora, tipo com a Cassie e a Mina.

O que não tem nada a ver com a Olivia!

E, obviamente, não é um bom motivo para você não ficar com ela.

Mas

Por favor, não fique com a Olivia.

Porque essa é a outra questão.

Eu acho que você não devia ficar com a Olivia.

Porque

Não acredito que vou dizer isso



TRÊS PONTINHOS.



REID ESTÁ DIGITANDO alguma coisa.

Minhas mãos estão tremendo tanto que mal consigo segurar o celular.

Minha barriga está doendo, e a área abaixo da minha barriga está doendo, e a área embaixo disso também está doendo. Sinto uma dor cheia de desejo por todo o corpo.

Oi. Estou aqui, escreve ele.

Oi. Olá.

Três pontinhos.

Oi! Certo. Então a gente devia conversar?

Devia.

Mas talvez pessoalmente.

Meu coração bate ainda mais rápido. **É. Tudo bem. Onde você está?**

**Em casa. E você, onde está?**

**Em casa!**

**Posso chegar aí em cinco minutos, diz ele.**

Tem uma coisa que não dizem sobre o tempo: há espaços entre os segundos. E sessenta segundos é um número enorme. Trezentos segundos são praticamente segundos infinitos.

Eu vou para a varanda e me sento no balanço para esperar.

E então ele chega.

Está usando tênis novos. É a primeira coisa em que reparo. São de um cinza meio amarronzado com cadarços brancos, com aparência vagamente vintage.

— Oi.

— Oi. — Eu sorrio. — Quer se sentar?

— Tá. Quero.

Ele assente com firmeza e parece ao mesmo tempo tão doce e intenso que acabo rindo.

Ele se senta ao meu lado, perto o bastante para que nossas pernas se toquem. Estou muito ciente de que nossas pernas estão se tocando. Acho que meu cérebro deve ter sido criado para esse tipo de percepção.

— Gostei dos seus tênis.

— Ah, obrigado. — Ele passa a mão pelo cabelo. Parece agitado e inquieto. — Foi ideia da Olivia.

— Ah.

Ele se vira e olha para mim.

— Vamos falar sobre a Olivia.

Eu preciso respirar. Preciso ficar calma. Se Reid me disser que a beijou, tenho que ficar feliz por ele. Por eles.

Eu faço que sim, e ele fica em silêncio. Nós nos balançamos para a frente e para trás devagar.

— Vocês estão juntos? — pergunto por fim.

— O quê? Não. Eu já disse isso.

— Mas você gosta dela.

— Não! Não assim. Quero apresentá-la para o Douglas. — Ele hesita, e consigo vê-lo engolir em seco. — Andei conversando com ela sobre você.

Seus olhos me encaram e seus dedos deslizam pelo apoio de braço do balanço. Mal consigo controlar a respiração.

Estamos no meio da noite.

Estou no balanço da varanda.

Ao lado de Reid.

Reid, com um mapa desnecessariamente detalhado da Terra Média na camiseta. Reid, com os olhos castanho-dourados e óculos com aros de metal e brilho das estrelas no cabelo e boca muito macia. Não que eu saiba disso. Mas desconfio que sua boca seja macia.

— E aí, você quer falar sobre aquela questão? — pergunta ele depois de um instante.

— Questão?

— Aquela questão que você ia me dizer.

— Ah, sim. Aquela questão. — Dou um sorrisinho.

— Aquela questão que envolve eu não ficar com a Olivia.

— É. Isso é mesmo uma questão.

— E tem um motivo para essa questão.

— Tem.

— Você sabe, tirando o fato de ela não ser a pessoa por quem estou apaixonado.

— Apaixonado?

— Não sei.

Ele sorri. E pega minha mão e entrelaça nossos dedos.

Ah. Sinto que meu coração vai sair pela boca.

— Eu vou beijar você — falo, e ouço o tremor em minha voz.

— É uma boa ideia.

Reid passa os braços ao meu redor, e o balanço solta um rangido fraco. Acho que meu cérebro se descolou. Eu me inclino para a frente. De alguma forma, meu corpo sabe fazer isso.

E eu faço.

A boca dele é mais macia do que eu imaginava.

\* \* \*

Eu o levo escondido para o meu quarto. Estou mesmo levando um garoto escondido para o meu quarto. E, por um minuto, só ficamos ali, parados, sorrindo um para o outro.

Eu comentei que Reid está no meu quarto?

Ele chega mais perto.

— Então, eu vou só... — E, antes que eu me dê conta, seus lábios estão colados aos meus.

Eu não penso. Pela primeira vez. E não tomo o menor cuidado. Fecho os olhos, passo as mãos pelos ombros dele e retribuo o beijo. Eu o beijo como se *eu* tivesse tomado a iniciativa. Não sei o que estou fazendo, mas talvez não importe, porque estamos nos beijando. De novo. Finalmente. Finalmente. As mãos dele encontram minha cintura, e ele me puxa mais para perto ainda. Tão perto que consigo sentir o coração dele batendo. E o sinto sorrir contra a minha boca e abro os olhos.

— O que foi? — Meus lábios se curvam para cima.

— Não, eu só... — Ele me abraça com força. — Isso está mesmo acontecendo.

— Está. — Eu dou um sorriso.

— É. — Ele me beija de novo, com delicadeza. — Eu estou tão...

— Eu sei. — Eu apoio a cabeça no ombro dele e suspiro.

Ficamos em silêncio por um instante. Mas logo falamos ao mesmo tempo.

— Estou muito feliz...

— Você quer...

Ele ri.

— Você primeiro.

Engulo em seco.

— Quer ficar ali?

Fico vermelha na hora. Meu Deus. Não sei direito o que fazer. Não sei como dizer isso do jeito que dizem nos filmes.

*Ei, minha cama está ali.*

*A gente podia tentar fazer isso na horizontal.*

Mas Reid entende. Tira os sapatos e sobe na cama, depois estica os braços para mim. Eu seguro as mãos dele, e ele me puxa para perto.

— Não quero esmagar você — falo.

— Você não vai me esmagar. — Os olhos dele estão brilhando.

— Tá, mas...

— Aqui. — Ele me puxa delicadamente para a cama e me abraça. — Está bom assim?

— Está. — Todas as partes do meu corpo estão encostadas no dele. — Tem certeza de que não estou...

— Você não está me esmagando. — Ele sorri.

— E meu cabelo está na sua cara.

— Eu gosto. Isso é esquisito?

— Sei lá. — Dou uma risada, mas o som some assim que nossos lábios se encontram.

E na horizontal é diferente. Não sei como explicar. Mas sinto um formigamento abaixo da minha barriga que me faz querer beijá-lo ainda mais. Beijá-lo em toda parte. Eu inclino o rosto para o lado e pressiono os lábios na linha do maxilar. Na curva do pescoço. Deslizo um pouco e o beijo suavemente na clavícula.

— Ah... — diz ele, mais respiração do que som.

E sinto uma pressão repentina e delicada na minha calça. Acho que ele ficou excitado.

Minha nossa.

Meu coração está disparado.

— É que... — diz ele.

Enfio os dedos no cabelo dele e o beijo com mais intensidade. Ele fecha os olhos de novo. E acho que eu talvez entenda. Quase. Acho que sei por que isso é uma coisa tão importante para todo mundo.

Para mim.

Mas ele faz uma pausa, a respiração pesada.

— Molly, eu não quero...

— Ai, meu Deus. Desculpe. Eu não queria... — Eu me levanto, desajeitada.

— Não, não. Quer dizer, eu quero. Mas não. — Ele solta a respiração.

— Talvez ainda não.

— Nem eu. Desculpa.

Ele se senta e segura minha mão.

— Mas, falando sério — diz ele. — Eu quero.

— Tá.

— Quero muito. — Eu olho para ele de lado, e a covinha surge.

Meu Deus. Não consigo parar de olhar para nossas mãos. Reid entrelaça nossos dedos e passa o polegar delicadamente pelo meu dedo indicador. E sinto uma coisa se retorcendo abaixo da minha barriga. Talvez seja possível entrar em combustão de alegria. Isso deve existir mesmo.

— Você olhou sua caixa de correspondência? — pergunta ele, do nada.

— O quê?

Ele se inclina para trás e sorri para mim, ainda com a respiração pesada.

— Espera, você me mandou alguma coisa?

— Não. — Ele sorri.

— Isso está confuso.

Eu me sento ao seu lado, e ele se vira para mim.

— Não mandei nada. Só acho que outra pessoa talvez tenha mandado.

— Bom saber — falo, e apoio o rosto no peito dele.

É engraçado. Eu não achava que podia me sentir eu mesma nesse tipo de situação.

Mas está acontecendo. E estou me sentindo exatamente eu mesma.



**MAS, UAU. NINGUÉM** avisa como a boca fica sensível depois de muitos beijos.

Muitos beijos. E estou falando de mim.

Encosto os dedos nos lábios com delicadeza e em seguida uso a câmera do celular para examiná-los. Parece que levaram uma ferroada de abelha e estão inchados. Pareço uma Molly diferente. Como as pessoas se beijam sem que o mundo todo saiba? Talvez seja como passar fio dental. Talvez, se você continuar dando muitos beijos, seus lábios se acostumem. Acho que consigo fazer isso. Posso transformar beijar em um hábito.

Há mensagens de Reid enviadas às quatro e quinze da manhã.

**É oficial**

**Essa foi a melhor coisa que aconteceu com a minha boca.**

**Incluindo os coelhinhos de chocolate**

**E a massa de biscoito sem ovo (sem ofensa!)**

Dou risadinhas e encolho as pernas. **Não me ofendi!**

Ele responde na hora. **Ufa!** Três pontinhos. **Ah, oi.**

**Oi.** Emoji com sorriso de orelha a orelha.

Estou explodindo de alegria.

**A noite de ontem, ele escreve, realmente aconteceu. Né?**

**ACHO que sim?**

Espero que sim.

Eu também.

Que esquisito, escreve ele. Mas de um jeito bom.

Esquisito de um jeito muito bom. Sorrio enquanto digito. E nunca pensei que fosse beijar um cara usando um mapa da Terra Média na camiseta.

Três pontinhos.

Ah, Molly. Certo. É melhor a gente conversar.

Eu me sento na cama, nervosa de repente. Ele está digitando mais coisas.

Você não está ERRADA, de um modo geral, mas precisa saber que Tolkien usa hífen em Terra-média. Emoji sorridente com uma lágrima nervosa.

É sobre isso que Reid quer conversar na manhã seguinte aos nossos beijos. Dou um sorriso enquanto digito. Ei, você até que é fofo.

Ei. Você também.

Alguém bate baixinho na porta.

Um sex! Tem alguém me chamando.

SEU IPHONE PERVERTIDO. É seg. Não sex.

TARDE DEMAIS!, escreve ele. Já estamos falando sacanagem, então?

Acho que sim.

Outra batida, e a porta se abre. É Patty.

— Querida, você está acordada?

Ai, meu Deus.

— Estou.

— Que bom.

Ela entra no meu quarto e fecha a porta. Mil possibilidades passam pela minha cabeça. Ela descobriu sobre a bebida alcoólica. E agora descobriu

sobre Reid. Consigo ver na cara dela. Como é que as mães sempre sabem das coisas?

Tento ficar tranquila. Encolho as pernas e abro espaço na beira da cama.

— Pode se sentar.

Ela se senta, e percebo que está segurando um envelope.

— Isso estava na caixa de correio pra você.

Ela me entrega o envelope, e não consigo controlar o rubor. É do tamanho de um cartão de aniversário e só está escrito *Molly* na frente. Sem endereço.

Então foi entregue pessoalmente.

Talvez tenha sido *por isso* que Reid acompanhou Olivia até minha casa.

Agora, estou desesperada para abrir o envelope. O que significa que Patty tem que sair. Lanço para ela o olhar de *tudo bem, mãe, está tudo resolvido, obrigada por passar aqui*.

Que nunca funciona.

— Querida, nós precisamos conversar sobre o que aconteceu na segunda-feira.

Ah.

Meu coração despenca.

— Estou muito feliz por você e sua irmã terem feito novos amigos. Sei como tem sido difícil desde que a Abby se mudou.

Faço que sim.

— E todos parecem ser muito legais.

— Desculpa pelo lance do Will. Fomos ridículas. Pode me botar de castigo, sério mesmo.

— Querida, você não é ridícula. Não diga isso.

— Desculpa.

— E você não está de castigo. Claro que não aprovamos você e sua irmã terem bebido. — Ela faz uma pausa, os lábios se curvando para cima. —

Mas, pelo que eu soube, você não bebeu nada.

— Cassie disse isso? — pergunto, perplexa.

— Ela se enganou?

— Não, é que... — Fui uma babaca com Cassie e ela aliviou minha barra mesmo assim. — Cassie está de castigo?

— Não, ela só tomou uma bronca. — Patty dobra os joelhos e os envolve com os braços. — Mas eu queria falar com você sobre uma coisinha.

— Certo.

— Sei que já conversamos um pouco sobre contracepção...

Meu rosto fica quente.

— Ah. Não quero falar sobre isso.

— Eu sei. — Ela sorri. — Mas é importante. Principalmente porque parece que coisas... podem estar acontecendo.

Ai, meu Deus.

— Coisas... — repito.

— Bom, eu sei que seu amigo Reid passou aqui ontem à noite.

É sério, elas SEMPRE sabem.

— Nós não estamos transando — falo na mesma hora.

— Eu sei, querida. Mas pode acontecer. — Ela se aproxima. — A gente pode começar a considerar a pílula. Às vezes, esqueço que você tem dezessete anos, sabe?

Fecho bem os olhos. Essa conversa. Eu não aguento. Conversas sobre sexo hipotético: sim, claro, ótimo. Patty xeretando minha vida sexual: não, não mesmo.

Ela ri.

— Para de fazer essa cara de aterrorizada.

— Eu não estou fazendo sexo — falo novamente.

— Que bom. Olha, não estou louca para você sair transando por aí, pode acreditar. Só estou dizendo que temos que aceitar que é uma

possibilidade.

— Então... você acha que eu devia tomar pílula.

— Acho que é algo em que vale a pena pensar — diz Patty. — Comecei a tomar no ensino médio. Durante o terceiro ano e toda a faculdade, até conhecer sua mãe.

É difícil imaginar essa época, antes de minhas mães ficarem juntas. Elas devem ter namorado outras pessoas. Pode ser até que Patty tenha saído com rapazes. Eu nunca perguntei.

Esse conceito de ex é tão incomum para mim. Eu nunca tive um ex nada. Não consigo nem imaginar como deve ser. Deixar de estar apaixonada. Se tornar uma estranha para alguém que você já amou um dia. Só de pensar nisso acontecendo comigo e com Reid me dá vontade de chorar. E nem estou apaixonada por Reid ainda. Eu acho.

Não sei.

É engraçado: tirando os beijos da equação, foi exatamente isso que aconteceu com Nadine e tia Karen. A intimidade destruída. A proximidade inexistente.

Ex-irmãs. Isso soa tão esquisito. Acho que é assim que as coisas desmoronam. Tudo fica esquisito. Só pelo fato de serem duas pessoas diferentes. Só pelo fato de uma pessoa existir independentemente da outra. Sinto uma dor no peito quando penso no assunto. Tento afastar o sentimento.

Patty está sorrindo.

— Você vai me contar sobre ele?

Eu cubro o rosto.

— Não.

— É oficial? Ele é seu namorado? Diga sim ou não.

— Mãe.

— Tá. Mas você está feliz?

Eu faço que sim, sorrindo pelas aberturas entre os dedos.

Ela aperta meus ombros.

— É meio engraçado ver você e sua irmã vivenciarem isso exatamente ao mesmo tempo. Vocês são tão fofas.

— Humpf.

— Cassie sabe?

— Sobre Reid?

Dizer o nome dele já me deixa envergonhada. Eu tiro as mãos do rosto, mas meu coração dá um pulinho.

— Acho que não. Não sei. Nós não fizemos barulho ontem à noite, fizemos?

Patty ergue as sobrancelhas.

— Não. Ai, meu Deus. Não foi isso que eu quis dizer. — Dou um sorrisinho. — Eu quis dizer subindo a escada. Os passos dele. Não outra coisa. Acho melhor eu parar de falar.

Ela dá um tapinha no meu ombro.

— Acho que é uma boa ideia.

\* \* \*

Abro o envelope assim que ela sai. É o cartão favorito de Reid. O mais sensacional de todos os cartões, com a mais incrível expressão de *não se meta comigo* da rainha Elizabeth. *Eu observo e fico em silêncio.*

Dentro, ele escreveu o seguinte: *Estou olhando cada gesto seu e prefiro não dizer nada... ainda.* E assinou: *Com amor, Elizabeth.*

Ai, meu Deus. Ele é tão bobo. Tão pateta. Não consigo parar de sorrir.

E talvez eu esteja surtando um pouco.

Porque vamos trabalhar juntos hoje à tarde. E porque, tecnicamente, na última vez que vi Reid, minha cara estava grudada na dele.

E isso é bom. Melhor do que bom. Melhor do que excelente.

Mas agora não sei o que vestir. E meu cabelo está um horror. E não consigo parar de andar de um lado para outro no quarto, do armário até o espelho, do espelho até o armário. Só quero usar alguma coisa normal. Mas quero que seja um normal *bonitinho*. Quero que Reid me ache bonitinha. Bonita. Linda. Não quero que ele pense que ontem foi um erro. Não que ele fosse pensar isso, mas preciso fazer as escolhas certas.

Infelizmente, nada, *nada* do meu armário inteiro fica bem em mim hoje.

Preciso segurar minha onda, tomar meu remédio e me acalmar um pouco.

Acho que vou de saia. Tenho uma saia amarelo-escura, um pouco mais curta do que as que costumo usar, mas acho que tudo bem, porque vou colocar uma meia-calça. Em cima, uma blusa azul-marinho de babados e flores pequenininhas. Mas fica meio idiota, então tiro e experimento outra. E outra. E mais seis blusas depois dessa. Mas finalmente volto para a azul, que fica boa, se eu usar o cardigã também.

Uma roupa perfeita de outono. No verão. Droga, vai ter que ser assim.

Saio de casa, e é um daqueles dias banhados de sol. O ar está suave. Estou adiantada, então pego o caminho mais longo pelo centro, passando pela casa roxa, passando pelas lojas. É bem silencioso aqui nas manhãs dos dias de semana. Tudo tranquilo e enevoadado, menos a agitação em meu estômago. Que logo se transforma em explosões de fogos de artifício e bandas tocando e bombas atômicas assim que chego a Bissel.

Por causa de *Reid*.

Patty uma vez me falou que o estômago funciona como um segundo cérebro. Chamam de sistema nervoso entérico, e ele fica na barriga. Quando acha que há um inimigo por perto, libera uma onda de hormônios. É como uma resposta do tipo luta ou fuga. E acho que também se aplica a crushes. Ou a namorados.

Não que Reid seja meu *namorado*.

Com certeza meu estômago acha que Reid é um inimigo, o que só comprova cientificamente que me meti em uma coisa apavorante. Apaixonar-se é apavorante.

Não que eu esteja me apaixonando. Mas talvez eu esteja meio atordoada.

Quando eu o vejo, dou um sorriso. Não consigo evitar. Ele está na registradora, sozinho atrás da bancada, que no momento está mais para a Grande Muralha da China, um empecilho gigantesco entre a gente.

Deborah logo aparece.

— Oba, você chegou — diz ela. — Acabamos de receber uma nova entrega de xícaras de chá. Você pode desembalar tudo e colocar etiquetas de preço?

— Claro — falo, lançando um olhar para Reid.

— Eu posso ajudar — diz ele.

A mãe dele parece surpresa.

— Pensei que você adorasse ficar no caixa.

— É que eu adoro xícaras de chá também.

— Vou me lembrar disso — comenta ela.

Vamos para o depósito. Eu fecho a porta e, por um instante, nós só ficamos nos olhando. Acho que perdi a capacidade de falar.

Ele está com uma camiseta meio diferente das de sempre: branca e com mangas azuis, tipo aquelas de beisebol. O cabelo está meio desganhado e os olhos estão quase dourados.

Estou nervosa. Meu estômago está nervoso.

— Não sei como essas coisas funcionam — falo por fim.

Ele ri.

— Nem eu.

Eu me sento no chão, encostada na parede, e puxo um pouco a saia, para ficar mais confortável. Ele desliza pela parede ao meu lado.

— Recebi seu cartão — conto.

— *Meu cartão?* — Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah, desculpa. Recebi o cartão da *Elizabeth*.

Ele assente solenemente.

— Foi gentil da parte dela.

— É. Mas também meio... ameaçador?

— Humm. — A covinha dele aparece. — Talvez ela esteja com ciúmes.

— Talvez.

Há uma pequena pausa pairando no ar.

Eu mordo o lábio.

— A gente devia conversar?

— Ou a gente podia não conversar — diz ele.

— Não conversar é bom — falo baixinho.

A mão dele encontra a minha. Nossos dedos se entrelaçam.

— Eu queria muito que desse para trancar essa porta — acrescento.

— Eu queria muito que minha mãe não estivesse do outro lado dela. —

Ele aperta minha mão. — Quero beijar você.

Ele fala tão baixinho que é quase um suspiro.

Eu dou uma risada.

— Fico tão aliviada de ouvir isso.

— Sério?

Faço que sim e escondo o rosto no ombro dele. Respiro fundo.

— Que cheiro bom.

— De desodorante? — sugere ele.

Eu dou um sorriso.

— De você.

— Acho que é do meu desodorante.

— Bom, fico feliz por você usar desodorante.

Ele beija minha cabeça.

— Vamos voltar ao fato de que você está aliviada por eu querer beijar você. Por acaso eu não deixei isso claro ontem à noite?

Dou de ombros.

— Nem hoje de manhã? — Ele pega o celular e olha as mensagens. — Vamos ver. Aqui tem a parte em que eu falei que beijar você foi a melhor coisa que aconteceu com a minha boca. Aqui eu falei que você era melhor do que coelhinhos de chocolate. Melhor do que *coelhinhos de chocolate*, Molly.

— Eu sei.

— Como se vai de *melhor do que coelhinhos de chocolate* a pensar que eu não quero beijar você de novo?

— Sei lá. — Dou um sorriso. — Eu só não queria fazer suposições...

— Bom.

Ele dá uma olhada rápida ao redor, como que se certificando de que a mãe não vai entrar a qualquer momento. Em seguida, respira fundo e coloca as mãos nas minhas bochechas com delicadeza.

E me beija.

— Ah.

— Pode fazer suposições comigo — diz ele. — Pode supor qualquer coisa.

— Você quer dizer... — começo.

Ele me interrompe.

— Sim.

Dou uma gargalhada.

— Você nem sabe o que eu ia perguntar.

— Não importa. — Ele me beija de novo. — Se quero beijar você? Sim. Se quero fazer mais do que beijar você? Sim. Mas se estou disposto a ir devagar? Sim. E se quero ser seu namorado? — A voz dele hesita um pouquinho, mas a palavra sai com ênfase. — Sim.

— Tá.

— Tá o quê? — Ele parece nervoso.

— Tá para tudo. — Meu coração está quase saindo pela boca. —  
Menos ir devagar. Eu não quero ir devagar.

— Então não vamos devagar. — Ele ri.

— Que bom.

Acho que isso significa que tenho um namorado. Sou a Molly que tem um namorado. Reid Jerome Wertheim é meu namorado.

Nem sei se meu cérebro consegue processar essas duas palavras na mesma frase: “meu” e “namorado”.

Como, por exemplo: *Meu namorado beija muito bem. Meu namorado tem cinco gatos. Meu namorado ficou na minha casa até as quatro da madrugada. Meu namorado é o motivo para eu estar muito, muito cansada agora.*

Mas cansada de um jeito bom, tipo banhada de sol e flutuando. É o sonho que mais parece um filme com iluminação fraca e filtro de Instagram de toda a minha carreira de sonhos. Quero apertar o pause. Quero prolongar esse momento. Quero ficar nele para sempre.

E agora me sinto meio mal por Elizabeth I, porque roubei o namorado dela. E lamento muitíssimo, e sei que ela é rainha, mas acontece que ela está morta. E eu estou viva.

Eu me sinto muito, muito viva.



AGORA MEU CÉREBRO é um gráfico de pizza com duas cores: uma para Reid, uma para o frenesi do casamento, embora as duas NÃO tenham nada a ver uma com a outra. Com certeza, eu não me vejo em um vestido de noiva. Nem pensei em momento algum na possibilidade de cobrir um bolo de casamento com coelhinhos de chocolate. Todas as fantasias obsessivas sobre casamento são totalmente dedicadas à cerimônia que vai acontecer no quintal da minha casa. Em uma semana.

Juro por Deus, é como se alguém tivesse ligado um interruptor. Tudo estava em relativa calma, até que de repente deixou de estar. Tenho certeza de que deve haver uma alavanca de ansiedade em algum lugar e que alguém a ativou no MODO SURTADO DE PÂNICO ABSOLUTO.

Esse alguém é Patty. Que está com o laptop aberto na mesa enquanto tomamos café da manhã, checando a previsão do tempo para os próximos dez dias.

— Está dizendo aqui que vai haver pancadas de chuva ocasionais. A gente devia alugar uma tenda, né? Só por garantia? Vocês acham que a gente precisa de uma com laterais? Parece ser uma boa opção, mas a gente provavelmente precisaria alugar ventiladores.

Nadine encosta o dedo no nariz de Xavier e entrega a ele um copinho com bico.

— Você não prefere passar tudo aqui para dentro se chover?

— Você acha que cabem trinta e cinco pessoas nesta casa?

Cassie e eu comemos nosso cereal em silêncio. Parece que estamos assistindo a um reality show. Já visualizo Patty dando seu depoimento, os olhos vidrados, com uma edição frenética e efeitos de som.

— E, Cass, você precisa comprar um vestido ou uma calça. Não dá para usar short.

— Quem disse que eu ia usar short? — Cassie parece confusa.

Nadine balança a cabeça e lança um sorrisinho para ela.

— Ah, bom. Não use. — Patty solta o ar. — Que bom. Certo. Só preciso ligar para a empresa das tendas. E, Dine, você falou com o bufê?

— Falei. Marquei para quinta-feira.

— Certo, Olivia vai tirar as fotos... e, por falar nisso, eu quero pagá-la. Cassie dá de ombros.

— Tá, mas ela não vai aceitar.

— Ei — diz Nadine —, e fala para ela não trazer aquele merdinha do Schulmeister a tiracolo. Eles não voltaram a namorar, né? Porque eu não quero minha casa coberta pela nuvem preta daquele idiota no dia do meu casamento. Não mesmo.

Cassie ri.

— Tente convencê-la a aceitar o pagamento, se não for um problema. E, Molly, você está com a decoração sob controle, né?

— Estou.

Ela massageia as têmporas.

— Sei que estou esquecendo alguma coisa... — Ela olha para Nadine.

— O que estou esquecendo? — Então ela decide se sentar onde não tem cadeira.

— Mamãe — diz Xav. — Ô-ôu!

Cassie e eu nos entreolhamos, assustadas, com uma expressão de *minha nossa*.

— Muito bem, eu vou assumir isso — diz Nadine. — Você. — Ela aponta para Cassie. — Resolva as coisas com Olivia. E você. — Ela se vira para mim. — Centros de mesa. E uma das duas tem que ficar de olho na sua avó. Não quero Betty se intrometendo e causando alvoroço.

— Ai, meu Deus — diz Cassie. — Nadine, você é uma noiva tão fria e calculista.

— Sou mesmo.

— Molly, você vai convidar o garoto? — pergunta Patty.

— Como assim? — pergunta Cassie. Ela se vira para mim, os olhos cintilando.

— Hum.

— Pode convidar. Não tem problema nenhum. Só preciso saber até sexta.

Cassie me cutuca com o cotovelo.

— O garoto? — Eu seguro um sorriso. — Que história é essa, Molly?

— Adoro esses momentos calorosos em família — comenta Nadine. — Enfim. — Ela se vira para Patty. — Você está cansada. Vá tirar um cochilo.

Patty assente, atordoada, e vai para o quarto.

\* \* \*

Nadine e Xavier vão para a contação de histórias, e Cassie e eu ficamos sozinhas na sala de jantar. Por um momento, nenhuma de nós fala nada.

Cassie olha para mim.

— Então tem um garoto? — pergunta ela. E tem algo em sua voz. Talvez surpresa, talvez raiva. Não sei.

Dou de ombros. Sinto que fico vermelha.

— Como você pôde não me contar?

— Sei lá.

— *Sei lá.* Meu Deus. Sou sua irmã gêmea, caramba.

— Bom, eu achei que a gente não estivesse se falando.

— Pois é, não estava.

Dou uma gargalhada nervosa.

— Então tudo bem.

— Mas por mim passou, tá? Agora estamos nos falando. Me conta sobre o garoto.

Ela apoia o queixo nas mãos.

— Hum. O que você quer saber?

Cassie sorri e revira os olhos.

— Ah, que tal se você começar com: quem ele é?

Eu fico vermelha.

— Reid.

Ela ri.

— O que foi?

— Não, é que é a coisa menos surpreendente do mundo.

— Ah.

— E o que rolou? Vocês se beijaram? Ele é seu namorado? É o quê?

— Sim. — Eu sorrio, envergonhada.

— O quê? — Ela bate no meu braço. — Espera, qual delas?

— As duas coisas.

Cassie fica boquiaberta. Eu bato no braço dela.

— Pare de parecer tão surpresa.

— Não estou. Só estou empolgada. Isso é muito legal, Mo. — Ela chega mais perto e passa o braço pelos meus ombros. — Caramba. Você tem um namorado.

— E você tem uma namorada.

— Eu sei. É estranho.

Ela apoia a cabeça no meu ombro e suspira.

E, por um instante, só ficamos ali, paradas.

— Nossa, sinto que temos tanta coisa para conversar — falo, e estreito bastante os olhos.

— Com certeza — diz ela.

Cassie tira a cabeça do meu ombro. Está olhando para a mesa e comprimindo os lábios.

— Olha só, tenho que confessar uma coisa — diz ela, tirando o braço dos meus ombros e contorcendo as mãos. — Não sei como dizer isso sem irritar ou magoar você, mas preciso que me escute. Então vou dizer tudo de uma vez, tá?

Os músculos dos meus ombros se contraem. Sinto que meu corpo está na defensiva, mas tento afastar essa sensação.

— Tá.

Ela morde o lábio e assente.

— Acho que as coisas andam meio estranhas entre a gente desde que comecei a namorar.

Faço que sim.

— Você também acha? Eu não estou imaginando coisas? — continua ela.

Engulo em seco.

— Não.

— E tenho que admitir que isso me deixou com bastante raiva no começo. Eu não conseguia entender por que você não podia apenas ficar feliz por mim.

— Mas eu estou! Estou muito feliz por você.

— Eu sei, mas também parece que você acha que Mina está tomando seu lugar.

— Não, não é... — Eu olho para ela. — Eu não acho isso.

— Mas você falou — insiste Cassie. — Na festa. Você disse que eu estava trocando você pela Mina.

— É. Me desculpe.

Ela balança a cabeça.

— Não estou tentando fazer você pedir desculpas. Só estou dizendo que acho que devíamos conversar sobre isso. Acho que isso que está acontecendo não vai passar do nada, sabe? Talvez melhore agora que Reid entrou na história, mas...

Eu fecho os olhos.

— Sei lá.

— Sinceramente, já estou num ponto em que fico preocupada, me perguntando como você vai interpretar tudo o que faço. Não quero ser a pessoa que começa um relacionamento e ignora todo mundo. Nós odiamos gente assim.

— Você não...

— E estou me esforçando, sabe? Acho que você não me dá crédito nenhum por isso. Eu convido você para tudo. A festa do pijama, a festa do Max, a droga da ida à loja de artesanato. Tudo.

Eu me sinto enjoada e não sei por quê.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei! — Ela levanta as mãos. — Sei que não preciso. Mas eu quero.

— Eu não quero que você tenha medo de falar comigo ou de como vou reagir.

— Não, Molly, não é isso. — Ela balança a cabeça. — Não é. Só estou tendo dificuldade de equilibrar tudo. Não estou acostumada a ter outra pessoa tão importante quanto você na minha vida.

Ela está encarando os joelhos, com os olhos marejados.

— E não quero que a gente se afaste, sabe?

Sinto meus olhos ardendo também. Tudo está meio borrado. Não consigo me concentrar. Apoio o queixo no punho.

— Acho que isso vai ser inevitável — falo por fim.

— Como assim?

— A gente se afastar. Olha o que aconteceu com Nadine e tia Karen.

— É uma situação um pouco diferente, não? A tia Karen é homofóbica.

— Eu sei. Mas mesmo assim. — Engulo em seco. — Quantas irmãs você conhece que continuam tão próximas adultas quanto eram na infância e adolescência?

— Bom, eu não conheço muitas irmãs adultas... — diz Cassie, sorrindo de leve.

— Você entendeu. A gente contava tudo uma para a outra. De quem a gente gostava, com quem ficava, tudo. Mas algo mudou. Parece que não somos mais leais uma à outra, como se nossos namoros tivessem se tornado a coisa mais importante da nossa vida.

— Ah, a gente não *deixou* de ser leal uma à outra...

— Mas vai acontecer. — Respiro fundo. — Mesmo que não seja com Mina e Reid. Vai acabar acontecendo. É normal. Ninguém se casa com os irmãos.

— É, seria meio incestuoso — diz Cassie.

— Só meio.

Ela ri e dá uma fungada.

— Obviamente, você está certa — diz Cassie por fim. — E acho que é por isso que eu queria que rolasse a história com o Will. Se você namorasse o melhor amigo da Mina, talvez a gente não se afastasse.

— É.

— Mas... Will não vai rolar, né?

Balanço a cabeça, sorrindo.

— E o que a gente faz? — pergunta Cassie.

— Não sei.

Cassie funga de novo. Olho para ela, e as lágrimas estão escorrendo por suas bochechas.

— Para. Isso é triste — diz ela, sorrindo.

— Eu sei.

— É difícil demais lidar com essas mudanças. E trágico também.

— Foda-se a mudança — falo, e gosto do som dessas palavras. *Foda-se.*

Cassie é pega desprevenida e ri tanto que fica sem ar.

E, de repente, me pergunto: será que nossos antepassados estão acompanhando este momento? E será que estão entendendo?

Aposto que sim.

Porque essa é a questão da mudança. É normal sofrer com elas. É a mais básica de todas as tragédias. Irmãos no período paleolítico devem ter se sentido péssimas pelas mesmas coisas.

E é estranho que, mesmo sabendo disso, a dor não diminua.



REID VEM À minha casa na quarta-feira para me ajudar a fazer o bolo de casamento.

E acho que não posso mais adiar: tenho que perguntar se ele quer me acompanhar no domingo. Mas sem pressão, uma pergunta totalmente casual. Porque não precisa ser uma Questão. É só um encontro. Em um casamento. No qual as noivas são as minhas mães. CERTO? NADA DE MAIS.

— Olha, são dez e meia. — Ele se encosta na geladeira. — E tenho que estar no trabalho ao meio-dia. Então, não me deixe...

Eu o beijo tão intensamente que ele aciona o dispensador de gelo.

— Ops — falo, e ele ri, com as mãos em minha cintura.

É tudo tão estranho. Estranho que eu esteja fazendo isso. Estranho que tenha ficado tanto tempo sem fazer isso. Não sei como passei cinco minutos sem beijar, e menos ainda trinta e dois mil minutos.

Gosto do jeito como Reid beija de óculos. Gosto do jeito como meu cérebro parece enevado. Nós não devíamos estar nos beijando na cozinha, ainda mais com minha irmã em casa. Ela pode entrar a qualquer minuto. E isso é apavorante. Porque de repente entendo por que Cassie fez tanto mistério em relação a Mina. Não consigo explicar, mas entendo.

Beijo Reid de novo. Talvez, se a gente continuar se beijando, eu não precise convidá-lo para o casamento. Ele simplesmente vai saber. Já deve estar mesmo esperando. A não ser que não esteja. A não ser que esteja pensando: *Opa, fiquei com essa garota semana passada, e agora ela já quer me levar no casamento das mães dela.*

EI, VIDA: PARE DE SER TÃO CONSTRANGEDORA.

Reid faz uma pausa.

— Que bipe foi esse?

— Ah! O forno acabou o pré-aquecimento.

Eu suspiro e me afasto.

Estou na cozinha, fazendo um bolo pequeno e vários cupcakes, e deveria pensar em misturar a massa. Em algum momento. Alguma hora.

Ele me beija de novo, delicadamente.

— Molly.

Opa.

É Olivia, parada na porta, com os olhos arregalados.

Eu me viro rapidamente.

— Oi!

Minha mão desliza para trás, e um conjunto inteiro de medidores culinários cai no chão.

Faz muito barulho.

Porque está muito silencioso aqui.

— Ah — diz ela. — Desculpa interromper.

— Você não está interrompendo nada!

Eu abro um sorriso. Estou sorrindo muito. Se sorrir o bastante, acho que vou parecer supercasual, e ela vai saber que não tem nada de suspeito acontecendo aqui. Ela não viu nada *de verdade*. Só deve ter imaginado, porque estou TÃO CALMA E CASUAL AGORA.

Olivia olha para o chão.

— Tudo bem, é que Cass e eu vamos olhar algumas fotos da sua família para decidir quais serão exibidas no casamento. Só para o caso de você querer, sabe... mas acho que você está ocupada.

— Ah, sim. Estamos preparando o bolo!

— Estou vendo.

Meu rosto está pegando fogo. Eu nem sabia que Olivia estava aqui em casa, menos ainda na porta.

— Então, hã. Se vocês quiserem ver as fotos, estamos na sala de jantar — acrescenta ela.

— Ótimo! — falo na mesma hora.

Ela olha de relance para Reid e depois para mim.

— Legal, hum...

E sai antes que eu possa dizer tchau.

\* \* \*

Estou totalmente desconcertada. Vou para a sala de jantar assim que Reid vai embora, mas só encontro um monte de fotos. Cassie e Olivia não estão em lugar nenhum.

Não quero fazer uma tempestade num copo d'água, mas a questão é a seguinte: mesmo que Reid não esteja a fim de Olivia, não sei o que Olivia sente por ele. Sinto uma ternura repentina por ela. Embora, uma semana atrás, eu quisesse socar sua cara.

A Molly de uma semana atrás era uma babaca.

Eu tenho que dar um jeito nisso. Respiro fundo e mando uma mensagem para ela. **Ei, você ainda está aqui?**

Nada. Nenhum sinal dela.

De repente, três pontinhos.

**Oi! No quarto do Xav com C. Venham pra cá.**

Meu Deus, ela acha que Reid está comigo. Que eu faria isso. Que eu o exibiria assim, como um troféu. *Eeeeeei, Olivia, adivinha: ELE É MEU ELE É MEU ELE É MEU.*

Só de pensar nisso já faço uma careta. Não acho que eu seja o tipo de garota que diz ELE É MEU.

Subo a escada devagar, com o coração na boca.

O quarto de Xavier é do tamanho de um closet. Sério, minhas mães compraram um daqueles tapetes com trilhos de trem, e ele ocupa o chão inteiro. Quando abro a porta, Olivia e Xavier estão construindo uma torre de blocos. Bem, mais ou menos. *Olivia* está construindo uma torre. Xavier está destruindo.

— Ei — falo, me sentando e o pegando no colo. Ele se solta dos meus braços na mesma hora. — Desculpe por ter perdido as fotos.

— Tudo bem — diz Cassie. — Fiquei sabendo que você estava ocupada.

Ela mexe as sobrancelhas, e Olivia ri. Elas são terríveis. As duas.

Levo a mão à boca e abro um sorriso.

— Então Reid vem ao casamento, né? — pergunta Cassie.

— Hã. Espero que sim. Ainda não falei com ele.

Olho para Olivia, que parece tão serena quanto sempre.

— Bom, é melhor você resolver isso logo — diz Cassie. — E avisa a ele que precisamos ter uma conversinha.

Estreito os olhos, curiosa.

— Sobre o quê?

— Só quero deixar bem claro que, se ele magoar você, vou castrá-lo. Enfim, só uma ameaça básica vinda de uma irmã protetora. — Cassie se levanta e se alonga. — Já volto, preciso fazer xixi.

Ela fecha a porta ao sair. Olivia sorri para mim.

— Molly, você tem um namorado.

Eu não posso sorrir. Esse não é um momento para sorrir. É um momento de ser o menos babaca humanamente possível. Essa garota acabou de levar um fora de Evan Schulmeister. E agora o cara de quem ela talvez goste é meu namorado. Eu faço que sim meio sem jeito e baixo os olhos.

— Eu sabia que isso ia acontecer.

— Sabia? — Eu olho para ela, hesitante. — E você está com raiva?

— Por que eu estaria com raiva?

— Ah. Achei que você talvez estivesse gostando dele.

Há um estrondo repentino quando Xavier derruba uma torre de blocos. Ele olha para mim e para Olivia com uma cara de desespero, os lábios tremendo.

— Amigão, foi você quem derrubou — falo.

Às vezes, conseguimos enrolar Xav e evitar um ataque de choro. Mas ele se joga nos braços de Olivia.

— Ah, não — diz ela. — Eu gosto do Reid como amigo, sem dúvida, e acho que ele é fofo. Muito fofo.

— Isso é verdade. — Eu seguro um sorriso.

— Definitivamente mais fofo do que o Will, na minha opinião.

Ela fica vermelha. Ai, meu Deus. Ela gosta dele.

— Me desculpe, de verdade — falo baixinho.

— Que isso! Não se desculpe. De qualquer modo, eu já sabia que ele estava apaixonado por você.

— Como?

— Ele só falava de você.

Eu abro um sorriso encabulado.

— Ah.

— É. — Ela sorri. — Falando sério, não quero atrapalhar. — Ela aperta o pé de Xavier. — Eu quero muito que vocês fiquem juntos, Molly.

Acho que meu cérebro pifou. Não consigo pensar em nada para dizer. Só sei o seguinte: Olivia é, definitivamente, uma pessoa melhor do que eu.

— É, mas eu quero que você seja feliz também — falo por fim.

Ela dá de ombros.

— Eu sou.

— Mas quero que você se apaixone. Por alguém melhor do que o Evan.

— Qualquer pessoa é melhor do que o Evan — retruca ela.

— É verdade.

E agora preciso desesperadamente encontrar um par para ela. Com certeza, Will já está descartado, já que para Olivia nem bonito ele é. E Max é meio babaca. Mas estou curiosa em relação a Douglas. Reid jura que ele existe. Olivia e o misterioso Douglas. Sei que Reid torce para rolar alguma coisa entre eles.

— Você... — começo a dizer, mas Olivia me interrompe.

— Eu sei o que você está pensando. — Ela apoia o queixo na cabeça de Xavier. — Mas eu não quero um namorado agora.

— É mesmo?

— Não quero nem um pouco. — Ela sorri.

Eu penso no assunto. Não consigo decidir se é engraçado ou triste, mas passei tanto tempo querendo um namorado que não consigo imaginar não querer um. Consigo me imaginar *dizendo* que não quero um, mas não consigo conceber essa realidade.

E talvez isso seja uma coisa minha, um pouco traumatizada depois de vinte e seis histórias de amor não correspondido. Talvez seja um efeito colateral.



NOITE DE SEXTA. Eu respiro fundo.

Estou querendo perguntar uma coisa há uns dois dias.

Mas não consigo encontrar as palavras.

Então, vou perguntar por mensagem, porque sou péssima.

Tem alguma chance de você estar livre no domingo? Tipo, depois de amanhã?

Porque eu vou a um casamento e preciso de alguém para me fazer companhia...



SÁBADO BEM CEDINHO. O namorado responde:

Olha, eu tive uma ideia.

Uma ideia para o CASAMENTO.

Sabe essas bandeirinhas triangulares que parecem dentes de tubarão?

Dá para fazer enfeites de bolo assim!

Ficam presos em pauzinhos de comida japonesa. Eu não inventei isso. Vi no Pinterest.

POR QUE EU ANDO OLHANDO COISAS NO PINTEREST, MOLLY? Que loucura é essa?

Acho que estou com saudade.

Ou talvez o Pinterest seja uma doença adorável transmitida só pela sua saliva.

Sua saliva "adorável".

A Saliva Adorável de Molly Peskin-Suso.

Esse devia ser o título da sua autobiografia!

Enfim, sei que você está na costureira ajustando as roupas.

(Mas espero que não se ajuste demais.)

(Eu gosto de você desajustada.)

Saiba disso.

Além do mais, acho que você devia fazer esse enfeite de bolo.

(Caso não esteja claro, estou dizendo sim. Vou com você a esse casamento e a qualquer outra coisa para a qual você queira me levar, em qualquer ocasião, principalmente se houver bolo.)



**Desajustada?**, escrevo. **Tipo uma delinquente?**

**Ah. Ah, não. Quer dizer, SIM. Por favor, não seja ajustada.**

Eu tenho um namorado que manda mensagens pedindo que eu seja desajustada. Acho que nunca vou me cansar da mente estranha de Reid. Nunca.

**Vou tentar!**, escrevo. E também: **Estou muito feliz por você ter aceitado meu convite.**

Então, não vou me ajustar. Não vou nem ajustar meu vestido. Viemos aqui, à seção de ajustes da loja de noivas, só para acompanhar minhas mães. Cassie e eu estamos sentadas em um sofá de veludo em frente ao provador, cercadas de espelhos. Estou tentando não ficar olhando para mim mesma.

Patty sai do provador e suspira.

— Ai, meu Deus. Agora estou meio insegura com o vestido tomara que caia.

Cassie ergue as sobrancelhas.

— Não está meio tarde para isso?

— Você está perfeita — elogia Nadine, sorrindo.

— Não pareço uma mulher de quarenta e oito anos pálida e sem peitos?

— Parece. — Nadine a beija. — E eu adoro.

Cassie afunda nas almofadas do sofá e cobre os olhos.

— Paaaaaaaaaaaaaaaaarem. Que indecência!

— Pode ir se acostumando, Kitty Cat — diz Nadine. Ela se olha no espelho, sorri e abre o botão de cima. — O que vocês acham?

— Perfeito — falo.

E elas estão mesmo perfeitas. Nadine está usando uma calça cinza-claro e uma camisa branca de botão da seção dos noivos. Eu a vi dizer para a vendedora que sua prioridade era “algo com fácil acesso aos peitos”. Já os peitos de Patty estão presos atrás de metros e metros de renda Alençon. As duas estão tão lindas. Sei que é estranho pensar isso sobre suas progenitoras, mas é verdade. Não consigo acreditar que elas vão se casar amanhã.

Nadine se vira para mim de repente.

— Molly, eu soube que você vai levar o Reid.

— Seu namorado — diz Cassie, sorrindo. — Só para lembrar.

*Namorado.* Ainda não me acostumei com essa palavra. Dou um sorrisinho.

Pelo espelho, tenho um vislumbre de Patty e Nadine nos observando. Os olhos delas estão brilhando, e percebo que Patty está se preparando para dizer alguma coisa, mas a costureira, que quer fazer os últimos ajustes no vestido, a detém.

Olha, isso é uma boa ideia. Devia ter uma empresa que oferecesse este serviço: alguém que detém sua mãe no exato momento em que ela vai dizer uma coisa constrangedora.

Infelizmente, Nadine decide assumir o interrogatório.

— Quero saber mais sobre esse namorado misterioso.

Cassie ri. Eu reviro os olhos.

— Ah, ele é bem misterioso — falo.

— Eu estou por fora dessa história — acrescenta Nadine. — Momo, você anda escondendo coisas da gente. Eu nem sabia que você estava gostando de alguém.

— Eu sabia — diz Cassie, num tom presunçoso.

— A gente tem mesmo que falar sobre isso? — pergunto, sem graça, com o rosto pegando fogo.

— Ah, meu amor. Só estou feliz por você.

Ela se espreme no banco entre mim e Cassie e nos abraça.

— Ela queria um namorado há tanto tempo. Taaaaaanto tempo — diz Cassie.

Eu franzo o nariz.

— Isso só me faz parecer patética.

— O quê? Não!

— Ah, Momo, por que você acha isso?

Porque sim. Não quero ser essa garota. Quero ser o outro tipo de garota. Tipo Olivia. Tranquila com o fato de estar solteira. Ela não está nem mesmo interessada em um relacionamento agora.

— Porque eu não quero ser a garota que precisa de um namorado — respondo.

— Ah, mas é claro que você não precisa de um — diz Nadine. — Mas não tem nada de errado em querer um.

Dou de ombros.

— Momo, estou falando sério. Você pode querer o que quiser. — Ela puxa a ponta do meu cabelo. — E quer saber? O amor é uma coisa que vale a pena querer.

— Concordo. — Cassie sorri.

— É que eu não achava que fosse acontecer. — Fico vermelha. — Acho que amadureci mais tarde do que o normal.

Nadine cai na gargalhada. Sinto um sorriso se formando em meus lábios.

— O que foi?

— Amadureceu mais tarde do que o normal? Mo, você só tem dezessete anos.

— Pois é.

— Em que universo isso torna você uma pessoa que amadureceu mais tarde do que o normal? — Ela aperta meu ombro. — Não existe hora certa para essas coisas acontecerem. Eu só tive namorada no final do terceiro ano do ensino médio. E sua mãe nunca namorou ninguém no ensino médio.

— Sério?

— Sério.

— Sei lá. É que parecia que eu ia ter que esperar para sempre.

— Ah, eu sei, meu amor. Não estou querendo menosprezar seus sentimentos. Você tem razão, ter que esperar é um saco. Ainda mais quando você começa a achar que nunca vai acontecer.

— Exatamente!

Ela sorri.

— Já conversei com vocês sobre quando eu estava tentando engravidar?

— Acho que não — diz Cassie.

Eu balanço a cabeça.

— Pois é. Foi uma jornada longa e exaustiva. Nós ficamos tentando por dez anos. Fomos em todos os tipos de médico. Ninguém sabia o que estava acontecendo.

— Sério? — pergunta Cassie.

Fico perplexa. Talvez não devesse, não sei. Acho que agora entendi que minhas mães não decidiram aleatoriamente ter outro filho dezesseis anos depois das duas primeiras. Mas nunca soube que Nadine ficou de fato tentando. Por dez anos. Isso não entra na minha cabeça.

— E acabou dando certo, sabe? Eu tinha quarenta e dois anos. Ninguém achava que tinha alguma chance àquela altura, mas aconteceu.

— Nossa, eu não sabia disso — falo.

Nadine sorri.

— Eu sei. Acho que é estranho falar, porque eu nunca quis que vocês duas sentissem que são menos minhas do que seu irmão. Vocês sabem que

não é isso, né?

— Eu sei — respondo.

— Mas sua mãe e eu sempre quisemos três filhos. Esse era nosso plano. E nós achamos que conseguimos nos adiantar muito tendo vocês duas de uma vez. Mal sabíamos nós...

— Que Xav demoraria tanto para chegar — diz Cassie.

— Tipo isso. Mas, sabe, tem um lado bom também. Sabe quando você passa tanto tempo esperando intensamente alguma coisa e de repente você consegue? É magia.

De repente, sinto vontade de chorar. De alegria. De muita alegria. Porque sei exatamente o que ela quer dizer. Frio na barriga, uma sensação de estar meio aérea e ter coraçõezinhos no lugar dos olhos, mas, por baixo disso tudo, ouço uma voz repetindo: *Não consigo acreditar nisso. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo comigo.*

Não consigo explicar como essa sensação é doce e gostosa.

É descobrir que a porta na qual você estava batendo está finalmente destrancada. Talvez estivesse destrancada o tempo todo.



**NÃO TEM JANTAR** na véspera do grande dia. Não ensaiamos nada. Mas todas as pessoas de fora da cidade chegam na noite de sábado, e o casamento se torna cada vez mais real.

Vovó Betty está no Hotel Marriott e meus avós Suso estão hospedados em uma pousada bem na nossa rua. Acho que os amigos da faculdade das minhas mães chegam amanhã de manhã.

Mas Abby vem hoje. Com Nick. E vai ficar na nossa casa.

Coloco o colchão de ar no meu quarto, e Cassie leva as coisas dela. Não ligo de praticamente termos que dormir uma em cima da outra. É a primeira festa do pijama da família em mais de um ano.

A campainha toca quando estamos guardando a louça do jantar, e corro para o saguão. Vou tão rápido que acabo deslizando pelo piso de madeira.

— Ai, meu Deus! — Abby está na porta, aos pulos.

— Você chegou!

— Eu cheguei! Você está aqui! — Ela inspira fundo. — Ahh! Você está com cheiro de Molly.

— E isso é...

— É uma coisa boa!

O que me faz pensar em Reid. E no desodorante dele. Eu não devia ficar vermelha.

— Não consigo acreditar que você está mesmo aqui.

— Eu estou. E olha quem eu trouxe! — Ela abre um sorriso e dá um passo para trás. — Molly, Nick. Nick, Molly.

É engraçado como algumas pessoas são iguais às fotos. Tipo Simon. Mas Nick é mais bonito pessoalmente. Bem mais bonito. Tem olhos castanhos magnéticos que não são capturados pelas câmeras.

— Oi. — Ele parece constrangido no saguão segurando uma bolsa grande de lona. — Obrigado por me convidar.

— Imagina! Mas é claro!

Lá fora, ouço o bipe de um carro sendo trancado. Momentos depois, Isaac aparece, arrastando duas malas.

— Oi, Mo — diz ele, praticamente se ajoelhando para me abraçar. Isaac tem um metro e noventa e dois. Sem brincadeira. Ele faz Reid parecer baixo.

Por um instante percebo que ele tem uma altura boa para Olivia.

Mas, não. Não. Ela não está interessada. Xô, pensamento.

Nick e Isaac ficam com os beliches do quarto de Cassie. É até engraçado receber Abby e Isaac aqui sem os pais. Tio Albert e tia Wanda vão ficar na quitinete de Isaac na rua U, que fica colada a uma casa de fraternidade.

— O que sua mãe achou da sua mesa de ping pong? — pergunta Cassie.

Isaac sorri.

— Pus uma toalha em cima com um vaso de flores.

— Gênio.

Assim que Abby fecha a porta do quarto, Cassie sai contando.

— Molly tem, que rufem os tambores, um namorado.

— O quê? — Abby sufoca um gritinho. — Ai, meu Deus! Você que deu o primeiro passo e beijou o garoto! Ai, meu Deus!

— POIS É — diz Cassie. — E ela nem me contou.

Cassie se joga para trás no colchão de ar.

— Eu não contei para ninguém — retruco.

— Só para nossas mães.

— Eu não contei para elas! Elas é que descobriram.

— Ah, eu quero ouvir essa história — diz Abby.

— Não tem história. Patty nos ouviu.

Abby e Cassie caem na gargalhada.

— O que foi? — pergunto. Sinto que estou abrindo um sorriso.

— Ouviu vocês fazerem *o quê?* — pergunta Abby.

ISSO DE NOVO.

— Não isso. Ai, meu Deus. Conversando. Só conversando.

— Claro.

— Talvez dando uns beijos.

— Pois é — diz Cassie.

Ela pega um travesseiro, joga em mim, erra, *pega de novo* e bate em mim.

— Guerra de travesseiro! — grita Abby, com a voz esganiçada. — Essa é a grande fantasia masculina, né? Devo contar para o Nick o que está acontecendo?

Cassie faz que sim.

— Diz que estamos derramando mel nos peitos.

Abby ri e pega o celular.

— Espera, está falando sério? Você vai mandar uma mensagem dizendo isso? — Cassie vai até Abby, que se afasta na mesma hora. — Quero ver isso aí!

— Não. — Abby sorri. — É confidencial.

— Confidencial coisa nenhuma!

E é engraçado ver as duas discutirem. Parece que voltamos no tempo. Estou perfeitamente satisfeita. Não tenho nem vontade de falar. Gosto só de estar aqui.

Mando uma mensagem para Reid. **Acho que você vai ter que dançar comigo amanhã.**

Três pontinhos.

**Aaaaah, não. Eu não danço.**

**MAS.**

**Você NÃO TEM IDEIA de como sou desajeitado, Molly.**

Eu dou uma gargalhada. *Tenho uma vaga ideia...*

**Meus passos de dança já mataram gente.**

— Olha aquela ali rindo para o celular — diz Abby.

Ergo os olhos com um sorriso de culpa... e tenho um vislumbre do meu rosto no espelho do outro lado do quarto.

É uma coisa muito estranha. Meu cabelo está todo despenteado. Estou com uma das camisetas enormes que Nadine usava quando estava grávida. E uma calça de pijama. E tem um pouco de pasta de dente no canto da minha boca.

Mas, talvez pela primeira vez na vida, eu me sinto bonita.



**ESTOU AGITADA DEMAIS** para dormir. Fico pensando no casamento e em Reid e nos centros de mesa e na minha roupa.

Estou apaixonada pelo meu vestido. O modelo é simples: é de um azul meio esverdeado, com mangas curtas e uma camada de tule embaixo da saia. Só isso. Mas o caimento é perfeito. Não me faz parecer magra. Acho que me deixa parecendo gorda de propósito.

Não paro de tocar no tecido. Mal posso esperar para vesti-lo.

Tem alguma coisa no ar. Sinto uma vibração de expectativa. Pela janela, observo minhas mães enfileirando duas mesas compridas e as cadeiras. Não vai ter tenda, no final das contas. Talvez Nadine tenha convencido Patty a não alugar uma. O clima está ensolarado e quente, e eu quase suspiro de alívio.

Dedico a manhã inteira à decoração. Acho que finalmente acertamos: caixas vintage de Coca, potes de conserva pintados e flores, a maioria véu de noiva, mas algumas hidrângeas. Vou espalhar os animais pintados de Olivia ao redor, junto com as fotos da família nos porta-retratos de madeira coloridos. Depois, vou pendurar a guirlanda de tecido no local onde vai ser realizada a cerimônia, uma espécie de chupá irregular, e Isaac disse que vai me ajudar a colocar pisca-piscas nas árvores. Talvez eu corte meu

cordão de contas, porque fiquei obcecada pela ideia de prendedores de guardanapos feitos de páginas de revista.

Sério, eu poderia trabalhar com isso. Talvez um dia eu trabalhe mesmo.

Se bem que essas noivas frias e calculistas podem ser um desafio e tanto. Recebo mensagens das minhas mães em intervalos de minutos.

**Querida, você pode lembrar a Isaac de dar gorjeta ao pessoal do aluguel?**

Momo, preciso que você encontre o carregador do laptop.

**Abortar missão! O CARREGADOR FOI LOCALIZADO.**

O pessoal do bufê chegou. Você pode levá-los até a cozinha?  
**Obrigada!!!**

Ainda estou com a calça do pijama, mas acho que não tem problema. Desço a escada correndo e quase esbarro em um deles.

— Ai! Me desculpa! — Eu olho para ele. E meu rosto fica quente. — Julian?

— Ah, oi! Você é a amiga da Elena. Molly, né?

Meu décimo primeiro crush. Julian Portillo, dos Cafés da Manhã Experimentais. E, agora, ele trabalha num bufê. Que coisa!

— Então suas mães vão se casar — diz ele.

— Pois é. — Isso é muito surreal. — Nossa, como vão as coisas? E Elena?

— Ah, está tudo bem. Acabei de terminar meu segundo ano na Georgetown e estou trabalhando nesse bufê durante o verão. Estou adorando.

— Que legal.

Ele sorri, e olha só: ali estão as covinhas. Talvez eu tenha uma queda por covinhas.

— Ah, aproveitando... Este aqui é Carter Addison — diz Julian, tocando no meu braço de leve.

Como se combinado, um cara branco e magro de cabelo cacheado coloca uma fôrma coberta de papel alumínio na bancada e se aproxima.

— Oi — diz ele, sorrindo. E até que ele é bonito. Tem um sorriso largo e caloroso. — Sou o *sous-chef*.

— E meu namorado. — Julian sorri. — Carter, essa é a Molly. É uma das filhas das noivas.

*Namorado*. Por essa eu não esperava.

— Oi, prazer! — falo.

— Tudo bem? E *mazel tov*!

Eu os levo até a cozinha e mostro os eletrodomésticos, meus cupcakes e tudo em que consigo pensar.

— Não sei se ajudou muito.

— Com certeza ajudou — comenta Julian. — Está ótimo.

— Que bom.

Faço que sim. E, por um minuto, nós ficamos ali parados, sorrindo com constrangimento. Eu nunca fui boa em juntar palavras com Julian Portillo por perto.

— Não quero apressar você nem nada — diz Julian por fim —, mas será que não devia ir se vestir? Não me entenda mal, adoro a calça quadriculada...

— Ah, droga — falo.

— Ah, ela ficou vermelhinha, gente! — Ele me abraça. Julian Portillo me abraça. — Cara, você é tão fofa. — Ele pisca para Carter. — Sabe, se eu gostasse de meninas, com certeza gostaria de você, Molly.

Não existem palavras para explicar o que estou sentindo.

Tá, sabe aquele emoji rindo e chorando ao mesmo tempo?

É isso. Sou eu.

\* \* \*

Eu me visto bem rápido e desço correndo, bem na hora que Mina e Olivia chegam. Acho até que vieram juntas. Olivia me abraça assim que me vê.

— Parabéns!

Cassie se aproxima.

— Eu tive a melhor conversa do mundo com a vovó.

— É mesmo?

Ela faz uma careta, e eu dou uma gargalhada.

— Vovó acabou de me informar que, quando uma mulher bissexual se casa com outra mulher, ela se torna lésbica.

— Ah, não — diz Olivia.

— E eu falei... vovó, não. Não. E fiz uma cara feia.

Mina ri.

— Mas ela não falou por mal.

— E ainda nem está bêbada — diz Cassie. Ela olha para o lado, me cutuca e sorri. — Ei. Seu namorado chegou.

Eu fico vermelha. É esquisito. Talvez seja porque todo mundo sabe. Esse constrangimento nunca vai passar. Nunca vou conseguir controlar isso.

Reid está perto dos degraus dos fundos, usando uma camisa de botão. Agora eu sei: Reid fica ridiculamente fofo de camisa de botão. Ele sorri para mim, eu sorrio para ele, e parece que alguém apertou um botão e fez o mundo parar. Só por um instante.

Acho que gosto de não conseguir controlar isso.

\* \* \*

Parece que o casamento não vai começar nunca, mas então começa, e, de repente, estamos enfileirados embaixo da chupá feita pelas guirlandas. Cassie, Abby e eu, além de Isaac, segurando Xavier, que está de terninho cinza.

Ele está perfeito.

— Bem-vindos — diz minha tia Liz.

Tecnicamente, ela não é minha tia. Tecnicamente, também não pertence a nenhuma congregação religiosa, mas obteve um certificado on-line.

— Patty e Nadine pediram que eu fosse breve e fofa e não falasse muitas coisas impróprias para menores de treze anos, o que... bem, vamos tentar.

Todo mundo ri.

— Eu me chamo Liz e fui colega de quarto de Nadine em Maryland há mais ou menos, sei lá, um bilhão de anos. — Nadine ri. — Mas, falando sério: no primeiro ano, recebemos nossos horários de aula, e Dine ficou transtornada, porque a colocaram na turma iniciante de biologia, que ela *já tinha cursado* no ensino médio e aquilo era uma *babaquice escrota*...

Tem uma explosão de gargalhadas nas mesas, porque dá para imaginar Nadine dizendo isso. Lanço um olhar para os pais de Abby: tio Albert está com uma expressão severa e tia Wanda está sorrindo de orelha a orelha, com as sobrancelhas erguidas. Abby me olha de lado e sorri.

— Ela vai bufando até a aula, resmungando e xingando baixinho. Quando volta na hora do almoço, pergunto: “E aí, vão deixar você pedir transferência? Vão aceitar seus créditos?” Nadine diz: “Aaaaah. Pois é. Agora estou gostando da aula.”

Nadine cobre o rosto e ri.

— E eu falei: *como é que é?* — continua Liz, os olhos brilhando. — Hoje de manhã você estava pronta para se acorrentar à porta da sala do reitor por causa disso e agora está dizendo “É a melhor aula do mundo”? E eu fico perplexa com isso. — Liz faz uma pausa de efeito dramático. — Até que, algumas semanas depois, Nadine me apresenta a Patty Peskin. A professora assistente.

Há palmas e gritos nas mesas, e Nadine e Patty estão se olhando e rindo. Tem algo de esquisito em ver suas mães se encarando de um jeito tão

apaixonado. Não estou dizendo que seja ruim. Só esquisito.

Pela milionésima vez hoje, meu olhar encontra o de Reid.

Ele sorri. Eu sorrio.

— Então, você, Nadine, aceita esta mulher, Patty, como sua esposa, para amar e respeitar, honrar e apreciar, na doença e na saúde, enquanto vocês duas estiverem vivas?

— Aceito — diz Nadine.

Nunca a vi com um sorriso tão grande no rosto.

— E você, Patty, aceita esta mulher, Nadine, como sua esposa, para amar e respeitar, honrar e apreciar, na doença e na saúde, enquanto vocês duas estiverem vivas?

— Aceito — responde ela, fungando.

Dedos quentes se entrelaçam aos meus: Abby. Eu aperto a mão dela com força.

— Devemos partir para o anel? — pergunta Liz.

Dou uma risada. Todo mundo está rindo. E Patty está chorando, o que não é surpreendente, mas até Nadine está derramando algumas lágrimas. Isso é uma coisa e tanto. Só a vi chorar uma vez, e foi quando ela estava dando à luz.

— Pelo poder a mim concedido pelo estado de Maryland, eu agora as declaro legal e incrivelmente casadas.

Elas quebram o copo, todo mundo ri e grita *mazel tov*, e algumas pessoas assobiam.

E aí. Bem. Tem um único momento na vida dos pais em que eles podem se beijar na frente dos filhos. E esse momento é agora. Ninguém pode impedi-los.

Eu não impediria nem se pudesse.

\* \* \*

Reid me encontra assim que a cerimônia acaba e me dá um abraço apertado.

— Foi incrível.

— Obrigada! — Eu me encosto no peito dele e inspiro o aroma do desodorante. — Você chorou?

— NUNCA. — A covinha surge. — Um pouco.

Sorrio para ele. Ele segura minhas mãos e entrelaça nossos dedos.

E, por um minuto, só ficamos ali assim, nos olhando.

Ele balança a cabeça.

— Molly, você está me matando.

— O quê?

Ele faz uma pausa. As bochechas estão vermelhas.

— É que você está muito, muito bonita.

A voz dele está tão suave, e sua respiração, tão ofegante. Em todos os meus anos vendo filmes, já vi essa expressão no rosto de muitos garotos. Mas nunca vi ninguém olhar assim para mim.

— Você também — falo.

Ele ri.

— Ah, obrigado.

Julian e Carter arrumaram todos os pratos em uma mesa de piquenique: peito bovino, broa de milho, pãezinhos e legumes grelhados. Tem alimentos kosher, comidas veganas e coisas sem glúten, tudo meticulosamente rotulado. E tem pilhas de pratos de plástico que imitam porcelana.

Ainda está claro, mas algumas pessoas estão dançando perto do balanço de Xavier. Está tocando uma música lenta, mas não consigo identificar quem canta. É algum britânico famoso. Talvez Sam Smith.

— Está com fome? — Reid puxa minha mão.

— Acho que sim.

— Ou prefere procurar a Abby?

— Pode ser também.

— Está tão fácil agradar você hoje — diz ele, com um sorriso.

— Pois é!

É que estou tão feliz que chega a doer. Como se a felicidade estivesse borbulhando. Eu poderia fazer qualquer coisa agora e seria a coisa certa. É uma alegria indestrutível. Não dá para estragar. Não dá nem para atrapalhar.

Nós nos sentamos na ponta de uma das mesas, ao lado de Abby e Nick.

— Olha que gracinha suas mães — comenta Abby.

As duas estão sentadas nos degraus dos fundos, de mãos dadas e conversando. Alheias a todo mundo por um instante. Vejo Olivia se aproximando com a câmera. Elas nem reparam nela dando uma de paparazzo e registrando o momento.

Olivia anda até Cassie e Mina na grama, sorrindo enquanto mexe na tela da câmera para mostrar o resultado a elas.

Cassie sorri de orelha a orelha.

— Para alguém que diz que não liga para essas coisas... — murmuro.

— Pois é. Cassie é a mais melosa de todas nós. Manteiga derretida. — Abby ri. — Ei, antes que eu esqueça, olha quem está aqui.

Ela levanta o queixo de leve e indica algum lugar atrás de mim.

Eu viro a cabeça e meu queixo cai.

— Ai, meu Deus.

Abby sorri.

— Não é?

— Você sabia que ela viria?

Abby faz que não.

— A gente devia ir dar um oi? Podemos deixar vocês dois sozinhos um segundo?

Nick e Reid se olham.

— Hã, claro.

Nossos namorados.

Eu me levanto e ajeito o vestido. Abby segura minha mão, e nós atravessamos o gramado.

Tia Karen está sozinha a uma mesa, os braços cruzados sobre o peito. Ela parece desconfortável e, para ser sincera, meio infeliz.

Mas está aqui.

Caramba.

Ela abre um sorriso quando nos vê.

— Oi, meus amores! — diz ela. — Minha nossa. Olha só vocês duas. Estão tão lindas. Tão crescidas.

Tia Karen nos abraça, e nos sentamos cada uma de um lado dela.

— O quintal está diferente. Vocês chamaram um paisagista?

— Hã, chamamos. Já tem uns dois anos — falo.

Tia Karen assente.

— Então. Hã, como estão os cachorros? — pergunto.

Ela fica um pouco mais alegre.

— Ah, estão bem. Muito bem. Ficaram com minha amiga Madge, e o marido dela vai grelhar uns bifés hoje.

— Para os cachorros? — pergunta Abby.

— Aham. Eles amam bife.

— Que especial — diz Abby, olhando para mim.

Tia Karen sorri.

— São cachorros muito especiais. Abby, eu estava contando para sua mãe sobre minha Daisy, a mistura de pastor, e ela disse...

— Tia Karen, achei que você não viria — disparo.

Ficamos todas em silêncio por um instante.

— Bom, acho que eu não podia perder — diz ela.

— Nadine sabe que você está aqui?

Ela contrai os lábios.

— Imagino que sim.

— Quer... que eu vá chamá-la?

— Ah, não — responde tia Karen. — Vai ser... você sabe. Essa noite é dela. E da Patty — acrescenta ela, constrangida.

Eu me dou conta de que ela nunca tinha mencionado Patty pelo nome. Nunca.

— E eu não vim aqui para complicar as coisas — continua ela. — Dine e eu temos muito o que conversar, obviamente, e eu devo a ela... — Ela para de falar e balança a cabeça. — Mas não hoje. Hoje, eu só queria estar aqui.

— Ah, obrigada por vir, então.

— É você, *mamaleh*?

Eu me viro e vejo vovó Betty segurando um dos centros de mesa de porta-retratos, que coloca virado para baixo na mesa ao se sentar na cadeira ao meu lado.

Nossa, overdose de família.

— Oi, vovó.

Percebo que estou encolhendo a barriga. Acho que a presença dela me deixa envergonhada, às vezes. Por uma fração de segundo, desejo ter colocado uma cinta.

— Você conhece a tia Karen? — pergunto rapidamente. — Sei que conhece a Abby.

— Claro. É ótimo ver vocês duas de novo.

Eu bato na beirada do porta-retratos de vovó.

— Que foto é essa?

— É uma foto muito constrangedora. Quero saber quem escolheu isso como centro de mesa. — Ela balança a cabeça e sorri. — Vou fazer uma reclamação formal.

Isso me surpreende. Eu não sabia que gente velha ainda tinha vergonha desse tipo de coisa. Agora quero ver a foto, claro, e Abby deve estar pensando a mesma coisa.

— Vó, você tem que mostrar para a gente! Não vamos contar para ninguém. — E acrescento: — Se você nos mostrar, eu escondo para você.

Vovó faz uma careta, mas mostra a foto.

Abby faz um ruído de surpresa.

— Ai, meu Deus, que foto linda.

E é mesmo. Que foto. É em preto e branco, Patty ainda é bebê, então deve ser do início dos anos 1970. Mas é de vovó que não consigo tirar os olhos. Ela está com vinte e poucos anos e com um sorriso meigo no rosto. Equilibra Patty no quadril e olha bem para a câmera.

Ela está igualzinha a mim, só que vintage e linda.

E gorda.

Quando ergo os olhos, ela está me encarando com uma expressão que não consigo interpretar.

— Sou muito dura com você, não sou?

Eu fico vermelha.

— Não sei.

— Eu odiava estar acima do peso. Ganhei trinta e dois quilos quando engravidei da sua mãe. Parecia que eu estava vivendo dentro do corpo de outra pessoa.

Eu faço uma pausa. E *inspiro*.

— Eu entendo. — *Expiro*. — Mas não é assim que eu me sinto, sabe?

— Eu sei, e é uma coisa boa. Me desculpe, *mamaleh*. Eu não devia supor que você tem os mesmo problemas que eu tive. — Ela aperta minha mão. — Você é linda.

Sinto minhas bochechas pegando fogo. A questão é a seguinte: estou acostumada a ouvir que tenho um rosto bonito. Ou cabelo bonito, ou olhos bonitos. Mas é diferente ser chamada de *linda*. Só linda, sem condições. E, por algum motivo, é ainda mais estranho ouvir isso da vovó do que de Reid.

Faz meus olhos arderem.

Vovó pigarreia.

— Não foi uma cerimônia linda?

— Foi mesmo — concorda Abby.

Tia Karen dá de ombros.

— Foi legal — diz ela baixinho.

Esse movimento de ombros. Esse jeito específico da tia Karen. Parece que guarda quarenta anos de segredos e brigas e viagens de carro e beliches.

Acontece que é exatamente o mesmo gesto que Nadine faz quando dá de ombros.

E, de repente, consigo imaginar: Cassie e eu, daqui a vinte anos. Casadas. Com Mina. Com Reid. Ou não. Talvez a gente se case com pessoas que ainda não conhecemos. Talvez a gente não se case. Pode ser que a gente se veja todos os dias. Talvez a gente se veja uma vez por ano. Talvez haja altos e baixos e as coisas entre nós duas mudem ao longo das décadas. Talvez a gente nunca consiga definir.

Acho que todo relacionamento é, na verdade, um milhão de relacionamentos.

Não consigo decidir se isso é bom ou ruim.

\* \* \*

Depois que o sol se põe, tudo fica ainda mais bonito. Acho que são os pisca-piscas. Tem algo de mágico em pisca-piscas enrolados em galhos de árvore. Algumas pessoas já foram embora, mas tem mais gente dançando, e Abby e Nick estão bem no meio. Ainda não convenci Reid a dançar. Agora, ele só quer saber de se sentir o tal por causa do enfeite de bandeirinhas de papel que coloquei no topo do bolo.

E admito que foi ideia dele.

E admito que ficou lindo.

Mas então voltamos para a mesa, e Reid segura minha mão enquanto conversa com Olivia, e Xavier dorme nos braços de Cassie. Mina come um cupcake e, entre uma mordida e outra, limpa as mãos em um guardanapo. Mas, apesar do movimento ao nosso redor, tem uma quietude no ar.

— Eu nunca poderia ser fotógrafa de casamento de verdade — diz Olivia.

— Por quê?

— São muitos momentos perfeitos. Não consigo acompanhar.

Sinto um nó na garganta de repente.

— É.

Reid aperta minha mão.

Começa a tocar uma música alta e rápida, e tenho um vislumbre de Isaac na pista de dança improvisada, girando uma das amigas das minhas mães. Acho que ele está usando um monte dos meus prendedores de guardanapo, que fiz com as contas de revista, como pulseiras. Tia Liz está sentada no balanço de pneu de Xavier, gesticulando com ênfase e fazendo minhas mães gargalharem. E os pais de Abby estão dançando uma música lenta, apesar da melodia. Até que é fofo.

— Acho que vou tirar mais algumas fotos — diz Olivia.

— Tudo bem — dizemos eu e Cassie ao mesmo tempo, com a mesma entonação.

Olivia estreita os olhos e aponta para a gente.

— Nossa, parece até que vocês são gêmeas ou algo do tipo.

Enquanto se afasta, faz uma mímica de cabeça explodindo.

Mina ri, e ela e Cassie trocam olhares sorridentes e cheios de carinho. Eu desvio o olhar rapidamente. Não porque seja um garotinho de onze anos.

Só porque... sabe como é. Para que elas possam ter o momento delas.

Só estou deixando as coisas acontecerem. Pouco a pouco. Acho que são nossos pequeninos passos para longe uma da outra. Deixando pegadas não

exatamente idênticas em direções não exatamente opostas.

E é o fim do mundo e o começo do mundo e nós temos dezessete anos.

E é incrível.

## AGRADECIMENTOS

OI, LEITOR! MEU livro está nas suas mãos. Eu esperei muito por isso, assim como Molly ansiava pelo primeiro beijo. Houve momentos em que eu tive certeza de que esta história nunca ficaria pronta.

Mas ficou. Porque tenho pessoas incríveis que fizeram este livro chegar até aqui.

Meus mais calorosos agradecimentos para:

Brooks Sherman, melhor amigo e melhor agente. Você é sábio e esquisito e maravilhoso, e tenho muita sorte de ter você por perto.

Donna Bray, que fez este livro ganhar vida. Você acreditou em Molly quando eu estava duvidando e me ajudou a encontrar a essência da história. Todas as minhas moças dançando vestidas de abelhinhas são para você.

Minhas equipes extraordinárias na Harper, na Bent Agency e na New Leaf. Sou muito grata a Alessandra Balzer, Viana Siniscalchi, Caroline Sun, Nellie Kurtzman, Patty Rosati, Molly Motch, Bess Braswell, Eric Svenson, Margot Wood, Kate Morgan Jackson, Suman Seewat, Veronica Ambrose, Bethany Reis, Chris Bilheimer, Sarah Creech, Alison Donalty, Barbara Fitzsimmons, Suzanne Murphy, Molly Ker Hawn, Victoria Lowes, Charlee Hoffman, Jenny Bent, Pouya Shahbazian, Chris McEwan e tantas outras pessoas que arrasam nos bastidores.

Minhas maravilhosas equipes editoriais no exterior, entre elas a Penguin/Puffin, no Reino Unido, na Austrália e na Nova Zelândia, a Blossom Books, na Holanda, a Hachette Romans, na França, e a Intrínseca, no Brasil. Coelhoinhos de chocolate adicionais para Anthea

Townsend, Ben Horslen, Jessica Farrugia Sharples, Vicky Photiou, Myrthe Spiteri, Lotte Dijkstra e Mathilde Tamae Bouhon.

Kimberly Ito, minha parceira de crítica e irmã, que mantém minha sanidade há anos. Molly e Cassie não podiam ter escolhido uma pessoa melhor com quem compartilhar o aniversário.

Beckminadivera, que é basicamente um casamento a essa altura. Adam Silvera, tenho certeza de que você é dono de metade do meu cérebro. David Arnold, você me inspira a escrever do jeito mais sincero e a soletrar Terra-média como Tolkien queria. Jasmine Warga, você é o Balzer do meu Bray. (E também ao meu heterest principal e membro honorário do Beckminavidera, Luis Rivera.)

Team Double Stuf: Nic Stone, Angela Thomas e Stefani Sloma. Seus textos são mágicos e vocês são ainda mais incríveis em pessoa. Sou muito grata por conhecer vocês.

Team Erratica: Emily Carpenter, Manda Pullen, Chris Negron e George Weinstein. Vejo vocês em Rojo!

O BTeam, meus lindos irmãos agentes, com abraços adicionais para Heidi Schulz (insira um emoji pouco utilizado aqui), Kimberly Ito, Angela Thomas, Adam Silvera, Lianne Oelke, Sarah Cannon, Mercy Brown, Jessica Cluess e Rita Meade.

Meus leitores extraordinariamente sensíveis, que deram vida à comunidade de Molly: Angela Thomas, Nic Stone, Wesaun Palmer, Alex Davison, Dahlia Adler, Tehlor Kinney, Tristina Wright, Nita Tyndall, Ashley Herring Blake, Brian Gould e Ellen Oh. Seu apoio, feedback e generosidade são tudo para mim.

Os incontáveis amigos dessa comunidade que seguraram minha mão e me ajudaram a seguir em frente. Nunca vou conseguir citar todos, mas eis um começo: Jen Gaska, Aisha Saeed, I. W. Gregorio, Katherine Locke, Marieke Nijkamp, James Sie, Jeff Zentner, Kayla Whaley, Corinne Duyvis, Alex London, Tim Federle, Nicola Yoon, Marcy Beller Paul, Diane

Capriola, Lance Rubin, Jennifer Niven, Greg Changnon, Denisa Patron, Julie Murphy, Rachel Simon, Michael Waters, Camryn Garrett, Emma Trewayne, Rockstar Kevin Savoie, Gaby Solpeter, Cody Roecker, J. C. Lulles, Summer Heacock, Eline Beekhout, Johanna Mehner, Tom-Erik Fire, Shelumiel Delos Santos, Laura Silverman, Bieke Parsen, Rachel Strolle, Maddie Wolf, Weelfie, Jasmine Pearl Raymundo, the Not So YA Book Club, Little Shop of Stories, Foxtale Book Shoppe e muitos outros. Amo vocês todos.

Os amigos que me salvaram, me fizeram rir e me deixaram um pouco menos cautelosa: Diane Blumenfeld, Jaime Hensel, Jaime Semensohn, Lauren Starks, Amy Rothman, Emily Townsend, Mike Goodman, Rachael Zilboorg, Jenny Mariaschin, Josh Siegel, Betsy Ballard, David Binswanger, Molly Mercer, Evan Diamond (tão mais legal que Evan Schulmeister!), Sarah Beth Brown, Raquel Dominguez e muitos e muitos outros. Também as Takoma Mamas — posso dizer o quanto sinto saudades de vocês?

Os bibliotecários, livreiros, blogueiros e profissionais de editoras que fizeram milagres acontecerem aos meus livros.

Aos adolescentes gordos: vocês são lindos.

Caroline Goldstein: Este livro é obviamente uma canção de amor para você. Sam Goldstein, meu professor X preferido. Jim Goldstein, rei de todos os pais. Eileen Thomas, que conhece meu cérebro.

Minha família: Adele, Gini, Curt, Jim, Cyris, Lulu, Steve, Gael, Dan, Allison, Peter, Jeff, Janet, Larry, Jenny, Joe, Josh, Sarah, Jay, Eliza, Zachary, Milton, Pat, Leigh, Adam, Gayatri, Candy, William, Cameron, Gail, Kevin, Linda e Bill, e toda a gangue Overholts. Vocês são muito maravilhosos.

Owen e Henry, as luzes da minha vida.

Brian, meu Reid (mas com sapatos mais descolados). Eu amo você.

E vovó Molly. Eu nunca soube quanto podia sentir saudade de uma pessoa. Perdi você enquanto estava no primeiro rascunho do livro. Pensei

em você todas as vezes que digitei seu nome. O que eu não daria para ouvir você me chamar de *mamaleh* mais uma vez.

## SOBRE A AUTORA



© Decisive Moment Events

Becky Albertalli é formada em psicologia, teve o privilégio de trabalhar com muitos adolescentes inteligentes, estranhos e irresistíveis e, por sete anos, foi orientadora de um grupo de apoio para crianças com não conformidade de gênero. Mora em Atlanta, nos Estados Unidos, com o marido e os dois filhos.

## CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



*Simon vs. a agenda Homo Sapiens*

## LEIA TAMBÉM



*Apenas uma garota*  
Meredith Russo



*Amor & gelato*  
Jenna Evans Welch



*Para todos os garotos que já amei*  
Jenny Han



*P.S.: Ainda amo você*  
Jenny Han



*Agora e para sempre, Lara Jean*  
Jenny Han